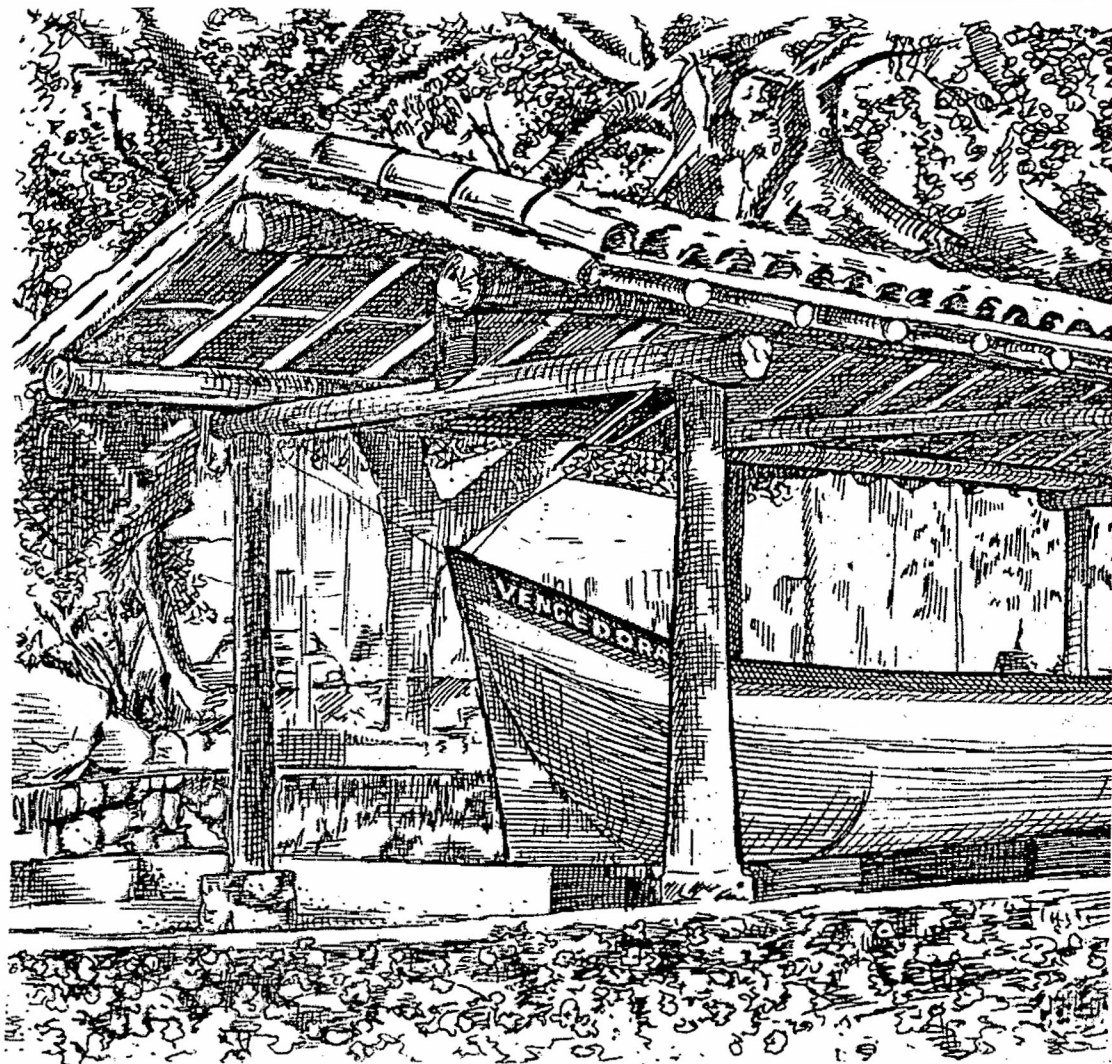


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

VOLUME II



Santana

**LUGAR E CIDADANIA: IMPLICAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DAS POLÍTICAS DE
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL**

(situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião - SP)

Sueli Angelo Furlan

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

**LUGAR E CIDADANIA: IMPLICAÇÕES SÓCIOAMBIENTAIS DAS
POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL**

(situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião - SP)

VOLUME II

Profa. Ms. Sueli Angelo Furlan

Orientador: Prof. Dr. Augusto Humberto Valro Titarelli

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

São Paulo - SP
2000



Aos meus filhos Lúcia e Victor: amor maior em minha vida

A minha mãe que me pôs neste mundo e cuja vida tem me sido um exemplo

Ao Paulo pela compreensão, companheirismo, amor e com quem tenho certeza poder compartilhar todas as experiências de vida.

RESUMO

Neste trabalho discute-se como moradores da Ilha de São Sebastião percebem e interpretam as políticas públicas de conservação ambiental em seu município, particularmente sua relação com o Parque Estadual de Ilhabela.

O estudo partiu das seguintes hipóteses:

- ❖ A criação de áreas protegidas gera impactos sociais que se desdobram em impactos ambientais dentro e fora do perímetro da unidade de conservação;
- ❖ As "não políticas", são as políticas que vigoram nas situações socioambientais mais conflitivas e delas decorrem os principais impactos socioambientais. Salvo algumas exceções, ainda não existem planos de manejo, que contemplem adequadamente a participação dos moradores de UCs;
- ❖ Na Ilha de São Sebastião o Plano de Gestão Ambiental foi implantado sem que estudos necessários sobre as áreas a serem protegidas tivessem sido realizados, em particular no que se refere aos aspectos eco-geográficos, populacionais e sócio-culturais. Esta situação continua mesmo depois de uma sucessão de iniciativas recentes que permanecem sem continuidade.

Para discutir essas hipóteses foi feita uma caracterização geral da ilha partindo de duas grandes noções de tempo: o tempo biogeográfico e o tempo social. Em seguida discute-se as concepções de políticas públicas de criação de unidades de conservação fazendo uma retrospectiva histórica e contextualizada no Brasil. A partir de uma análise da percepção ambiental discute-se as políticas públicas de criação de unidades de conservação, e sua relação com lugar e cidadania.

Para isso alguns conceitos foram centrais: território, natureza e lugar como expressão da ilheidade e a insularidade, conceitos propostos por Moles (1982), Péron (1993), Coddacioni-Meisterheim (1989) e Diegues, (1998). Tratamos da representação simbólica nas falas dos moradores demonstrando que partem de atitudes que não se explicam apenas pelas relações de trabalho ou com o mercado, tendo fundamentos simbólicos e no imaginário social. O território como lugar e a identidade, não podem ser compreendidos em si mesmos, há sempre uma mediação com os objetos ou a materialidade do lugar.

Analisa-se, também, a progressão do desmatamento nas últimas décadas discutindo sua natureza e, em particular, as implicações sociais e ambientais da criação do Parque para as comunidades de pescadores. O desmatamento foi analisado porque quase todas as políticas públicas tiveram como início sua contenção. O estudo do desmatamento foi feito utilizando-se análise digitalizada de Imagens de Satélite Landsat e levantamentos de campo.

Conclui-se que a velocidade com que o turismo de segunda residência e hotelaria se implantou, na ilha vem mudando o estilo de ocupação, principalmente na ausência de políticas públicas. Na ocupação desordenada em toda orla voltada para o canal de São Sebastião o desmatamento foi estimado em 5% para o período de 1986 a 1997.

Foram feitos também dois ensaios de estudo fitossociológicos com o objetivo de caracterizar a mata em escala local. Esses ensaios foram úteis para discutir um possível manejo dessas florestas para recuperação ambiental do parque onde há maior progressão do desmatamento, ou na área tampão ao parque visando implantação de florestas sociais de médio e longo prazos para as comunidades caiçaras.

A conquista da cidadania não é uma questão de reconhecer ou conceder a alguém direitos. Mas efetivamente uma apropriação civil dos direitos e liberdade democrática num processo construtivo de um novo modelo de sociedade civil. Mas aprender a ser cidadão em realidades socialmente tão desiguais como a nossa é uma conquista que depende de muitas contingências. Discutimos vários aspectos de como se determina o futuro de lugar nele e fora dele. Daí usarmos conquista da cidadania, para nos referirmos ao fato de sua ausência para muitos moradores de Ilhabela. Esta conquista depende de vontade política mas também de mudanças nas mentalidades.

Assim poderá atingir a todos os grupos sociais envolvidos na conservação socioambiental.

As concepções de mundo, de natureza, de inter-relações são essenciais nesta conquista. São aspectos complexos e difíceis de serem analisados. Mas aos poucos podemos buscar compreendê-los. Em Ilhabela os ilhéus valorizam as singularidades do ambiente insular e refletem sobre o modo como se pode utilizá-la e conservá-la, questionando ao mesmo tempo como torná-la lugar de melhores condições de vida. O fato de perceberem que isto é necessário para todos os ilhéus e não apenas para uma parte de seus moradores e freqüentadores é um passo essencial, uma possibilidade de uma nova pedagogia para a cidadania. Isso implica em questionar o quanto se conseguiu conservar de florestas sem degradar a vida das próprias pessoas, comparando usos, idéias e projeções que as pessoas tem de seu lugar.

As estratégias de conservação das florestas no modelo vigente não tem obtido os resultados esperados. O desmatamento, seu principal paradigma, continua. Evidentemente a política de UCs, obteve resultados positivos no litoral excluindo da voracidade neoliberal alguns setores de mata. No entanto, não vem criando políticas públicas para atuar na causa do desmatamento. As políticas são contraditórias e nas situações mais conflitivas prevalecem as não políticas.

SUMMARY

The intent of this work is to discuss how the people that live in São Sebastião understand the public politics of environmental conservation at their city. Particularly, at the Ilhabela State Park.

The study has started considering some hypotheses:

- The creation of protected areas causes social impacts that generate environmental impacts inside and outside the Conservation Unit.
- The "non politics" are the politics that exist at the most conflictives socioambiental situations, and are these politics the reason of the main socioambiental impacts. As a general rule, there is no Environmental Plans that adequately consider the participation of the UCs` residents.
- The Environment Management Plan at São Sebastião was done without the necessary studies about the areas to be protected, specially considering the eco-geographic, populational and cultural aspects, although some recent initiatives has been implemented, but not carried on

To discuss these hypotheses, we considered the Island from two views: The biogeographical time and the social time. Then we considered the public political conceptions of UC creation, making a historical and contextual retrospective at Brasil. From the analysis of the environment perception, we discuss the public politics of UCs creation and his relation with the place and people

To do these, some concepts were fundamental: territory, nature and place, as expression of the "Ilheidade e a insularidade". Concepts from Moles(1982), Péron (1993), Coddacioni-Meisterheim (1989) e Dieges (1998)

We considered the symbolic representation of the people`s speak, demonstrating that they are generated from behaviors that can not be explained only for the work relations or market relations, having symbolic and social imaginary fundaments. The territory as the place and the identity may not be understood from itself, should always be a consideration of the objects and the materiality of the place.

We also analyse the deforestation at the last decades, discussing the causes and particularly, the social and environmental implications of the Park creation for the fishers` community.

The deforestation was analysed because almost all the public politics were initially created to stop it. The deforestation study was done with Landsat satellite digital analysis and local research.

We also concluded that the fast growing of the hotels and second house tourism, have changed the occupation way of the island, especially with the lack of public politics. With this occupation at the borders of the island, facing the São Sebastião Channel, the deforestation estimated was 5% at the period from 1986 to 1997.

Two experiments of "fitossociologic" studies were made to identify the peculiarities of the local forest, and to discuss how to manage these forests, for environmental recover of the Park. Maybe creating social forest for the local community.

The conquer of citizenship is not only a question of giving people rights. We discuss various aspects of how to determine the future of a place. The citizenship conquer depends of political wish, but also depends of the mentality change. That is the way to have all the social groups involved at the social and environmental conservation.

The conceptions of the world, the nature and the inter-relations are essential for this conquer. They are complex and hard aspects to be analysed, but we should try to

understand them. At Ilhabela, the inhabitants know the value of the insular environment singularity, and reflect about the way to use it and conserve it. This is necessary for all the inhabitants and not only for a part of it. It's a essential step for the citizenship.

These means that we should question how much of the forest has been conserved without degradation the life of the people. We must consider ideas and projections that people have from their place.

The strategies of forest conservation at the actual model, have not given the expected results. The deforestation, his main paradigm persists.

Certainly the UCs politics have given some positive results, exluding from the neoliberal voracity some forest sectors. Although these politics are not actuating at the causes of the deforastation. The politics are contradictories, and at the most conflictives situation we stil have the "non politics".

Agradecimentos

É difícil nomear todas as pessoas, a quem eu gostaria sinceramente agradecer. A importância que todos tiveram em minha trajetória acadêmica não permite uma homenagem formal aos grandes amigos e companheiros. Mas, mesmo diante dessa impossibilidade, gostaria de externar minha gratidão pelo apoio que me foi dado. Sem ele certamente este trabalho não se realizaria. Peço desculpas, caso não consiga expressar, através deste agradecimento, uma homenagem adequada a vocês.

Várias pessoas e instituições estiveram envolvidas nesta pesquisa. A começar, pelo apoio institucional, agradeço ao Departamento de Geografia (FFLCH-USP), principalmente ao programa de pós-graduação em Geografia Física. A Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, através do Instituto Florestal e especialmente ao pessoal do Parque Estadual de Ilhabela.

Agradeço aos amigos e professores:

◆ **Prof. Dr. Augusto Humberto Vairo Titarelli**, pela orientação e amizade, e principalmente, por ter sido o meu primeiro orientador nas questões sobre meio ambiente e por ter me aberto as portas para o estudo das Ilhas do Litoral Paulista quando trabalhamos juntos no Condephaat. Anos felizes aqueles que pudemos aprofundar laços de amizade e de estudos acadêmicos.

◆ **Prof. Dr. Ary França**, pela gentileza com que me recebeu em sua casa, na Ilhabela, para uma conversa sobre a ilha. Agradeço pelas orientações e relatos preciosos de passagens "não escritas" da história.

◆ **Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro**, pela amizade, troca de idéias e muitos ensinamentos sobre estudos ambientais nestes anos de trabalho com a disciplina Biogeografia, agradeço também pelo apoio dado como coordenador do programa de pós-graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia - FFLCH-USP.

◆ **Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato** amigo e professor com quem aprendi e pude receber a valiosa orientação para as leituras teóricas em Geografia. Obrigado pela postura democrática com que sempre discutiu comigo os desafios teóricos de nossa disciplina.

◆ **Prof. Dr. Rinaldo S.V. Arruda**, pelas orientações teóricas e amizade dedicada a aperfeiçoar este trabalho, principalmente na análise crítica proporcionada no exame de qualificação.

◆ **Prof. Dr. Antonio Carlos Sant'Anna Diegues** – amigo, orientador e militante da causa dos pescadores do litoral paulista, obrigado pelas oportunidades de participação em eventos do NUPAUB, pelas indicações bibliográficas e pelo apoio dado em muitos momentos da minha carreira.

◆ **Prof. Ms. Francisco A. Arruda Sampaio**, grande amigo e parceiro profissional em quase todos os projetos que culminaram nesta pesquisa, nas discussões teóricas em Biogeografia e na formação de um pensamento crítico sobre as questões socioambientais do Brasil, agradeço também pela leitura de partes deste trabalho.

◆ **Prof. Dr. Ailton Luchiani**, pela cordialidade e simpatia com que me ajudou e orientou no trabalho com as imagens de satélite, obrigado pelo acolhimento, paciência e tranquilidade que transmite.

◆ **Prof. Ms. Danilo Prado**, amigo com quem tive oportunidade de trabalhar no projeto de análise das políticas públicas na Estação Ecológica de Juréia e Itatins.

Prof. José Paulo de Paula e Silva amigo que colaborou na pesquisa de campo, com seu apoio, incentivo e ajuda.

Prof. José Anselmo Tambelini, amigo e ex-aluno que me ajudou no contato com vários interlocutores importantes em Ilhabela, e também pelo apoio logístico nos trabalhos de campo.

Sr. João Batista Dias e Sr. Winny Luis Midões - que me acompanharam muitas vezes pela mata em Ilhabela, obrigado pela generosidade e pelos conhecimentos que me transmitiram.

◆ **Sr. Hélio dos Santos, Sr. Carlos Alberto Cotomacci, e Sra. Kátia Pisciotta** – que realmente vivem pelos ideais de conservação da Mata Atlântica. Obrigado pelo apoio que me deram no Parque. Obrigado também pela disponibilização de documentos e recepção em todos os momentos que precisei.

Sr. João Lucio de Jesus, Sr. Pedro Euzébio de Moraes, Sr. Antonio Rafael, Sra. Leopodina Rafael de Souza, e a todos os moradores de Ilhabela que gentilmente conversaram comigo sobre sua vida de seus problemas, agradeço pelos ensinamentos e a eles também dedico este trabalho.

Claudio Maretti, Nerea Massini e Sidney Raimundo - amigos da Secretaria do Meio Ambiente, obrigado pelas valiosas entrevistas sobre o PGA do PEib. Agradeço pela sinceridade e sei que vocês são batalhadores da causa socioambiental.

◆ **Diomarcos Prado** - bolsista e estagiário que me acompanhou o início da pesquisa, agradeço pela gravação em vídeo de algumas oficinas do PGA, no período em que estive grávida e em aleitamento materno.

Wagner, Nivalda, Carlos (Cacá), Simone e Laura, meus alunos que generosamente me ajudaram a aplicar os questionários, obrigado pela companhia e pela cordialidade no convívio durante as jornadas de campo.

Da. Neusa que nos deu apoio de campo nos alojando em suas "casinhas de pescador".

Paulo Sergio C.S. Furlan, meu marido, companheiro e incentivador que sem o apoio seria impossível ter um coração tranquilo, obrigado pelo apoio emocional e pela ajuda na organização estética das tabelas e leitura dos volumes finais.

Moema Coelho de Souza Furlan, minha sogra pela leitura do texto e pela carinho com que sempre vibrou com o sucesso de suas noras.

◆ Aos meus filhos **Lucia e Victor**, que me inspiram e a quem devo a energia para pensar e querer realizar meus sonhos.

◆ ã minha querida mamãe **Lucia Angelo** que ficou inúmeras vezes com meus filhos para que eu pudesse trabalhar e viajar tranqüila.

Aos demais amigos, de trabalho, obrigado pelo afeto e estímulo.

Espero não ter esquecido ninguém. Se o fiz, minhas desculpas.

Algumas siglas e acrônimos utilizados neste trabalho

APA (s) - Área (s) de proteção ambiental

APP - Área de Preservação Permanente

ARIE - Área de Relevante Interesse Ecológico

ASPE - Área sob Proteção Especial

ATOMB - Área Tombada

CINP - Coordenadoria de Informações Técnicas, Documentação e Pesquisa Ambiental, da SMA.

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo Sergio

CONSEMA - Conselho Estadual de Meio Ambiente

CPLA - Coordenadoria de Planejamento Ambiental

DG - Departamento de Geografia

ESEC - Estação Ecológica

FES - Floresta Estadual

FF - Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo; a Fundação Florestal é um órgão vinculado à SMA.

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

IF - Instituto Florestal da CINP-SMA.

INPE - Instituto de Pesquisas Aeroespaciais do Ministério da Aeronáutica

KfW - *Kreditanstalt für Wiederaufbau*

NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas úmidas Brasileiras - USP

ONG - Organização não-governamental

PE - Parque Estadual

PEC - Parque Ecológico

PEIb - Parque Estadual de Ilhabela, administrado pelo IF-CINP-SMA.

PES - Parque Estadual

PESMA - Parque Ecológico Marinho

PGA - Plano de Gestão Ambiental

PPMA - Projeto de Preservação da Mata Atlântica, da SMA, em cooperação financeira Brasil (São Paulo) - Alemanha

REBIO - Reserva Biológica

REF - Reserva Florestal

RESES - Reserva Estadual

RPPN - Reserva Particular de Patrimônio Ambiental

SMA - Secretaria do Meio Ambiente, responsável pela política de conservação da natureza no Estado de São Paulo.

UC - Unidade de Conservação

USP - Universidade de São Paulo

WWF - *World Wildlife Found*

ZVS - Zona de Vida Silvestre da APA

Lista de figuras

Número	Tema	página
figura 01.	Localização da área de Estudo	14
figura 02.	Mapa de Localização das áreas de pesquisa de campo	49
figura 03.	Esquema teórico do processo perceptivo	50
figura 04.	Parque Estadual de Ilhabela com suas Ilhas Ilhotas e Lajes	83
figura 05.	Praia do Bonete. Foto de Frédéric Mertens publicada na Revista Terra, 1996 (5): 14-15.	93
figura 06.	A expansão da atividade turística em Ilhabela vem acompanhada Foto 1: Encosta próxima a Praia do Veloso. Autor: Gustavo Veronesi (ex-aluno do curso de Biogeografia) , outubro/99.	94
figura 07.	Canal de São Sebastião visto do Morro de Santa Marta em Ilhabela. Foto: Roberto Negraes. Revista Horizonte Geográfico (12):64: 28, 1999	95
figura 08.	Classificação da Costa Brasileira com destaque para as divisões do Litoral Paulista	99
figura 09.	Montagem de Imagens de Satélite Landsat Tm mostrando a linha de costa paulista. Note-se o aspecto recortado do Litoral Norte do Estado de São Paulo e Sul do Estado do Rio de Janeiro	100
figura 10.	Modelos possíveis de evolução tectônica da Costa Atlântica e sua relação com a formação da Bacia de Santos	102/103
figura 11.	Unidades Litoestratigráficas da Ilhabela, contextualizada no Litoral Norte de São Paulo	105
figura 12.	Detalhe da rede de drenagem em vales encaixados visto em detalhe de imagem de satélite	107
figura 13.	Localização dos postos pluviométricos e meteorológicos na costa paulista	108
figura 14.		113
figura 15.	Vertente de encosta voltada para o canal profundamente "sulcada" por processos erosivos	120
figura 16.	Fisionomias de Matas da Ilha de São Sebastião	124/125
figura 17.	Processo de favelização no "Morro dos Mineiros", onde moram migrantes de baixa renda	152
figura 18.	- Ocupação urbana no município de Ilhabela em 1997	155/156
figura 19.	Principais aparelhos e instalações de pesca na ilha de São Sebastião	164
figura 20.	Principais pontos de pesca utilizados pelas comunidades de pescadores na Ilha de São Sebastião	165
figura 21.	Limites do Parque Estadual de Ilhabela e Área de Tombamento	171
figura 22.	PGA- Etapas de trabalho	
figura 23.	Biogeografia insular e conservação ambiental	246
figura 24.	Extinções e perturbações estocásticas	250
figura 25.	Padrões e processos insulares	251
figura 26.	Pressupostos para estudos de ilhas	255
figura 27.	Mapa pluviométrico do Litoral Norte do Estado de São Paulo	260
figura 28.	Saco da Capela - Sr. Geraldo é proprietário de um dos últimos terrenos...	292
figura 29.	Praia de Castelhanos	293
figura 30.	Engenho d'água	294
figura 31.	Mapa mental da Ilha de São Sebastião	302
figura 32.	Baía de Castelhanos	321
figura 33.	Sítio do Sr. Pedro Euzébio	322
figura 34.	Foto de tipo de Borda graminosa	434
figura 35.	Foto de Borda arbustiva e de capoeira	435
figura 36.	Foto de encosta desmatada na Baía de Castelhanos	440

Lista de tabelas

Número	Tema	página
tabela 01.	Unidades de Conservação Federais e Estaduais por categoria e área de abrangência no Estado de São Paulo	65
tabela 02.	Unidades de Conservação Federais e Estaduais em Florestas Tropicais por categoria e área de abrangência no Estado de São Paulo	66
tabela 03	Padrões estabelecidos para classificação da vegetação nas fotografias aéreas	76
tabela 04	Descrição de uso de imagens conforme bandas espectrais	77
tabela 05	Ilhas, Ilhotas e Lajes abrangidas pelo PE. Ilhabela	82
tabela 06.	Formações florestais da Floresta Ombrófila Densa por estrato altitudinal	115
tabela 07.	Relação de espécimes arbóreos identificados em estudo de campo	123
tabela 08.	Lista de espécies vegetais já identificadas na Ilha, segundo fontes bibliográficas	127
tabela 09	Listagem de plantas citadas pelos moradores e sua utilidade	132
tabela 10.	Número de espécies por grupo, segundo referências bibliográficas de vários autores	136
tabela 11.	Avifauna migratória - Classificação por distância migratória	138
tabela 12.	Evolução demográfica do Litoral Norte (1766 a 1934)	146
tabela 13.	Evolução demográfica do Litoral Norte (1940 a 1996)	146
tabela 14.	População urbana e rural no Litoral Norte do Estado de São Paulo	148
tabela 15.	Contagem da população de pescadores nas comunidades caiçaras de Ilhabela em 1992	150
tabela 16.	Perfil da população por faixa etária em Ilhabela em 1992	150
tabela 17.	Distribuição da produção por localidade em Ilhabela	159
tabela 18.	A utilização dos solos em Ilhabela segundo dados oficiais no período de 1940 a 1985	160
tabela 19.	Produção agrícola em quantidades (1940-1985)	161
tabela 20.	Caracterização fundiária nas comunidades de pescadores de Ilhabela	162
tabela 21.	Métodos de pesca por aldeamento de pescadores em Ilhabela	167
tabela 22.	Características da pesca por aldeamento de pescadores	168
tabela 23	Plantas utilizadas na atividade de pesca, moradia e artesanato	169
tabela 24	Número de Áreas Protegidas criadas por décadas no Mundo e no Brasil	177
tabela 25	Classificação internacional de Unidades de Conservação	193
tabela 26	Matriz de objetivos da Gestão e categorias de Unidades de Conservação da UICN	193
tabela 27	Unidades de Conservação Federais	200
tabela 28	Unidades de Conservação (comparação)	201
tabela 29	Unidades de Conservação da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo	204
tabela 30	Unidades de Conservação - PGA - Fase 1	207
tabela 31	Linhas mestras da Matriz do Plano de Trabalho para o PEib - 1998	229
tabela 32	Suplemento - Programa de Prioridades para o PEib -2000	230
tabela 33	Atividades do PGA - Ilhabela, acordadas na oficina de planejamento	231
tabela 34	Características de fragmentos de florestas de planalto de São Paulo	244
tabela 35	Referenciais teóricos que se dispõe para estudo de ilhas	252
tabela 36	Espécies que ocorrem na Ilha de São Sebastião e nas Florestas Amazônicas	264
tabela 37	Espécies que ocorrem na Ilha de São Sebastião e amplamente na Mata Atlânticas	265
tabela 38	Espécies que ocorrem na Ilha de São Sebastião e no trecho sul da Mata	271

	Atlântica	
tabela 39	Espécies que ocorrem na Ilha de São Sebastião e nas Matas semidesdicuais e matas pluviais	274
tabela 40	Espécies exclusivas da encosta pluvial da Mata Atlântica do trecho sul que ocorrem na Ilha de São Sebastião	276
tabela 41	Entrevistados por bairro	295
tabela 42	Proporção Homens e Mulheres	296
tabela 43	Ocupação principal	296
tabela 44	Escolaridade dos entrevistados	297
tabela 45	Mapa mental das localidades indicadas pelos moradores comparativos entre moradores nascidos na ilha e migrantes	303
tabela 46	Imagens cognitivas dos moradores - comparação entre moradores nascidos e migrantes	308
tabela 47	Imagens cognitivas dos moradores por segmento etário	310
tabela 48	Delimitação espacial: amostra total de entrevistados	316
tabela 49	Concepção de natureza	318
tabela 50	Identidade: amostra total de entrevistados	336
tabela 51	Significado e valor afetivo: amostra total de entrevistados	338
tabela 52	Significado e valor afetivo: moradores nascidos na ilha e não nascidos	341
tabela 53	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Amostra total dos moradores	342
tabela 54	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Moradores urbanos não nascidos em Ilhabela	345
tabela 55	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Moradores urbanos nascidos em Ilhabela	348
tabela 56	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Comunidades de pescadores de Ilhabela	350
tabela 57	Preferências ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela	352
tabela 58	Expectativas ambientais: moradores urbanos nascidos na Ilhabela	354
tabela 59	Expectativas ambientais: comunidades de pescadores	355
tabela 60	Expectativas ambientais: moradores urbanos não nascidos na Ilhabela	356
tabela 61	Proteção e Responsabilidade	376
tabela 62	Proteção e Responsabilidade: segundo morador entrevistado	379
tabela 63	Proteção e Responsabilidade: morador por segmento etário	382
tabela 64	Quadro de palavras-chave indicadas no questionamento sobre a proteção da ilha	365
tabela 65	Valor ecológico: Conservação x Preservação	383
tabela 66	Valor ecológico: Conservação x Preservação - análise por segmento etário	393
tabela 67	Preferências ambientais: moradores urbanos nascidos em Ilhabela	394
tabela 68	Preferências ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela	395
tabela 69	Preferências ambientais: comunidades de pescadores	396
tabela 70	Preferências ambientais: amostra total de entrevistados	397
tabela 71	Expectativas face a três cenários de participação	398
tabela 72	Área estimada de Florestas Tropicais	416
tabela 73	Estimativa anual de desmatamento das florestas tropicais e porcentagem anual de desmatamento 1981-1990	416
tabela 74	Área de cobertura das Matas Atlânticas no Brasil	423
tabela 75	Evolução da perda de cobertura florestal no Estado de São Paulo	426
tabela 76	Áreas cobertas por remanescentes de Mata Atlântica e ecossistemas associados no Estado de São Paulo	426
tabela 77	Impactos da fragmentação de florestas tropicais	430
tabela 78	Transformações na cobertura vegetal no Município de Ilhabela (1986-1997)	440

tabela 79	Mosaico vegetacional do município de Ilhabela - Incremento e Desmatamento (1986-1997)	440
tabela 80	Áreas desmatadas e urbanizadas no Município de Ilhabela (1986-1997)	444

Lista de gráficos

Número	Tema	página
Gráfico 1 -	Crescimento demográfico dos municípios do Litoral Norte (1766 a 1996)	
Gráfico 2 -	Crescimento demográfico do município de Ilhabela (1766 a 1996)	
Gráfico 3 -	Unidades de Conservação no Brasil	177
Gráfico 4 -	Áreas Protegidas pela Legislação Federal	200
Gráfico 5	Unidades de Conservação no Domínio das Matas Atlânticas pro estado da Federação	203
Gráfico 6 -	Parque Estadual de Ilhabela e os moradores entrevistados	239
Gráfico 7 -	Parque Estadual de Ilhabela e os moradores entrevistados	239
Gráfico 8	Parque Estadual de Ilhabela e os moradores entrevistados	235
Gráfico 9 -	Parque Estadual de Ilhabela e os moradores entrevistados	235
Gráfico 10 -	Parque Estadual de Ilhabela e os moradores entrevistados	239
Gráfico 11 -	Entrevistados por bairro	295
Gráfico 12 -	Amostragem por gênero e ocupação	296
Gráfico 13 -	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - geral	344
Gráfico 14 -	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Moradores urbanos não nascidos em Ilhabela	347
Gráfico 15 -	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Moradores urbanos nascidos em Ilhabela	349
Gráfico 16 -	Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens - Comunidades de pescadores	351
Gráfico 17 -	Expectativas ambientais: amostra total de entrevistados	356
Gráfico 18 -	Expectativas ambientais: Moradores urbanos não nascidos em Ilhabela	357
Gráfico 19 -	Expectativas ambientais: Moradores urbanos nascidos em Ilhabela	358
Gráfico 20 -	Expectativas ambientais: Comunidades de pescadores	359
Gráfico 21 -	Expectativas ambientais face de três cenários de participação	398
Gráfico 22 -	Valor turística: gráficos por agrupamento de moradores entrevistados	412
Gráfico 23 -	Valor turística: gráficos por agrupamento de moradores entrevistados	413

Lista de mapas em encarte

Número	Tema
Mapa 01.	Carta Geomorfológica de Ilhabela. Raimundo et al, s/d - Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela
Mapa 02 .	Mapa Fitogeográfico da Ilha de São Sebastião segundo classificação do Radam-Brasil.
Mapa 03	Mapa Fitogeográfico da Ilha de São Sebastião segundo restituição de fotografias aéreas de 1972
Mapa 04.	Mapa Fitogeográfico da Ilha de São Sebastião segundo classificação digital de imagens multiespectrais Landsat TM
Mapa 05	Remanescentes Florestais no Estado de São Paulo
Mapa 06.	Município de Ilhabela - Cobertura vegetal - 1986
Mapa 07 .	Município de Ilhabela - Cobertura vegetal - 1994
Mapa 08	Município de Ilhabela - Cobertura vegetal - 1997
Mapa 09.	Município de Ilhabela - Áreas de desmatamento e ocupação urbana - 1986

- Mapa 10** Município de Ilhabela - Áreas de desmatamento e ocupação urbana - 1994
- Mapa 11** Município de Ilhabela - Áreas de desmatamento e ocupação urbana - 1997

Anexos

Número	Tema
Anexo 1	Modelo de questionário trabalhado em campo
Anexo 2	Planilhas matriz de dados de todo o questionário
Anexo 3	Modelo de ficha de levantamento das ilhas que compõem o PE. Ilhabela
Anexo 4	Listagem das plantas referenciadas para Ilha de São Sebastião
Anexo 5	Listagem de plantas por categoria de levantamento
Anexo 6	Listagem da fauna indicada para a Ilha de São Sebastião
Anexo 7	Unidades de Conservação Federais em todas as suas modalidades
Anexo 8	Unidades de Conservação por categoria e âmbito institucional
Anexo 9	PGA- SMA-SP - Acordo com a comunidade
Anexo 10	Legislação de proteção das Ilhas do Estado de São Paulo

Índice geral

VOLUME I

Resumo	III
Abstracts	V
Agradecimentos	VII
Siglas e Acrônimos utilizados neste trabalho	IX
Lista de figuras	X
Lista de tabelas	XII
Lista de mapas	XIII
Lista de gráficos	XIII
Anexos	XIV
Apresentação do trabalho	1
Introdução	9
Objetivos gerais e específicos do trabalho	13
Hipóteses de pesquisa	15
Importância do tema no contexto atual	15
Referenciais teóricos	19
O posicionamento filosófico, a concepção de ciência e a postura do sujeito	24
O conceito de natureza	30
Cidadania na ótica do Lugar: a ilheidade e a insularidade	39
O território: as ações políticas, o imaginário e as representações	44
Procedimentos de trabalho	48
Metodologia de estudo da percepção ambiental e expectativas da população jovem e adulta em relação ao PE. Ilhabela.	48
Metodologia de estudo das transformações da cobertura vegetal na Ilha de São Sebastião	
Capítulo 1 - A Ilha de São Sebastião nos tempos biogeográficos e tempos sociais	86
Os múltiplos tempos de um lugar	86
Os tempos biogeográficos na Ilha de São Sebastião	97
Os tempos sociais na Ilha de São Sebastião.	137
Capítulo 2 – A natureza Ilhada: a concepção das políticas públicas de criação de unidades de conservação	175
O contexto da criação e implantação de Unidades de Conservação no Brasil	185
A complicada questão da propriedade fundiária	188
As modalidades de Unidades de Conservação do Brasil	192
Áreas protegidas da Mata Atlântica: Unidades de Conservação em São Paulo	202
Capítulo 3 – Unidade de conservação insular: as necessidades do ecossistema e	240

	as propostas de manejo de parques insulares	
☞	Biogeografia insular e conservação ambiental	242
☞	Padrões biogeográficos e processos insulares	247
☞	Pressupostos metodológicos para estudo de padrões e processos em ilhas	249
☞	A biogeografia insular e a Ilha de São Sebastião	256

VOLUME II

Capítulo 4 – Lugar e cidadania: ilheidade e insularidade no território dos excluídos	278
☞ A percepção experiencial: descrição das entrevistas	289
☞ As imagens do lugar e mapas mentais	298
☞ Imagens cognitivas	304
☞ Delimitação espacial: a propósito do universo insular	311
☞ Concepção de natureza	312
☞ Identidades	323
☞ Avaliação e conduta: seleção e julgamento de imagens	326
☞ Expectativas e preferências ambientais	327
☞ Significado e valor afetivo	332
☞ Proteção e responsabilidade	360
☞ Valor ecológico: preservação X conservação	367
☞ Preferências ambientais: a auto-imagem de participação	371
☞ Valor econômico e valor turístico	399
☞ Considerações finais sobre a descrição das entrevistas	409
Capítulo 5 – Implicações sociais e ambientais da criação do PE Ilhabela: a progressão do desmatamento na ilha de São Sebastião	414
☞ Os fatores econômicos e o desmatamento das florestas tropicais	418
☞ O desmatamento no domínio das Matas Atlânticas	422
☞ Consequências da fragmentação de florestas	427
☞ A progressão do desmatamento da Ilha de São Sebastião	436
☞ Implicações socioambientais do modelo de contenção do desmatamento	449
☞ Implicações ambientais da criação do PEib	454
☞ Implicações sociais da criação do PEib	455
Capítulo 6 - Se há alternativas, vamos pensa-las! Quem sabe implementa-las!	461
☞ Considerações parciais, mas finais	468
Bibliografia	473
ANEXOS	

A águia e a galinha

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Este pássaro aí não é galinha. É uma águia.*
- De fato – disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.*
- Não – retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voltar às alturas.*
- Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.*

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

- Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!*

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!*
- Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.*

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!*

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou galinha!*
- Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.*

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento..."

Leonardo Boff¹

¹ Boff, L. 1997. A águia e a galinha:
.....

Capítulo 4 – Lugar e cidadania: Ilhidade e Insularidade e território

"...No caso que estamos narrando, o resultado da ponderação entre os benefícios e os prejuízos foi ter ido o rei, ao cabo de três dias, e em real pessoa, à porta das petições, para saber o que queria o intrometido que se havia negado a encaminhar o requerimento pelas competentes vias burocráticas. Abre a porta, disse o rei à mulher da limpeza, e ela perguntou, Toda, ou só um bocadinho. O rei duvidou por um instante, na verdade não gostava muito de se expor aos ares da rua, mas depois reflexionou que pareceria mal, além de ser indigno de sua majestade, falar com um súdito através de uma nesga, como se tivesse medo dele, mormente estando a assistir ao colóquio a mulher da limpeza, que logo iria dizer por aí sabe Deus o quê, De par em par, ordenou. O homem que queria um barco levantou-se do degrau da porta quando começou a ouvir correr os ferrolhos, enrolou a manta e pôs-se à espera. Estes sinais de que finalmente alguém vinha atender, e que portanto a praça não tardaria a ficar". desocupada, fizeram aproximar-se da porta uns quantos aspirantes à liberalidade do trono que por ali andavam, prontos a assaltar o lugar mal ele vagasse. O inopinado aparecimento do rei (nunca uma tal coisa havia sucedido desde que ele andava de coroa na cabeça) causou uma surpresa desmedida, não só aos ditos candidatos mas também à vizinhança que, atraída pelo repentino alvoroço, assomara às janelas das casas, no outro lado da rua. A única pessoa que não se surpreendeu por aí além foi o homem que tinha vindo pedir um barco. Calculara ele, e acertara na previsão, que o rei, mesmo que demorasse três dias, haveria de sentir-se curioso de ver a cara de quem, sem mais sem menos, com notável atrevimento, o mandara chamar. Repartido pois entre a curiosidade que não pudera reprimir e o desagrado de ver tanta gente junta, o rei, com o pior dos modos, perguntou três perguntas seguidas, Que é que queres, Por que foi que não disseste logo o que queria, Pensarás tu que eu não tenho mais nada que fazer, mas o homem só respondeu à primeira pergunta, Dá-me um barco, disse. O assombro deixou o rei a tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha, pois, além da limpeza, tinha também à sua responsabilidade alguns trabalhos menores de costura no palácio, como passajar as peúgas dos pajens. Mal sentado, porque a cadeira de palhinha era muito mais baixa que o trono, o rei estava a procurar a melhor maneira de acomodar as pernas, ora

encolhendo-as ora estendendo-as para os lados, enquanto o homem que queria um barco esperava com paciência a pergunta que se seguiria, E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher de limpeza, Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir a procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida, E vieste aqui para me pedires um barco, Sim, vim aqui para perder-te um barco, E tu quem és, para que eu to dê, E tu que és para que não mo dês, Sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos, Mais lhes pertencerás tu a eles do que eles a ti, Que queres dizer, perguntou o rei, inquieto, Que tu, sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar, Às minhas ordens, com os meus pilotos e os meus marinheiros., Não te peço marinheiros nem piloto, só te peço um barco, E essa ilha desconhecida, se a encontrares será para mim, A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas, Também me interessam as desconhecidas quando deixam de o ser, Talvez esta não se deixe conhecer, Então não te dou o bardo, Darás. Ao ouvirem esta palavra, pronunciada com tranqüila firmeza, os aspirantes à porta das petições, em quem, minuto após minuto, desde o princípio da conversa, a impaciência vinha crescendo, e mais para se verem livres dele do que por simpatia solidária, resolveram intervir a favor do homem que queria o barco, começando a gritar, Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco. O rei abriu a boca pra dizer à mulher da limpeza que chamasse a guarda do palácio a vir restabelecer imediatamente a ordem pública e impor a disciplina, mas, nesse momento, as vizinhas que assistiam das janelas juntaram-se ao coro com entusiasmo, gritando como os outros. Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco. Perante uma tão iniludível manifestação da vontade popular e preocupado com o que, neste meio tempo, já haveria perdido na porta dos obséquios, o rei levantou a mão direita a impor silêncio e disse, Vou dar-te o barco mas a tripulação terás de arranjá-la tu, os meus marinheiros são-me precisos

para as ilhas conhecidas. Os gritos de aplauso do público não deixaram que se percebesse o agradecimento do homem que viera pedir um barco, aliás o movimento dos lábios tanto teria podido ser Obrigado, meu senhor, como Eu cá me arranjarei, mas o que distintamente se ouviu foi o dito seguinte do rei, Vais à doca, perguntas lá pelo capitão do porto, dizes-lhe que te mandei eu, e ele que te dê o barco, levas o meu cartão..." Saramago, J., 1999¹: 11-20

Quantos súditos foram a seu "rei" ou rainha" para solicitar algo que lhes parecia justo buscar em suas vidas? Quantos foram recebidos e ouvidos pelos "reis e rainhas"? Quantos foram compreendidos? Quantos foram atendidos? Quantos foram executados?

Está presente no discurso dos governantes a questão dos direitos sociais e da cidadania. Em nosso país se fala no reaprendizado da cidadania pela participação, liberdade de expressão, direitos civis, etc. (Santos, 1987:99). Mas numa sociedade, onde o modelo cívico não parte dessa "pedagogia" , e sim da supremacia econômica, do individualismo, do consumismo, da exclusão social, da competição cada vez maior, em detrimento das outras dimensões socioambientais, tais como o respeito a pluralidade cultural, a ecologia, a ética, a vida humana, etc. essa aprendizagem fica muito distante.

A cidadania brasileira, em sentido amplo, procura nascer através de alguns processos participativos fragmentários, muitas vezes cooptados por interesses maiores, conduzidos por interesses da minoria, impregnada de ideologias que vedam os olhos dos cidadãos, retirando-lhe os alicerces da construção de sua autonomia para prática democrática. Penso que convocar pessoas à participação ou para tomada de decisão, sem este construto, é colocá-las submissas diante das forças "dos reis". A capacidade de poder ver, analisar, refletir, escolher...,enfim participar .se aprende. Aprende-se com oportunidades e experiências participativas.

Temos uma sociedade que ainda vive o plano da indignação social, postura que também não se pode generalizar, pois se todos estivessem indignados com as injustiças nossa sociedade seria outra. Mas há indignação, porém não generalizada, muito menos organizada.

Os projetos políticos, desinteressados na construção de uma autonomia crítica

Saramago, José. 1999 - O conto da Ilha desconhecida. São Paulo. Cia. das Letras

verdadeira, jogam com isso, colocando para os "cidadãos" a resolução de problemas sociais para que as soluções surja do embate social. É muito comum chamar de processo democrático as situações de conflito que vivemos (muitas vezes desencadeados pelo próprio poder público). O Estado sistematicamente se retira dos conflitos, praticando "não-políticas", deixando para as pessoas decidirem "em batalha campal" seus problemas. As não-políticas públicas têm este papel: atribuir ao indivíduo a busca de soluções de problemas de ordem política e social. Joga-se para uma sociedade, sem modelo cívico a própria responsabilidade e encaminhamento dos conflitos.

A ideologia do consumo que substitui o cidadão pelo consumidor está fortemente presente nesses conflitos. Segundo Santos (1987: 45) uma boa parcela do conteúdo dos movimentos sociais defende mais o consumidor do que o cidadão. No caso da questão ambiental, por exemplo o direito ao território se confunde com o direito de ser proprietário de terra. Esse termina imposto ideologicamente como certo, como se fosse um objetivo do cidadão disputar um "lote" de terra. Ser dono de um terreno não assegura o direito de autonomia cultural e de valores. Não assegura o território como lugar. No caso das terras de caíças não lhes assegura o modo de vida e autonomia de escolha sobre o seu futuro, não lhes assegura a própria sobrevivência.

"...Ser proprietário é um elemento essencial na ideologia do consumidor" Quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Até mesmo política passa a ser uma função do consumo" Santos (1987: 129)...

Daí pensarmos no texto de Saramago da abertura deste capítulo. Mesmo que seja para buscar uma ilha desconhecida, temos direito de ir ao rei, de sermos ouvidos por ele, de falar do que nos parece justo, daquilo que tem significado na dimensão da pluralidade cultural e da equidade social. Questionar é um direito, ser ouvido é outro, organizar-se e participar da tomada de decisão e poder expressar concepções construídas coletivamente também são direitos.

Neste estudo questiona-se a condução das políticas públicas de gestão do Parque

Parque Estadual de Ilhabela, como um exemplo emblemático das políticas anti-democráticas e das não-políticas.

O propósito é discutir se o parque é território e lugar para os ilhéus, no sentido amplo da cultura como abordamos nos referenciais teóricos.

Como não seria possível trabalhar a relação simbólica entre território e lugar com todos os ilhéus optou-se pela análise de entrevistas por amostragem aleatória dos moradores, conforme explicitamos nos procedimentos metodológicos desta pesquisa. Discute-se, a partir dessa amostragem, aquilo que poderia expressar as experiências individuais e coletivas, a identidade e ilheidade, e a auto-imagem de participação que os ilhéus adquiriram por meio de sua vivência direta com a Ilha e o Parque.

Discute-se também, a partir da análise destas entrevistas e dos encaminhamentos das políticas públicas de gestão ambiental, a identidade imposta de fora, a concepção de território e natureza atribuída aos mesmos objetos.

Na interação entre os ilhéus e as paisagens da Ilha de São Sebastião é possível identificar diferentes relacionamentos, que nem sempre convergem para os mesmos interesses ou as mesmas necessidades, uma vez que refletem a pluralidade sociocultural local. Por outro lado existe uma certa solidariedade entre os ilhéus, a despeito destas diferenças. As paisagens sentidas e vividas pelos moradores da ilha, seja no seu trabalho, moradia, lazer, constituem "ilhas desconhecidas" que projetam concepções de mundo, de modo de vida, de expectativas em relação ao futuro, etc.

Existem várias "ilhas" dentro da mesma Ilha de São Sebastião. Essas várias ilhas socioambientais expressam diferentes identidades com o lugar e conseqüentemente com a natureza.

O processo migratório que se intensificou nas últimas décadas, a partir da atividade turística, revelou esse conflito que se materializa no espaço geográfico. Existem territorialidades distintas que se sobrepõem e os múltiplos espaços de convívio social criam uma diversidade de paisagens que hoje caracterizam a ilha.

Os conflitos se expressam nas relações internas do lugar, gerando posições ambíguas entre os ilhéus. É o caso, por exemplo, do modo como encaram a atividade do turismo.

Portanto as "ilhas socioambientais" são compartilhadas por diferentes grupos sociais que representam interesses contraditórios e múltiplas expectativas de inserção

nos sistemas produtivos locais. São pescadores artesanais e assalariados, servidores públicos, empresários, artistas, migrantes de várias cidades do país, ou mesmo de outros países, todos vivendo em um município insular, que de certo modo vem se "especializando" nos serviços ligados ao turismo, e por decorrência na indústria da construção civil.

As políticas públicas de conservação ambiental estão profundamente implicadas nesse quadro uma vez que 83% do município é uma unidade de conservação de modalidade restritiva, aonde a atividade turística vem sendo identificada como a principal missão do parque (SMA, 1998).

Calvente (1997) e Merlo (1997), ao analisarem as atividades turísticas e a cultura caiçara em Ilhabela, mostram que há diferentes posições entre os ilhéus.

Nas praias em que os ilhéus puderam conservar a posse da terra e de certo modo se engajar na atividade econômica do turismo, a relação com os turistas é conflitiva mas os ilhéus encaram como progresso o fato de terem se engajado numa atividade produtiva que lhes garante a sobrevivência. Naquelas em que eles foram, excluídos da atividade econômica ou expulsos das praias e suas terras compradas pelas pessoas de fora, a situação é mais dramática. Muitos moradores reconhecem ser o turismo a atividade mais rentável da Ilha, mas tem consciência que esta atividade não inclui a todos.

Nos locais onde o território caiçara foi incorporado ao Parque Estadual o conflito é de outra ordem, sendo a questão fundiária e a relação com a floresta, o foco central de contradições. No perímetro do Parque e no entorno, onde se localizam as comunidades caiçaras, o modo de vida dos pescadores e agricultores foi o mais penalizado. Considerados como degradadores do ambiente, os pescadores e suas famílias passaram a viver "fora da lei" no próprio lugar, praticando suas atividades num clima de insegurança. Nesses locais há uma reação de indignação e até certo ponto de revolta dos moradores contra as políticas de conservação ambiental. Os conflitos gerados por toda ordem de problemas se expressam no cotidiano, nas opiniões, nas expectativas futuras, nos projetos de vida, etc.

Mas qual a imagem de participação, poder de decisão, engajamento que os ilhéus tem de si mesmos?

As questões que propusemos pretenderam discutir a relação entre valores em relação ao ambiente, a atividade do turismo que caracteriza a vida econômica hoje, a presença do PE. Ilhabela e a auto-imagem de participação e cidadania.

Questionar sobre a percepção que os moradores tem tanto da ilha como do território e lugar, assim como sua concepção de natureza, das políticas públicas e participação, nos pareceu um caminho fundamental para conhecer, compreender e explicar diferentes expectativas e problemas vividos pelos ilhéus.

Por outro lado, o modo como a “onda” turística se instalou e transformou a Ilha de São Sebastião não se explica apenas pela dimensão local do cotidiano insular. Envolve uma análise contextualizada da ilha em escala regional. A questão do turismo no litoral sudeste do Brasil parte de um novo tipo de consumo do espaço - o consumo produtivo do espaço, que se generalizou em toda a costa brasileira, e mais vorazmente na costa sudeste, a partir da década de 70, com a abertura das estradas e expansão da indústria construtiva. Não é objetivo do trabalho aprofundar essa questão nesta escala, no entanto dada à importância do processo em Ilhabela não poderemos deixar de abordá-la.

As questões apresentadas aos moradores entrevistados buscaram analisar a percepção ambiental real e simbólica de Ilhabela. Para isso fundamentou-se a análise segundo alguns pressupostos conceituais já apresentados nos referenciais teóricos do trabalho. Vale recuperar aqui alguns aspectos desses fundamentos.

Alguns autores consideram que o para os ilhéus, o meio insular com território definido, reforça a noção de lugar (Diegues, 1998). Esse território-lugar, expressa muitas formas de solidariedade e relações sociais, que podem ser identificadas nas relações de trabalho, nas expressões culturais, no “discurso” do morador nativo desse lugar. No plano simbólico morar numa ilha, ainda é estar no centro do mundo, como se refere Péron (1993). Para muitos ilhéus todos aqueles que não nasceram na ilha de São Sebastião são estrangeiros - “gente de fora”. Péron, (opus cit.) considera que esta reação esta assentada no cotidiano insular que é vivido de forma distinta do continental, pois material e simbolicamente o espaço insular é diferente, pelo menos por três razões geográficas: a presença marcante do mar, a finidade do espaço terrestre que sobrevaloriza tudo o que existe em seu interior e a escala reduzida das ilhas, onde ainda hoje os meios de transporte são distintos dos existentes no continente.

O mar de fato exagera a impressão de separação, mesmo que o continente esteja próximo, como é o caso da Ilha de São Sebastião. No plano real a finitude do território diz respeito à territorialidade diferente do continente, pois as ilhas contêm sociedades territorializadas onde os limites são claros. Os ilhéus, principalmente das comunidades de pescadores mais isoladas expressam nitidamente essa concepção quando falam de seus sentimentos em relação ao lugar. O sentimento de ilheidade. Diegues (1998) destaca também que:

*... "É possível considerar a territorialidade como um **locus** de negociação entre dois sistemas de representações e da afirmação da identidade: um, organizado em torno da diferenciação e da pluralidade, seria responsável pela identidade construída; o outro, organizado em torno da unicidade e da integração, funcionando como produtor da identidade imposta, em benefício e através das diversas instâncias do poder."*

Nas entrevistas isto ficou muito claro. A importância do território é fundamental para a construção do sentimento de pertencer e da identidade do ilhéu. Em Ilhabela, o morador identifica seu território pelos atributos ambientais, não apenas pelo que a ilha evidentemente tem como ecossistemas, mas o que a natureza representa.

"Pertencer à ilha e à cultura caiçara, por um lado, está ligado também ao território caiçara, a terra, não enquanto propriedade mas como fonte de recursos sobre os quais a população tinha grande controle"
Diegues (op. cit)

Outro aspecto a se considerar é que a identidade insular se constrói também através de mitos fundadores, portanto não se resume ao fato de ter nascido numa ilha, mas sim a um processo ligado a origens e trajetórias culturais. Daí emerge uma outra noção de território como fonte de recursos e de representação simbólica: o território imaginário. Em Castelhanos existem fortes vínculos de origem dos moradores com os escravos. Muitos pescadores contam histórias de família com narrativas sobre seus antepassados escravos e também sobre os portugueses. As festas mais significativas

das comunidades são de origem portuguesa (dança do bate-pé, na praia do Estácio, por exemplo)

Para os caiçaras a identidade insular explica tanto o modo como se construiu o sentimento de pertencer ao território insular como o de estar perdendo seu lugar em função da perda de sua identidade territorial, pela questão fundiária e a repressão sobre as atividades tradicionais de pesca e agricultura, desencadeada a partir da implantação do Parque Estadual de Ilhabela.

No entanto apesar do avanço do turismo, da marginalização dos ilhéus de segmento social mais pobres², e das políticas de conservação socioambiental excludentes, o sentimento de pertencer a um lugar diferente dos demais com cultura diferenciada das demais, permanece como estruturador da resistência política do ilhéu.

Em relação à cultura caiçara a ilheidade permanece como unidade e se expressa na indignação e na lembrança positiva da identidade cultural caiçara - insular. Mesmo os nascidos na ilha que hoje moram e vivem na área urbana se auto afirmam caiçaras da Ilhabela.

França (1954:101) já afirmava que é impossível compreender as relações entre os membros dos agrupamentos da Ilha se não se levarem em consideração dois fatores de particular importância: a condição de miséria em que vivem e a solidariedade que os une.

Solidariedade que permanece nas relações de vizinhança e de trabalho. Ainda hoje como na época em que França escreveu sobre os ilhéus, permanece a miséria, hoje caracterizada pela pobreza estrutural (Santos, 2000: 72).

A vida do caiçara das comunidades da Ilha é simples quase sem nenhum recurso da vida urbana. Não há energia elétrica na maioria das comunidades, assistência à saúde, nem escolas. A aparência ainda é a de homens, mulheres e crianças franzinas, vestidos com roupas surradas e nos pés a sandália havaiana. As casas de pau a pique predominam na paisagem, mobiliadas toscamente, quase do mesmo modo como descreveu França há 40 anos atrás.

² Os ilhéus caiçaras passaram por dupla marginalização. Por serem diferentes como ilhéus e pela imagem que se tinha do caiçara como preguiçoso, indolente e não trabalhador.

Apesar da riqueza de saberes da cultura caiçara ser mais reconhecida socialmente, os pescadores artesanais são vistos com preconceito pelos turistas. O sentimento de pertencerem às comunidades em que cresceram é um fator de identidade e de coesão interna. Entre eles ainda também há uma territorialidade insular reconhecida pela origem das praias. Entre eles, se referem ao pessoal dos Castelhanos, do Bonete, do Sombrio, da Sela, da Guanxuma, do Estácio, etc.

Como relata França, 1954: 102:

"A solidariedade entre os membros de uma comunidade, principalmente das mais segregadas ou das que reúnem poucos indivíduos ou famílias, embora não regulada por nenhuma organização ou instituição é importante fator de equilíbrio e mesmo de certo conformismo com a pobreza".

... Maior solidariedade entre os caiçaras, observa-se quando há doença grave: conduzir o enfermo a São Sebastião, Ilhabela ou Santos, proporcionar recursos à família para a compra de medicamentos, procurar na mata folhas, raízes, cascas recomendadas pelos "conhecedores" locais, cuidar da casa e dos filhos, são oportunidades para o exercício de manifestações espontâneas de ajuda."

Isto ainda é assim. As comunidades com as quais trabalhamos demonstram isso na conversa sobre fatos cotidianos do seu lugar. É uma solidariedade também com o "outro" que permanece como característica cultural.

O êxodo de trabalhadores e famílias não significa até hoje a perda de contato com a Ilha. Muitos dos entrevistados saíram da ilha fugindo da miséria, mas retornaram. Muitos ainda voltam para se casar com moças da ilha.

Portanto lugar e território estão interligados e envolvem além dos direitos a uma vida digna, o respeito ao modo de vida e a identidade cultural.

Do lado urbano é marcante a presença do migrante. Embora, muitos moradores da cidade sejam da ilha e tenham sua origem caiçara, a vida urbana e as relações sócio culturais são mais heterogêneas. Não foi possível aprofundar o estudo sobre essa heterogeneidade. O que se percebe com maior nitidez é uma "luta" pela inserção social no modelo econômico imposto. Há igualmente solidariedade interna e conflitos, mas não foi possível caracterizar as "ilhas urbanas" neste momento.

A concepção de território como lugar foi desprezada nas políticas ambientais, em particular na criação, implantação e gestão de UCs. O território vem sendo reduzido a luta pelo direito de propriedade da terra. A concepção de território caiçara como espaço não contínuo e produto de representações materiais e simbólicas é parte de uma outra referência ao espaço. É mais abrangente do que a propriedade privada. Daí porque desencadear outra contradição quando se fala em delimitar as áreas da cultura caiçara em Unidades de Conservação. Não há como abarcar os espaços vivenciais num perímetro único, num "lote" ou mesmo em glebas. Pois o território caiçara é descontínuo.

A descontinuidade do território se explicita de muitas maneiras. O modo como se utilizam os recursos é uma dessas maneiras. Outro aspecto nunca tratado adequadamente nas políticas de conservação ambiental.

Do ponto de vista ecológico a utilização não contínua dos recursos da floresta, favorece a manutenção de processos ecológicos fundamentais num ecossistema, que podem melhor responder a impactos de uso. A descontinuidade de utilização dos recursos de um território é uma grande virtude nunca valorizada pelas políticas conservacionistas. A única exceção é a Reserva Extrativista.

Os caiçaras, desconsiderados como parceiros da conservação, foram colocados em situação oposição às políticas conservacionistas, justamente um conflito que parte de concepções distintas tanto de natureza como de território e lugar. Isso contribuiu para um progressivo rompimento dos elos simbólicos com a natureza. Passando-se também a valorizar a propriedade privada como forma de reconquista do lugar em detrimento ao uso coletivo do território.

As entrevistas foram orientadas também para levantar as expectativas sobre o futuro e a auto-imagem de participação dos entrevistados na implantação do Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela. O PGA, como já explanamos foi elaborado pela Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, inovando numa nova metodologia de planejamento que considerou a participação de diferentes segmentos sociais na construção das metas e tarefas do plano.

A percepção experiencial: descrição das entrevistas

"Não somos homens completos. Somos seres que se debatem para estabelecer relações humanas e para chegar a uma definição de homem. É uma luta que durará muito tempo. Mas esta luta está definida: buscamos viver juntos, como homens, buscamos ser homens. Por conseqüência, é através desta procura – que não tem nada a ver com o humanismo – que podemos considerar nosso objetivo. Noutras palavras: nosso objetivo é atingir a um coro constituído, no qual as coletividades sejam humanas".

Sartre,³

A seguir analisam-se as entrevistas de uma amostra de moradores da Ilha de São Sebastião procurando, num primeiro momento, examinar o significado da ilha para as pessoas, a natureza que se percebe, a delimitação espacial do seu território. Num segundo momento foram analisadas as respostas quanto a utilidade da natureza para a vida prática e o trabalho, a proteção, a conservação, a responsabilidade pelo ambiente, as conseqüências das ações, o valor afetivo, ecológico, econômico e turístico da ilha para os entrevistados. Dividimos do seguinte modo:

Na pesquisa de campo procurou-se destacar o aspecto perceptivo dos moradores quanto à formação de imagens. Foram analisados 97 questionários dentro de uma amostra de 130 entrevistas. Não se enfatizou o número de entrevistados mas qualidade das respostas e o conteúdo, pois não era objetivo metodológico do trabalho testar critérios de análise estatística. Para analisar as respostas dividiu-se os moradores entrevistados em agrupamentos buscando identificar percepções diferentes, conforme os objetivos iniciais do projeto. Esse critério, assim como a escolha da amostra, foi totalmente aleatório. Assim analisamos e comparamos respostas nos seguintes agrupamentos:

1. Moradores urbanos e moradores das comunidades de pescadores
2. Moradores nascidos na ilha e não nascidos na ilha (migrantes).
3. Moradores de diferentes camadas sociais
4. Moradores de diferentes faixas de idade

³ Sartre, 1996 - O Imaginário. Ed. Ática

Não foi possível analisar todas as questões nos quatro agrupamentos. Portanto procedeu-se uma escolha conforme o objetivo da análise. A maioria dos entrevistados de nossa amostra está no segmento de baixa renda, ou desempregados sem renda. Esse recorte não foi intencional, por isso o agrupamento por camada social não foi o referencial para muitas das análises. Procurou-se dirigir o olhar para esse aspecto quando confrontou-se a expectativa em relação ao futuro e no valor econômico e turístico da ilha. Apesar disso confrontamos as respostas das camadas mais pobres e àquelas de maior poder aquisitivo.

As entrevistas foram realizadas conforme a disposição do entrevistado em participar, daí o seu caráter aleatório. Para analisar as respostas utilizamos também relatos de moradores obtidos nas histórias de vida. Esta tarefa está em andamento por isso não foi incluído, integralmente no trabalho. Utilizamos apenas alguns trechos dos relatos. Do total de entrevistados obtivemos a seguinte distribuição por bairros:

Os bairros mais representados na amostra foram Saco da Capela, Reino, Água Branca, Castelhanos e Perequê (tabela 41). As características gerais da amostra de entrevistados encontram-se nas tabelas 42 a 44 e Gráficos 11 e 12.

Na figura 02 estão indicadas as localidades onde foram obtidas as entrevistas. Nas figuras 28, 29 e 30 pode-se ver algumas imagens de localidades onde trabalhamos.

Água Branca, Greenpark, Plumário e Reino, ficam do lado urbano no canal de São Sebastião, mas são localidades afastados da praia.

Barra Velha é um dos bairros mais populosos e onde se localiza o pier da balsa. Perequê é um bairro localizado na maior planície litorânea da ilha e onde está um dos principais centros comerciais urbanos. Em Perequê fica, também, a sede da prefeitura e várias secretarias municipais.

O centro e vila localizam-se na parte mais antiga do município e onde ocorre o maior fluxo de turistas. No Centro fica a Rua do Meio, onde estão casas noturnas frequentadas por adolescentes e jovens. Podemos dizer que é onde se concentra o comércio voltado para o turista.

Engenho d'água é um bairro próximo ao centro onde ficava a antiga fazenda de mesmo nome. Itaquanduva ou Taquanduva é um bairro próximo ao centro, próximo ao iate clube de Ilhabela e o morro de Santa Tereza. Itaguassú é também conhecido

como Morro dos Mineiros, pela origem migratória que marcou a ocupação dessa encosta. O escritório da sede do Parque localiza nesse bairro.

O Saco da Capela é uma localidade importante, que no passado, era uma das maiores vilas de pescadores, hoje é onde se concentram hotéis e restaurantes. Castelhanos, Praia Vermelha e Praia Mansa ficam do outro lado da ilha e formam três praias separadas por costões rochosos. Essas três praias têm ocupação caiçara tradicional, muito embora exista uma ou outra casa de turista. O acesso à região se dá pela Estrada dos Castelhanos.

Procurou-se caracterizar os entrevistados por alguns parâmetros. Um deles foi a escolaridade ([gráfico 11](#)).

A maioria dos entrevistados tem baixa escolaridade. Sendo que 70% não tinham o ensino fundamental completo. 31% dos entrevistados cursaram até a 4ª. série e 17% eram analfabetos. Estes dados não são incompatíveis com os levantamentos do IBGE. Em 1991 foi registrada uma população de 19% de analfabetos ou com um ano de instrução e 36% com 4 a 7 anos de escolaridade. No mesmo censo 5% tinham ensino superior e 8% ensino médio.

A maioria dos entrevistados é do sexo masculino. A ocupação predominante das entrevistadas é a de dona de casa. Para os homens a maioria são pescadores, trabalhadores da construção civil e do comércio, compondo 45% dos entrevistados. Este dado foi totalmente aleatório dado ao modo como se procedeu a abordagem de campo. Não se estabeleceu previamente uma porcentagem por grupos ou perfis de grupo. Realizou-se um número de entrevistas possíveis com as jornadas de campo e com as pessoas disponíveis.

Figura 28 - Saco da Capela - Sr. Geraldo é proprietário de um dos últimos terrenos de pescadores, neste setor da Ilha. Ele não vendeu seu "rancho" que está cercado por hotéis e restaurantes⁴.



⁴ Sr. Geraldo e Sr. Waldir apoiados numa canoa de Ingá que tinha 50 anos de idade em 1999. Sr. Geraldo faz manutenção de barcos, pesca e aluga seu terreno para serviços de reparos de embarcações. Sr. Waldir é marinheiro e pintor naval- Saco da Capela; (Foto: Sueli A. Furlan, 1999)

Figura 29 - Praia dos Castelhanos. Foto 1 - Paisagem singela do canto direito da praia com casas de pau-a-pique. Foto 2 - Canto esquerdo da mesma praia - Rancho de canoas.⁵



1



⁵ Foto: Sueli Angelo Furlan, 1999

Figura 30 - Engenho d'água - foto 1 - Aspecto do Bairro com a silhueta do Pico do Baepi ao fundo. Foto 2: antigo campo de aviação de Ilhabela, onde será construído um centro de convenções⁶



⁶ Foto 1: Sueli Angelo Furlan, 1999/ Foto 2: Mauro Baldijão, 1999

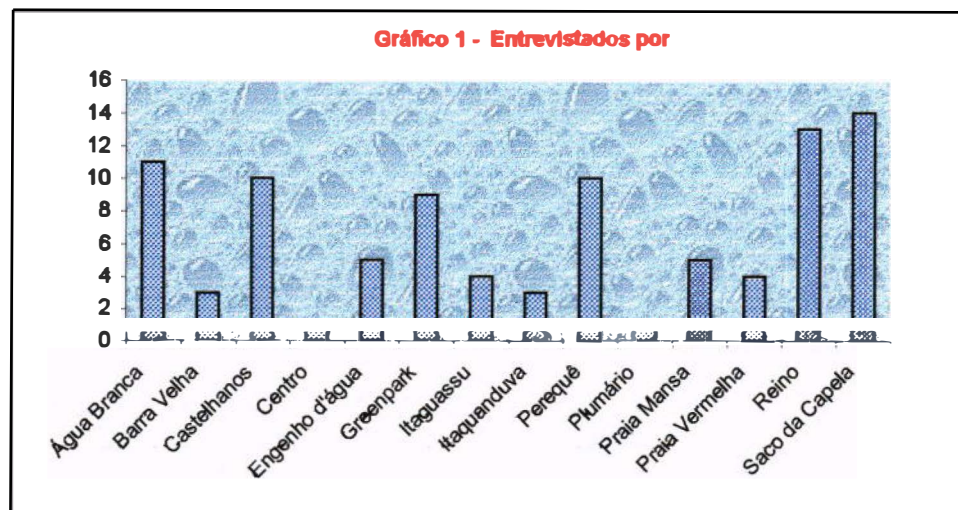


Tabela 41 - Entrevistados por bairro

Bairros	no. Entrevistas
Água Branca	11
Barra Velha	3
Castelhanos	10
Centro	1
Engenho d'água	5
Greenpark	9
Itaguassu	4
Itaquanduva	3
Perequê	10
Plumário	1
Praia Mansa	5
Praia Vermelha	4
Reino	13
Saco da Capela	14
Total	93

Tabela 42 - Proporção Homens e Mulheres

Sexo	Número	Porcentagem
Masculino	57	58,76
Feminino	40	41,24
Total	97	100

Tabela 43 - Ocupação principal

Tipo	Número	%
Comércio	6	5,31
Serviços	12	10,62
Doméstica	20	17,70
Aposentado	5	4,42
Funcionário público	5	4,42
Pescador/Agric	13	11,50
Caseiro	2	1,77
Marinheiro Part.	5	4,42
Construção Civil	11	9,73
Empresário	2	1,77
Professora	2	1,77
Estudante	1	0,88
Secretaria	1	0,88
Desocupado	9	7,96
Total	94	83,19

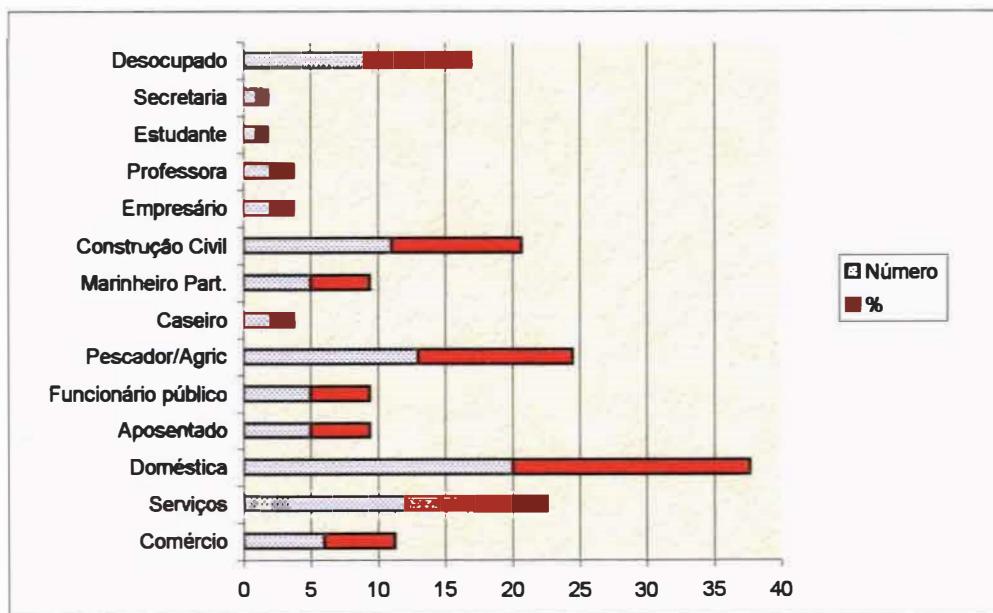
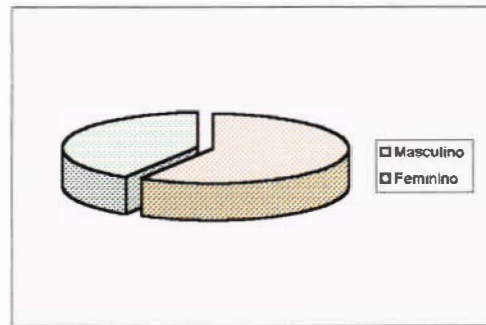
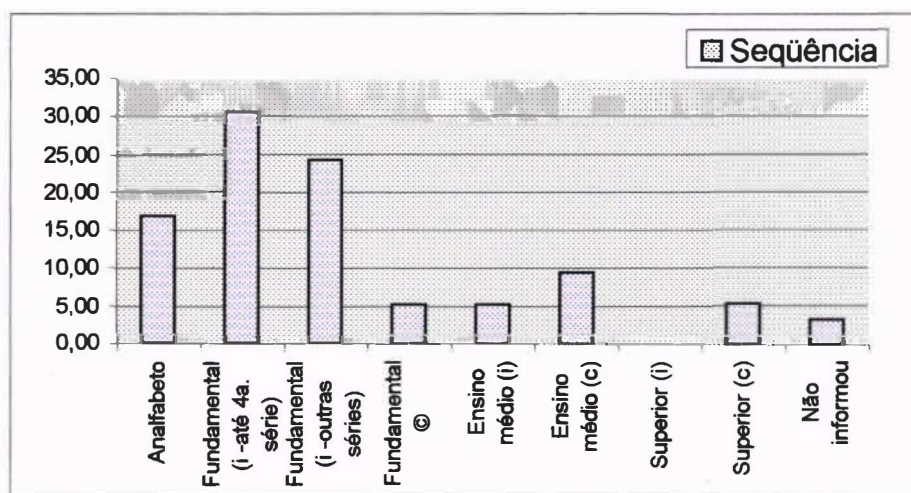


Tabela 44 - Escolaridade dos entrevistados



Escolaridade	No.
Analfabeto	16
Fundamental (i -até 4a. série)	29
Fundamental (i -outras séries)	23
Fundamental ©	5
Ensino médio (i)	5
Ensino médio (c)	9
Superior (i)	0
Superior (c)	5
Não informou	3
TOTAL	95

Escolaridade	%
Analfabeto	16,84
Fundamental (i -até 4a. série)	30,53
Fundamental (i -outras séries)	24,21
Fundamental ©	5,26
Ensino médio (i)	5,26
Ensino médio (c)	9,47
Superior (i)	0,00
Superior (c)	5,26
Não informou	3,16
TOTAL	95,00

As imagens do lugar e mapas mentais

O primeiro aspecto analisado nas entrevistas foi o nível de cognição, onde se dá a formação, estruturação e organização de imagens ou representações mentais do lugar (Del Rio, 1996: 14). A imagem pertence ao plano simbólico, figurativo e associativo da cognição humana. Costuma-se dizer que é na cognição onde a imagem nos faz sentido, revelando-se como símbolo e substituindo a realidade. A imagem é uma consciência. E toda consciência é consciência de alguma coisa. Portanto a percepção pela imagem coloca o objeto como coisa existente.

"Formar uma idéia de um objeto é formar uma idéia simplesmente, é a mesma coisa, como o fato de se referir a um objeto sendo apenas para a idéia uma denominação extrínseca, da qual ela não carrega, em si mesma, nenhuma , marca, nenhum traço" Hume , 18:9 in Sarte, 19: 17

Na construção do Mapa mental procurou-se identificar o tipo de imagem do lugar. O mapa mental representa as referências espaciais que permitem reconstruir estruturalmente um lugar, através de alguns objetos, que podem ser físicos ou não. Os objetos são físicos e existentes, a imagem que se constrói a partir dele é símbolo. A imagem é lugar, pois ela representa a minha ligação com o objeto. Objetos tornados símbolo mesmo que mudem de nome, ou a paisagem se transforme permanecem como referência no mapa mental do indivíduo. Procurou-se identificar, preferencialmente, os objetos físicos. As perguntas colocadas aos entrevistados buscaram conhecer o domínio geográfico que os moradores têm das localidades ilha que lhes fazem algum sentido.

Para isto utilizamos as seguintes questões:

QUESTÕES - Mapas mentais e imagens cognitivas dos moradores

- ✘ Onde estamos aqui na Ilhabela?
- ✘ Diga a primeira coisa que vem a sua cabeça quando você pensa no lugar onde estamos.
- ✘ Qual a primeira coisa que lhe vem ao pensamento quando falamos da Ilhabela?
- ✘ Diga cinco coisas desse lugar onde estamos que você mais lembra.
- ✘ Diga outros cinco lugares da Ilhabela que você mais lembra
- ✘ Existe algum local da ilha que você não conhece? Porque?
- ✘ Mora neste bairro? Onde Mora?
- ✘ Quanto tempo está em Ilhabela.

Analisamos as respostas separando por agrupamentos de moradores: urbanos e comunidades de pescadores; moradores nascidos e não nascidos na ilha. Na **tabela 45** estão relacionados os lugares conhecidos e desconhecidos dos moradores. A **figura 31** representa o mapa mental dos lugares mencionados por todos os moradores.

No primeiro grupamento comparativo: moradores urbanos e das comunidades de pescadores, observamos que a maioria dos entrevistados refere-se a uma localidade (restrita ou abrangente) que não segue uma divisão administrativa de bairros e sim do lugar, como representação física. O bairro ou outra localidade aparecem sempre como expressão de maior familiaridade.

O morro dos mineiros, localizado no bairro do Itaguassú, ilustra possui uma representação singular para muitos ilhéus. É o lugar da chegada do "outro": os migrantes. O bairro de Itaguassú onde está localizado o morro não foi citado pelos entrevistados, mas o morro dos mineiros sim. Este é um tipo de reconhecimento pelo símbolo. O morro foi ocupado originalmente por migrantes vindos massivamente de Minas Gerais a partir de meados da década de 70. Vários moradores se referem ao morro com preconceito, como se fosse um lugar de problemas. Permanece como referência espacial do lugar a imagem que o morro dos mineiros têm para a cidade. O morro é um local de favelização e onde as condições de vida são muito precárias. Muitos moradores se referem ao morro dos mineiros como um lugar de violência. Hoje vivem no local migrantes da Bahia, Pernambuco, interior de São Paulo, etc.

Os entrevistados indicaram nomes de algumas localidades conhecidas pelos moradores em configurações pretéritas, muitas vezes ligadas a fatos. Tais lugares são a Barra Velha (referindo-se a foz do rio das Tocas, hoje local onde chega e sai a balsa,), o Perequê, o Sombrio, a Toca, Greenpark, Morro dos mineiros, etc.

Os moradores da cidade (área urbanizada da ilha), assim como os moradores das comunidades de pescadores conhecem as localidades onde moram por sua representação. Poderia-se dizer pela identidade territorial traduzida pelo nome. Os moradores de Castelhanos referem-se a si mesmos como "o pessoal aqui dos Castelhanos". Os moradores das praias dos Castelhanos ao dizerem que estávamos nela, imediatamente começam a contar sobre o tráfico de escravo, a presença espanhola no tráfico, o sofrimentos dos escravos, etc.,.

Outro aspecto interessante a se observar é que os pescadores se localizam em toda ilha. Citam todos nomes das principais praias. A praia é a paisagem "forte" do lugar. Poucos fizeram referência a "montanha". Salvo o pico Baepi, marcante na paisagem e cuja trilha turística é conhecida de nome, por alguns.

Os moradores urbanos têm mais acesso às localidades da face do canal e referem-se mais a praias e pontos turísticos deste lado. Há uma referência comum ao centro referindo-se a "vila ", simplificação do antigo nome Vila Bela. Alguns moradores urbanos referiram-se a regiões do Litoral Norte ou a Ilhabela como um todo. Isto nos remete a uma representação de domínio para além da localidade.

Nas comunidades é comum referirem-se a Ilhabela como duas ilhas: a do lado do canal e a das comunidades. Falam dessas duas ilhas sempre por oposição. A ilha onde vivem e a outra ilha: a ilha-cidade. Isto tem fundamento na exclusão territorial e social que vivem, na ilheidade, na insularidade, nas noções de território, etc. Não se pode afirmar com segurança que os moradores urbanos conhecem menos a ilha do que as comunidades, mas os pescadores afirmaram seguramente que conhecem tudo da ilha.

Um lugar que a maioria dos entrevistados se referiu mas poucos conhecem foi o Bonete. Quando falam do Bonete há simpatia, curiosidade, referências de povoamento mais distante, histórias que todo mundo conta do Bonete, o que reafirma o isolamento geográfico, a que os próprios boneteiros dizem viver (Merlo, 1997).

O isolamento geográfico ilha-continente e ilha-urbana e ilha-comunidade é um aspecto importante para a maioria dos moradores das comunidades e aparece nas respostas das pessoas que nunca foram até locais considerados inacessíveis. Até mesmo em Ubatuba que é município vizinho no continente, muitos ilhéus não conhecem.

O isolamento é também significativo para os moradores da área urbana que têm maior dificuldade de conhecer outros lugares por causa da dificuldade de acesso. Falta de acesso, distância, medo, oportunidade, outros afazeres, o mar como uma barreira, são as razões expressas pela maioria dos moradores entrevistados.

Muitos ilhéus falaram do medo que têm do mar. Há uma falsa idéia de que aqueles que vivem do mar, ou moram ao lado do mar, não o temem.

Curioso foi o aspecto simbólico revelado por alguns entrevistados que substituíram a localidade física por um símbolo: a ilha-paraíso. Alusão a uma imagem mítica. O lugar parece conter uma representação "pura" divinizada. A própria vida se "diviniza" num lugar onde a natureza é conservada e de certo modo considerada paradisíaca.

Separando o agrupamento de entrevistados pelo fato de terem ou não nascido na ilha temos como aspectos mais significativos dos mapas mentais o fato de que os moradores nascidos na ilha dizem, e de fato conhecem, praticamente toda a ilha. Falam de sua experiência de vida com os lugares.

Sr. Pedro Euzébio, Sr. João Lúcio de Jesus e outros moradores de Castelhanos nos recitaram os topônimos de todo contorno da ilha, numa espécie de cantilena. Os migrantes, por outro lado trazem para a ilha as referências de outros lugares, trazem a memória de lugares para além da ilha como o Rio de Janeiro, Minas, Bahia, etc.

As respostas mais freqüentes, que justificam o fato de não se conhecer muitos lugares da Ilha, foram as seguintes: Para os nascidos na ilha a falta de interesse, oportunidade, necessidade, distância são os principais impedimentos. Para quem é de fora, além do acesso aparecem um profundo medo do mar, o desconforto do transporte pelo mar, preguiça, distância, etc. As "ilhas" socioambientais da Ilha de São Sebastião estão efetivamente isoladas pela barreira geográfica marítima.

Tabela 45 - Mapa mental das localidades indicadas pelos moradores comparativos entre moradores nascidos na ilha e migrantes

Onde estamos		Lugares que conhecemos		Lugares que não conhecemos		Porque não conhecemos	
Nascidos	Não nascidos	Nascidos	Não nascidos	Nascidos	Não nascidos	Nascidos	Não nascidos
Água Branca	Castelhanos	Água Branca	Ilha dos Búzios	Bonete	Enchovas	acesso complicado	com filho pequeno não dá
Berra Velha	Água Branca	Bairro do Perequê	Baeipi	Castelhanos	Ilha da Vitória	com três crianças não dá	acesso complicado
Canal	Canal	Bonete	Bahia	Enchovas	Ilha de Búzios	é longe	enjojo no mar
Castelhanos	Centro	Cachoeira da Lage	Balsa	Ilha de Búzios	Pico do Baeipi	falta de interesse	falta de oportunidade
Centro	Greenpark	Cachoeira da Toca	Barra Velha	Ilha Vitória	Pr. Bonete	falta de oportunidade	Mar é muito bravo
Cidade	Ilhabela	Cachoeira do Gato	Borriños	Jabaquara	Serraria	falta de tempo	medo de barco
Greenpark	Itaguassu	Cachoeira dos Três Tomboas	Cachoeira da Lage	Outro lado da Ilha	Ubatuba	ir no Pico do Baeipi é cansativo	medo de mar
Ilha	Numa ilha	Cachoeiras	Centro	Parte Sul	Cachoeira da Lage	Mar é ruim	muito longe
Ilhabela	Perequê	Castelhanos	Cocsia	Pico do Baeipi	Cachoeira da Toca	na mata pode se perder	não quis ir
Itaquanduba	Plumário	Centro	Engenho d'água	Pr. Estácio	Indaetuba	não quis ir	não tem como chegar
Lado Sul	Pr. Castelhanos	Enchovas	Guaruja	Pr. Figueira	Parque Estadual	não saio daqui	porque tem que ir a pé
Leste da Ilha	Praia	Guaxuma	Ilha da Serraria	Pr. Pome	Ponta do Boi	não tenho vontade de ir	preguiça
Litoral de S. Paulo	Reino	Ilha dos Búzios	Ilha das Cabras	Pr. Mansa	Pr. Armação	não teve oportunidade	
Litoral Norte	Saco da Capela	Ilha Vitória	Ilhabela	Pr. Vermelha	Pr. Das Caveiras	nunca precisei ir	
Num sítio	Saco Grande	Ilhabela	Mar	Serraria	Pr. Do Gato	Só trabalho	
Paraiso	Sul da Ilha	Indaetuba	Norte da Ilha	Ubatuba	Farol do Boi		
Pr. do Perequê	Toca	Itaguaçu	Pequeá		Saco do Sombrio		
Pr. Mansa	Vila	Itaquanduba	Ponta do Boi		Sombrio		
Pr. Vermelha		Pedra do Sino	Portinho		Sul da Ilha		
Pr. Engenho d'água		Portinho	Pr. Armação				
Reino		Pr. Armação	Pr. Bonete				
Saco da Capela		Pr. Curral	Pr. Castelhanos				
		Pr. Do Pinto	Pr. Curral				
		Pr. Eustáquio	Pr. De Pinto				
		Pr. Figueira	Pr. Do sino				
		Pr. Fome	Pr. Eustáquio				
		Pr. Grande	Pr. Feiteira				
		Pr. Guaxuma	Pr. Pome				
		Pr. Jabaquara	Pr. Grande				
		Pr. Mansa	Pr. Guaxuma				
		Pr. Serraria	Pr. Jabaquara				
		Pr. Sul	Pr. Mansa				
		Pr. Vermelha	Pr. Santa Tereza				
		Pr. Caveiras	Pr. Serraria				
		Saco do Eustáquio	Pr. Serraria				
		Saco do Rosado	Pr. Siriuba				
		Saco do Indaiá	Pr. Sul				
		São Pedro	Pr. Vermelha				
		São Pedro	Reino				
		Siriuba	Rio de Janeiro				
		Sombrio	Saco da Capela				
		Taquanduba	Saco do Rosado				
		Tuca	Sombrio				
		Trilha da Água Branca	Sul da ilha				
		Vila	Taquanduba				
			Tesouro da colina				
			Vila				

Imagens cognitivas

As imagens mais recorrentes da Ilha mostraram, em linhas gerais, os principais desafios e conflitos da vida insular. Nas tabelas 46 e 47 relacionamos as respostas mais recursivas entre os entrevistados.

Quando indagados sobre a primeira imagem do lugar e da ilha que lhes vinham à mente (e as coisas que mais lembravam o lugar), obteve-se as seguintes representações:

- O lugar como expressão da Ilha paradisíaca e de paisagem edênica.

Na Ilha de São Sebastião, tanto os moradores urbanos, como as comunidades, em diferentes faixas de idade, nascidos ou não na ilha identificam como imagens recorrentes do lugar e da ilha: beleza, maravilha, paraíso, lugar bom, tranqüilo, água pura, paz, sossego.

Segundo Eliade (1992, apud Diegues, 1998: 38) o homem perdeu a esperança de encontrar nas ilhas os habitantes remanescentes do paraíso terrestre, os bons selvagens que viveriam numa espécie de idade do ouro. Essa nostalgia está presente em muitas falas dos moradores, principalmente aqueles nascidos na ilha que comparam o passado, lembram da infância e adolescência, do jogo de bola, da brincadeira de rua, quando não existiam os turistas, as drogas, etc. Símbolos de uma vida pura e distante e que de certo modo demonstram seus desencantamentos com a vida real. Ao mesmo tempo em que a Ilhabela é maravilhosa e bela ela representa, um mundo complexo e conflitivo. A ilha representa o viver, e viver significa conviver com as junções de diferentes tempos, visões de mundo, concepções, etc. Daí talvez advém o saudosismo do sossego do passado, da segurança e quem sabe do conhecido ou do ainda desejado por muitos. Estão na verdade referindo-se há um tempo individual e não social. Muitos entrevistados se reportaram ao tempo da infância.

Segundo Eliade (1991:44 apud Diegues, 1998: 38)

"Toda essa literatura sobre os selvagens é um documento precioso para a inteligência dos ocidentais: ela traduz sua nostalgia de condição edênica. Nostalgia ademais atestada em tantas outras imagens e comportamentos paradisíacos: as ilhas, as paisagens celestes dos Trópicos, a beatitude da nudez, a beleza das mulheres indígenas, a liberdade sexual, etc (aqui poderia se acrescentar à imagem do caiçara como ingênuo, frágil, não perceptivo e crítico⁸) Os clichês desenvolvem sua teoria interminável: *una insula muy hermosa*"

Fica claro na Psicanálise à volta atrás no tempo histórico individual. Pra Freud, existe um tempo individual em que tudo se decide: a infância".

Outro símbolo recorrente está nas representações do mar. O mar aparece associado à relação filho/mãe. Alguns entrevistados chegaram a dizer que o mar e a ilha são como mãe e filhos. Essas representações também estão relacionadas ao mito do paraíso perdido e são representações procuradas pelo ser humano, talvez associadas ao aspecto provedor e de sobrevivência que se associa ao mar (Diegues, 1998: 21).

"o mar é então relacionado com a figura materna, o líquido amniótico protetor que envolve o feto e a ilha é o símbolo da própria figura materna , o útero protetor."
Diegues (op. cit)

A referência ao mar e a ilha explicitada por todos os moradores indistintamente entre as coisas que mais lembram reforça a idéia de que numa ilha, cultura e natureza coincidem.

Outros símbolos também aparecem como representação da realidade dos moradores entrevistados. Símbolos que diferem, justamente pelo fato da ilha representar, também um todo heterogêneo. Uma heterogeneidade social, espacial e cultural . Assim os símbolos que emanam de práticas sociais diversas se evidenciam de forma distinta, pois decorrem de vivências culturais diferentes.

Os símbolos urbanos mais recorrentes entre os entrevistados do lado do canal foram: o centro, o comércio, a poluição, a segurança, lixo, violência, falta de dinheiro,

⁸ acréscimo nosso

danceteria, avenida, carros, falta de ônibus. Esses símbolos estão presentes tanto para os moradores urbanos nascidos na ilha como para os migrantes.

Para as comunidades de pescadores os símbolos mais recorrentes foram a pesca, a roça, o artesanato, as histórias antigas, as festas. A cidade também foi mencionada, mas como "coisa" de outro lugar. Para os pescadores de ambos os lados da ilha o futebol, a praia, as festas são lembradas como atividades significativas do cotidiano. Dos aspectos ambientais mais notáveis pelos moradores, sem distinção estão: os borrachudos, as cachoeiras, as praias, as matas, a montanha, as rochas, os componentes da paisagem insular ligada a uma presença notável da natureza.

Para as comunidades de pescadores e moradores urbanos nascidos na ilha, o mar, a mata, as paisagens insulares não são apenas espaço físico, móvel, mutante, mas o meio de trabalho, de sobrevivência. O mar e a ilha foram identificados por eles como território onde a vida acontece. O mar e a ilha representam suas próprias vidas de ilhéus.

Para os moradores urbanos o trabalho foi representado pelas atividades: turismo, comércio, investimentos, negócios, etc. Para as comunidades são significativos os instrumentos de trabalho e atividades: pesca, roça, canoa, tipiti, peneira, balaio, rede.

Segundo Bachelard (1998: 84) ..."toda grande imagem simples revela um estado de alma". Nesse sentido merece destaque nas representações projetadas pelos moradores à associação do lugar e da ilha as palavras **casa, morada, lar**.

"A casa, mais ainda que a paisagem 'é um estado de alma. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, ela fala de uma intimidade"(Bachelard, 1998:84).

Estas expressões utilizadas pelos entrevistados dizem respeito às referências que os moradores têm da ilha enquanto espaço de intimidade. Ou seja, embora se reconheça diferentes segmentos sociais e culturais entre os ilhéus a representação da casa reforça a imagem de que a ilha é morada comum. Isto também permite estabelecer imagens cognitivas do eu e do outro. Eu estou em *minha casa (ilha, lugar)*, os que chegam vêm a *minha casa (ilha, lugar)*. Implica também num sentimento de solidariedade entre os ilhéus, mesmo diante das diferenças e oposições.

Ou seja a ilha é a nossa casa, para o mundo que representa por oposição a rua. Como diz Da Matta (1997: 53).

"...Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois abundantes numa sociedade onde a casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira".

A representação simbólica do lugar como "casa" remete a essa espécie de solidariedade sincrônica dos moradores com a ilha. Ai advém uma outra metáfora importante para nossa sociedade a de se referir a "casa" como local de trabalho, ou até mesmo o país (Da Matta, *op.cit*). Esse simbolismo pela casa é extenso em nossa sociedade. Pensando nas questões socioambientais que discutimos desde o início deste trabalho poderíamos dizer que por tudo isso. "ser posto fora de casa" ou expropriado de seu lugar significa algo extremamente violento.

"...pois se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de "amor", "carinho" e consideração. Do mesmo modo, "estar em casa", ou sentir em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e disputas devem ser evitadas"...(Da Matta, 1997: 54)

Portanto ao tratar de questões da sociedade brasileira, através das múltiplas representações possíveis dos lugares deve-se considerar as visões diferenciadas que a própria sociedade constrói de si mesma.

"Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde o nosso primeiro universo." (Bachelard, 19: 24)

**Tabela 46 - Imagens cognitivas dos moradores
comparação entre moradores nascidos e migrantes**

Primeira Imagem do lugar		Primeira Imagem da ilha		Coisas que mais lembra o lugar	
Nascidos	Não nascidos	Nascidos	Não nascidos	Nascidos	Não nascidos
água pura	bonito	joia	amizade	agora só turista	avenida
beleza	borrachudos	bela	bibelô	amigos	carros
bom pra viver	casa	bonito	bom pra turista	avós	acampamentos
canoa	centro	casa	bom pra viver	balaio	albergue
casa	cerveja	cachoeiras	bonita	balsa	albergue
compromisso	divertido	felicidade	calmo	barcos	amante
conversar	gostoso	gente	carinho	bares	amigos
desconforto	horizonte	gostoso	divertido	bela	árvores
família	ilhabela	legal de morar	ecologia	bom pra morar	bairro
ilhabela	ir embora	lugar bom	falta de dinheiro	bonita	balsa
lugar bom	itaguassu	mar	falta luz	borrachudos	banho de praia
maravilha	já tá poluído	muito turista	faltam coisas	cachoeira	barcos
melhoria do lugar	liberdade	natureza	felicidade	canoa	Barra
movimento	maravilhoso	onde nasci	filhos	carrinho	bebia muito
natureza	melhorar as ruas	paraíso	gente	casa de pau-a-pique	beleza
paraíso	não sair	passar	gostoso	colégio	borrachudo
pesca	natureza	paz	investimento	cultura	cachoeiras
peças	paraíso	peixe	isolamento	danceteria	calçamento
pó	parentes de fora	praia	lazer	drogas	campeonato de volei
rede	paz	Qualidade de vida	legal	engenho d'água	casa
sem violência	podia ser melhor	roça	linda	escola	chuva
sossego	praia	sossego	lixo	estudar	comer um peixinho
trabalho	segurança	tudo	mar	falta médico	comércio
tranquilidade	supermercado	turismo	maravilhoso	família	difícil para os jovens
turismo	tranquilidade	sem violência	melhor lugar	festas	divertimento
vida	turismo		melhorar	filhos	drogas
	verde		não é bom	flores	está melhorando
			natureza	futebol	estrelas
			paraíso	gente	falta mulher
			passar	histórias antigas	falta ônibus
			peixe	infância	fauna
			praia	jogar bola	filhos
			refugio	joia	flores
			romance	linda	futebol das bonecas
			saudade	lixo	futuro
			sossego	lugar bom	gostava de cantar
			trabalho	mar	incendio no morro
			tranquilidade	maravilhosa	infância
			tudo	mata	mar
			tudo	matas	mata
			turismo	melhorar	mata Atlântica
				meu pai	melhorar
				meus pais	montanha
				minha casa	morros
				muito carro	namoradas
				não pagar p/ morar	natureza
				não pagar água	naufrágio
				orquideas	negócios
				paraíso	noite
				passado	parque
				paz	pássaros
				peixe	pedras
				peneira	pesca
				perdeu liberdade	peças

**Tabela 46 - Imagens cognitivas dos moradores
comparação entre moradores nascidos e migrantes**

				perdeu privacidade	plantas
				pesca	pó
				pesca da lula	por do sol
				pó (alusão a drogas)	praça
				praia	Praça da mangueira
				praia	Praia do Sino
				rede	Praia Grande
				roça	praias
				rua do meio	pujança
				saudade	rapaziada
				sem preocupação	Rio de janeiro
				sem violência	sacanagem
				sol	saco da capela
				sossego	saúde
				tipiti	sol
				trabalho	sossego
				tranquilidade	tá poluindo
				trilhas	trabalho
				tudo	tranquilidade
				turismo	transito
				turista (bagoça)	turista
				turistas	união
				vida caiçara (saudade)	vento
				vila	viagens
					visual
					windsurf

Tabela 47 - Imagens cognitivas dos moradores por segmento etário

Coisas que mais lembra o lugar					
até 20 anos	21 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	acima de 61 anos
meu pai	danceteria	avenida	carros	carros	amigos
avós	amigos	carros	acampamentos	amante	balaio
amigos	árvores	albergue	adolescência	barcos	barcos
filhos	bairro	beleza	amigos	campeonato de volei	bebia muito
escola	balsa	borrachudos	árvores	canoa	beleza
futebol	balsa antiga	cachoeiras	bares	comércio	cachoeiras
amigos	bares	calçamento	Barra	família	canoa
praia	beleza	canoa	caíparas (saúde)	futebol das bonecas	comer um peixinho
não sei	bom pra morar	casa	carrinho	futuro	divertimento
	borrachudo	casa de pau-a-pique	chuva	mata	drogas
	cachoeiras	colégio	cultura	minha casa	filhos
	casa	comer um peixinho	drogas	negócios	gostava de cantar
	casa da gente	comércio	estrelas	pesca	mar
	casa de pau-a-pique	cultura	estudar	Praça da mangueira	mata
	difícil para os jovens	difícil para os jovens	futebol	pujança	passado
	falta liberdade	divertimento	gente	reveillon	peneira
	falta mulher	drogas	infância	trabalho	pesca
	falta ônibus	engenho d'água	jogar bola	windsurf	praias
	falta privacidade	falta escola	mar		sacanamagem
	família	falta médico	mata		saúde
	farra	falta mulher	meus pais		saúde
	fauna	festas	montanha		sol
	festas	filhos	namoradas		tipiti
	filhos	histórias antigas	natureza		trabalho
	flores	incendio no morro	noite		tranquilidade
	gente	infância	parque		
	histórias antigas	mata Atlântica	pássaros		
	infância	minha casa	pesca		
	legal	não pagar p/ morar	por do sol		
	lixo	não pagar água	praça		
	mar	naufrágio	Praia do Sino		
	mata	peixe	Praia Grande		
	mata	pesca	praias		
	morros	pesca da lula	rapaziada		
	muito caro	pessoas	Rio de Janeiro		
	natureza	pó (alusão a drogas)	saúde		
	orquideas	praias	sol		
	pedras	rede	tá poluindo		
	pesca	roça	trabalho		
	pessoas	saco da capela	turista		
	plantas	sol	turista (bagunça)		
	pó (alusão a drogas)	sossego	vento		
	praias	tá melhorando	viagens		
	precisa melhorar	trabalho	vila		
	rua do meio	transito	visual		
	saúde	vila			
	sossego				
	tranquilidade				
	trilhas				
	turista				
	união				

Delimitação espacial: a propósito do universo insular

"Necessitamos examinar idéias mais simples abstraídas do homem e do mundo, principalmente corpo e espaço, lembrando, no entanto, que aquele não apenas ocupa este, porém o dirige e o ordena segundo a sua vontade. O corpo é "corpo vivo" e o espaço é um construto do ser humano (Tuan, 1983: 40).

A noção de tamanho possibilita discutir como os ilhéus identificam a ilha como parte do seu mundo, seu território, buscando o significado desta dimensão como representação de um lugar. Aqui se procurou visualizar, através da questão colocada, a noção de ilha como dimensão íntima. Na [tabelas 48](#) relacionou-se a diversidade de respostas. Utilizamos a delimitação espacial para abordar aspectos comparativos da projeção íntima dos ilhéus em relação ao seu lugar. No entanto a maioria dos entrevistados procurou estimar precisamente o tamanho da ilha em valores numéricos, talvez induzidos pelo próprio modo como se formulou a pergunta. Muitos apenas adjetivaram com os termos grande, imensa, maior, etc. Muitos entrevistados delimitam a ilha ressaltando a sua singularidade na costa paulista e mesmo brasileira e esta referência revela o significado dessa singularidade para os moradores entrevistados. Com muito orgulho falaram de "sua ilha". Não é uma ilha qualquer, é uma ilha singular. Ela é maior, ou ela tem uma origem peculiar.

"Não me lembro não, mas que é grande é, a segunda maior ilha do Estado" (Alexandro, 26 anos - Água Branca).

Consta que é a segunda maior ilha brasileira, parece que a maior é Marajó" (Osvaldo, 72 anos - Perequê).

"É enorme, é a maior. Maior e mais alta. "(Benedito Paulo, 31 anos - Reino)

Em algumas respostas foi possível identificar o entrelaçamento ente a pessoa e o lugar:

"Não tem jeito de medir a ilha. Incomensurável. Se começá a medir você se perde"
(João Batista Dias, 46 anos - Itaguassú).

"Ah! A ilha é grande. A Ilhabela é a maior que tem...O pessoal fala que é a maior que tem." (Lauro, 35 anos, Pr. Castelhanos)

"Grande, pra mim a maior mesmo que tem é essa" (Cláudio, Pr. Castelhanos).

Talvez, como diz Bachelard (op.cit.), através do símbolo da grandeza pode-se refletir a imensidão íntima que está dentro daqueles que vivem um lugar e um território finito.

"A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna a solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures: sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo" Bachelard, 1989:190

A imensidão é o movimento do homem ilhéu, circunscrito e isolado, mas identificado pertinente ao seu lugar.

Mas é também importante reconhecer que muitos entrevistados não tinham a menor idéia sobre o assunto, a isso se atribuiu o modo como a questão foi formulada.

Concepção de natureza

Segundo Diegues (1998: 37) a ilha é o

"...território privilegiado onde as leis são abolidas e o tempo parece parar. A ilha deserta maravilhosa, tão presente na publicidade das agências de turismo, quando falam das belezas.."

Nossa análise procurou questionar os entrevistados buscando através de suas falas identificar concepções de natureza. Todos ressaltaram a beleza da natureza da ilha: as cachoeiras, as matas, os animais, as plantas (tabela 49). Fica evidente a força

que tem esses atributos na paisagem da Ilhabela e na sua percepção pelos moradores. No entanto, prevaleceram os atributos de uma natureza apartada do homem. Uma natureza pura, paradisíaca, fenomenal. Somente duas respostas de moradores urbanos se referiram a natureza como ligada à própria existência e sobrevivência urbana.

"Gosto da plantação, muita roça, caça bastante. Gosto de caçar. Gosto das Tocas. Gosto de pescar camarões. Sei todo o tipo de pesca. Meu pai criou os filhos com a pesca. Acho que conseguiria criar meus filhos só com pesca" Nilton, filho de pescador 30 anos - nascido em Castelhanos, hoje morador da cidade - instrutor de parasail - (Engenho d'água)

"...não plantam mais, só o pai dela, e os antigos plantavam. O pessoal hoje desistiu de plantá. Ele (o pai) planta mandioca e faz farinha" Rosilda, 33 anos - dona de casa - (Praia Mansa)

A representação de natureza difere muito entre os moradores, quando conversamos mais contextualizadamente sobre o cotidiano. Fora do roteiro de perguntas pode-se estabelecer com muitos dos entrevistados uma conversa sobre o assunto. Nas histórias de vida que estão sendo registradas⁹ a natureza está em tudo. Segundo Sr. Pedro Euzébio um dos moradores mais velhos dos Castelhanos podemos visualizar natureza numa perspectiva espiritual.

"Tudo que eu faço é pra minha mulher... Meus filhos são todos criados. São 7 filhos. Umzinho só Deus precisou... Tô em casa aborrecido, vou pra cima da pedra (figura 32) e olho a natureza. Pego lenha. Eu penso: meu Deus me deu essa natureza que eu posso mexer aqui... O caiçara aqui pensa que é dono da natureza. Mas tem que pedir licença para a natureza. Entro dentro da mata virgem e peço licença. Sou analfabeto. É o pensamento que diz que tem que pedir licença. Lembra que tem Deus e pensa que não é natureza. A juventude não pede licença...Sr. Pedro Euzébio, 74 anos - pescador (Castelhanos)

⁹ Iniciamos um trabalho de Histórias de vida com os pescadores mais velhos em Castelhanos, mas por motivos de recursos financeiros não pudemos concluir o trabalho para esta pesquisa. O trabalho está em andamento e terá prosseguimento.

Sr. Pedro demonstra a sabedoria daqueles que aprenderam com a vida, a duras penas. Quando chegamos ao seu sítio (figura 33) ele cortava lenha para o fogão com um facão. O que mais chamou atenção em sua fala é que, ao mesmo tempo, nos falava da natureza, do homem e de Deus. Ele nos falou da vida e, em sua fala, mais do que a paixão pelo seu lugar, mesmo diante da pobreza, o seu respeito por uma natureza provedora.

"Pra quem gosta de plantá que nem eu seria bom uma roça. Eu plantava arroz, milho, fazia horta, cana, batata doce, dá bem. Feijão, não dá. Gosto de tudo nunca vou sair daqui. Se sair daqui eu morro. ...Sr. Pedro Euzébio, 74 anos - pescador (Castelhanos)

A fala do Sr. Pedro Euzébio refere-se a uma natureza mítica, mas materializada como natureza provedora, nas matas, em peixes, casas, roça, canoas, portanto uma natureza mediada e informada pela cultura que ele transforma material e simbolicamente.

Para os caiçaras a natureza é divindade, mas também recurso, meio de vida e de existência. Para os moradores urbanos prevalece um distanciamento maior, sendo a natureza representada pela dimensão mais contemplativa de uma existência disjunta entre homem e natureza. Falam da mesma como uma externalidade e a humanizam de maneira emocional, tais como ela é dengosa, solitária, saudável, boa, alegria, etc. .

Bachelard (1989) considera o processo de apreensão da realidade como elaboração e re-elaboração das imagens que atendem a idéias e conceitos. É como se construíssemos um mundo a partir do significado que ele assume para nós e o resignificássemos constantemente a partir de referências da cultura.

Em relação à natureza os moradores nascidos na ilha, em particular as comunidades de pescadores têm, como afirma Bachelard (1989: 119), um sentimento filial.

"Não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o sentimento que constitui o valor fundamental e primeiro. A natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se

fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe, porque a amamos em geral, sem saber por quê (...). E se o sentimento pela natureza é duradouro em certas almas é porque , em sua forma original ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. "

Numa tentativa de comparar repertórios sobre o ambiente, fizemos um pequeno levantamento das plantas e animais mais conhecidos da ilha pelos entrevistados. Na **tabela 49a** encontra-se o repertório botânico e faunístico dos entrevistados. Como era de se esperar o repertório das comunidades de pescadores é maior do que dos moradores urbanos.

Vale lembrar que entre os moradores da cidade foram entrevistados, também, funcionários do parque que desenvolvem o programa de educação ambiental. Em especial o "Joãozinho"¹⁰ que não é nascido na ilha, mas é um apaixonado pela mata. Ele por esforço próprio adquiriu um grande repertório botânico. Analisando esse repertório, e comparando com os entrevistados das comunidades constata-se maiores conhecimentos sobre plantas e animais nativos. Esse conhecimento é muito maior do que o representado nos questionários. No capítulo 1 e 3 destacamos os dados de levantamentos feitos somente com os conhecimentos botânicos nas comunidades. A importância desse conhecimento sempre foi irrisoriamente considerada nas políticas de conservação ambiental, em particular na elaboração do Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela, onde nenhum dado foi incorporado.

¹⁰ Joãozinho é um guarda-parque que trabalha como monitor das trilhas do Parque. Seu nome é João Batista Dias. Ele nos ajudou muito em todas as jornadas de campo. Ele é mineiro, tem 48 anos e mora na Ilha há 17 anos.

Tabela 48- Delimitação espacial: amostra total de entrevistados

No.	Local	Nome	S	Id	Qual o tamanho da Ilhabela
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	não disse
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	não sei dizer em m2
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	é grande
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Não sei. Apenas sei que é a maior ilha oceânica do Brasil
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	362 m2
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considerei
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Não sei, mas é bem grande
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	sou péssima para guardar número 300 ou 360 Km
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	é bem grande
10	Pequeá	Carlos	M	61	me disseram que ela tem 60 km de comprimento não sei a largura
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	Isso é uma ilha
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Enorme
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	Grande, aparenta ser pequena, mas é grande
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	não sei
15	Vila	Franceliso	M		não sei, só sei que da vila até Castelhanos são 24 Km
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	aproximadamente 300 km2
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	166 km de periferia, 333Km2
18		Pedro	M	53	345 km2
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	Não tem jeito de medir a Iha.
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	tudo
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	70 km
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Um bocado de quilômetros. 4 horas de barco
23	Perequê	Justina	F	45	Não sei. É grande
24		Lazaria	F	50	É grande
25	Barra Velha	Regina	F	54	Não sei
26	Água Branca	Palmira	F	39	não
27	Perequê	Ceará	M	31	Só sei que tem 132 cachoeiras
28	Barra Velha	Edson	M	26	deve ter 4 milhões de metros quadrados
29	Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	Muito grande
30	Água Branca	Luciene	F	23	Ah! Não tem explicação
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	quase 350 km2
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	Imensa
33	Itaguassu/ Morro dos Mineiros	Siorino	M	63	Ela não é muito grande e nem muito pequena
34	Água Branca		F	22	Não faço ideia não
35	Água Branca	Elisabete	F	20	grande
36	Água Branca	Cristiane	M	26	É bem grande
37	Água Branca	Marcio	M	22	Não faço a mínima idéia
38	Água Branca	Alexandro	M	26	Não me lembro não, mas que é grande é, a segunda maior ilha
39	Perequê	Roseli	F	43	É pequena e grande
40	Água Branca	Valdinéia	F	18	pra mim ela é pequena
41	Água Branca	Marcelo	M	28	Acho que é cento e alguma coisa, não me lembro
42	Perequê	Oswaldo	M	72	Consta que a segunda maior ilha brasileira, parece que a maior
43	Perequê	Waldecio	M	34	365 km2
44	Perequê	Maria Rita	F	25	300 e poucos mil m2
45	Perequê	Cícero	M	42	Não sei
46	Castelhanos	Otávio	M	62	é grande
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	grande
48	Castelhanos	Silvia	F		Não tenho idéia, mas é bem grande
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	não disse
50	Castelhanos	Nair	F	40 *	é Grande
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	143 km de perímetro
52	Perequê	Elisa	F	32	Grande
53	Castelhanos	Lauro	M	35	Ah! A ilha é grande. A Ilhabela é a maior que tem. O pessoal fala
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	Deve ser muito grande
55	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	Não sei
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Bem grande
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	É grande
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	É grande
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Acho que é grande
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Enorme, muito grande. É a segunda maior do Brasil
61	Pr. Vermelha	Alaíde Rafael	F	35	Ah! É muito grande, demais
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Ah! Não posso nem responder. Daqui de lá de Castelhanos na

Sueli Angelo Furlan
março/2000

Tabela 48- Delimitação espacial: amostra total de entrevistados

No.	Local	Nome	S	Id	Qual o tamanho da Ilhabela
63		Auro Rafael	M	26	Muito grande mesmo
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Eu falaria que do centro da Ilhabela até onde eu moro são 26 Km
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	A ilha é grande
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	não disse, mas falou todos os nomes de lugares do contorno da
67	Itaguassu	Edir	F	59	Não sei, ela é grande
68	Castelhanos	Mauro	M	38	Grande
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	155 km de contorno
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr.João)	M	31	Grande, pra mim a maior mesmo que tem é essa
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Acho que é bem grande
72	Reino	Francisca	F	21	Grande
73	Reino	Merita	F	31	Nem imagino, grande
74	Reino	Maria Divina	F	22	Não acho grande. É uma cidade pequena
75	Reino	Luciano	M	19	Nossa!!! Que é grande é.
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Uns 300 ou 400 Km2
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	Grande
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	300 Km2.
79	Greenpark	Maria	F	40	Não sei, sei que é enorme
80	Água Branca	Neia	F	38	Grande
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	É enorme, é a maior ilha. Maior e mais alta
82	Reino	Maria José	F	38	Acho que é médio
83	Água Branca	Suzana	F	26	Média
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	3.800 metros? É muito grande
85	Reino	Severino Gomes	M	58	Ah! A Ilha é muito grande. Não sei se é 8 mil km2, é quase o
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	Não sabe. É bem grande
87	Perequê	Milton	M	31	Não tem idéia. É grande quem vê só pela balsa vê que ela é
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	ilha grande
89	Greenpark	Marisa Souza S, Santos	F	23	Ela é grande
90	Greenpark	Elizete	F	17	Não sei. Acho que é grande
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Não sei. Média
92	Greenpark	James	M	41	Pra mim ela não é grande e nem pequena
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Não sei
94	Reino	Sebastião P.Santos	M	45	A me esqueci, mas sei que é grande
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Grande
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Não.
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Não sei

Características da natureza na ilha		
Urbanos não nascidos na ilha	Urbanos nascidos na ilha	Comunidades de pescadores
Bonita, muito verde, ar puro, muito verde	Cachoeiras, verde da mata. Pedra do Sino	Ahl A natureza é bonita
Natureza pura, bonita, dengosa (mar,mata), útil	mar, os passarinhos, árvores de fruta. Cachoeiras praia	tem tudo aqui, tudo é bom
Pr Curral, Pr. Feiticeira, Centro	mar, mata, cachoeiras	é tudo bonito
selvagem, apaziguante, força para temer, solitária	Côco, árvore, saúde	Natureza aqui o que tem de mais especial é a mata, os pássaros, as cachoeiras, tem umas quedas ali na ponta. As frutas tem todas as frutas: araçaranas, brejaúva, indaiá
A natureza é boa	mar, matas (apesar que os turistas destroem tudo	linda, muito linda, madeiras enormes
pássaros, rio,vegetação. Mata Atlântica, chuva, sol	Peixes, pássaros, mata, pesca	É bonita, é muito verde, é o mar
não acha que tem movimento, o problema é a florestal que não deixa tirar nada da mata	Alegria	é bonita
cachoeira, praia, mata, florestal, peixes,divertimento	Eu não entendo bem dessas coisas, não estudei, mas eu gosto, é bonito, né?	não plantem mais, só o pai dela, e os antigos plantavam. O pessoal hoje desistiu de planta. Ele (o pai) planta mandioca e faz farinha
A ilhabela é linda é boa para se viver, e um dos melhores lugares para se viver, é calmo pena que tão deixando avançar as pessoas que vem de fora. Já não tá aquela tranquilidade de 15 anos atrás	Cachoeira, sinto muita falta de beber água da cachoeira, minha mãe lavava roupa na cachoeira tá tudo sujo tudo poluído. Antiga tá tudo sujo tudo poluído. Antigamente a SUCEM limpava a cachoeira, hoje não limpam porque não cuidam da cachoeira como antigamente?	Mata cachoeira, árvores enormes, bonitas caças, picadas na trilha
Acho ótima: árvores, cachoeiras, pássaros, pedreiras Acho que a Ilhabela ainda tem sua mata bem conservada		As plantas, as cachoeiras, mata, a roça, os os caminhos, as trilhas.
Morei dentro da natureza. Natureza é farta. Os pássaros descem para comer aqui embaixo	Natureza: as cachoeiras tem 160 nascentes de cachoeiras na ilha. Usina de rede elétrica. Nossas caixa Sabesp é água pura .	As flores, as árvores, mar as praia. As ilhas no meio do mar
Natureza aqui é 10. Já foi 10 mais 10. Natureza é bonita, antes do homem achar que podia agir sobre ela.	Gosto da plantação - muita roça, caçá bastante. Gosto de caçar.Gosto das Tocas. Gosto de pescar camarões. Sei todo tipo de pesca. Meu pai criou os filhos com a pesca. Acho que conseguiria criar os meus filhos só com pesca	Cachoeira, tem cada uma linda, a mata também é gostoso de passear o mar também anda muito pelo mar, nosso transporte é só pelo mar, apreciar um pássaro cantando é bonito
Pássaros, mata. Mata não pode destruir de jeito nenhum	Cachoeira, mar árvore, só lixo	Acho que tudo, acho tudo bonito. Eu acho broméia uma das coisas muito bonita se eu pudesse eu teria todas numa queda d'água que tem aqui do lado
Pássaros, mata, mar, cachoeiras. Mata traz o ar puro	roça, bonita, preservada, borrachudos e cachoeiras	
É saudável, borrachudos	Muito bonita, animais, pessoas que destroem a natureza	É boa, água corrente, limpa tem plantas boas que faz mandioca e farinha
Boa	é bonita	A cachoeira. O alimento do mato é pra gente sobreviver, do mato é planta. A samambaia, a orquídea (cedro, canjarana, ipê, canela preta, canela branca, jequitibá, o vermelho é de canoa - guacá, bucuiba, noz moscada, dor de mulher. Peroba já não tem nunca teve
Trilhas, matas, mar	Tem muito verde	Pra mim a natureza nem tem como explicar Aqui é um lugar bem sossegadinho. Falar que é um lugar quieto, sossegado.
o mar, os animais, aqui tem muito a tranquilidade	Cachoeira, mar, borrachudo	Exuberante
Conservar mais o meio ambiente lindo	As cachoeiras, algumas praia, as plantas, os pássaros	Toda a natureza, tudo é uma coisa só
aceita no início todas as pessoas consegue expulsar algumas pessoas. É revigorante	Béliasima - cachoeiras, praia, verão	
é muita coisa boa que posso recordar de mim, da ilha	conservação, bonito	
Praia, Cachoeira, matas, ar, um pouco poluído, mas...	cachoeira, praia	
pouco poluído, mas		
vegetação é um lugar que tem bastante espécies de pássaros, praia bonitas, cachoeiras	Paisagens, cachoeiras	
Sossego, fruta, plantas, animais, cachoeiras		
cores, os pássaros, a vegetação, as pedras		
Animais, pássaros, plantas, mar, cachoeira		
é bonita, tem praia limpa, muito mato		
preservada, completa, fauna, flora, vida		
é boa. A proteção dos animais impediu que a prefeita (que) estava fazendo a coisa certa retirasse os cães da rua, agora ficam ai na rua. Falta um canil.		
As cachoeiras é a primeira, eu gosto		
Morros, passarinhos		
Agora não lembro		
Fruta verde, muitas árvores, laranja, banana. Quando entra dentro desses matos acha café, banana, laranja		
Cachoeira, praia		
Eu falava bem daqui. Aqui tem cachoeiras, muito mato bonito, daí pra diante		

Tabela 49 - Concepção de natureza

Marvilhosa		
Sempre bem cuidada, bem preservada, cachoeiras a mata não é devastada e os animais selvagens		
Só o mar mesmo		
Bela, linda, matas, trilhas, florestas		
A natureza é boa, plantas, cachoeiras		
E mais sossegado, era né? Agora tão meio atrapalha do. Tá tendo muita coisa aqui. Não tinha essas casas, esses condomínios, era tudo mato		
A mata faz lembrar a Bahia		
Cachoeira da toca, trilha parque municipal, pescar siri (ponte) Bairro do Reino. Tobogã da Toca		
As cachoeiras, a mata, muitos lugares importantes, devem permanecer como estão e ter acesso		
Cachoeira, montanhas, vegetação, borrachudo, trilhas		
Cachoeiras, mar e gosto muito deir pra traz da ilha. É o lugar que mais gosto.		
Praia, cachoeira		
Ilha das Cabras é bonita demais (primeiro tinha um leão na frente). A náutica é muito importante. Pista de cross mas não funciona		
linda, sossegada, paraíso, o lugar onde todos querem morar		
A natureza é bom tem bastante área verde, eu ando bastante nas matas		
Tudo é lindo		
Tinha vontade de morar na mata. Fazer plantação		

Plantas que conhece da ilha			Animais que conhece da ilha		
Urbanos não nascidos	Urbanos nascidos	Comunidades	Urbanos não nascidos	Urbanos nascidos	Comunidades
abacateiro	Baleeira	abacate	jaguarica	borrachudo	barriga branca
abuta	banana	abuta	ariranha	cachorro	bugio
aperta ruão	boldo	araça	tiê-sangue	capivara	capivara
arariba	bromélia	araticum	capivara	carijó	carcará
azaléia	carqueja	bananeira	macuco	cavalo	cobra
bambu	chapéu de sol	bicuíba	jacu	caxinguele	coruja
banana	coqueiro	boldo	tucano	cobra	cotia
boldo	erva de Santa Maria	café	macaquinho	coelho	curuá
bromélias	guapurubu	caju	cobras	cotia	cururuá
canela	inga	canela	sarué	gato	galinhas
canelas	ipe	canela branca	papagaio	jacu	gambá
capim santo	ipê	canela preta	paca	jacutinga	gato do mato
cedro	jaqueira	canjarana	macaco	jaguarica	jacu
chapéu de sol	jaqueira	carqueja	caxinguele	jurití	jacutinga
citronela	laranjeira	cedro	rato curuá	lagarto	jaguarica
coqueiros	limão	chapéu de sol	lagarto teiú	leão	lagarto
erva-baleeira	manga	cobi	peixe espada	lontra	macuco
fedegoso	mangueira	cobirana	robalo	macaco prego	paca
figueiras	orquideas	dente de leão	parati	macuco	papagaio
fruta-pão		erva baleeira	periquito	paca	pássaros
Guapuruvu		erva cidreira	maritaca	preá	rato
Inga		guaca	cavalo	tatu	sagui
jabuticaba		guaraná	cabra	urubu	serelepe
Jaqueira		hortelã	tatu		tatu
jequitiba		inga	cachorro		tucano
mangueira		jambolão	borrachudo		urubu
mamão		jaqueira	gato		
mangue		jasmim	raposa		
massaranduba		jataí	jacutinga		
orquideas		jequitiba			
pariparoba		laranja			
peroba		lirio			
pinheiros		mangueira			
pitanga		mentrasto			
poejo		noz moscada			
quina		orquidea			
santa maria		orucurana			
		peroba			
		pitanga			
		poejo			
		samsmbaia			
		saputa			

Figura 32 - Baía de Castelhanos - Pedra de onde se avista o mar (citada pelo Sr. Pedro Euzébio¹¹)



¹¹ Foto: Sueli Angelo Furlan, 1999

Figura 33 - Sítio do Sr. Pedro Euzébio - Praia dos Castelhanos¹²



¹² Foto: Sueli Angelo Furlan, 1999

Identities

O turismo dominante na Ilha de São Sebastião contém a mesma carga homogeneizadora das atividades econômicas contemporâneas, portanto tende a massificar um tipo de consumo do espaço. O turismo convencional, assim como o ecoturismo que vem sendo proposto para a ilha, tenta se impor sobre a cultura popular local.

"um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural." (Santos, 2000: 144).

Contudo essa conquista não se completa, pois sempre encontra a resistência da cultura preexistente.

"Gente junta cria cultura e paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada." (Santos, 2000:144)

A Ilha de São Sebastião vem passando, a décadas por essa imposição transformativa da cultura, no entanto os ilhéus se reafirmam ilhéus, com suas singularidades. Essa ilheidade se manifesta de muitas maneiras. Pode-se dizer que existe uma identidade territorializada.

A percepção da ilha como lugar é individual, mas se projeta como percepção coletiva, na medida em que expressa seletivamente aquilo que uma pessoa, grupo social ou segmento cultural tem como interesses diante da sua vida na ilha. A identidade está profundamente enraizada ao contexto sociocultural de um lugar. No caso da Ilhabela os moradores entrevistados, percebem e valorizam a identidade territorial e cultural expressando-a nos componentes da paisagem que mais caracterizam a ilha: suas matas, suas águas, seu mar. A ilheidade expressa-se nas

relações de solidariedade entre pessoas territorializadas na ilha, principalmente às comunidades de pescadores, podendo-se identificar nas respostas o modo como se vem uns aos outros, no modo de se referir ao outro:

"A ilha aqui tem tranqüilidade pessoas que você confia (Sr. Severino Gomes, 58 anos, Reino - mora na ilha há 36 anos)"

O povo que vem de fora. Na cidade tem o Morro dos Mineiros¹³. É isso trouxe violência para o lugar...(Angélica, 25 anos - Praia Mansa - nasceu na Praia Mansa, morou na vila e retornou)

É o meu segundo berço. Brigo por isso aqui. Assumo como coisa minha. Eu dei muito certo. A ilha precisava de mim mais do que o meu lugar. João Batista Dias, 46 anos. Funcionário do Peib, (mora na ilha há 17 anos)

As famílias que tem comércio emprega os próprios familiares... Marcio, 22 anos - Água Branca- mora na ilha há 4 anos)

Segundo Machado (1996: 105) que descreveu a Serra do Mar pela perspectiva experiencial, a...

"atividade perceptiva diária enriquece continuamente a experiência individual e por meio dela as pessoas se apegam cada vez mais ao lugar"...

Indistintamente a maioria dos entrevistados mencionou se identificam com a ilha e tem apego a ela:

"Muito boa" (Siorino, 63 anos - Itaguassú - Morro dos mineiros, mora na ilha há 33 anos, veio de Minas)

É o meu futuro" (Leonardo, 45 anos - Engenho d'água, mora na ilha há 6 anos)

"É o melhor lugar para viver" (Zé Carlos, 38 anos - Saco da Capela, nasceu na ilha)

¹³ O morro dos mineiros fica no bairro de Itaguassú. Foi ocupado por migrantes vindos do estado de Minas Gerais. É um setor da cidade muito pobre onde a ocupação desordenada "favelizou" a encosta. Hoje no morro dos mineiros existem migrantes de vários estados brasileiros.

"..A ilha é muito misteriosa, adoro esse lugar" (Julia, 62 anos - Saco da Capela, mora na ilha há 2 anos)

"A Ilhabela é um lugar maravilhoso, pra mim é o paraíso. Passei o resto da minha adolescência aqui. " (Não quis se identificar , 49 anos - Saco da Capela, mora na ilha há 34 anos)

"É a minha casa"(Silas Marques, 48 anos, funcionário do Parque, nascido no bairro de Itaguassú)

"É bom demais" (Luis Carlos de Oliveira, 48 anos, pescador - nascido em Castelhanos)

"Tudo, é o lugar da paz" (André, 18 anos, pescador - nascido na Praia Vermelha)

"Nossa terra. O lugar que a gente nasceu" (Cilene de Souza, 20 anos, nascida na Praia Vermelha)

Os entrevistados demonstraram grande afetividade pela ilha, a despeito dos problemas que as camadas sociais mais pobres enfrentam. Segundo Machado (op. cit) isto é fundamental para se compreender os vínculos existentes entre as pessoas e uma paisagem vivida e uma outra não-vivida. Neste sentido as paisagens de Ilhabela parecem, aos olhos dos entrevistados, o lugar que corresponde a suas aspirações, desejo: são partes de suas vidas, tem um elo existencial que se estabelece entre a afetividade e a identidade construída. Os entrevistados listaram em suas respostas bens que parecem essenciais tanto para o viver material como espiritual: *energia, lugar sossegado, o melhor lugar para viver, sensação de liberdade, paz, qualidade de vida, nossa terra, etc (tabelas 50 a 52).*

Talvez possamos generalizar dizendo que os ilhéus têm uma identidade construída topofílica, mesmo diante de vários problemas cotidianos, tais como a falta de infra-estrutura de saneamento, falta de trabalho, conflitos com o parque e o turismo. Essa identidade territorial não se mostrou diferente entre os segmentos entrevistados. Talvez isto também demonstre que as ligações afetivas com a ilha são semelhantes mesmo com as diferenças culturais, pois retrata a ligação às paisagens e o espaço insular. Reafirmando o que já expusemos anteriormente o meio insular com um território peculiar, reforça a noção lugar (Péron, 1993). Sendo o território-lugar, expressão de solidariedade e identidade. Daí afirmarmos que para os ilhéus a identidade territorial é tão forte quanto a identidade cultural.

Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens

Aqui se procurou identificar as preferências e expectativas dos entrevistados em relação aos atributos dessa paisagem, com a qual construíram uma identidade territorial. Segundo Lee (1977) estes atributos informam a conduta final geralmente marcada por uma ação ou comportamento.

"Neste nível se expressam os sistemas de valores e aparecem as oposições qualitativas segundo campos perceptivos negativos e positivos" (Del Rio, 1996: 15).

Foram apresentadas 12 questões sobre a Ilha e solicitando aos entrevistados que manifestassem sua concordância ou indiferença. Para cada opção foi adotado um valor numérico.

Foram analisadas as seguintes questões:

Questões sobre a ilha

- ✘ A Ilhabela tem lugares muito bonitos
- ✘ A Ilhabela tem sua natureza conservada
- ✘ A Ilhabela tem sua natureza destruída
- ✘ A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
- ✘ Tenho saudade da vida como era antes
- ✘ Deveria ter mais turismo na Ilhabela
- ✘ Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
- ✘ Deveria ter menos turismo na Ilhabela
- ✘ Deveria ter mais casas no meu bairro
- ✘ A comunidade deveria participar da política
- ✘ Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
- ✘ As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Na **tabela 53** e no **gráfico 13** temos o resultado para a amostra total de entrevistados. Verificou-se que a maior parte das imagens recorrentes a ilha e seus lugares são topográficas. Há uma afetividade manifesta em quase todas as respostas.

A Ilha de São Sebastião tem uma natureza conservada, que mudou muito ao longo dos últimos anos e, esta, é uma das afirmativas onde houve maior concordância. Os entrevistados percebem e registram que as paisagens da ilha e o cotidiano mudaram muito. Há um certo saudosismo em relação a um passado melhor. Segundo os moradores entrevistados deveria ter mais turismo em Ilhabela, reconhecem que é a atividade principal e necessária à ilha, no entanto se dividem ao analisar o tipo e modo como a atividade turística vem transformando a ilha. Na verdade mais turismo significa também mais trabalho para todos. Reconhecem também que a população deve participar da vida política do lugar, no entanto veremos que transferem essa responsabilidade (ver adiante).

Percebem impactos ambientais em relação às águas, ao desmatamento e ao desmonte do relevo. Referem-se também ao adensamento populacional e de construções por que passou a ilha nos últimos anos. Nas amostras por segmentos os pescadores foram mais afirmativos no sentido de que o turismo não deve ser a atividade principal. Concordam que a comunidade deve participar, contudo desacreditam nos governantes. Nas **tabelas 54 a 56** e nos **gráficos 14 a 16** as respostas foram agrupadas por segmento de moradores

Expectativas e preferências ambientais

Neste item procurou-se analisar as expectativas em relação ao lugar e ao Parque Estadual de Ilhabela. Fizemos uma série de questões com objetivo de descrever as expectativas, além procurar analisar como os moradores entrevistados vêm a sua participação nas decisões tomadas, em particular, no Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela. Os cenários foram apresentados aos entrevistados que escolheram sua ordem de preferência.

As questões sugeridas foram as seguintes:

Sobre o lugar	
1	Este bairro é bom para morar
2	O bairro é agradável/bonito
3	Tem muita gente no bairro
4	Falta comércio no bairro
5	Ele é bom para trabalhar
6	Ele é bom para viver
7	Precisa de melhorias
8	Gostaria de mudar o bairro
Sobre o parque e o lugar	
9	A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela
10	O PE Ilhabela não é para nós
11	PE. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
12	O PE. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
13	O PE. Ilhabela atrapalha a minha vida
14	O PE. Ilhabela não influi em nada na minha vida
15	Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar esta situação
16	Participei do PGA
17	Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela

Nas **tabelas 57 a 59** e **gráficos 17 a 20** temos os resultados para o total dos entrevistados, moradores urbanos nascidos e não nascidos e das comunidades.

Os entrevistados concordam que os lugares onde vivem são bons para morar, agradáveis, mas que passam por um processo de adensamento populacional. É importante destacar que, de um modo geral os bairros onde trabalhamos são os de menor poder aquisitivo, têm pouca infra-estrutura, e concentram maior número de moradores, dada a urbanização caótica dos últimos anos (ver capítulo 5). Há uma série de melhorias lembradas pelos entrevistados, que incluem calçamento, saneamento básico, assistência à saúde, comércio, etc. Como já analisamos no capítulo 2 os entrevistados não se vêem participantes do parque, embora ele ocupe mais de 80% do território da Ilha e concordam que ele influi muito na vida dos ilhéus.

O desconhecimento do Plano de Gestão Ambiental foi maior entre os moradores urbanos, mas o grau de participação foi muito baixo entre todos os entrevistados. Evidentemente a maior influência do parque no modo de vida foi identificada entre as comunidades de pescadores.

Ainda quanto às expectativas futuras os moradores urbanos não nascidos demonstraram maior incerteza quanto ao futuro. Muitos não pretendem permanecer na ilha. Os motivos apresentados são as dificuldades de emprego, principalmente a sazonalidade do trabalho, saudades de familiares, busca de melhores perspectivas, etc. O que mais incomoda os moradores urbanos são as drogas, em seguida os borrachudos. Nas comunidades os entrevistados indicaram como maior incômodo, os borrachudos. De fato esse é um problema de saúde pública, principalmente nos bairros rurais onde vivem as comunidades de pescadores. Do ponto de vista ecológico, estrito senso, a presença do borrachudo em Ilhabela significa qualidade ambiental, uma vez que é um inseto bioindicador de águas não poluídas e bem oxigenadas. Por outro lado compromete a qualidade de vida, principalmente dos moradores das comunidades de pescadores. Na ilha não existe um programa de assistência a saúde das comunidades. As picadas de borrachuda viram feridas que mal tratadas infeccionam os tecidos, principalmente dos pés. Haveria solução se as casas fossem teladas e mesmo se os pescadores pudessem utilizar uma medicação adequada para tratar as feridas. Houve, há alguns anos atrás, um projeto de fitoterápicos na praia da Selinha, mas, por falta de apoio financeiro, a médica que conduzia o projeto não pode dar continuidade.

A seguir relaciona-se respostas às questões obtidas sobre o que deveria mudar na ilha, na visão dos entrevistados

Tabela 60 - O que deveria mudar na Ilha de São Sebastião

Moradores urbanos não nascidos na ilha	Moradores urbanos nascidos na ilha	Comunidades de pescadores
Sim, na temporada tem muita gente	tem muita casa	Não
Nada	Aqui na ilha tinha que mudar o sistema de trânsito. Dezembro e fevereiro você não anda na Ilhabela	Se pudesse até que eu mudaria mas a condição da gente não dá. Eu arrumaria a casa
não	O trânsito na temporada	Deveria ter comércio pra nós, arrumar a estrada
Hotelaria, carro chefe, turismo ecológico, aluguel de veleiros, barcos, restaurantes, comércio (ponto das letras) prestigia a cultura, um tipo de comércio que não fere	Colégio, um colégio, carnaval. Frevo	Não, talvez algumas melhorias, assim um comércio de pesca, luz
Nossos vereadores que praticamente dirigem a cidade. Olhassem mais pra cidade por exemplo, tirassem essa cachorrada das ruas. Olhar para o povo sem se erradicar ao grupinho deles.	que parasse de mudar	Sim. O modo de viver do pessoal os pescadores sofrem muito e deveria ter trabalho diferente pra não dificultar tanto a vida
sim nessa questão das coisas básicas, saúde, educação, é uma coisa geral.	Não. Tá bom assim	Estrada né, às vezes se não dá pra ir por um lado vai pro outro
Só mesmo a administração, passaria	mudar para melhor	Muitas coisas, por exemplo: o acesso até chegar a Castelhanos
Administração. Mais enrola. Fizeram a praça de eventos e não cuidam	Fazer a ilha voltar o que era antigamente, plantando para comer	Fizesse um armazém, uma venda aqui não corre dinheiro. Se a estrada tivesse boa
Gostaria de mudar. Não temos um asilo. Tem poucas diversões para os jovens, tirando os clubes e os Evangelhos nas Igrejas	Não. Não gostaria de mudar nada	
Mais emprego	poderia fazer mais quiosque para quem trabalha	
Artesanato	A prefeitura	
Sim, as crianças sofrendo, crianças que não tem o pão de cada dia. Se eu pudesse..	Melhorar o turismo	
Agente gosta de mudar muitas coisas, mas depende da prefeitura. Mudar o calçamento e a prefeitura. Não votei nela.	Tem muita coisa. Limpeza nos bairros	
mudar a mentalidade dos políticos	Sim, asfalto	
Prefeita	Sim. Passar correio	

Sim, a frente da balsa, a entrada da ilha

Devia ter uma estrutura melhor para o turismo. Avenida é feia. Uma paisagem mais bonita. As construções são feias

O aspecto financeiro das pessoas que estão precisando viver um pouquinho melhor

A mentalidade incorreta na relação comunidade e natureza

Eu me mudaria lá pra baixo

Sim, mas é difícil tanta coisa que na hora a gente nem lembra

Várias coisas - iluminação nas ruas áreas de saúde, um hospital bem grande. Cuidar do trânsito, por causa das crianças

Mais médico, não tem hospital, tem que ir pra São Sebastião, pra ganhar nenê, o pronto socorro é o mesmo que não ter

Tá bom.

Criar trabalhos, desembargava obras

Creche, posto médico

Tem tanta coisa pra mudar, né? Um hospital bom. Não tem

Que tivesse mais emprego fixo

Sim. Estrada e emprego

O prefeito precisa mudar urgente. Pois a ilha precisa de mudanças urgentes.

Mudar para melhor. O turismo ajuda para gerar emprego na ilha

Sim. Calçamento das ruas, todos com casa trabalho (deixar o lugar bonito)

Melhorias pro pessoal

Precisa mudar um pouco, tem gente demais. Acho que deveria ter uma forma de proibir entrar muitas na balsa pra não deixar entrar bandidos nessas. Ter uma pesquisa Pegar o P.G e verificar

Ou a prefeita deveria passar de casa em casa fazendo um recadastramento

Se pudesse, mudaria. Ajudaria quem precisa

As questões que os moradores projetam como mudanças necessárias dizem respeito a sua sobrevivência: trabalho, saúde, moradia, saneamento básico, infra-estrutura. Nas comunidades o acesso ao consumo de coisas básicas e uma reivindicação coletiva. Em Castelhanos não existe nenhum comércio.

Significado e valor afetivo

Todo objeto tem significado que pode ser prático ou afetivo. Aqui procuramos indagar aos ilhéus sobre sua percepção dos objetos da paisagem procurando conversar sobre alguns aspectos do cotidiano insular, das possíveis percepções da paisagem insular enquanto lugar.

Para todos os entrevistados pode-se identificar o mar, a montanha, a mata, enfim os componentes naturais da paisagem como significantes e, afetivamente, os que mais marcam a representação do que é a ilha para eles. No entanto ao separarmos os entrevistados por agrupamento urbano e comunidades de pescadores, percebe-se que existem outros significados que podem ser atribuídos a natureza, por exemplo. Os pescadores das comunidades atribuem a natureza o significado de "lugar da gente"

Outros atributos surgem nas respostas e podemos dizer que se fundamentam nos vínculos que se estabelecem por uma vivência distinta do modo de vida urbano.

"A rede, a gente vai pescar de caniço" (Lauro, 35 anos, Pr. Castelhanos)

"Voltei pra Castelhanos, que é o "lugar da gente"" (Rosilda 33 anos, Pr. Mansa)

"A pescaria" (Manoel, 45 anos - Pr. Vermelha)

"A natureza tem onde correr, e entrar no mato. Andar no mato" (Cláudio, 31 anos - Pr. Castelhanos)

As respostas adjetivas ou qualitativas como mar bravo, ou outras como bonito, sossegado, tranqüilo, já indicadas pelas comunidades quando discutimos a identidade insular, enfatizam necessidades imateriais dos entrevistados em relação à ilha. Segundo (Machado, 1996: 106) respostas deste tipo indicam aspectos qualitativos ou pessoais sobre o significado atribuído à paisagem.

O mar, a montanha, e a mata na paisagem vivida pelas comunidades têm significados diferentes. A paisagem visualizada no modo de vida dos pescadores fundamenta-se numa concepção de território, visto aqui na dimensão material e imaterial e a natureza é lugar e território.

Quanto às respostas dos moradores urbanos foi evidente uma série de reivindicações para melhoria da vida na ilha. Os nascidos na ilha acrescentam a experiência vivencial às questões, tais como o turismo, e especificamente no bairro do Reino o problema sanitário do lixo.

Para os moradores entrevistados que vieram à ilha como migrantes o significado da paisagem e da ilha tem dimensões simbólicas do mundo urbano e neste caso expõem os principais contrastes que a ilha enfrenta, tais como a "invasão" sazonal pelos turistas, as drogas, o lixo, o trânsito, a falta de trabalho, a poluição. Apesar da afetividade que também se manifesta por adjetivos aos componentes da natureza, os moradores urbanos estão expostos diretamente aos problemas produzidos em quase todo o litoral brasileiro, onde o turismo "de consumo produtivo do espaço" se instalou. Problemas referentes à ausência de infra-estrutura para atendimento de questões sociais como por exemplo à saúde, aparecem nas respostas. Embora a questão da saúde, tenha surgido nesta amostragem apenas na fala dos moradores urbanos, ela é um problema que se generaliza para toda a ilha. Em Ilhabela tem-se uma desassistência a saúde, principalmente para as camadas populares.

De modo geral podemos dizer que o significado e o valor afetivo de Ilhabela para os entrevistados é fortemente marcado pelo sentimento de pertencer e poder viver num local onde a natureza é conservada.

Por outro lado as respostas permitem distinguir na paisagem vivida um conjunto de significados atribuídos aos objetos que são importantes para compreender essa paisagem (ou paisagens) como lugares. É sabido que a paisagem e o lugar não estão apenas no modo como a captamos com a visão mas nas representações simbólicas

que atribuímos aos seus objetos, portanto na sua dimensão de lugar. Por isso a percepção desses objetos não deve ser entendida apenas como elementos de um conjunto. O mar, a montanha, a mata, a pesca, o turismo, o lixo, as drogas, enfim os objetos lidos pelos moradores estão em interação. Mas essa interação não é lida do mesmo modo nas diferentes "ilhas socioambientais". Dessa situação emergem os conflitos entre visões que quando tomadas em conjunto revelam, então significados distintos. Ou seja o mar, a mata, o turismo e o turista, a pesca, as drogas, a praia, e outros elementos quando tomados em sua interação e em conjunto tem significados diferentes para moradores urbanos e das comunidades, para migrantes e descendentes de caiçaras urbanos, para jovens e adultos, para dirigentes governamentais, empresários e demais cidadãos de Ilhabela.

Santos (2000) tratando da questão da dimensão cotidiana do lugar afirma que :

"Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam. G. Berger (1964:173) já nos lembrava de que "o caráter humano do tempo da ação é intersubjetivo". E Bakhtin (1986: 54), mais perto de nós, afirma que a arquitetura concreta do mundo atual dos atos realizados tem três momentos básicos: o eu-para-mim mesmo; o outro-para-mim; o Eu -para-o-outro... É desse modo que se constroem e refazem os valores, através de um processo incessante de interação.

Esse aspecto, no entanto, precisa ser aprofundado. No âmbito desta pesquisa podemos dizer que a natureza na Ilhabela é de fato um elo entre moradores, mas concebida, vivida e representada de modo distinto e conflitante nas diferentes ilhas socioambientais. Vejamos como alguns entrevistados falam de suas expectativas:

"Trabalho, futuro" (Antonio Marcos, 21 anos, mora na ilha há 4 anos - Greenpark)

"Não tem uma firma, não tem nada desta vida. O povo não planta. Tem muita garotada com seus 18 anos, que precisa fazer alguma coisa e não tem como" (Siorino, 63 anos, mora na ilha há 33 anos - Itaguassú - Morro dos Mineiros)

"90% empreguismo aqui é turismo" (Senhor que não quis se identificar, 49 anos - nascido na ilha - Saco da Capela)

"As belezas da natureza por que aqui só existe a natureza" (Cilene de Souza, 20 anos - Pr. Vermelha)

"A prefeita é ruim. Proibiu meu marido que é pedreiro, embarga obras. Muita pedreiros, o fiscal passa, o pessoal deda. " (Maria Divina, 22 anos, mora na ilha há 9 anos - Reino)

"O que você me chama a atenção é a convivência das pessoas." (Severino Gomes, 58 anos, mora na ilha há 35 anos - Reino)

"Eu fui muito bem recebida pelos caiçaras, as pessoas são boas mesmo" (Julia, 62 anos, mora na ilha há 2 anos - Saco da Capela)

"Vê? Aquelas pessoas que não tem condições. Vê aqueles barracos, eu tenho minha casa. Aquelas crianças tudo jogadas..." Vera, 30 anos, mora na ilha há 12 anos, veio do Ceará - Itaguassú)

"Os significados do mundo vivido não são absolutamente óbvios e não se apresentam por si mesmos: têm de ser descobertos" (Machado, 1996: 107)

Tabela - 50 - Identidade: amostra total de entrevistados

No.	Local	Nome	S.	Id	Como é a Ilhabela para você
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	lazer, curtição, divertimento, descanso
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	A ilhabela é tudo para mim
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Um lugar muito bonito
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	É o lugar onde você encontra trabalho. Une o útil ao agradável
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	o melhor lugar para viver
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considere
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Sossegado e tranqüidde, é um lugar muito bonito
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de F	F	49	A ilha é um lugar mágico, traz aspectos selvagens da natureza, de vila que agrega os amigos, se quiser ficar
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	um lugar sossegado
10	Pequeá	Carlos	M	61	energia
11	Praça da Vela	Vaidomiro	M	65	não disse
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Pra mim é, aqui a ilha é muito misteriosa, adoro esse lugar
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	É um lugar tranqüilo. É bom para se viver
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	É uma cidade legal, por aqui não existe lugar igual
15	Vila	Francisio	M		É bom de morar
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	A ilhabela é um lugar. Acho esse lugar maravilhoso, pra mim é o paraíso. Passei o resto da minha adolescência aqui
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	é o meu futuro
18		Pedro	M	53	Toda a minha vida. Paraíso completo
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dia	M	48	É o meu segundo berço. Brigo por isso aqui. Assumo como coisa minha. Eu dei muito certo. A ilha precisava de mim
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	é a minha casa
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	Uma família da gente. O pessoal fala a gente acha ruim. A gente tem que defender
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Tudo. Acostumei e não fui mais embora
23	Perequê	Justina	F	45	minha casa
24		Lazaria	F	50	É muito boa. Não troco por nada desse mundo, minha filha quer que vá para São Paulo. Não troco por nada desse mundo. Sairia só para morar num sítio, criar porco, galinha, pato
25	Barra Velha	Regina	F	54	É tudo
26	Água Branca	Palmira	F	39	Boa
27	Perequê	Ceará	M	31	É o Paraíso. Não troco por nada
28	Barra Velha	Edson	M	26	Paraíso
29	Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	É muito importante né. Assim foi onde cheguei fiz minha via, encontrei trabalho. Eu e meu esposo, é muito importante, né?
30	Água Branca	Luciene	F	23	Acho linda
31	Saco da Capela	Celso Bastos M	M	55	Sensação de liberdade
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	já disse
33	Itaguassu/	Siorino	M	63	Muito boa
34	Água Branca		F	22	Bom, é bom aqui, né?
35	Água Branca	Elisabete	F	20	É bom
36	Água Branca	Cristiane	M	26	É uma bela ilha (risos)
37	Água Branca	Marcio	M	22	A ilhabela é um lugar muito gostoso, mais falta muito emprego. As famílias que tem comércio emprega os próprios familiares
38	Água Branca	Alexandro	M	26	um lugar bom de se morar, mas falta muita coisa pra ser melhor
	Perequê	Roseli	F	43	A ilha é muito fechada pra quem vem de fora. Não é muito fácil se adaptar. Toda a vida já estava formada quando cheguei. Sinto uma barreira.
	Água Branca	Valdinéia	F	18	É um lugar legal
	Água Branca	Marcelo	M	28	Ela tem um lado muito positivo, um lado bom, encontro paz, tranqüilidade, tem muitas diferenças sociais, muito ignorante, muita gente sossegada, esperando as coisas caírem do céu
	Perequê	Osvaldo	M	72	Pra mim é o paraíso, eu gosto dela. Nasci aqui
	Perequê	Waldeci	M	34	É bom, é vida
	Perequê	Maria Rita	F	25	É minha vida
	Perequê	Cícero	M	42	É o lugar onde moro
	Castelhanos	Cláudio	M	62	Tudo
	Castelhanos	Luiz Carlos de C	M	48	É bom demais
48	Castelhanos	Silvia	F		não disse
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	É bom no verão, no inverno é mais ruim porque o mar fica agitado! Fica difícil. No verão tem mais carona
50	Castelhanos	Nair	F	40	Ah! É bom, tranqüilo, parei de correr
51	Perequê	Miguel Carlos C	M	54	Tudo (tirando as filhas). Eu como advogado falo demais. Quando falo tudo eu vejo em Ilhabela talvez um dos últimos locais do Estado de São Paulo para lazer, qualidade de vida.
52	Perequê	Elisa	F	32	Sossegado, paz mesmo, já não é como era na época da minha mãe
53	Castelhanos	Lauro	M	35	Precisa de muito recurso, pelo menos dá uma melhorada aí na estrada. As vezes o pessoal fica doente e não tem como levar pelo mar. Ai tem que levar por essa estrada. Às vezes agente tem que levar nas costas
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	Pra mim a ilha significa muita coisa. Eu morava no Sombrio, lá agente plantava, cana, feijão, sabão. Só comprava o arroz. "Antes agente (Da, Vinina do Saco do Sombrio) plantava. Meu marido é pescador e pesca em Alcatrazes
55	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	Ah! Meu Deus, é bonita sossegada
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Tudo, é o lugar da paz
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	não disse
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	Tudo
	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	É a minha casa
	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	É tudo. O lugar que nasci, gosto, vivo
	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	É muita coisa e muito bonita e muito
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Nossa terra. O lugar que a gente nasceu a
		Auro Rafael	M	26	É bom, né?
	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Não sei explicar. Tem muitas praias e eu acho tudo muito bonito. Tudo é belo. Mas tem as decepções que estraga Ilhabela. O povo que vem de fora. Na cidade mesmo tem o Morro do Mineiros. É isso trouxe violência pra o lugar e alguns caçaras foram embora
	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	É uma ilha boa de viver. É sossegado
	Castelhanos	Pedro (pai do m	M	74	não disse
	Itaguassu	Edir	F	59	É ótimo
	Castelhanos	Mauro	M	38	Castelhanos é uma ilha? Como assim?
	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Descanso, repouso, recuperação
	Castelhanos	Claudio (filho Sr	M	31	Mais é alegria, né? Tem muita ave. Entrar na mata, escutar a cantiga dos bichinhos, (quando sai, volta). Vindo pra cá fico mais aliviado
71	Reino	Margarete Nasc	F	34	É um lugar tranqüilo, por enquanto. Super bonito
72	Reino	Francisca	F	21	Lugar maravilhoso
73	Reino	Merita	F	31	Acho muito bom
74	Reino	Maria Divina	F	22	Gosto porque tem muitos conhecidos. Aqui é ilha, né? Muito caro, quem trabalha aqui pra sobreviver é difícil, o buraco fundo é muito mais pobre para o morro dos mineiros também
75	Reino	Luciano	M	19	é boa sossegada

Tabela - 50 - Identidade: amostra total de entrevistados

76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Acho muito bom, aqui é o paraíso
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	é legal. Em termos de serviço não tem quase movimento
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	É tudo! Uma das cidades que escolhi para morar
79	Greenpark	Mana	F	40	Importante
80	Água Branca	Neia	F	38	É tudo. Lugar lindo, maravilhoso, calmo, sem violência, por enquanto, né?
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Boa
82	Reino	Maria José	F	38	Pra mim é muito boa, é sossegada, mas ultimamente...Anda mais difícil
83	Água Branca	Suzana	F	26	É tudo, é o paraíso
84	Reino	Francisco Felix d	M	44	Bom
85	Reino	Severino Gome	M	56	O sossego, o que você não tem lá fora você tem aqui. Aqui na ilha você tem tranquilidade pessoas que você confia. Lá fora ninguém é de ninguém
86	Greenpark	Ivani dos S. San	F	48	É boa. Já morou no Gaurujá, depois voltou pra cá
87	Perequê	Milton	M	31	É um luar bem sossegado
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Significa tudo. A vida é a Ilhabela. É o lugar onde moro
89	Greenpark	Marisa Souza S	F	23	É tudo
90	Greenpark	Elizete	F	17	Acho legal
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Bom
92	Greenpark	James	M	41	Me sinto no paraíso. Aqui eu trabalho só, não estu estudando por falta de tempo
93	Reino	Roseli dos S. Pa	F	28	É um paraíso. Não trocaria por nada
94	Reino	Sebastião P Sa	M	45	Ela é boa
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Lugar calmo
96	Greenpark	Antonio Neto Sc	F	26	É tudo. Eu sou feliz aqui. Eu adoro a Ilhabela
97	Reino	Maria Rita Lope	F	64	É muito, muito bonita. Até uns cinco anos atrás era muito boa

Tabela 51 - Significado e Valor afetivo: amostra total de entrevistados

No.	Local	Nome	S	Id	Fale sobre alguma coisa que te chama a atenção na ilha
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	as trilhas
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	turismo 90% empreguismo aqui é turismo. Só aqui tá uma riqueza muito grande (latismo)
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	os barcos
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Os borrachudos (falta de cuidado com a preservação das praias, falta fiscalização)
5	Saco da Capela	Zê Carlos	M	38	as montanhas, o verde - paisagem
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considerei
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	O mar
8	Saco da Capela	Aiba Lúcia de Freitas	F	49	o lbo precisa ser cuidado e o tráfego de carro, a prefeita tem que organizar isso
9	Praça da Veia	Izabel	F	65	beleza
10	Pequeá	Carlos	M	61	chama atenção, preocupante é a droga, atrás dela vem o resto
11	Praça da Veia	Valdomiro	M	65	não disse
12	Saco da Capela	Julia	F	62	eu fui muito bem recebida pelos caiçaras, as pessoas são boas mesmo
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	não disse
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	Tranquilidade para andar, viver a vontade
15	Vila	Francisio	M		as praias
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Esta vindo muita gente
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	não disse
18		Pedro	M	53	Praia
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	A natureza é diferente tranquilidade do lugar. Botar uma rede fora de casa. Quando acontece uma coisa ruim é de fora
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	Mar e a montanha
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	Hospital. Não tem. Está fechado
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	não disse
23	Perequê	Justina	F	45	As praias (que antes eram mais bonitas, mais limpas, agora..., quer dizer, eu nem vou mais na praia)
24		Lazaria	F	50	A natureza. Essas montanhas aí
25	Barra Velha	Regina	F	54	A liberdade e a paz de espírito
26	Água Branca	Paímira	F	39	Falta de emprego
27	Perequê	Ceará	M	31	Castelhanos, Bonete, sempre vou pra lá
28	Barra Velha	Edson	M	26	A natureza
29	Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	Vê aquelas pessoas que não tem condições, vê aqueles barracos, eu tenho minha casa. Aquelas crianças tudo jogadas...
30	Água Branca	Luciene	F	23	As festas são boas
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	pujança da mata
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	não disse
33	Itaguassu/ Morro dos Mineiros	Siorino	M	63	Não tem uma firma, não tem nada desta vida. O povo não planta. Tem muita garotada com seus 18 anos, que precisa fazer alguma coisa e não tem como.
34	Água Branca		F	22	praias
35	Água Branca	Elisabete	F	20	Lugar em geral
36	Água Branca	Cristiane	M	26	Ah! Cara. Tudo aqui é 10
37	Água Branca	Marcio	M	22	Natureza
38	Água Branca	Alexandro	M	26	Entrada da balsa
39	Perequê	Roseli	F	43	Balsa. Quando atravesso pra cá é home swite home. O mar que separa do continente. Dá um aperto no coração.
40	Água Branca	Valdinéia	F	18	As pessoas daqui
41	Água Branca	Marcelo	M	28	A ilha
42	Perequê	Oswaldo	M	72	O monte Guaepê (Baepi)
43	Perequê	Waldeci	M	34	É ver as mulheres nas praias
44	Perequê	Maria Rita	F	25	As praias e as cachoeiras
45	Perequê	Cicero	M	42	os navios
46	Castelhanos	Otávio	M	62	o mar
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	não disse

Tabela 51 - Significado e Valor afetivo: amostra total de entrevistados

48	Castelhanos	Silvia	F	Não disse
49	Castelhanos	Erotildes	F	60 não disse
50	Castelhanos	Nair	F	40 * não disse
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54 mata exuberante e a demanda crescente da própria ilha
52	Perequê	Elisa	F	32 Beleza não me canso
53	Castelhanos	Lauro	M	35 A rede, a gente vai pescar de caniço. Agente aqui gosta mais é de jogar boia
54	Itaquanduva	Ciarisse	F	30 O jeito horrível da prefeitura cuidar da ilha. A prefeitura não ajuda a população pobre, que precisa ajudar
55	Sede do PE, Ilhabela	Fiavio	M	24 Tem mais a parte de visitação do pessoal. Tem muita gente que vem pra cá
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18 tudo
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52 não disse
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33 A ilha inteira
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33 Eu trabalhei alguns anos na Vila. Trabalhei como caseira, não deu certo. Voltei pra Castelhanos, que é o "lugar da gente"
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45 A pescaria
61	Pr. Vermelha	Aiaide Rafael	F	35 O que? Lá da Ilhabela? O mar
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20 As belezas da natureza, porque aqui só existe a natureza
63		Auro Rafael	M	26 O mar bravo
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25 não disse
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29 Não
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74 A Serraria, é bom porque é mar aberto. A do Estácio não é grande coisa. O Bonete da praia, Indaiúba é fechado. O Sombrio é fechado
67	Itaguassu	Edir	F	59 Acho que pro pessoal são as praias
68	Castelhanos	Mauro	M	38 Praia agente acha mesmo a mais bonita Quando tinha 10 anos. Era bem diferente. Agora as coisas mudou muito. Não tinha estrada, era trilha, demorava 3 horas, ia lá pra comprar as coisas pra comer
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67 não disse
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31 a natureza tem onde correr. E entrar no mato. Andar no mato
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34 As praias são lindas
72	Reino	Francisca	F	21 Cachoeiras
73	Reino	Merita	F	31 Não sei
74	Reino	Maria Divina	F	22 A prefeita é ruim. Proibio meu marido que é pedreiro, embarga obras. Muita pedreiros, o fiscal passa, o pessoal deda.
75	Reino	Luciano	M	19 Os lugares daqui
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61 Só me chama atenção. Quer dizer nada por enquanto. Tudo tem dado certo pra mim
77	Bairro Plumário	Santos	So	24 O mar
78	Greenpark	Genivaldo	M	37 Falta de sensibilidade do prefeito, prejudica o povo de Ilhabela. Tá fazendo calçamento mas antes disso a Ilhabela estava terrível
79	Greenpark	Maria	F	40 O meu trabalho, a família
80	Água Branca	Neia	F	38 O mar
81	Reino	Benedito Paulo	M	31 Tudo chama minha atenção
82	Reino	Maria José	F	38 Chama atenção! Como assim? Sei lá, o que pensei agora, é que antigamente não tinha mas agora tem muita droga.
83	Água Branca	Suzana	F	26 O pôr do sol e as pessoas, todo mundo se conhece
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44 Praia do Sino
85	Reino	Severino Gomes	M	58 O que você me chama atenção é a convivência com as pessoas
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48 A destruição da natureza, principalmente das cachoeiras
87	Perequê	Milton	M	31 O aterro sanitário
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53 Tudo me chama a atenção
89	Greenpark	Marisa Souza S, Santos	F	23 O mar
90	Greenpark	Elizete	F	17 A praia
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21 Trabalho, futuro
92	Greenpark	James	M	41 Natureza
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28 Bom: trabalho da prefeira Ruim: as drogas
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45 Pra mim só a preservação do verde

Table 51 - Significado e Valor efetivo: amostra total de entrevistados

95	Reino	Ana Claudia	F	22	Cachoeira
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	As cachoeiras, as praias. Você pode ser livre, deixar portas abertas, tranquilidade
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Não

** refere-se ao fato ocorrido quando estivemos lá - a morte de um jovem de 16 anos afogado

Tabela 52 - Significado e valor afetivo - moradores nascidos na ilha e não nascidos

Fale sobre alguma coisa que te chama a atenção na ilha	
Comunidades	
o mar	
A rede, a gente vai pescar de caniço. Agente aqui gosta mais é de jogar bola	
Tudo	
A ilha inteira	
Eu trabalhei alguns anos na Vila. Trabalhei como caseira, não deu certo. Voltei pra Castelhãos, que é o "lugar da gente"	
A pescaria	
O que? Lá da Ilhabela? O mar	
As belezas da natureza, porque aqui só existe a natureza	
O mar bravo	
A Serraria, é bom porque é mar aberto. A do Estácio não é grande coisa. O Bonete da praia, Indaiáuba é fechado. O Sombrio é fechado.	
Praia agente acha mesmo a mais bonita Quando tinha 10 anos. Era bem diferente. Agore as coisas mudou muito. Não tinha estrada, era trilha, demorava 3 horas, ia lá pra comprar as coisas pra comer.	
A natureza tem onde correr. E entrar no mato. Andar no mato	
Urbanos nascidos	
As trilhas	
Turismo 90% empreguismo aqui é turismo. Só aqui tá uma riqueza muito grande (iatismo)	
As montanhas, o verde - paisagem	
As praias	
Praia	
Mar e a montanha	
As praias (que antes eram mais bonitas, mais limpas, agora.... quer dizer, eu nem vou mais na praia)	
A natureza. Essas montanhas aí	
A natureza	
Lugar em geral	
Ah! Cara, Tudo aqui é 10	
As pessoas daqui	
O morte Gusepê (Baepi)	
É ver as mulheres nas praias	
As praias e as cachoeiras	
Beleza não me canso	
O jeito horrível da prefeitura cuidar da ilha. A prefeitura não ajuda a população pobre, que precisa ajudar	
O pôr do sol e as pessoas, todo mundo se conhece	
A destruição da natureza, principalmente das cachoeiras	
O aterro sanitário	
Cachoeira	
Urbanos não nascidos	
Os barcos	
Os borrachudos (falta de cuidado com a preservação das praias, falta fiscalização)	
O mar	
O lixo precisa ser cuidado e o tráfego de carro, a prefeitura tem que organizar isso	
Beleza	
Chama atenção, preocupante é a droga, atrás dela vem o resto	
Eu fui muito bem recebida pelos caiçaras, as pessoas são boas mesmo	
Tranquilidade para andar, viver a vontade	
Esta vindo muita gente	
A natureza é diferente tranquilidade do lugar. Botar uma rede fora de casa.	
Hospital. Não tem. Está fechado	
Falta de emprego	
Castelhãos, Bonete, sempre vou pra lá	
Vê aquelas pessoas que não tem condições, vê aqueles barracos, eu tenho minha casa. Aquelas crianças, tudo jogadas...	
As festas são boas	
Pujança da mata	
Não tem uma firma, não tem nada desta vida. O povo não planta. Tem muita garotada com seus 18 anos,	
Que precisa fazer alguma coisa e não tem como.	
Praias	
Natureza	
Entrada da balsa	
Balsa. Quando atravesso pra cá é <i>home swith home</i> . O mar que separa do continente. Dá um aperto no	
Coração.	
A ilha	
Os navios	
Mata exuberante e a demanda crescente da própria ilha	
Tem mais a parte de visitação do pessoal. Tem muita gente que vem pra cá	
Acho que pro pessoal são as praias	
As praias são lindas	
Cachoeiras	
A prefeita é ruim. Proibio meu marido que é pedreiro, embarga obras. Muita pedreiros, o fiscal passa, o	
Pessoa deda.	
Os lugares daqui	
Só me chama atenção. Quer dizer nada por enquanto. Tudo tem dado certo pra mim	
O mar	
Falta de sensibilidade do prefeito, prejudica o povo de Ilhabela. Tá fazendo calçamento mas antes disso a Ilhabela estava terrível	
O meu trabalho, a família	
O mar	
Tudo chama minha atenção	
Chama atenção! Como assim? Sei lá, o que pensei agora, é que antigamente não tinha mas agora tem muita	
droga.	
Praia do Sino	
O que você me chama atenção é a convivência com as pessoas	
Tudo me chama a atenção	
O mar	
A praia	
Trabalho, futuro	
Natureza	
Bom: trabalho da prefeira Ruim: as drogas	
Pra mim só a preservação do verde	
As cachoeiras, as praias. Você pode ser livre, deixar portas abertas, tranquilidade	

Tabela 53 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens amostra total de entrevistados

Sobre a ilha

- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
- 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
- 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
- 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
- 5 Tenho saudade da vida como era antes
- 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
- 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
- 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
- 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
- 10 A comunidade deveria participar da política
- 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
- 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Para essas frases foi utilizada a seguinte valoração:

não concorda	3
concorda muito	3
indiferente	0

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	0	3	3	3	0	3	3	3	3	3
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3	0
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	3	3	0	0	3	3	3	3	0	3	3	3
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	3	0
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	3	3	3	0	3	3	3	3	3	0	3	0
10	Pequeá	Carlos	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0
12	Saco da Capela	Julia	F	62	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	3	3	3	0	3	3	3	0	3	3	3	3
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
15	Vila	Francisio	M		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	3	3	3	3	3	3	0	0	0	0	0	0
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3
23	Perequê	Justina	F	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
24	Perequê	Lazaria	F	50	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
25	Barra Velha	Regina	F	54	3	3	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3
26	Água Branca	Palmira	F	39	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3
27	Perequê	Ceará	M	31	3	3	3	0	3	3	0	3	3	3	3	3
28	Barra Velha	Edson	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
30	Água Branca	Luciene	F	23	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
33	Itaguassu	Siorino	M	63	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3
34	Água Branca	Elisabete	F	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
35	Água Branca	Cristiane	F	20	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
36	Água Branca	Marcelo	M	26	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
37	Água Branca	Marcio	M	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
38	Água Branca	Alexandro	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
39	Perequê	Roseli	F	43	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
40	Água Branca	Valdineia	F	18	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
41	Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3
42	Perequê	Osvaldo	M	72	3	3	0	3	3	3	3	3	3	0	3	0
43	Perequê	Waldecir	M	34	3	3	3	3	3	3	0	0	3	3	3	3
44	Perequê	Maria Rita	F	25	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3
45	Perequê	Cicero	M	42	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	0
46	Castelhanos	Otávio	M	62	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
48	Castelhanos	Silvia	F		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0
50	Castelhanos	Nair	F	40 *	3	3	3	0	3	0	0	3	3	0	3	3

Tabela 53 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens amostra total de entrevistados

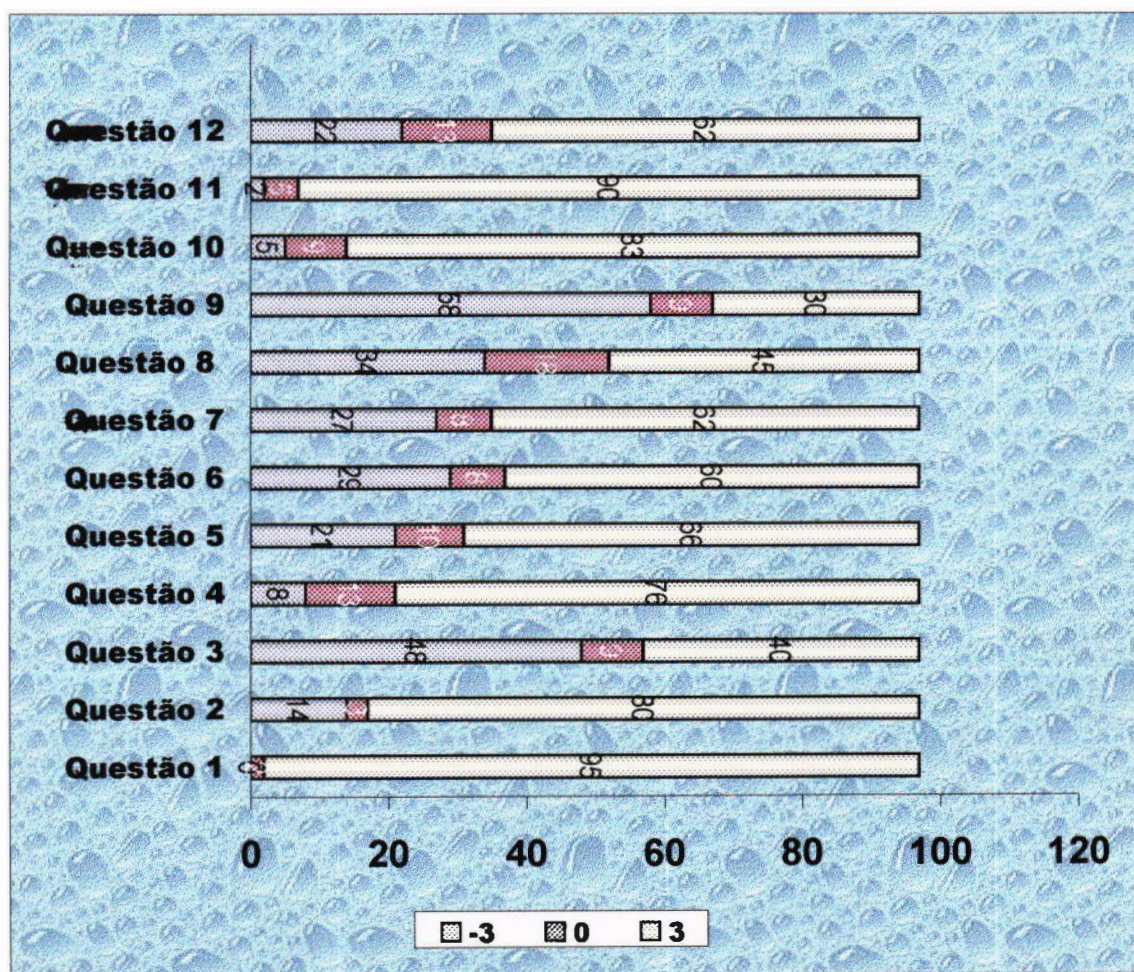
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
52	Perequê	Elisa	F	32	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
53	Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	
55	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	3	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	3	3	
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	3	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	3	3	3	3	3	0	3	3	3	0	0	0	0	
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
63	Pr. Vermelha	Auro Rafael	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	0	3	3	
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
67	Itaguassu	Edir	F	59	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
68	Castelhanos	Mauro	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
72	Reino	Francisca	F	21	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
73	Reino	Merita	F	31	3	3	3	3	0	0	0	3	3	3	3	3	3	
74	Reino	Maria Divina	F	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
75	Reino	Luciano	M	19	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
79	Greenpark	Maria	F	40	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
80	Água Branca	Neia	F	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
82	Reino	Maria José	F	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
83	Água Branca	Suzana	F	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	
85	Reino	Sevenno Gomes	M	58	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	
87	Perequê	Milton	M	31	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
89	Greenpark	Mansa Souza S, Santos	F	23	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	
90	Greenpark	Eizete	F	17	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	
92	Greenpark	James	M	41	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
95	Reino	Ana Claudia	F	22	3	3	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	

* mais de 40 (não sabe)

Gráfico 13 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Geral

	Valoração			
	-3	0	3	
Questão 1	0	2	95	
Questão 2	14	3	80	
Questão 3	48	9	40	
Questão 4	8	13	76	
Questão 5	21	10	66	
Questão 6	29	8	60	
Questão 7	27	8	62	
Questão 8	34	18	45	
Questão 9	58	9	30	
Questão 10	5	9	83	
Questão 11	2	5	90	
Questão 12	22	13	62	

- Questões sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui



**Tabela 54 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Moradores urbanas não nascidos em Ilhabela**

- Questões sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Para essas frases foi utilizada a seguinte valoração:

não concorda	3
concorda muito	3
indiferente	0

Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Saco da Capela	Lúcia	F	36	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3	0
Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	3	3	0	0	0	3	3	3	0	3	3	3
Saco da Capela	Antonio	M	62	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	3	0
Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3
Praça da Vela	Izabel	F	65	3	3	3	0	0	3	3	3	3	0	3	0
Pequeá	Carlos	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Praça da Vela	Valdomiro	M	65	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0
Saco da Capela	Julia	F	62	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	3	3	3	0	3	3	3	0	3	3	3	3
Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Engenho d'água	Leonardo	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Geraldo	M	64	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3
Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3
Barra Velha	Regina	F	54	3	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	3
Água Branca	Palmira	F	39	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3
Perequê	Ceará	M	31	3	3	3	0	3	3	0	3	3	3	3	3
Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Luciene	F	23	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Itaguassu	Sionno	M	63	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Elisabete	F	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Marcio	M	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Alexandro	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Perequê	Roseli	F	43	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	3
Perequê	Cícero	M	42	3	3	3	0	0	3	3	3	3	3	3	0
Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Itaguassu	Edir	F	59	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Margarete Nascimento	F	34	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Francisca	F	21	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Merita	F	31	3	3	3	3	0	0	0	3	3	3	3	3
Reino	Mana Divina	F	22	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Luciano	M	19	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3
Bairro da Toca	Clemente	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Bairro Plumário	Santos	So	24	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3
Greenpark	Genivaldo	M	37	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Mana	F	40	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Neia	F	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Benedito Paulo	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Mana José	F	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3
Reino	Severino Gomes	M	58	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Reno A Pinto	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Manisa Souza S, Santos	F	23	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3

Sueli Angelo Furlan
março/2000

**Tabela 54 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Moradores urbanos não nascidos em Ilhabela**

Greenpark	Elizete	F	17	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Antonio Marcos	M	21	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	James	M	41	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3
Reino	Sebastião P. Santos	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Maria Rita Lopes	F	64	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

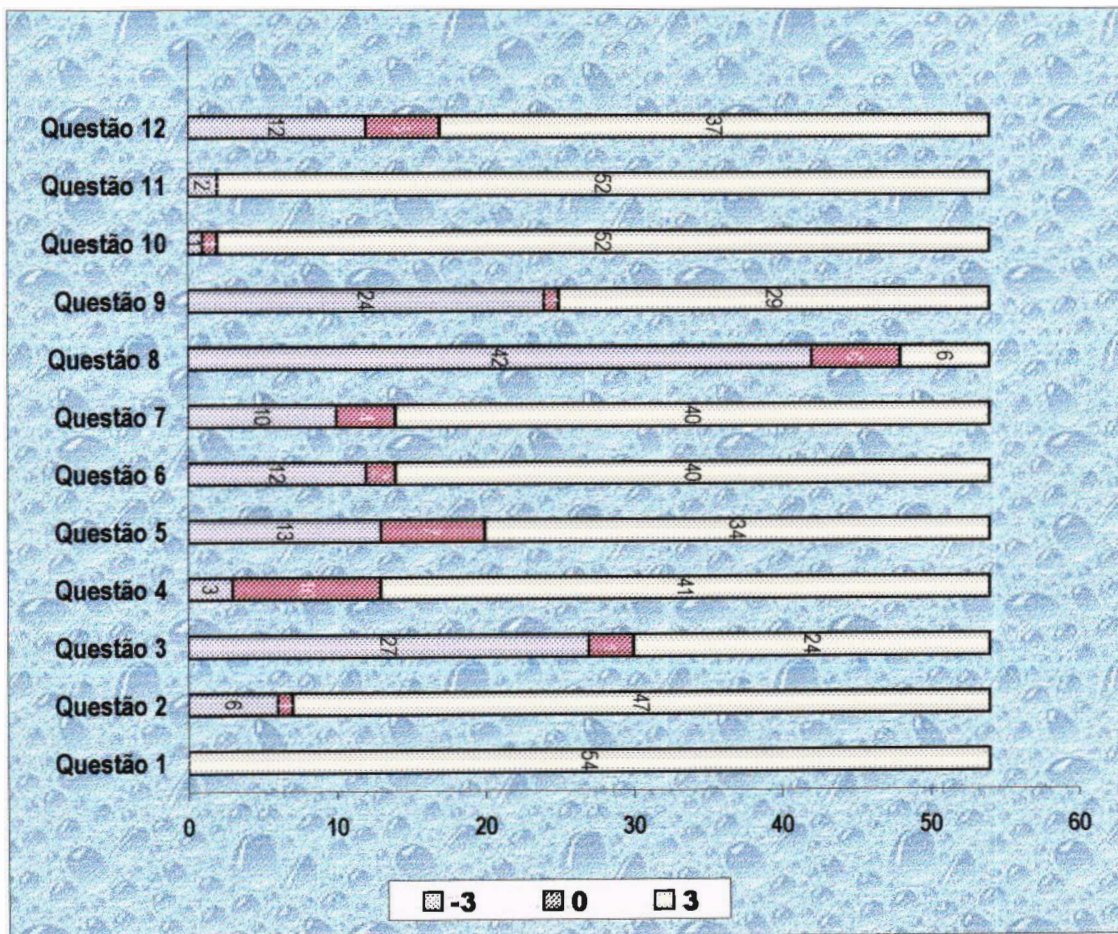
* mais de 40 (não sabe)

*Sueli Angelo Furlan
março/2000*

**Gráfico 14 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Moradores urbanos não nascidos em Ilhabela**

Valoração			
	-3	0	3
Questão 1	0	0	54
Questão 2	6	1	47
Questão 3	27	3	24
Questão 4	3	10	41
Questão 5	13	7	34
Questão 6	12	2	40
Questão 7	10	4	40
Questão 8	42	6	6
Questão 9	24	1	29
Questão 10	1	1	52
Questão 11	2	0	52
Questão 12	12	5	37

- Questões sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui



**Tabela 55 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Moradores urbanos nascidos em Ilhabela**

- Questões sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Para essas frases foi utilizada a seguinte valoração:

não concorda	3
concorda muito	3
indiferente	0

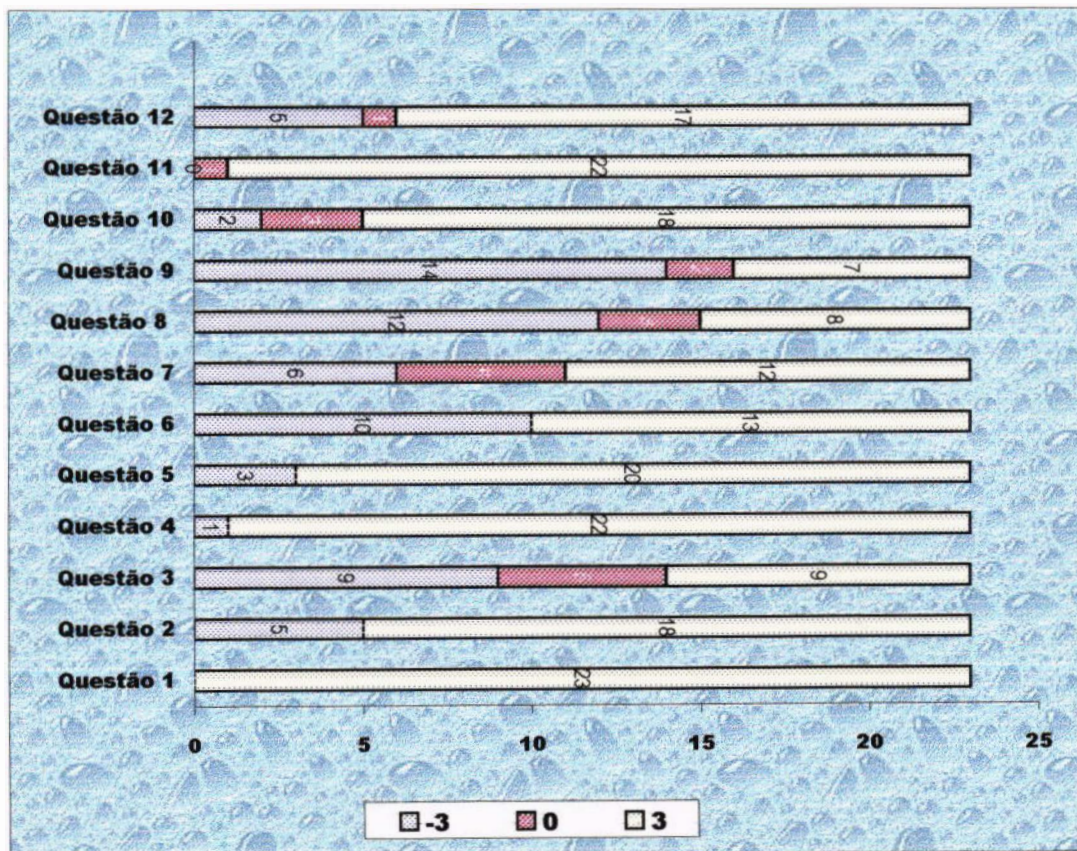
Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Saco da Capela	Roberto	M	22	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	0	3	3	3	0	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Vila	Francisco	M		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Saco da Capela	Pedro	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Bairro Itaguassu	São Marques	M	48	3	3	3	3	3	3	0	0	0	0	0	0
Perequê	José	F	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Perequê	Luiz	F	50	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Barra Velha	Edson	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Engenho d'água	Nilton	M	30	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Cristiane	F	20	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Marcelo	M	26	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Água Branca	Valdinéia	F	18	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Perequê	Oswaldo	M	72	3	3	0	3	3	3	3	3	3	0	3	0
Perequê	Waldecir	M	34	3	3	3	3	3	3	0	0	3	3	3	3
Perequê	Maria Rita	F	25	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3
Perequê	Elisa	F	32	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Itaquanduva	Clarisse	F	30	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3
Água Branca	Suzana	F	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3
Perequê	Milton	M	31	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Reino	Ana Claudia	F	22	3	3	3	3	3	3	0	0	3	3	3	3

* mais de 40 (não sabe)

**Gráfico 15 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Moradores urbanos nascidos em Ilhabela**

Valoração			
	-3	0	3
Questão 1	0	0	23
Questão 2	5	0	18
Questão 3	9	5	9
Questão 4	1	0	22
Questão 5	3	0	20
Questão 6	10	0	13
Questão 7	6	5	12
Questão 8	12	3	8
Questão 9	14	2	7
Questão 10	2	3	18
Questão 11	0	1	22
Questão 12	5	1	17

- Questões sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui



**Tabela 56 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Comunidades de pescadores de Ilhabela**

- Sobre a ilha**
- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
 - 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
 - 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
 - 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
 - 5 Tenho saudade da vida como era antes
 - 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
 - 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
 - 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
 - 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
 - 10 A comunidade deveria participar da política
 - 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
 - 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Para essas frases foi utilizada a seguinte valoração:

não concorda	3
concorda muito	3
indiferente	0

Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Castelhanos	Otávio	M	62	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Castelhanos	Silvia	F		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Castelhanos	Erotildes	F	60	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0
Castelhanos	Nair	F	40 *	3	3	3	0	3	0	0	3	3	0	3	3
Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Andre	M	18	3	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	3
Pr. Mansa	Laercio	M	52	3	3	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0
Pr. Mansa	Marcelino	M	33	3	3	3	3	3	3	0	3	3	0	0	0
Pr. Mansa	Rosilda	F	33	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Manoel	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Auro Rafael	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3
Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Castelhanos	Mauro	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0
Castelhanos	Claudio (filho Sr.João)	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

* mais de 40 (não sabe)

**Gráfico 16 - Avaliação e conduta: seleção e julgamento das imagens
Comunidades de pescadores de Ilhabela**

Valoração			
	-3	0	3
Questão 1	0	2	18
Questão 2	3	2	15
Questão 3	12	2	6
Questão 4	4	3	13
Questão 5	3	0	20
Questão 6	7	4	9
Questão 7	2	6	12
Questão 8	9	3	8
Questão 9	10	3	7
Questão 10	2	5	13
Questão 11	0	5	15
Questão 12	5	6	9

Questões sobre a ilha

- 1 A Ilhabela tem lugares muito bonitos
- 2 A Ilhabela tem sua natureza conservada
- 3 A Ilhabela tem sua natureza destruída
- 4 A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança
- 5 Tenho saudade da vida como era antes
- 6 Deveria ter mais turismo na Ilhabela
- 7 Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
- 8 Deveria ter menos turismo na Ilhabela
- 9 Deveria ter mais casas no meu bairro
- 10 A comunidade deveria participar da política
- 11 Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
- 12 As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

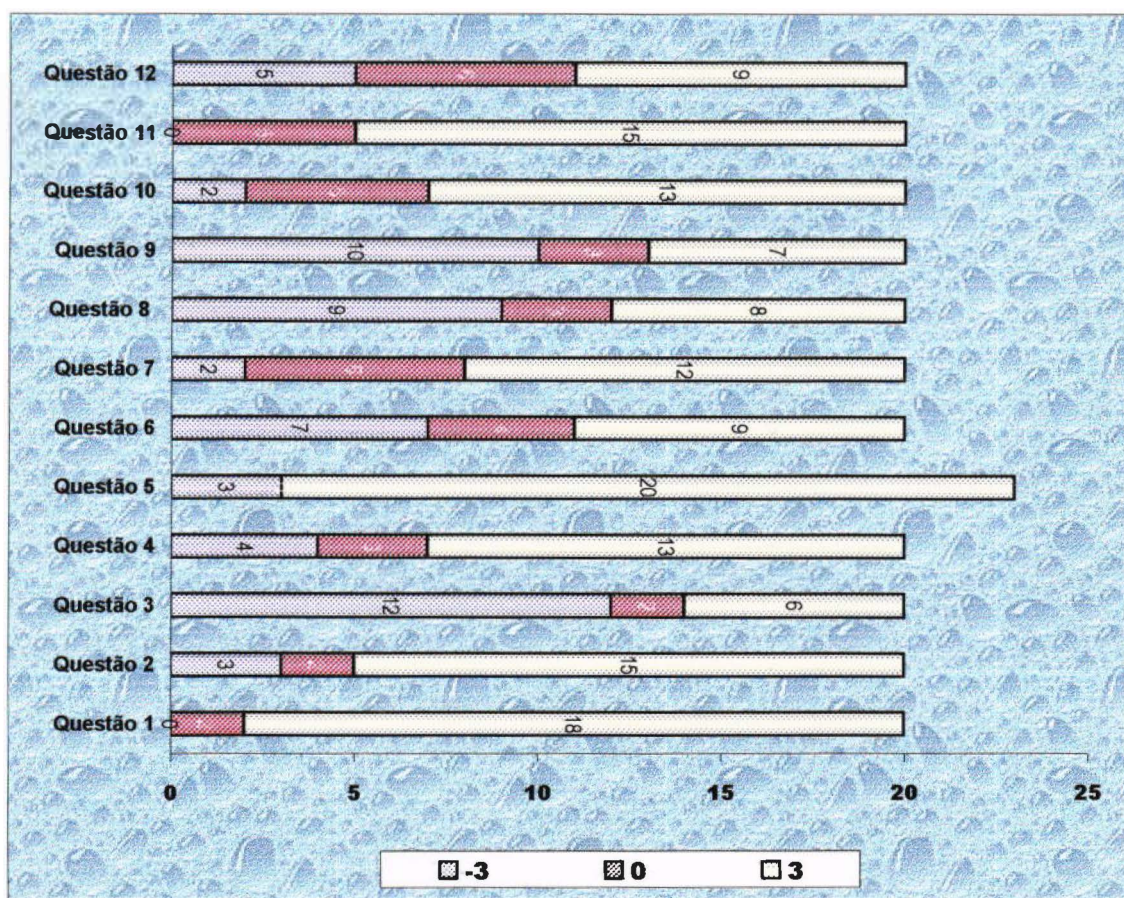


Tabela 57 - Preferências ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela

Sobre o lugar

- 1 Este bairro é bom para morar
- 2 O bairro é agradável/bonito
- 3 Tem muita gente no bairro
- 4 Falta comércio no bairro
- 5 Ele é bom para trabalhar
- 6 Ele é bom para viver
- 7 Precisa de melhorias
- 8 Gostaria de mudar o bairro

Sobre o parque e o lugar

- 9 A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela
- 10 O PE Ilhabela não é para nós
- 11 PE Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
- 12 O PE Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
- 13 O PE Ilhabela atrapalha a minha vida
- 14 O PE Ilhabela não influi em nada na minha vida
- 15 Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar esta situação
- 16 Participei do PGA
- 17 Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela

Valores atribuídos às questões	
Não concorda	1
Indiferente	2
Concorda muito	3

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	3	3	1	1	3	3	3	1	3	1	1	1	1	1	3	2	3
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	3
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	3	3	2	2	3	3	2	1	3	1	2	2	2	2	2	1	3
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	3	2	2	1	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	2
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	3	2	1
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	3	3	3	1	2	3	1	3	3	1	1	3	1	3	2	1	3
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	3	3	1	1	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1	3	3	1
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	3	3	1	1	3	3	1	1	2	2	2	2	2	3	2	2	3
10	Pequeá	Carlos	M	61	3	3	1	3	1	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	2
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	2	1
12	Saco da Capela	Julia	F	62	3	3	3	1	3	3	3	3	3	2	1	3	1	3	2	1	1
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	3	3	3	1	3	3	3	1	1	3	1	1	1	1	3	1	3
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	3	3	3	3	1	3	3	1	3	3	1	1	1	3	3	1	3
15	Vila	Francelísio	M		3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	3	1
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	1
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1	1	1	3	1	3
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	3	3	1
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	3	3	3	2	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	3	1
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	3	3	1	1	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	3	3	1
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	3	3	2	2	3	3	3	2	3	2	1	1	1	1	2	1	3
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	2	2	3	3	3	3	2	1	1	1	1	1	1	1	3
23		Justina	F	45	3	3	3	1	2	3	3	3	3	1	3	1	1	3	3	1	3
24	Perequê	Lazaria	F	50	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	2	1	3
25	Barra Velha	Regina	F	54	3	3	3	3	3	3	3	1	3	2	2	1	1	3	3	2	2
26	Água Branca	Palmira	F	39	3	1	3	3	1	3	3	3	3	1	1	2	1	3	3	1	1
27	Perequê	Ceará	M	31	3	3	3	1	3	3	3	3	2	1	1	3	1	3	2	1	3
28	Barra Velha	Edson	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	3	3	1
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	1
30	Água Branca	Luciene	F	23	3	1	3	3	1	3	3	3	3	1	3	1	3	3	3	1	1
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	1	3	3	3	3	3	3	2	3	1	1	1	1	1	3	3	1
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	3	3	2	2	2	3	3	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1
33	Itaguassu	Siorino	M	63	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	1	1	1	1	1
34	Água Branca	Elisabete	F	22	3	3	2	2	2	3	3	3	2	1	3	1	3	3	1	1	1
35	Água Branca	Cristiane	F	20	3	3	3	3	3	3	2	1	3	1	1	3	1	3	1	3	2
36	Água Branca	Marcelo	M	26	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	2	2	1	3	2	1	3
37	Água Branca	Marcio	M	22	3	1	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	1
38	Água Branca	Alexandro	M	26	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	3	1	3	1	3	3	1
39	Perequê	Roseli	F	43	3	1	1	1	3	3	1	1	3	3	1	1	1	1	2	1	3
40	Água Branca	Valdinéia	F	18	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	1	3	3	1	3
41	Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	2	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1
42	Perequê	Oswaldo	M	72	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	1	3	2	2
43	Perequê	Waldecir	M	34	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
44	Perequê	Maria Rita	F	25	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	1	1	3	2	2
45	Perequê	Cícero	M	42	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	3	2	2	2
46	Castelhanos	Otávio	M	62	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

Tabela 57 - Preferências ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela

47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	3	1	1	2	2	2
48	Castelhanos	Silvia	F		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	1	2	2	2
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	2	2	2	2
50	Castelhanos	Nair	F	40 *	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	3	2	2	2
52	Perequê	Elisa	F	32	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	3	1	3	1	2	2	2
53	Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	3	1	1
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	3	3	3	1	1	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	3	1	3
55	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	3	3	1	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	3	3	1	1	1
56	Pr. Vermelha	André	M	18	3	3	1	1	3	3	3	1	3	2	2	3	2	2	3	1	1	1
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	3	1	3	1	3	1	1	1
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	3	1	3	1	3	1	1	1
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	3	3	1	1	3	3	1	3	3	3	1	1	3	1	2	1	3	3
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	1	1
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	3	3	3	3	1	3	3	3	1	1	3	1	3	3	3	1	1	1
63	Pr. Mansa	Auro Rafael	M	26	3	3	1	3	3	3	3	1	3	3	2	3	3	3	3	1	1	1
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	1	1	1	3	1	1	1
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1	1	1	3	1	3	3
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	3	3	1	1	3	3	1	3	3	3	2	2	2	2	2	1	1	1
67	Itaguassu	Edir	F	59	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	2	2	2	2	2	1	1	1
68	Castelhanos	Mauro	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3	3	1	1	1
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	61	1	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	1	1	3	3	1	1	1
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	1	3	1	1	1
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	3	1	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	1	1	1	1
72	Reino	Francisca	F	21	3	1	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	1
73	Reino	Menta	F	31	3	2	3	1	1	3	3	3	3	2	2	3	2	3	2	3	1	3
74	Reino	Maria Divina	F	22	3	2	2	2	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1	1	1	1
75	Reino	Luciano	M	19	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	1	3	3
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	3	1	1	1
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	3	3	3	1	3	3	2	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1	3
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	3	3	3	3	1	3	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	1	1
79	Greenpark	Maria	F	40	3	1	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
80	Agua Branca	Neia	F	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3	3	1	3	3
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	3	1	1	3	3
82	Reino	Maria José	F	38	3	3	3	1	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	3	3
83	Agua Branca	Suzana	F	26	3	3	3	3	2	3	3	1	3	1	1	3	1	1	3	1	2	2
84	Reino	Francisco Felix da Silv.	M	44	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3	3	3	3
85	Reino	Severino Gomes	M	58	3	3	1	3	1	3	3	1	3	1	1	1	1	1	3	2	1	3
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	1	1	3	1	3	3	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1	3
87	Perequê	Milton	M	31	3	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	2	1	3	3
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	3	3	3	2	1	3	3	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	3
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santo	F	23	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	3	3
90	Greenpark	Elizete	F	17	3	3	1	1	3	3	3	3	3	1	2	2	2	2	2	3	2	2
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	3	3	3
92	Greenpark	James	M	41	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	3	3
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1	3
94	Reino	Sebastião P.Santos	M	45	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	3	1	3	1	1	1
95	Reino	Ana Claudia	F	22	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	3
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	2	2	2	2	2	2	3	3
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	1	2

Tabela 58 - Expectativas ambientais: moradores urbanos nascidos na Ilhabela

Sobre o lugar

- 1 Este bairro é bom para morar
- 2 O bairro é agradável/bonito
- 3 Tem muita gente no bairro
- 4 Falta comércio no bairro
- 5 Ele é bom para trabalhar
- 6 Ele é bom para viver
- 7 Precisa de melhorias
- 8 Gostaria de mudar o bairro

Sobre o parque e o lugar

- 9 A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela
- 10 O PE Ilhabela não é para nós
- 11 PE Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
- 12 O PE Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
- 13 O PE Ilhabela atrapalha a minha vida
- 14 O PE Ilhabela não influi em nada na minha vida
- 15 Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar esta situação
- 16 Participei do PGA
- 17 Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela

valores atribuídos às questões

Não concorda	1
Indiferente	2
Concorda muito	3

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	3	3	1	1	3	3	3	1	3	1	1	1	1	1	3	2	3
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	3
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	3	2	1
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1
15	Vila	Francelisio	M	*	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	3	1
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	3	1
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	3	3	1	1	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	3	3	1
23		Justina	F	45	3	3	3	1	2	3	3	3	3	1	3	1	1	3	3	1	3
24	Perequê	Lazaria	F	50	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	2	1	3
28	Barra Velha	Edson	M	26	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	3	3	1
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	3	3	2	2	2	3	3	3	3	2	1	1	1	1	1	1	1
35	Água Branca	Cristiane	F	20	3	3	3	3	3	3	2	1	3	1	1	3	1	3	1	3	2
36	Água Branca	Marcelo	M	26	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	2	2	1	3	2	1	3
40	Água Branca	Valdinéia	F	18	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	1	3	3	1	3
42	Perequê	Osvaldo	M	72	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	1	3	2	2
43	Perequê	Waldeci	M	34	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
44	Perequê	Maria Rita	F	25	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	1	1	3	2	2
52	Perequê	Elisa	F	32	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	3	1	3	1	2	2
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	3	3	3	1	1	3	3	3	3	3	1	3	1	3	3	1	3
83	Água Branca	Suzana	F	26	3	3	3	3	2	3	3	1	3	1	1	3	1	1	3	1	2
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	1	1	3	1	3	3	1	3	1	1	1	1	1	1	1	3
87	Perequê	Milton	M	31	3	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	2	1	3
95	Reino	Ana Claudia	F	22	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	3

* mais de 40 (não sabe)

Tabela 59 - Expectativas ambientais: comunidade de pescadores

Sobre o lugar

- 1 Este bairro é bom para morar
- 2 O bairro é agradável/bonito
- 3 Tem muita gente no bairro
- 4 Falta comércio no bairro
- 5 Ele é bom para trabalhar
- 6 Ele é bom para viver
- 7 Precisa de melhorias
- 8 Gostaria de mudar o bairro

Sobre o parque e o lugar

- 9 A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela
- 10 O PE Ilhabela não é para nós
- 11 PE. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
- 12 O PE. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
- 13 O PE. Ilhabela atrapalha a minha vida
- 14 O PE. Ilhabela não influi em nada na minha vida
- 15 Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar esta situação
- 16 Participei do PGA
- 17 Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela

Valores atribuídos às questões	
Não concorda	1
Indiferente	2
Concorda muito	3

Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Castelhanos	Otávio	M	62	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	3	1	1	2	2	2
Castelhanos	Silvia	F		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	1	2	2	2
Castelhanos	Erotildes	F	60	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	1	3	2	2	2	2
Castelhanos	Nair	F	40 *	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	1	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	3	1	1
Pr. Vermelha	Andre	M	18	3	3	1	1	3	3	3	1	3	2	2	3	2	2	3	1	1
Pr. Mansa	Laercio	M	52	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	3	1	3	1	3	1	1
Pr. Mansa	Marcelino	M	33	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	3	1	3	1	3	1	1
Pr. Mansa	Rosilda	F	33	3	3	1	1	3	3	1	3	3	3	1	1	3	1	2	1	3
Pr. Vermelha	Manoel	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Pr. Vermelha	Alaíde Rafael	F	35	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1	1
Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	3	3	3	3	1	3	3	3	1	1	3	1	3	3	3	1	1
Pr. Vermelha	Auro Rafael	M	26	3	3	1	3	3	3	3	1	3	3	2	3	3	3	3	1	1
Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	3	1	1	1	3	1	1
Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	1	1	1	3	1	3
Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	3	3	1	1	3	3	1	3	3	3	2	2	2	2	2	1	1
Castelhanos	Mauro	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3	3	1	1
Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	1	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	1	1	3	3	1	1
Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	1	3	1	1

* mais de 40 (não sabe)

Gráfico 17 - Expectativas ambientais: amostra total de entrevistados

	Valoração			
	1	2	3	
Questão 1	3	11	83	1 Este bairro é bom para morar
Questão 2	8	14	75	2 O bairro é agradável/bonito
Questão 3	19	19	59	3 Tem muita gente no bairro
Questão 4	24	18	55	4 Falta comércio no bairro
Questão 5	25	18	54	5 Ele é bom para trabalhar
Questão 6	0	11	86	6 Ele é bom para viver
Questão 7	6	14	77	7 Precisa de melhorias
Questão 8	27	13	57	8 Gostaria de mudar o bairro
Questão 9	6	16	75	Sobre o parque e o lugar
Questão 10	40	22	35	9 A comunidade deveria fazer parte do P.E. Ilhabela
Questão 11	56	20	21	10 O P.E. Ilhabela não é para nós
Questão 12	45	18	34	11 P.E. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
Questão 13	59	17	21	12 O P.E. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
Questão 14	40	16	41	13 O P.E. Ilhabela atrapalha a minha vida
Questão 15	18	29	50	14 O P.E. Ilhabela não influi em nada na minha vida
Questão 16	67	17	13	15 Muitas coisas poderiam ser feitas p/ mudar esta situação
Questão 17	40	19	38	16 Participei do Plano de Gestão Ambiental
				17 Não conheço o plano de gestão do P.E. Ilhabela

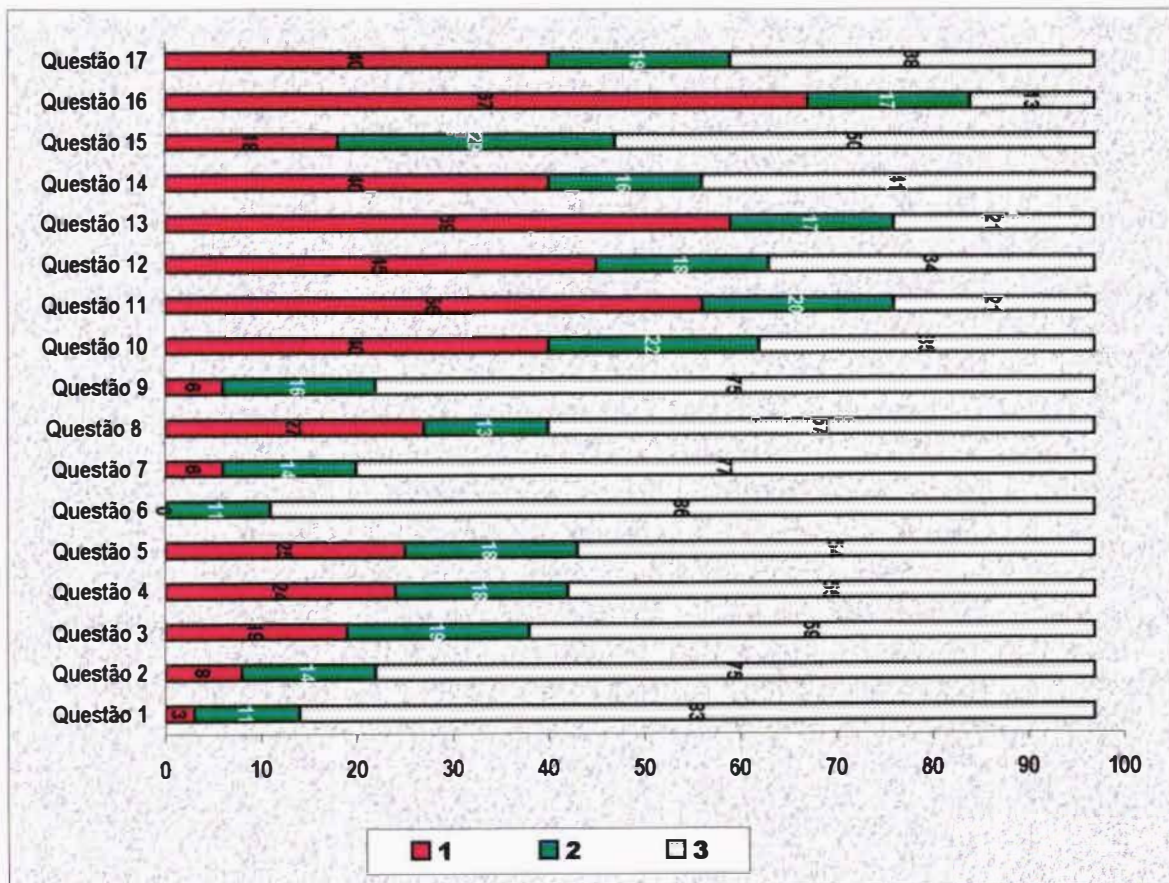


Gráfico 18 - Expectativas ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela

	Valoração			
	1	2	3	
Questão 1	2	2	50	1 Este bairro é bom para morar
Questão 2	7	5	42	2 O bairro é agradável/bonito
Questão 3	7	9	38	3 Tem muita gente no bairro
Questão 4	14	8	32	4 Falta comércio no bairro
Questão 5	17	6	31	5 Ele é bom para trabalhar
Questão 6	0	2	52	6 Ele é bom para viver
Questão 7	4	4	46	7 Precisa de melhorias
Questão 8	13	4	37	8 Gostaria de mudar o bairro
Questão 9	2	4	48	Sobre o parque e o lugar
Questão 10	26	10	18	9 A comunidade deveria fazer parte do P.E. Ilhabela
Questão 11	38	12	4	10 O P.E. Ilhabela não é para nós
Questão 12	24	11	19	11 P.E. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
Questão 13	39	10	5	12 O P.E. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
Questão 14	19	9	26	13 O P.E. Ilhabela atrapalha a minha vida
Questão 15	12	17	25	14 O P.E. Ilhabela não influi em nada na minha vida
Questão 16	42	5	7	15 Muitas coisas poderiam ser feitas p/ mudar esta situação
Questão 17	21	8	25	16 Participei do Plano de Gestão Ambiental
				17 Não conheço o plano de gestão do P.E. Ilhabela

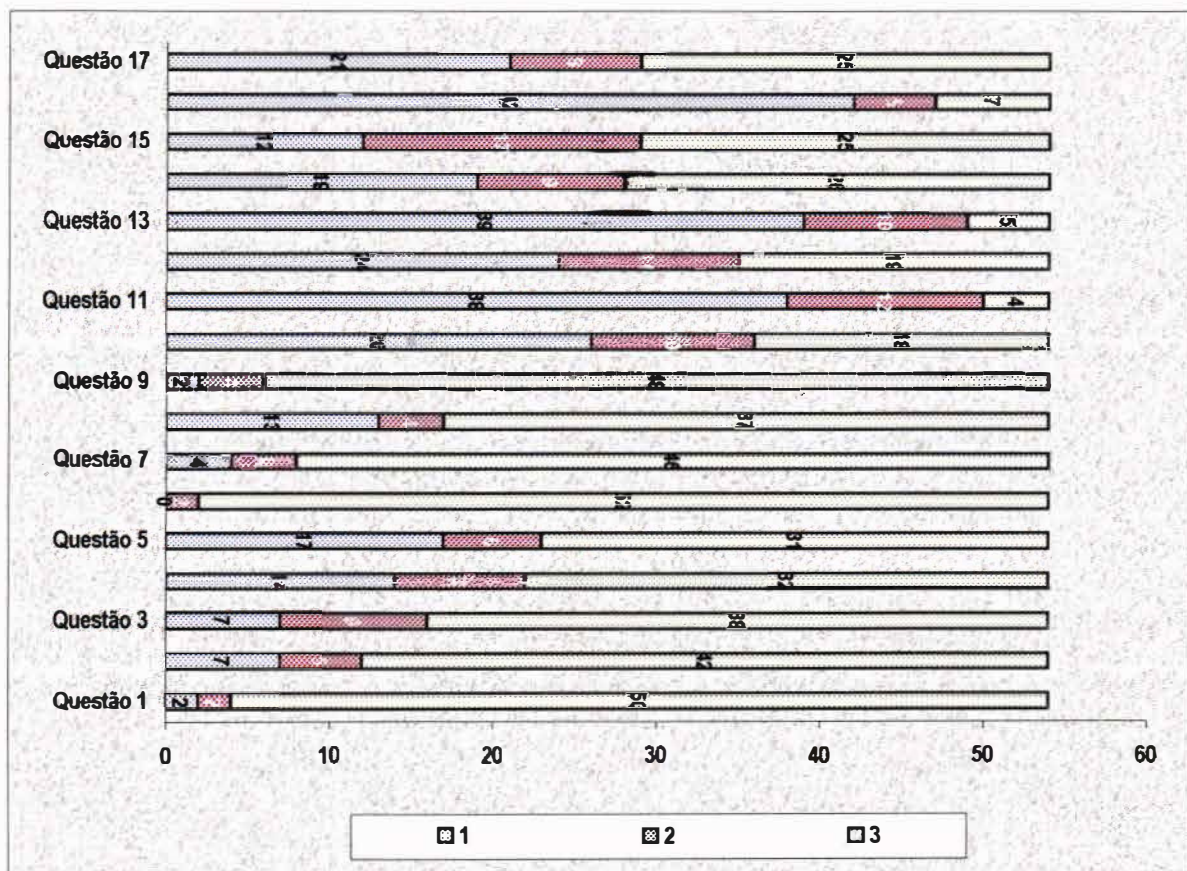


Gráfico 19 - Expectativas ambientais: moradores urbanos nascidos em Ilhabela

Valoração				Questões sobre o lugar
	1	2	3	
Questão 1	0	4	19	1 Este bairro é bom para morar
Questão 2	1	4	18	2 O bairro é agradável/bonito
Questão 3	4	5	14	3 Tem muita gente no bairro
Questão 4	6	5	12	4 Falta comércio no bairro
Questão 5	5	7	11	5 Ele é bom para trabalhar
Questão 6	0	4	19	6 Ele é bom para viver
Questão 7	0	5	18	7 Precisa de melhorias
Questão 8	8	5	10	8 Gostaria de mudar o bairro
Questão 9	1	5	17	Sobre o parque e o lugar
Questão 10	10	6	7	9 A comunidade deveria fazer parte do P.E. Ilhabela
Questão 11	14	4	5	10 O P.E. Ilhabela não é para nós
Questão 12	11	4	8	11 P.E. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
Questão 13	17	2	4	12 O P.E. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
Questão 14	11	3	9	13 O P.E. Ilhabela atrapalha a minha vida
Questão 15	6	6	11	14 O P.E. Ilhabela não influi em nada na minha vida
Questão 16	11	7	5	15 Muitas coisas poderiam ser feitas p/ mudar esta situação
Questão 17	7	6	10	16 Participei do Plano de Gestão Ambiental
				17 Não conheço o plano de gestão do P.E. Ilhabela

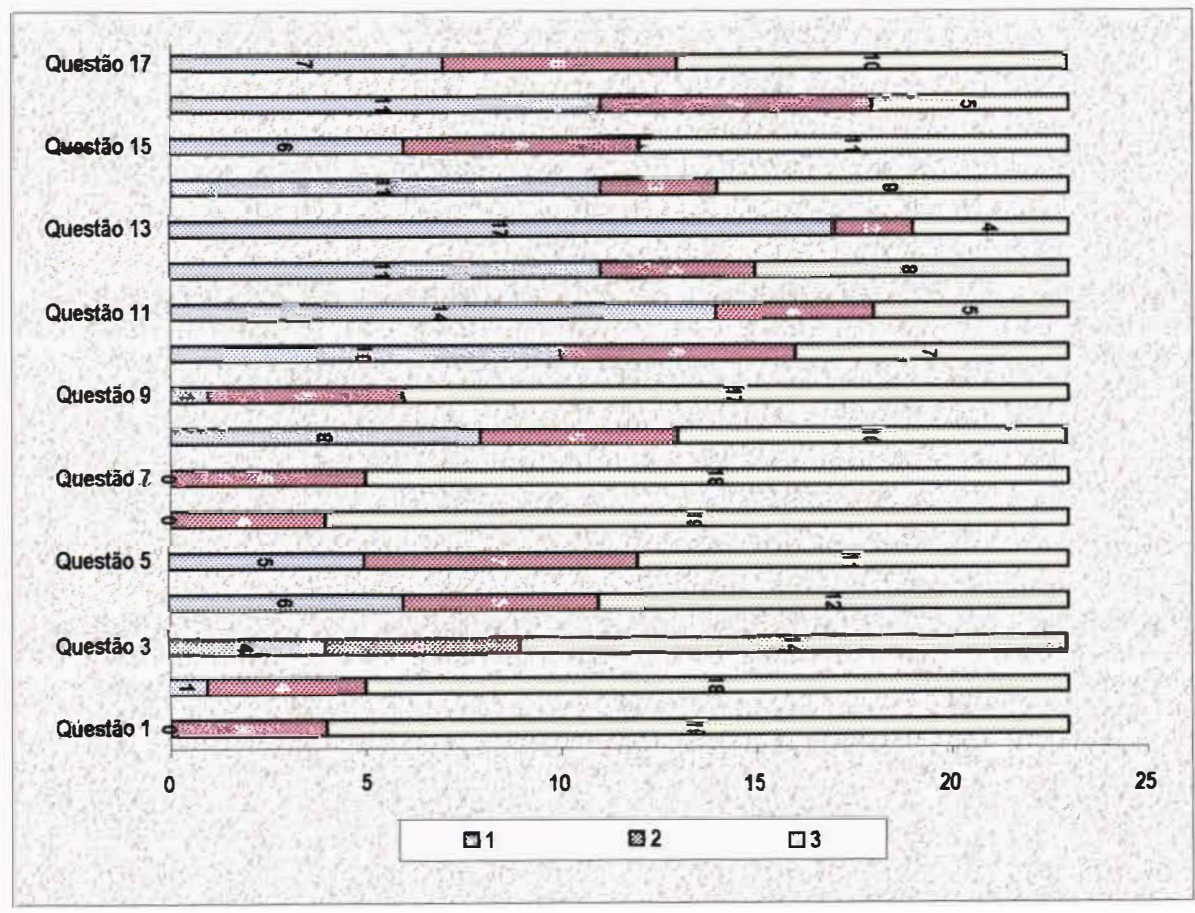
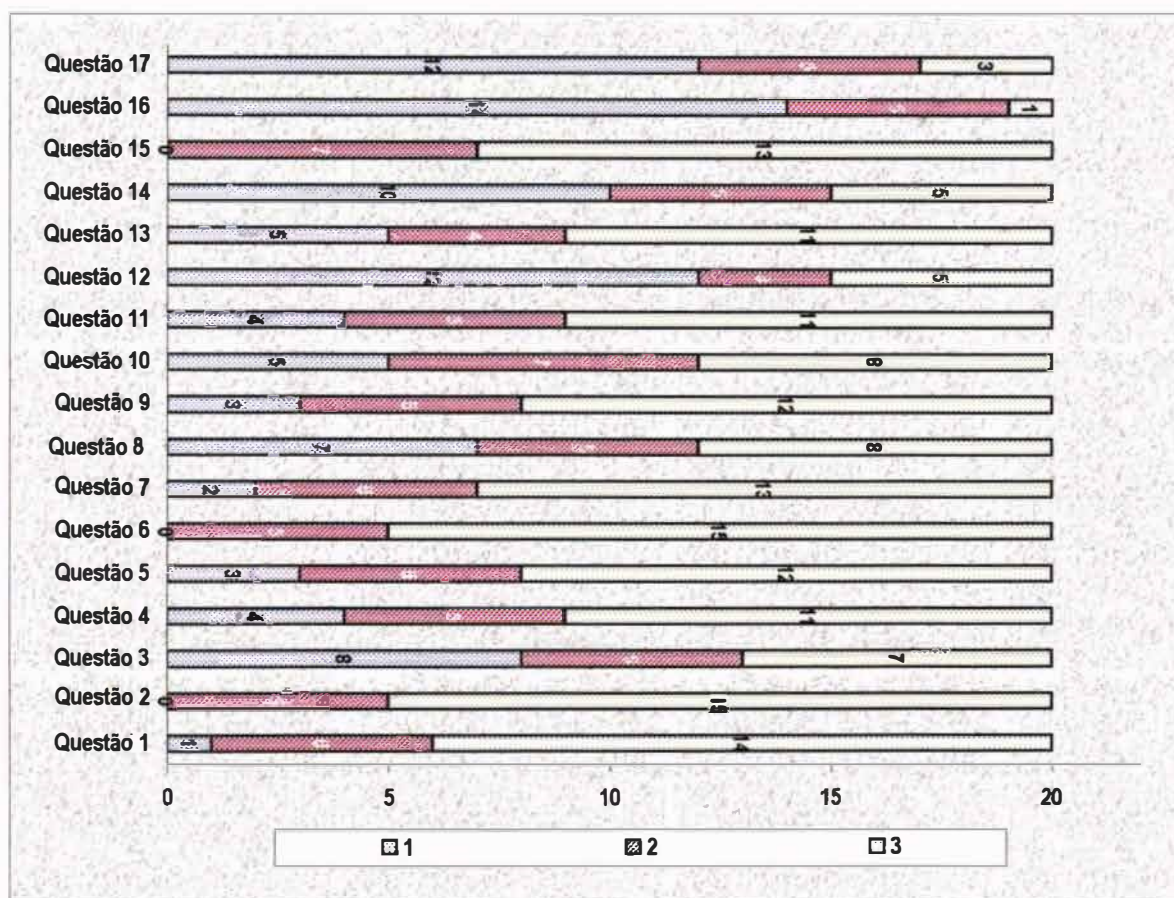


Gráfico 20 - Expectativas ambientais: comunidades de pescadores

Valoração			
	1	2	3
Questão 1	1	5	14
Questão 2	0	5	15
Questão 3	8	5	7
Questão 4	4	5	11
Questão 5	3	5	12
Questão 6	0	5	15
Questão 7	2	5	13
Questão 8	7	5	8
Questão 9	3	5	12
Questão 10	5	7	8
Questão 11	4	5	11
Questão 12	12	3	5
Questão 13	5	4	11
Questão 14	10	5	5
Questão 15	0	7	13
Questão 16	14	5	1
Questão 17	12	5	3

Questões sobre o lugar	
1	Este bairro é bom para morar
2	O bairro é agradável/bonito
3	Tem muita gente no bairro
4	Falta comércio no bairro
5	Ele é bom para trabalhar
6	Ele é bom para viver
7	Precisa de melhorias
8	Gostaria de mudar o bairro
Sobre o parque e o lugar	
9	A comunidade deveria fazer parte do P.E. Ilhabela
10	O P.E. Ilhabela não é para nós
11	P.E. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
12	O P.E. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
13	O P.E. Ilhabela atrapalha a minha vida
14	O P.E. Ilhabela não influi em nada na minha vida
15	Muitas coisas poderiam ser feitas p/ mudar esta situação
16	Participei do Plano de Gestão Ambiental
17	Não conheço o plano de gestão do P.E. Ilhabela



Proteção e Responsabilidade

As atitudes e as decisões tomadas em sociedade fundamentam-se em múltiplos aspectos ligados as trajetórias históricas, aos vínculos culturais, aos valores atitudes que deles decorrem, a organização política, etc. Pode-se dizer que as atitudes estão assentadas no campo dos valores culturais, sociais e ambientais, produto de inúmeras experiências coletivas e individuais. Os valores também partem daquilo que, no paradigma greco-ocidental se denominou *pathos*, ou seja, do sentimento de base pelo qual somos afetados e afetamos tudo que nos cerca.

O comportamento social tem em seu conjunto uma estrutura básica de existência enquanto ser-no-mundo junto com outros em permanente inter-retro-relacionamento (Boff, 2000: 101).

Segundo diferentes autores a conservação socioambiental deve partir de ações e atitudes de respeito adequadas à natureza, entendendo que o homem pertence a mesma. Portanto decorre de uma atitude de respeito pelo próprio ser humano. Não se aprende a respeitar o outro quando se é, sistematicamente, desrespeitado. O respeito adequado a natureza parte de um auto-respeito e de um respeito mútuo.

Através de duas questões que foram colocadas para os moradores entrevistados procurou-se delinear primeiro qual é a visão de compromisso e responsabilidade perante a ilha. Primeiramente foi feita uma relação geral da diversidade de respostas e depois as diferenças de visão entre elas (tabelas 61 e 63). Neste sentido procurou-se visualizar as expectativas também nas diferentes etapas da vida.

1. Levantamento da diversidade de respostas.

❖ Proteção

Como cuidar da Ilhabela?
+ Preservando a natureza
+ Atraindo turistas
+ Respeitando as comunidades caiçaras mantendo suas tradições
+ Fiscalizando o meio ambiente
+ Melhorando a infra-estrutura da cidade
+ Conscientizando o povo
+ Controlando a poluição
+ Controlando o turismo e o turista
+ Cuidando da Estrada dos Castelhanos
+ Cuidando do emprego (trabalho)
+ Tratando do problema do lixo
+ Amando a ilha
+ Continuando a pescar (não deixar que ela desapareça)
+ Administrando de modo competente que cuide da ilha
+ Plantando mais árvores

Pelo conjunto de respostas para cuidar da ilha ou protegê-la deve-se conservar a natureza, mas ao mesmo tempo agir nas questões sociais que, no cotidiano, preocupam os moradores e que, indiretamente, incorrem em comprometimento da conservação da natureza. Em suas descrições os ilhéus disseram que proteger a ilha significa atuar sobre a questão do turismo, atividade considerada essencial por todos os moradores. Mas o turismo que acontece hoje exclui vários segmentos sociais, gera lixo e outros impactos ambientais, tais como o desmatamento. Sem distinção sociocultural os moradores entrevistados demonstram uma atitude reivindicativa julgando importante cuidar do lugar onde moram, limpando e às vezes se dispondo a tomar pra si a tarefa de cuidar do ambiente, por exemplo do lixo, um dos principais problemas ambientais da ilha.

"é o que eu digo, o ser humano só se sente humano, quando cuida das coisas. Em São Paulo não se tem zelo por nada. Não tem qualidade de vida. Tem que ter zelo de orientar os turistas." (Alba Lúcia de Freitas, 49 anos - Saco da Capela)

Há no entanto uma questão que deveria ser importante nas discussões de planejamento, tanto da ilha como dos do parque estadual. O turismo é a atividade dinâmica atual, identificada em diferentes segmentos socioculturais na ilha (ver adiante). No entanto os moradores reclamam profundamente do modo como ele se caracterizou na ilha. É um turismo excludente, invasivo, desrespeitoso com o morador e isolacionista e que degrada a natureza.

Para muitos ilhéus os grupos de vela, os grupos de *Bike*, os grupos dos condomínios, etc invadem a ilha, pois são atraídos de diferentes maneiras. Mas a indústria turística segue as tendências econômicas mais gerais, que desprezam e não se subordinam a um modelo cívico. Um modelo cívico se fundamenta em componentes essenciais que são a cultura e o território. O turismo que valoriza o consumo produtivo do espaço não parte de um modelo cívico, parte de um modelo econômico. Segundo Santos (1987: 5)

"Numa democracia verdadeira é o modelo econômico que se subordina ao modelo cívico. Devemos partir do cidadão para a economia e não da economia para o cidadão."

"O componente cívico supõe a definição prévia de civilização que se quer, o modo de vida que se deseja para todos, uma visão comum do mundo e da sociedade, do indivíduo enquanto ser social e das suas regras de convivência."

Na Ilha de São Sebastião a atividade turística parte de sua importância econômica e não do cidadão. Daí não se respeitar nem as pessoas, quanto mais a cultura e o ambiente. Esses se tornam igualmente objetos do consumo desta atividade.

Responsabilidade

Quem deve cuidar da Ilhabela?

- + o povo
- + a prefeita
- + as entidades
- + os próprios caiçaras
- + os moradores com ajuda do governo
- + todos nós
- + a marinha
- + vereadores e empresários
- + nós, nossos filhos, nossos netos
- + a florestal
- + Secretaria do Meio Ambiente
- + Não sei
- + Quem mora. Quem nasceu
- + Moradores e pessoas que freqüentam a ilha
- + Ninguém
- + A prefeitura e as pessoas que tem dinheiro para cuidar
- + Ninguém está cuidando
- + Os donos da reserva
- + O turista e os moradores

"A cidadania, sem dúvida se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito enraizado na cultura" Santos, op cit., 1987: 7

Uma sociedade civil cidadã existe quando atua como um corpo social que existe porque há pessoas ciosas dos seus direitos, e existe a despeito do Estado (Santos, 1987 op. cit.: 10).

Na diversidade de respostas a responsabilidade pelo cuidar da ilha foi atribuída a todos. Muitos entrevistados atribuíram a si mesmos a responsabilidade em relação à proteção da ilha. Contudo o maior número de respostas atribuiu a responsabilidade a prefeitura e a aos governantes de um modo geral.

A diversidade de respostas deveria um aspecto fundamental na condução das estratégias conservacionistas na ilha. Há um sentimento participativo em muitos entrevistados. A dimensão democrática é percebida na fala dos entrevistados. Há

também descrédito nos governantes. Para alguns permanece o medo dos governantes. Chama a atenção o fato de que para alguns a ilha é de fato dos moradores nativos. Há co-responsabilidade quando se expande a proteção também para o turista.

As respostas parecem transferir a responsabilidade ao governo eleito. Isto pode ser conseqüência da nossa cidadania atrofiada como diz Santos (1987: 10) onde se atribui ao Estado capitalista o poder sobre os indivíduos a título de promover a 'saúde' econômica e assim preservar o futuro. Mas diante de descrédito e das não-políticas A questão da proteção fica de certo modo órfã.

"A plena realização do homem, material e imaterial, não depende da economia, como hoje entendida pela maioria dos economistas que ajudam a nos governar. Ela deve resultar de um quadro de vida, material e não-material, que inclua a economia e a cultura. Ambos tem que ver com o território e este não tem apenas um papel passivo, mas constitui um dado ativo, devendo ser considerado como um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade".

É no território tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta. Mudanças no uso e na gestão do território se impõem, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania que nos ofereça como respeito à cultura e como busca de liberdade (Santos, 1987: 6)

Atitudes que se diferenciam conforme o grupo.

Analisando as respostas dos entrevistados por agrupamento de moradores urbanos e das comunidades e nascidos e migrantes, coloca-se que para proteger a ilha um cuidado básico é com a preservação ambiental e o saneamento. Isto coincide com constatações já apresentadas em diagnósticos realizados para o litoral brasileiro. O PNMA (MMA,1995), em diagnóstico feito para toda a costa brasileira, identifica que o principal problema ambiental de toda a costa se refere ao saneamento básico (fundamentalmente a questão do esgoto e do lixo).

Os moradores de um modo geral indicam 4 atitudes básicas: conservar a natureza (principalmente as matas), respeitar a cultura local (em especial a caiçara),

atender aos problemas de saúde (construção de hospital e atendimento às comunidades), realizar obras (asfaltar ruas, perenizar a estrada dos Castelhanos, etc).

Tabela 64 - Quadro de palavras-chave indicadas no questionamento sobre a proteção da Ilha

<i>Moradores Urbanos nascidos na ilha</i>	<i>Comunidades</i>	<i>Moradores urbanos não nascido na ilhas</i>
Amor a ilha	Cultura caiçara	Controle de construções
Cultura caiçara	Obras (estrada)	Controle da migração
Obras (asfalto, hospital).	Saneamento	Controle do turismo
Preservação da natureza	Saúde	Cultura caiçara
Saneamento (lixo)		Educação
Saúde		Emprego
		Preservação da natureza
		Saneamento
		Saúde

Para os moradores nascidos e nas comunidades as falas recorrentes são sobre o respeito à cultura. Assim temos quanto à proteção os seguintes destaques sobre a proteção da ilha:

"mantendo as tradições caiçaras. Estes saberiam dar a forma! As leis não foram feitas para aqui. Não são para aqui. Não se pode fazer nada. Nenhuma maneira de regular a migração." (Sr. Zé Carlos, 38 anos, trabalha com manutenção de barcos, morador urbano, nascido na Ilha - Saco da Capela)

"Deixando a gente viver" (Laércio, 52 anos, pescador, Pr. Mansa.)

"Acho que é continuando a pescar (muitos já largaram a pesca). Melhorando a estrada e isso quem deveria melhorar é a prefeita. " (Angélica, 25 anos, operadora de rádio, Pr. Mansa.)

Para os moradores urbanos distingue-se a preocupação com a "invasão turística" e a migração.

A responsabilidade em relação a ilha foi atribuída a todos, entendendo-se como todos inclusive aqueles que visitam a ilha: os turistas.

Neste sentido é importante perceber que pelo menos no discurso, os moradores entrevistados têm consciência da necessidade de participar. Na verdade percebemos em conversas informais que os ilhéus tem tido muita disposição e maturidade para participar ativamente das questões que mais de perto atingem o seu cotidiano. Contudo muitos reclamam que os governantes não estão abertos a esta disposição. Em relação ao PEib, por exemplo, uma reclamação colocada pelos pescadores que participaram das oficinas do Plano de Gestão Ambiental é que o "governo" nunca mais voltou para dizer que seqüência tiveram as suas reivindicações e co-responsabilidades quanto ao planejamento do parque. Segundo Da. Leopoldina (representante da comunidade de pescadores nas oficinas) ninguém aparece para dizer o que está acontecendo. De fato pudemos constatar que o compromisso e a responsabilidade pelas decisões não vêm sendo correspondidos com a comunidade.

Neste caso específico a SMA-SP, através do Instituto Florestal vem dando prosseguimento ao plano de manejo em gabinete, e segundo informações pessoais que obtivemos da própria Secretaria, nunca mais reuniram os representantes dos moradores, que participou das oficinas de planejamento do PGA. Procurando checar esta informação ouvimos do IF-SMA que tem havido alguns contatos com alguns segmentos, mas que de fato por questões políticas vem ocorrendo descontinuidade no andamento da "gestão participativa"

Neste sentido buscando olhar o modo como a participação política acontece e auto-imagem dos ilhéus em relação a sua participação, pode-se reafirmar que prevalece o exercício de uma cidadania mutilada, subalternizada e muito longe de ser de fato um exercício pleno de direitos.

Alguns políticos locais reclamam que não existe organização civil para a política. No entanto percebemos uma significativa conscientização do papel do cidadão nas decisões e suas responsabilidades pela definição dos caminhos tomados. O cidadão também se vê impotente para de fato influir, pois os canais institucionais não estão plenamente democratizados. Temos uma participação de referendums, arregimentada pelo estado, que já vem com os "pratos" prontos para que o cidadão escolha o que vai pela "garganta" abaixo. Constitui-se o que Santos (1987:26) denomina uma pseudodemocratização, que não parte de um novo modelo cívico.

"Um modelo cívico, sobretudo em um país como o nosso - em que a figura do cidadão jamais teve apreço verdadeiro - exigirá, como premissa indispensável, essa coragem de ser que a nossa civilização parece coibir e até proibir. (Santos, 1987: 99)".

No entanto as sementes para um novo modelo cívico estão em todos os lugares. Com maiores ou menores possibilidades a consciência vem se ampliando a partir de situações concretas e adversas como a que vivem os moradores de Ilhabela, sejam eles urbanos ou das comunidades. Percebe-se um amadurecimento tanto no entendimento das questões como dos vínculos entre elas. Mesmo que essa conscientização seja desigual ela é uma semente.

"O cidadão é multidimensional. Cada dimensão se articula com as demais na procura de um sentido para a vida. Isso é que dele faz o indivíduo em busca do futuro, a partir de uma concepção de mundo, aquela individualidade verdadeira no dizer de V. Ollman, dotada de uma nova sensibilidade, rompida, com a "sensibilidade mutilada" descrita por Marcuse (Marcuse, 1973:74-75), quando se refere à sociedade existente como reproduzida não apenas na mente, na consciência do homem, mas também nos seus sentidos (...) "até que a familiaridade opressiva com o mundo objetual seja quebrada". (Santos, 1987: 41-42)

Mas como a luta é entre desiguais, há muito desencantamento também, principalmente entre aqueles que efetivamente vem participando da política local há mais tempo. Pensando nessas idéias fica em aberto uma profunda necessidade de análise a respeito das razões que distanciam a palavra da ação.

Valor ecológico: preservação X conservação

Quais atitudes estarão efetivamente influenciando na conservação e no respeito às diferenças socioambientais na ilha? Como considerar as diferentes maneiras de viver nos objetivos da conservação? Qual é a expectativa em relação ao futuro? Estas questões foram analisadas a partir de três perguntas apresentadas aos entrevistados:

- ▶ O que significam a mata e o mar para você? (tabela 65)
- ▶ Como as pessoas devem usar a ilha? (tabela 65)
- ▶ Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje?(tabela 66)
- ▶ Você acha que no futuro ela será como hoje? (tabela 66)

Para analisá-las agrupou-se os entrevistados da seguinte maneira. Primeiro analisou-se todas as respostas e listamos quais foram os valores e as preocupações mais frequentes entre os entrevistados. Em seguida analisamos por faixa etária as respostas de moradores nascidos e não nascidos na ilha. Assim obtivemos o seguinte:

As respostas da maioria dos entrevistados em relação à mata e o mar revelam que de fato a mata e o mar são os dois principais símbolos da natureza da Ilha. Os moradores em sua grande maioria valorizam o mar como meio de provimento. Além de belo, o mar é fonte de alimento e lazer. Quanto à mata as respostas variaram muito. Mas pode-se afirmar que a maioria dos entrevistados ressaltou algum aspecto ecológico, estético, e também pelos atributos como a água, os pássaros, etc.

Nas comunidades acrescentou-se, como era de se esperar, a mata como fonte de recursos para sua principal atividade: a pesca. É curioso observar que os mesmos aspectos estéticos aparecem para todos os moradores. Podendo-se afirmar que a imagem construída mais forte é de que a mata representa beleza e saúde.

Os entrevistados de um modo geral apreciam o mar e a mata assim como ela é hoje e querem que suas gerações futuras os conheçam da mesma forma. Contudo são pessimistas em relação a sua conservação. Isto talvez porque no espaço de tempo de sua geração estão testemunhas de mudanças e degradação. A mais evidente aparece nas respostas quando se referem aos danos que o lixo e intenso turismo dos últimos anos trouxeram a ilha.

É possível também perceber filtros perceptivos que continuam presentes nos depoimentos das comunidades e dos moradores urbanos. O primeiro destacando sua relação de sobrevivência tanto com o mar como com a mata e o segundo sua afetividade, seu valor estético.

Analisando todos os entrevistados em conjunto temos as seguintes palavras-chave para as questões formuladas:

► O que significam a mata e o mar para você?

<i>Mar</i>	<i>Mata</i>
Beleza	Água limpa
Calma	Beleza
Deus	Conservar
Economia	Deus
Medo	Natureza
Peixe	Pássaros
Perigo	Passeio
Pesca	Plantação
Respeito	Respeito
Riqueza	Saúde
Saúde	Vida
Sustento	
Trabalho	
Vida	

► Como as pessoas devem usar a ilha?

Foram mais freqüentes as seguintes idéias:

Através do turismo
Cuidando
Do jeito que querem usar
Limitar as pessoas que frequentam a ilha
Não jogando lixo
Obedecendo as leis
Os turistas sujam a ilha
Pessoal daqui cuida melhor
Preservando a mata
Respeitando a natureza
Respeitando quem é daqui
Sem drogas e sem violência
Turismo ecológico

Nesta questão do uso, quase todos os entrevistados se reportaram a questão do lixo, relacionando de alguma maneira o problema ao turismo.

- ▶ **Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje?**
- ▶ **Você acha que no futuro ela será como hoje?**

Agora tem as drogas
As coisas evoluem
Era um paraíso
Vai continuar com sua natureza
Vai melhorar
Vai mudar
Vai piorar
Vai ser mais destruída
Vai ser uma cidade grande
Vai ter superpopulação

Quando analisada a expectativa futura por faixa de idade temos que os entrevistados com menos de 20 anos, nascidos ou não na ilha acreditam que a ilha vai melhorar. Os adultos de 21 a 30 anos, diferem em suas respostas. Os nascidos na ilha são mais otimistas em relação ao futuro do que os migrantes. Muitos afirmaram que a ilha vai piorar e tem dúvidas quanto à conservação da ilha para as gerações futuras. Comparam o presente com o momento de sua chegada à ilha e constataam mudanças. Os adultos da faixa etária de 31 a 40 anos, respondem que a ilha vai mudar e apenas um morador nascido na ilha relacionou a conservação ao fato da ilha ser um parque.

Acima de 40 anos as respostas se reportam a saudade do tempo passado e valorizam o que a ilha já foi enquanto ambiente e paisagem. Mesmo assim são otimistas em relação ao futuro, colocando muitas vezes que isto está nas mãos de governantes, turistas e moradores.

Em relação ao valor ecológico e conservação. Os moradores nascidos na ilha mais jovens relatam na entrevista sua ligação com o lugar e identidade construída. Revelam também que olham o "estrangeiro" ou o turista como o que usa mal a ilha e a degrada.

Como as pessoas devem usar a ilha?

"Pra mim acho que só os moradores, pois os turistas sujam demais, acabam, quebram plantas, casas. Não todos." (Valdinéia, 18 anos nascida na Ilha - Bairro Água Branca)

"Não deveriam deixar lixo, no lugar que eles acampam. Incomodam muito" (André, 18 anos, nascido na ilha - Praia Vermelha)

"Do jeito que usam lá. Pois tem gente que vem visitar e deixam sujeira. Ele tem que deixar do jeito do lar deles. Tem gente que pensa que só porque é a ilha pode sujar" (Cilene de Souza, 20 anos nascida na ilha - Praia Vermelha)

O lixo é uma preocupação mais presente quando se aborda a relação entre o morador e o turista, também nas demais faixas de idade. Sendo o fato que mais incomoda os moradores entrevistados.

Nas faixas de idade de 21 a 30 anos tanto o morador nascido como o migrante associa o comportamento diante da natureza com a conservação, utilizando-se de expressões como não destruir, preservar, dignidade, não depredar, etc.

Já no segmento de 31 a 40 anos os moradores nativos da ilha relacionam o respeito ao morador caiçara e seu modo de vida, como um fato a ser considerado no uso da ilha. Associa-se o valor ecológico ao valor cultural, representado pelas comunidades. Para o não nascido a preocupação central é em relação ao controle do fluxo de pessoas em temporada, pois dele decorre o desabastecimento da ilha, aumento do custo de vida, a violência.

O conteúdo das respostas é semelhante nos demais segmentos, ressaltando-se que o conflito entre morador e turista é o principal tema levantado tanto pelos nascidos na ilha como pelos migrantes.

Preferências ambientais: a auto-imagem de participação

Uma dos discursos centrais das políticas públicas ambientais é quanto ao seu compromisso com a democracia e portanto com a participação. No entanto temos

visto o tratamento que os governantes tem dado aos movimentos sociais, que a todo o momento lutam pelas liberdades democráticas e que são tratados como "agitadores". A rigor o governo "participativo" tem considerado todo ato que vem do povo como "anti-democrático". Como vamos julgar os atos de violência cometidos pelo Estado, que cria políticas públicas injustas, que efetivamente condena a miséria milhares de pessoas? Qual o significado da participação democrática em cenários onde prevalecem as não-políticas de saúde, educação, moradia, etc.?

É impossível aprender cidadania sem vivenciar processos democráticos. Neste sentido quando analisamos as políticas conservacionistas nos últimos anos vemos que houve claramente um processo de participação tutelada pelo estado. Não podemos dizer que houve efetivamente democratização das decisões. Os projetos políticos são construídos sem a participação efetiva dos principais atingidos pelas políticas públicas. O voto não dá ao governante, muito menos aos técnicos e funcionários de instituições a carta branca para suas ações.

Na questão ambiental é inegável que muitos avanços se deram, quanto a divulgação de informações, mas o processo participativo nas decisões de planejamento não são democráticos. Do lado do governo sempre se afirma que a sociedade não está preparada (ou organizada) para poder tomar decisões. De fato, faltam informações e conhecimentos sobre tudo (legislação, caminhos burocráticos do poder, etc). Além disso as políticas brasileiras são projetadas para curtos períodos de gestão política, o que faz muitos processos de discussão acompanharem calendários eleitorais e não propriamente das ações transformativas necessárias. Transformações se fazem no tempo da conjuntura. O tempo que se precisa para se inteirar, refletir sobre uma decisão a ser tomada, e participar, é outro. Além disso tivemos um longo período de abortamento dos embriões de exercício democrático. Mas isto não quer dizer que não exista consciência da necessidade de maior participação nas decisões.

Após a conversa sobre o parque e seu plano de gestão que já está em vigor desde 1998, propusemos aos entrevistados a análise de três cenários de participação para avaliar a concepção e auto-imagem de compromisso com o Plano de Gestão Ambiental do parque. Sugerimos os seguintes cenários:

Opção A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão fazer um Plano de Gestão Ambiental do PE. Ilhabela e nele nós teremos pouca influência.

Opção B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro.

Opção C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão Ambiental do P.E. Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém

Na **opção A** enfatiza-se uma transferência das decisões para o governo, num modelo cívico não participativo. Na **opção B** enfatiza-se um modelo cívico de participação onde a comunidade é fundamental nas decisões. Na **opção C** procuramos identificar a credibilidade nas políticas públicas ambientais.

Os dados foram organizados nas **tabelas 67 a 71** e no gráfico **20** que mostram os resultados destas preferências. A maior preferência (valor 3) teve uma escolha sempre abaixo de 40% das respostas. Sendo a opção C, com 34% das respostas, a preferida pelos entrevistados.

A menor preferência (valor 1), obteve o maior número de respondentes, sendo a opção B a que recebeu maior número de respostas com 49,48%.

Foram indiferentes a qualquer cenário 25% a 32% dos entrevistados. Os entrevistados foram mais indiferentes à opção A.

Há um descrédito de que o estado tenha efetivo interesse em implantar um plano de Gestão Ambiental do PE. Ilhabela mesmo que isso seja bom (opção C). Por outro lado esse plano mudaria bastante a situação dos moradores da ilha se todos participassem, mas isso não é o que pensam os entrevistados que não acreditam em planos participativos de governo.

Diante desses resultados e de entrevistas feitas com representantes do poder local (vereadores e pessoas vinculadas a partidos políticos em Ilhabela) e representantes da comissão que atuou nas oficinas do PGA é possível inferir que:

Embora o PGA seja desconhecido da maioria dos moradores, em tese, planos são feitos e não seguidos. O que de certo modo vem acontecendo com o PGA, que embora tenha uma versão oficial publicada, já sofreu mudanças e, muitos itens aprovados pelos moradores, não vem sendo priorizados no estudo de manejo.

Por outro lado os resultados demonstram que há noção de que vivemos uma época onde se pode e deve participar das decisões de governo, mas não se acredita no governo. Os moradores, ainda que participem não tem poder de influir nestes planos (opção C).

Vale lembrar que muitos entrevistados criticam vorazmente a atual gestão da prefeitura de Ilhabela, confundindo poder local com poder do estado. Isto é comum entre a população que confunde os dois poderes quando eles incidem sobre um mesmo território, e principalmente quando sua ação é contraditória. Em conversas com moradores de Castelhanos pudemos constatar isso.

"Em tempo de eleição eles prometem, mas é só até o dia da eleição. Chegou o dia da eleição acabou, não tem carro para trazer o povo. Desde o primeiro dia que eles vieram aqui é assim...

*Desde criança trabalhei na roça, mas hoje não trabalho mais. Meu filho tava fazendo uma canoa aqui em cima e eles vieram ai, passaram 5 vezes pra lá e pra cá. Entravam como polícia e não tiveram a consideração de falar com o rapaz que tava lá embaixo consertando uma cerca. Eles entraram aí e fizeram uma espécie de roubo... tiraram as ferramentas dele e a canoa. E foi o primo dele que **caguetou**. Há uns três anos eu ainda tava melhor da vista. Eu pedi um pau pra fazer canoa. Eu pedi essa madeira pra mim fazer uma canoa. É uma Inga que tá amarelando... é pra lá da praia Mansa. O senhor faz um requerimento e espera até vim a autorização. Veio o fiscal, a prefeita. Mostraram pra prefeita e disseram pra prefeita. Oh! Aquela arvore ali o Sr. Que mora aqui, disse que ela vai morrer e ele pediu ela pra fazer canoa e a prefeita só fez um ar de riso.*

Desde o tempo que a gente veio ao mundo...toda vida a gente viveu nesse lugar e antigamente a gente podia fazer canoa e hoje em dia eles dizem vai procurar quando cai uma árvore... pode? Mas eu já disse que uma árvore tombada não adianta porque estraga.

Ah! Aqui mesmo num chegou ainda, mas lá no Perequê já chegou ordem que não pode pegar nem uma arvorezinha fina pra fazer lenha. Você vai no mato com o

facção e corta uns galhos pra fazer lenha e vem a florestal e tomo até as ferramentas. A senhora sabe da última? Até advogado da prefeitura eu fui lá e trouxe aqui pra deixarem eu plantar.

Eu tenho vergonha de mim mesmo pra andar, passa gente e olha pra mim e pensam que bebo, mas minha bebida é água..(Sr. João Lúcio de Jesus, 63 anos mora em Castelhanos tem um problema nas pernas que o faz caminhar de modo tropego. Para os turistas e gente de fora às vezes o tomam por bêbado fato constrangedor para ele)

Tabela 61 - Proteção e Responsabilidade

No.	Local	Nome	S	Id	Como cuidar da Ilhabela	Quem deve cuidar da Ilhabela
1	Saco da Capela	Roberio	M	22	Preservar o verde. O verde atrai os turistas	a população, a prefeitura, entidades
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	preservar não jogar lixo nas praias, no mar preservar fauna e flora	os políticos não cuidam. Concientizar o povo eles cuidam melhor que os políticos
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Respeitar as comunidades. Precisa melhorar a vida de quem mora aqui (o P. S. Santa Casa, escola, etc.). Não destruindo, cuidando mais da limpeza.	A prefeitura
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Investir na fiscalização do meio ambiente, sanitária	o município, o Estado e a população
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	mantendo as tradições dos caçaras. Estes saberiam dar a forma! As leis não foram feitas para aqui. Não são para aqui. Não se pode fazer nada. Nenhuma maneira de regular a migração	Os próprios caçaras
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considere	não considere
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	implantando uma infra-estrutura melhor para a cidade	A prefeitura
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	é o que digo, o ser humano só se sente humano quando cuida das coisas. Em São Paulo não se tem zelo por nada. Não tem qualidade de vida. Tem que ter zelo de orientar os turistas	nós mesmos. Os munícipes, as pessoas que pensam o que vão fazer, qual é o plano diretor? Quero saber
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	fazendo melhorar a cidade	o prefeito
10	Pequeá	Carlos	M	61	concientizar o povo (educação)	os moradores com ajuda do governo
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	O que pode fazer, é a prefeitura limpa o que atrapalha atrapalha aqui é a molecada quebra tudo.	O prefeito vem e entra deve olhar e mandar fazer algumas coisas eles não conseguem. Mas a comunidade cuida em várias áreas de todos nós
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Conservando a mata, a floresta tem muitos bichos em extinção	todos nós
13	Av. Cel Faria Lima	Angeio	M	52	Eles deviam primeira mente segurar nas balsas o acesso, não deixar os turistas invadirem. Fica pior que São Paulo	Quem cuidaria devia ser a marinha, depois que passou prefeito passou a virar bagunça e no final a ilha bagunçou tudo
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	Peio menos os moradores cuidam, os turistas não. Eles devem trazer saquinhos quando vierem as praias	moradores e o prefeito
15	Vila	Francelcio	M		deveria ter hospital	prefeitura
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Tem muita coisa a fazer, por exemplo a estrada dos Castelhanos teria que ser arrumada	Em primeiro lugar o prefeito e os vereadores e os empresários que tem casa
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	Nenhum brasileiro nem governo brasileiro, alemão, sueco, americano. Asfaltar, calçar, sanear, dar trabalho, principalmente no turismo. Era para ser o paraíso, o jardim. Era para ser divino arrumado	não disse
18		Pedro	M	53	Depende muito de nós, principalmente dos governantes. Ela ajuda nós e nós ajuda ela	Governantes e moradores
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	Cuidar como se fosse de si mesmo	nós, nossos filhos. Nossos netos
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	nós, o povo	nós, o povo
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	É prefeito que tem que olhar	não disse
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	não disse	O governo não tem feito
23	Perequê	Justina	F	45	melhorando a vida da gente, sabe tá tudo muito largado todo mundo faz o que quer	a prefeita e a gente
24		Lázaria	F	50	Evitando derrubar as matas, por fogo. Ajudar a cuidar da cachoeira, os prefeitos não fazem muito	nós todos
25	Barra Velha	Regina	F	54	Administrando, saúde, educação	É difícil, deve ser o governo
26	Água Branca	Palmira	F	39	Sei lá, abrir mais espaço para emprego. Criar mais hospitais, médico, dentista, tudo	Prefeito
27	Perequê	Ceará	M	31	Devem cuidar de tudo, para não destruírem a natureza	A floresta, pra natureza ser preservada
28	Barra Velha	Edson	M	26	A ilha deve ser cuidada com amor e carinho dedicação de quem vier pra cá não querer mais ir embora	A secretaria do Meio Ambiente. A prefeitura não faz nem calçamento
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	Não deixar lixo jogado. Ter a ilha muito limpa. Quando chegar gente de fora ver aqui limpo	Nós. Nós mora aqui tem que cuidar dela
30	Água Branca	Luciene	F	23	Ela deveria colocar mais emprego, pois tá com muita falta	a prefeita
31	Saco da Capela	Celso Bastos Maciel	M	55	gerenciamento	Nós mesmos munícipes
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	Fazendo tudo. Não desmatando. Conservando limpeza, melhorando asfalto e principalmente a comunidade	Nós
33	Itaguassu/ Morro dos Mineiros	Siorino	M	63	Criar alguma coisa boa aqui dentro. Mas meio difícil porque isso aqui é uma reserva da Marinha. O governo tem que abrir um espaço bom pra trabalho	É da parte do governo
34	Água Branca		F	22	Tem que ter mais emprego, arrumar as ruas	Não sei, né?
35	Água Branca	Elisabete	F	20	Do jeito que acharem que é bom	Quem mora. Quem nasceu
36	Água Branca	Cristiane	M	26	Fazendo as coisas para as pessoas	A prefeitura e os moradores

Tabela 61 - Proteção e Responsabilidade

37	Água Branca	Marcio	M	22	Preservar a natureza. Instruir os turistas, orientando o que pode fazer ou não. Conservar como é	A própria população
38	Água Branca	Alexandro	M	26	Primeira coisa controlar os imigrantes entrando na ilha, aqui vem mineiro, baiano, pernambucano, os caçaras se dão mal	Adho que o governo a prefeitura (está deixando a desejar)
39	Perequê	Roseli	F	43	Respeitando a natureza. Conservando ela nesse sentido	O povo deve cuidar. Recolho meu lixo. Não deixo meu cachorro na rua
40	Água Branca	Valdinéa	F	18	Olhar as coisas erradas que acontece. Olhar as ruas, as escolas. Eles desviam a merenda escolar	Prefeira, mas ela não está cuidando
41	Água Branca	Marcelo	M	28	Não sujar, poluir, destruir, não desmatar	Todos os moradores e pessoas que frequentam a ilha
42	Perequê	Oswaldo	M	72	não disse	O prefeito
43	Perequê	Waldecki	M	34	não disse	Ninguém
44	Perequê	Maria Rita	F	25	Fazendo obras, assim... sinalizando os pontos turísticos, asfaltando as ruas, fazendo hospitais, essas coisas	A prefeita e a gente
45	Perequê	Cícero	M	42	Construindo coisas boas para o povo	Os políticos, a prefeita
46	Castelhanos	Otávio	M	62	não disse	não disse
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	Trazendo farmácia, arrumando a estrada	o governo
48	Castelhanos	Silvia	F		Manda médico ai, arruma a estrada	o governo, né?
49	Castelhanos	Erotides	F	60	Não disse	Oia, num sei não. A prefeitura pelas estrada
50	Castelhanos	Nair	F	40	Trazendo médico, farmácia, comércio, arrumando as coisas	o governo
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Com responsabilidade e respeito as pessoas, à natureza e a comunidade	Todos
52	Perequê	Elisa	F	32	Ter amor ao lugar	O próprio povo - a população
53	Castelhanos	Lauro	M	35	Tem de ser limpo, cuidar da praia da frente, al onde agente mora, cuidar do meio al abas e cuidar da água parada. O esgoto do pessoal do bar que cai al no rio.	não disse
54	Itaquanduva	Círisse	F	30	Hospital, colocar lixeira, a pontezinha lá embaixo não foi feita. O esgoto foi jogado na praia	A prefeitura e as pessoas que tem dinheiro para cuidar
55	Seder do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	não deixando muitas pessoas construírem demais e na área do parque conservar	A prefeitura também, o parque
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Tinham que estar cuidando da ilha	O meio ambiente
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Deixando a gente viver	o governo
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	não disse	A prefeitura, o Parque, se eles dizem que é porque tinha que cuidar
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Pelo menos tem cuidado, devia ter um pouco mais de melhora	Pra falar a verdade tá todo mundo cuidando. Devia arrumar a estrada. A prefeita disse que ia mandar melhor. Mas mesmo assim não falta pessoa. O Marcos (rapaz de São Paulo) sempre traz turista
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Limpeza, respeito o pessoal que mora no lugar. Isso já é importante	Acho... Não sei nos também temos que cuidar, o pessoal de fora, tem turista que deixa muita sujeira
61	Pr. Vermelha	Aialde Rafael	F	35	Limpar, tratar, não deixar os turistas invadir	Quem mora nela. Nós.
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Assim, cuidar da praia quando o mar trouxer lixo agente limpar. De tudo a gente pode mudar um pouco	agente mesmo
63		Auro Rafael	M	26	Limpendo as praias, não deixando muitas pessoas muito folgadas que sobe nos coqueiros. Se bobear levam os cocos todos.	agente mesmo
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Acho que é continuando a pescar (muitos já largaram a pesca). Melhorando a estrada e isso quem deveria melhorar é a prefeita	É aquele ditado. Quem pode fazer faça. Acho que é quem mora aqui mesmo. Os nativos
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Mantendo a estrada boa	A prefeita
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	não disse	Eles se cuidam. A gente avisa logo quando vem destruir muita gente melhorou mas também piorou, uns vem com respeito, outros vem pra destruir, no meu pensamento a estrada não é boa.
67	Itaguassu	Edir	F	59	Tem tanta coisa pra cuidar	A prefeita
68	Castelhanos	Mauro	M	38	não disse	Os guardas, os florestal, eles sempre vem al pra cuidar porque o pessoal de fora vem al pra cuidar. Eles proibe de cortar madeira. Os guardas devem cuidar dos outros não invadirem
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Mais recursos para o pessoal que cuida. Melhorou muito desde que Paulo Egydio criou o parque. Era relaxado. Tinha especulador que invadia	Estado deve cuidar
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	A prefeitura veio al, né? Negócio de limpar a prefeitura distribuiu sacola para juntar o lixo, enterrar e queimar	Não sei, né? Única coisa que destrói mais é o turista. Nós só cortamos madeira fina, para evitar confusão. Sair no cacete com eles Eles não entendem, dá por esquecido. Tem um que era daqui, come até banana verde cozida com rato, agora quê

Tabela 61 - Proteção e Responsabilidade

					dá uma de valente. Queremos paz e alegria	
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	O problema daqui é muito barro, esgoto não tem	Todos, mas a prefeitura devia baixar uma lei, aí cada um faz como quer
72	Reino	Francisca	F	21	Cuidar mais melhor das estradas, iluminar as ruas, calçamento	É difícil, o pessoal dos bairros. Pra ter cuidado, manter limpo
73	Reino	Merita	F	31	Mantendo a limpeza	Os moradores, não sei, a prefeitura também, porque se a gente coloca o lixo, a prefeitura não vem pegar.
74	Reino	Maria Divina	F	22	Aqui é uma reserva ecológica, deixam muita bagunça, o lixo tem um lixo aqui no lado. E muita mosca e cheiro	Ninguém tá cuidando. Ela começou a calçar a eleição tá vindo. Deveria ter um prefeito bom. Ônibus só tem 3 por dia
75	Reino	Luciano	M	19	Usar e depois limpar	As próprias pessoas
76	Barro da Toca	Clemente	M	61	Deve ter um pouco mais de limpeza	Somos nós que temos que cuidar de nossa casa e a prefeitura
77	Barro Plumário	Santos	So	24	Bem.	Os donos da reserva
78	Greenpark	Genvaldo	M	37	Administrador competente, uma boa administração	Manoel Marcos
79	Greenpark	Maria	F	40	Bem	A prefeita e em segundo lugar a gente também
80	Água Branca	Neia	F	38	Usar e limpar	Todos nós, cada um fazendo sua parte dá certo
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Planta mais árvore. Não judiar muito dos animais	O meio ambiente e a população
					* mais de 40 (não sabe)	
82	Reino	Maria José	F	38	Tinha que ter mais...	A gente, os moradores não deixam muita lixo aí do lado. Tem que ter um pouco de higiene
83	Água Branca	Suzana	F	26	Não destruir a natureza, poluir o mar	O turista e os moradores
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Não jogando lixo na praia	Nós mesmos
85	Reino	Severino Gomes	M	58	A ilha precisa de um prefeito que cuide da ilha. A ilha está abandonada cheia de pedra esburacada	A prefeitura só que não cuida
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	conservando e mantendo	Nós todos
87	Petequé	Milton	M	31	Precisa ser cuidado com muito carinho, pois é meio abandonado	Os políticos e os moradores
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Não sei. Meio ambiente, natureza (não tenho resposta)	Governo
89	Greenpark	Mansa Souza S, Santos	F	23	Não sei	Seria a prefeitura, limpar. Aqui tem muito lugar que deveria limpar. Tem lixo jogado em qualquer lugar
90	Greenpark	Elizete	F	17	Não cortar as árvores. Preservar	Todos nós
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Não deba um lugar agitado	O estado
92	Greenpark	James	M	41	A natureza e a população sem ser maltratados	A florestal e a prefeitura. O pessoal
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Fazer o que a prefeita está fazendo	Todos nós
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Ter um pouco de preservação. Não cortando os arvoredos e nem matando os bichos	Os moradores da ilha e os que chegam
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Não jogando lixo	Todos
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Rua limpa, praia limpa, deixar tudo bonito e na higiene	A prefeitura e os funcionários
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Ter muito amor pelo verde, os pássaros	Quem tem mais condições

** refere-se ao fato ocorrido q+B32uando estávamos lá - a morte de um jovem de 16 anos afogado

Tabela 62 - Proteção e responsabilidade: segundo morador entrevistado

Como cuidar da Ilhabela?		
Ubanos nascidos na Ilha	Comunidades	Ubanos não nascidos
Preservar o verde. O verde atrai os turistas	Trazendo farmácia, arrumando a estrada	Respeitar as comunidades. Precisa melhorar a vida de quem mora aqui (o P. S. Santa Casa, escola, etc.). Não destruindo, cuidando mais da limpeza
preservar não jogar lixo nas praias, no mar preservar fauna e flora	Manda médico ais, arruma a estrada	
mantendo as tradições dos caiçaras. Estes saberiam dar a forma! As leis não foram feitas para aqui. Não são para aqui. Não se pode fazer nada. Nenhuma maneira de regular a migração	Trazendo médico, farmácia, comércio, arrumando as coisas	Investir na fiscalização do meio ambiente, sanitária
deveria ter hospital	Tem de ser limpo, cuidar da praia da frente, ai onde agente mora, cuidar do meio ai atrás e cuidar da água parada. O esgoto do pessoal do bar que cai ai no rio.	Implantando uma infra-estrutura melhor para a cidade
Depende muito de nós, principalmente dos governantes. Ela ajuda nós e nós ajuda ela	Tinham que estar cuidando da Ilha	é o que digo, o ser humano só se sente humano quando cuida das coisas. Em São Paulo não se tem zelo por nada. Não tem qualidade de vida. Tem que ter zelo de orientar os turistas
nós, o povo	Dexando a gente viver	fazendo melhorar a cidade
melhorando a vida da gente, sabe tá tudo muito largado todo mundo faz o que quer	Pelo menos tem cuidado, devia ter um pouco mais de melhora	concientizar o povo (educação)
Evitando derrubar as matas, por fogo. Ajudar a cuidar da cachoeira, os prefeitos não fazem muito	Limpeza, respeita o pessoal que mora no lugar. Isso já é importante	O que pode fazer, é a prefeitura limpa o que atrapalha atrapalha aqui é a molecada quebra tudo.
A Ilha deve ser cuidada com amor e carinho dedicação de quem vier pra cá não querer mais ir embora	Limpar, tratar, não deixar os turistas invadir	Conservando a mata, a floresta tem muitos bichos em extinção
Fazendo tudo. Não desmatando. Conservando limpeza, melhorando asfalto e principalmente a comunidade	Assim, cuidar da praia quando o mar trouxer lixo agente limpar. De tudo a gente pode mudar um pouco	Eles deviam primeira mente segurar nas balsas o acesso, não deixar os turistas invadirem. Fica pior que São Paulo
Do jeito que acharem que é bom	Limpo as praias, não deixando muitas pessoas muito folgadas que sobe nos coqueiros. Se bobear levam os cocos todos.	Pelo menos os moradores cuidam, os turistas não. Eles devem trazer saquinho quando vierem as praias
Fazendo as coisas para as pessoas	Acho que é continuando a pescar (muitos já largaram a pesca). Melhorando a estrada e isso quem deveria melhorar é a prefeita	Tem muita coisa a fazer, por exemplo a estrada dos Castelhanos teria que ser arrumada
Olhar as coisas erradas que acontece. Olhar as ruas, as escolas. Eles desviam a merenda escolar	Mantendo a estrada boa	Nenhum brasileiro nem governo brasileiro, alemão, sueco, americano. Asfaltar, calçar, sanear, dar trabalho, principalmente no turismo. Era para ser o paraíso, o jardim. Era para ser divino arrumado
Fazendo obras, assim... sinalizando os pontos turísticos, asfaltando as ruas, fazendo hospitais, essas coisas	Mais recursos para o pessoal que cuida. Melhorou muito desde que Paulo Egydio criou o parque. Era relaxado. Tinha especulador que invadia	Cuidar como se fosse de si mesmo
Ter amor ao lugar	A prefeitura veio ai, né? Negócio de limpar a prefeitura distribuiu sacola para ajuntar o lixo, enterrar e queimar	É prefeito que tem que olhar
Hospital, colocar lixeira, a pontezinha lá embaixo não foi feita. O esgoto foi jogado na praia		Administrando, saúde, educação
não destruir a natureza, poluir o mar		Sei lá, abrir mais espaço para emprego. Criar mais hospitais, médico, dentista, tudo
conservando e mantendo		Devem cuidar de tudo, para não destruírem a natureza
Precisa ser cuidado com muito carinho, pois é meio abandonado		Não deixar lixo jogado. Ter a ilha muito limpa. Quando chegar gente de fora ver aqui limpo
Não jogando lixo		Ela deveria colocar mais emprego, pois tá com muita falta de gerenciamento
		Criar alguma coisa boa aqui dentro. Mas meio difícil porque isso aqui é uma reserva da Marinha. O governo tem que abrir um espaço bom pra trabalho
		Tem que ter mais emprego, arrumar as ruas
		Preservar a natureza. Instruir os turistas, orientando o que pode fazer ou não. Conservar como é
		Primeira coisa controlar os imigrantes entrando na ilha, aqui vem mineiro, baiano, pernambucano, os caiçaras se dão mal.
		Respeitando a natureza. Conservando ela nesse sentido
		Não sujar, poluir, destruir, não desmatar
		Construindo coisas boas para o povo
		Com responsabilidade e respeito as pessoas, à natureza e a comunidade
		não deixando muitas pessoas construírem demais e na área do parque conservar
		Tem tanta coisa pra cuidar
		O problema daqui é muito barro, esgoto não tem
		Cuidar mais melhor das estradas, iluminar as ruas, calçamento
		Mantendo a limpeza

Tabela 62 - Proteção e responsabilidade: segundo morador entrevistado

		Aqui é uma reserva ecológica, deixam muita bagunça, o lixo tem um lixo aqui no lado. E muita mosca e cheiro
		Usar e depois limpar
		Deve ter um pouco mais de limpeza
		Bem.
		Administrador competente, uma boa administração
		Bem
		Usar e limpar
		Planta mais árvore. Não judiar muito dos animais
		Tinha que ter mais ..
		Não jogando lixo na praia
		A ilha precisa de um prefeito que cuide da ilha. A ilha está abandonada cheia de pedra esburacada
		Não sei Meio ambiente, natureza (não tenho resposta)
		Não sei
		Não cortar as árvores. Preservar
		Não deixa um lugar agitado
		A natureza e a população sem ser maltratados
		Fazer o que a prefeita está fazendo
		Ter um pouco de preservação. Não cortando os arvoredos e nem matando os bichos
		Rua limpa, praia limpa, deixar tudo bonito e na higiene
		Ter muito amor pelo verde, os pássaros

Quem deve cuidar da Obelvia?

Urbanos nascidos na ilha	Comunidades	Urbanos não nascidos
a população, a prefeitura, entidades	o governo	A prefeitura
os políticos não cuidam. Concientizar o povo eles cuidam melhor que os políticos	o governo, né?	o município, o Estado e a população
Os próprios caiçaras	Oia, num sei não. A prefeitura pelas estrada	A prefeitura
prefeitura	o governo	nós mesmos. Os municipes. as pessoas que pensam o que vão fazer, qual é o plano diretor? Quero saber
Governantes e moradores	O meio ambiente	o prefeito
nós, o povo	o governo	os moradores com ajuda do governo
a prefeita e a gente	A prefeitura, o Parque, se eles dizem que é porque tinha que cuidar	O prefeito vem e entra deve olhar e mandar fazer algumas coisas eles não conseguem. Mas a comunidade cuida em várias áreas de todos nós
Quem mora. Quem nasceu	Pra falar a verdade tá todo mundo cuidando. Devia arrumar a estrada. A prefeita disse que ia mandar que ia mandar melhorar. Mas mesmo assim não falta pessoa. O Marcos (rapaz de São Paulo) sempre traz turista	todos nós
A prefeitura e os moradores	O Marcos (rapaz de São Paulo) sempre traz turista	Quem cuidaria devia ser a marinha, depois que passou prefeito passou a virar bagunça e no final a ilha bagunçou tudo
Prefeira, mas ela não está cuidando	Acho... Não sei nós também temos que cuidar, o pessoal de fora, tem turista que deixa muita sujeira	moradores e o prefeito
nós todos	Quem mora nela. Nós.	Em primeiro lugar o prefeito e os vereadores e os empresários que tem casa
A secretaria do Meio Ambiente. A prefeitura não faz nem calçamento	agente mesmo	nós, nossos filhos. Nossos netos
Nós	agente mesmo	O governo não tem feito
O prefeito	É aquele ditado. Quem pode fazer faça. Acho que é quem mora aqui mesmo. Os nativos	E difícil, deve ser o governo
Ninguém	A prefeita	Prefeito
A prefeita e a gente	Eles se cuidam. A gente avisa logo quando vem destruir muita gente melhorou mas também piorou, uns vem com respeito, outros vem pra destruir, no meu pensamento a estrada não é boa.	A florestal, pra natureza ser preservada
O próprio povo - a população	Os guardas, os florestal, eles sempre vem ai pra cuidar porque o pessoal de fora vem ai pra cuidar. Eles proibe de cortar madeira. Os guardas devem cuidar dos outros não invadirem	Nós. Nós mora aqui tem que cuidar dela
A prefeitura e as pessoas que tem dinheiro para cuidar	Os guardas, os florestal, eles sempre vem ai pra cuidar porque o pessoal de fora vem ai pra cuidar. Eles proibe de cortar madeira. Os guardas devem cuidar dos outros não invadirem	a prefeita
O turista e os moradores	Estado deve cuidar	Nós mesmos municipes
Nós todos		É da parte do governo
Os políticos e os moradores		
Todos		

Tabela 62 - Proteção e responsabilidade: segundo morador entrevistado

Não sei, né? Única coisa que destrói mais é o turista. Nós só cortamos madeira fina, para evitar confusão. Sair no cacete com eles	Não sei, né?
Eles não entendem, dá por esquecido. Tem um que era daqui, comia até banana verde cozida com rato, agora que dá uma de valente. Queremos paz e alegria	A própria população
	Adho que o governo a prefeitura (está deixando a desejar)
	O povo deve cuidar. Recolho meu lixo. Não deixo meu cachorro na rua
	Todos os moradores e pessoas que frequentam a ilha
	Os políticos, a prefeita
	Todos
	A prefeitura também, o parque
	A prefeita
	Todos, mas a prefeitura devia baixar uma lei, aí cada um faz como quer
	É difícil, o pessoal dos bairros. Pra ter cuidado, manter limpo
	Os moradores, não sei, a prefeitura também, porque se a gente coloca o lixo, a prefeitura não vem pegar
	Ninguém tá cuidando. Ela começou a calçar a eleição tá vindo. Deveria ter um prefeito bom. Ônibus só tem 3 por dia
	As próprias pessoas
	Somos nós que temos que cuidar de nossa casa e a prefeitura
	Os donos da reserva
	Manoel Marcos
	A prefeita e em segundo lugar a gente também
	Todos nós, cada um fazendo sua parte dá certo
	O meio ambiente e a população
	A gente, os moradores não deixam muita lixo aí fora. Tem que ter um pouco de higiene
	Nós mesmos
	A prefeitura só que não cuida
	Governo
	Seria a prefeitura, limpar. Aqui tem muito lugar que deveria limpar. Tem lixo jogado em qualquer lugar
	Todos nós
	O estado
	A floresta e a prefeitura. O pessoal
	Todos nós
	Os moradores da ilha e os que chegam
	A prefeitura e os funcionários
	Quem tem mais condições

Quem deve cuidar de Ilhabela?	21 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos
Quem mora, quem nasceu	A prefeitura, a prefeitura	Deixa na prefeitura, Concentrar a zona costeira melhor que na prefeitura	Concentrar a zona costeira melhor que na prefeitura	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Trabalha, mas não está trabalhando	o município, o Estado e a população	A prefeitura	Não sei, não sei, não sei, não sei, não sei, não sei	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
O meu ambiente	A secretaria de Meio Ambiente/Problemas não faz nem cobrança	Deixa na prefeitura	Não sei, não sei, não sei, não sei, não sei, não sei	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
segunda moradia	Não, Não mora aqui tem que cuidar dele	Deixa na prefeitura	Não sei, não sei, não sei, não sei, não sei, não sei	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
As praias próximas	a prefeitura	A prefeitura, uma iniciativa em parceria	Deixa na prefeitura	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Tudo isso	Não	Deixa na prefeitura	Deixa na prefeitura	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
não sei, não?	o governo, não?	o governo, não?	não sei, não sei, não sei, não sei, não sei, não sei	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura e os moradores	o governo	o governo	não, o governo	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A primeira ocupação	O governo civil - a população	O governo civil - a população	O governo não tem nada	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Acho que é somente a prefeitura (está pensando a desistir)	A prefeitura, o Prefeito, se eles dizem que é preciso fazer	A prefeitura, o Prefeito, se eles dizem que é preciso fazer	A prefeitura e a gente	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Tudo na maritimidade e interior que fazemos a ilha	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura e a gente	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura e as pessoas que tem interesse para cuidar	O Município, São Paulo, o Estado e a população	O Município, São Paulo, o Estado e a população	O Município, São Paulo, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura também e a gente	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
segunda moradia	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
o governo federal, quem está fazendo isso, acho que é quem mora aqui mesmo, os outros	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura	Não sei, não?	Não sei, não?	Não sei, não?	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
a prefeitura e a gente	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Ninguém tá cuidando. Ela começou a cuidar e não tá cuidando. Ela começou a cuidar e não tá cuidando. Ela começou a cuidar e não tá cuidando.	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
O dono da reserva	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
O turista e os moradores	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	O município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
quem a prefeitura, quem mora aqui, quem mora aqui, quem mora aqui	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
O turista	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Tudo isso	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
Tudo isso	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
A prefeitura e os moradores	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura
	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	o município, o Estado e a população	Quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu, quem nasceu	A prefeitura

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

No.	Local	Nome	S	Id	Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje? Você acha que no futuro ela será como é hoje
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	As coisas estão evoluindo muito. antes não tinha essas ruas. As coisas vão evoluir mais e mais.
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	com certeza. Estamos virando o milênio, século e ela tem tudo para melhorar
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Sim. A ilha vai mudar
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Sim, quero. Acho que no futuro ela não será como hoje
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	Sem dúvida! Mas não será, né? Já tá mudando
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considerei
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Eles estão conhecendo. Não porque tudo muda
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	não tenho filhos. Não tenho mas quero que as pessoas tenham qualidade, não tenha lixo pela praia.
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	sim. Não, vai mudar
10	Pequeá	Carlos	M	61	Gostaria que eles conhecessem há 15 anos atrás. Ela era um paraíso, melhor ainda. Mudou muito. Acho que no futuro não será como hoje.
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	Sim
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Gostaria muito, é difícil mas... Eu acho que sim. Apesar dos jovens estarem meio assim, estão se conscientizando
13	Av. Cel Fana Lima	Angelo	M	52	Sim, Mas se continuar do jeito que anda, a Ilhabela vai ser uma cidade grande. Ai vão fazer uma ponte.
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	Ah! Sim. Acho que é daqui pra melhor
15	Vila	Francelísio	M		Sim
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Sim. Vai ser bem diferente
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	Hoje está muito construído. A ilha vai continuar com sua natureza. Não será ocupada por todo mundo
18		Pedro	M	53	No meu tempo de 20 anos era melhor que agora. No futuro vai crescer muito, acho que vai piorar
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	Não vai ser. Sensibilizar até isso as pessoas fazem muito estrago
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	Sim para melhor. Desconfiança, gostaria que ficasse como é.
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	Gostaria que conhecesse como ela era. Só vão conhecer ruindade. Acho que vai piorar
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Tem jeito de melhorar se o governo entrar e fizer diferente
23	Perequê	Justina	F	45	Sim. Já mudou, né?
24		Lazaria	F	50	Quero. Gostaria que conhecessem antes. Não acredito sinceramente.
25	Barra Velha	Regina	F	54	Sim. Vai mudar, creio que vai mudar
26	Água Branca	Palmira	F	39	Não. Tem que melhorar
27	Perequê	Ceará	M	31	Sim. Pode mudar algumas coisas, mas vai continuar
28	Barra Velha	Edson	M	26	Quero. No futuro ela vai ser melhor
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	Não. Quero que conheça ela melhor ainda. Acho que não. Agora não tem, tem drogas. Daqui pra frente vai ser diferente
30	Água Branca	Luciene	F	23	Não. De repente vai melhorar
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	Preferiria eu conhecessem como a conheci. Não muito
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	Vai evoluir para melhor
33	Itaguassu/	Sionno	M	63	não disse
34	Água Branca		F	22	Pode ser, né? Não. Espero que ela melhore, se não melhorar...né?
35	Água Branca	Elisabete	F	20	Um pouco melhor, né? Vai melhorar
36	Água Branca	Cristiane	M	26	Sim. Mas acho que a ilha vai mudar muito
37	Água Branca	Marcio	M	22	Gostaria. No futuro vai mudar um pouco, chega muita gente de fora.
38	Água Branca	Alexandro	M	26	Não. Olha se não for como está agora vai ser bem pior

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

39	Perequê	Roseli	F	43	Como ela é hoje. Acho que pode ser melhor no futuro
40	Agua Branca	Valdineia	F	18	Sim. Acho que não
41	Agua Branca	Marcelo	M	28	Com certeza, não acho que não, tá tendo muita gente chegando, logo vai ter superpopulação
42	Perequê	Osvaldo	M	72	Não tenho filhos! A ilha vai mudar muito
43	Perequê	Waldeci	M	34	Sim. Mas até lá muita coisa vai mudar
44	Perequê	Mana Rita	F	25	Sim, mas sempre muda
45	Perequê	Cícero	M	42	Sim. Meus filhos já conhecem. No futuro ela será diferente
46	Castelhanos	Otávio	M	62	não fosse
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	Não tenho filho, os filhos são da mulher. Mas acho que não muda muito mais não
48	Castelhanos	Silvia	F		não disse
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	Não disse
50	Castelhanos	Nair	F	40 *	Sim. Sim
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Sim. Se não se utilizar da responsabilidade e do respeito lamentavelmente, não
52	Perequê	Elisa	F	32	Espero que continue como é muita coisa já mudou, o progresso faz mudar, o turismo se ficar assim como tá, tá bom.
53	Castelhanos	Lauro	M	35	Ah! Gostaria. Acredito que sim
54	Itaquanduva	Clarisse	F	30	Não. Se eu alcança algum neto eu dou um conselho. Não muda nada, tudo está piorando
55	Sede do PÉ Ilhabela	Flavio	M	24	Quero. Acho que não acaba mudando um pouquinho
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	não disse
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Sim. Mas tudo muda
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	não disse
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Sim. Mas vai mudar
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Quero, acho que vai, tem que ficar é muito legal
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	(nso) Ah! Eu quero. Acho que não
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Não. Porque não tem o que é necessário pra viver. Depende das pessoas que governam ela. Se não for uma cabeça inteligente ela não vai tá como tá
63		Auro Rafael	M	26	Quero, né? Porque pelo menos uma parte tem que conhecer. Creio que sim, né?
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Ah! Não sei, não sei se vou casar. Ah! Sei lá. Acho que sim. Mas eu sou igual ao vento não tenho parada. Mas acho que deveria ter um posto médico. Mas provavelmente eu acho que não vai ser do jeito de agora.
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Tenho 2 filhos e quero que eles conheçam. Mas acho que não. Muita gente na ilha. Ela vai ser mais destruída
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	Do jeito que tá agora, tá bom, no futuro não muda, não. Antes tinha trilha mais fácil mais perto, ainda tem a trilha
67	Itaguassu	Edir	F	59	Minha filha conhece mais do que eu
68	Castelhanos	Mauro	M	38	Quero, tenho certeza. O filho mais velho tem 15 anos. Já faz rede, canoa. Já sai pra pescar, desde 5 anos já vai pra pesca. A menina não. Meu pai ensinou tudo, a fazer canoa, casa, rede
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Deve conseguir
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	Se alguém topa, quer casar e ter filhos. Quer que os filhos vissem, mas muda muita coisa
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Sim. Espero que no futuro melhore mais
72	Reino	Francisca	F	21	Sim. Acho que não deve mudar, espero que seja pra melhor
73	Reino	Merita	F	31	Sim. Não sei
74	Reino	Mana Divina	F	22	Sim. Quero que minha filha conheça uma ilha melhor, com serviço, antes tinha mais emprego. Acho meio difícil
75	Reino	Luciano	M	19	Sim. Acho que serão
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Sim. Talvez porque vai dos prefeito que entra
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	Preiro amanhã ou depois de alguma coisa as pessoas não destruir

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

78	Greenpark	Genivaldo	M	37	Sim. Vai melhorar bastante
79	Greenpark	Maria	F	40	Sim. Quero tudo tão dizendo que vai
80	Água Branca	Neia	F	38	Sim. Pelo menos faço a minha parte
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Sim. Vai tá a mesma coisa
82	Reino	Maria José	F	38	Ah! Lógico. No futuro vai ser bem diferente
83	Água Branca	Suzana	F	26	Sim, espero. Acho que sim.
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Como quero. Se fosse era bom, mas eu acredito que não.
85	Reino	Severino Gomes	M	58	Gostaria que ela se desenvolvesse mais. A vida da ilha é ótima. Quando ela vivia só da agricultura não era nada. Acredito que no futuro deva melhorar. Ailha era pra ser melhor do que está
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	Queria que conhecesse como era antes. E bem difícil
87	Perequê	Milton	M	31	Eu gostana. Eu creio que no futuro que sim, por ser um parque
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Não vai conhecer como hoje. Creio que será pior
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santos	F	23	Sim. Acho que não, porque ela tá mudando muito
90	Greenpark	Elizete	F	17	Quero. Não. Acho que será melhor
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Não sei. Espero que sim
92	Greenpark	James	M	41	Ela já esteve melhor. No futuro ela vai tá bem diferente, a população vai crescendo e crescendo e mudando
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Sim. Não está sendo destruída a vegetação
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Ah! Quero. Não conheceram como era antes, mas quero que conheçam assim. Não será.
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Sim. É muito difícil falar no futuro
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Quero sim. Não. Claro que não. Vai mudar tudo. Na época que eu vim morá aqui mudou tudo. Ela era mais violenta. Tinha mais turista. De um ano pra cá vem menos turista
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Não. Cada vez pior.

No.	Local	Nome	S	Id	O que significa o mar e mata para você
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	Vida
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	A mata tem que ser preservada. Ela é o símbolo da natureza. E o mar é onde eu ganho meu ganha pão
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	não disse nada
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	E calmo, agradável de viver. Mar significa uma fonte de lazer e de economia, (ele traz o turismo). Mata significa vida, né?
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	Trabalho com o Mar! E desfrutar a família. No mar eu me encontro e a mata é o lado oposto ao mar, é um contraste legal
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considere!
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Coisas bonitas de se ver
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	se apresenta como ele vem se chove tomo chuva, se tem sol, significa tudo o que eu amo
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	O mar e a mata são bonitos
10	Pequeá	Carlos	M	61	Mar e mata - eles nos dão alimentos e nos fazem sobreviver
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	O mar e a mata é a mesma coisa ambas foram feitas pela natureza
12	Saco da Capela	Julia	F	62	O mar significa medo, adoro o mar, mas tenho medo da água, a mata eu gosto mas não me identifico tanto.
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	Trabalho no comércio. O mar e a mata são as belezas da ilha. É uma praia com cara de interior
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	mata tudo é natureza
15	Vila	Franceliso	M		Pesco, vendo na cidade
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Mar? do mar-gosto muito/mata - adoro andar na mata. Os dois significam muito para mim
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	As coisas do mar tem que ser cuidadas. Gosto mais da mata. Sou louco por

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

				ornais Assito J.N.	
18	Pedro	M	53	Na mata o Borrachudo pega, mas	
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	O mar foi meu ramo de trabalho, mata é só para embelezar.
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	Pai e mãe, mãe e pai
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	é a vida
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Mar é onde eu tiro os alimentos. Sem ele eu não posso viver. Se eu for viver num lugar onde eu possa olhar para ele, eu morro. Mata é bonita para olhar de manhã Dá muita coisa pra gente
23	Perequê	Justina	F	45	Mar é natureza, é o meu trabalho. Mata é natureza - plantação de milho e feijão. Vou plantar ainda
24	Perequê	Lazara	F	50	E a vida
25	Barra Velha	Regina	F	54	O mar... Não gosto do mar - não suporto água salgada. A mata eu adoro Se eu pudesse passear todos os dias passeava. A beber aquela água limpinha
26	Agua Branca	Palmira	F	39	é Deus
27	Perequê	Ceará	M	31	Faz bem à saúde
28	Barra Velha	Edson	M	26	E o meu trabalho
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	Otimo. Mar e Mata (paz espiritual). Bom/vida
30	Agua Branca	Luciene	F	23	Mar e mata. Acho que é bom. E pra curtir mais a praia e a mata é mais da natureza
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	Tranquilamente. Prefiro a praia. Curto a praia mais vazia
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	Gosto muito do mar e da montanha. Para nós é maravilhoso, mas estamos acostumados
33	Itaguassu/	Sionno	M	63	O mar é uma coisa muito boa, mas se torna muito ruim porque tudo que é do mal vem pelo mar. Tu sabe que Ilhabela tá doente por causa dos resíduos que sai nas águas do mar, a espuma fica nos resíduos e fica no ar, por isso que o pessoal das praias do mar tá doente. Gosto mais da mata. Você entra e tudo que é bom bem na cabeça
34	Agua Branca		F	22	Normal, trabalho em casa. O mar e a mata não sei dizer, né?
35	Agua Branca	Eisabete	F	20	Monotonia, tédio. Faz parte
36	Agua Branca	Cristiane	M	26	O mar e a mata são o principal de Ilhabela
37	Agua Branca	Marcio	M	22	Significam a natureza e uma natureza linda
38	Agua Branca	Alexandro	M	26	O mar tem que respeitar ao mesmo tempo que é bonito agora a mata tem que destruir as ondas e não a natureza
39	Perequê	Roseli	F	43	Tinha necessidade de natureza antes de vir. Aqui eu convivo com isso. As vezes estou triste. Olho uma árvore florida e o mar. A ilha te conquista. Amor impossível não correspondido.
40	Agua Branca	Valdinéia	F	18	Mar e Mata, uma coisa boa. O mar agente pode ir de vez em quando tomar um solzinho e a mata é uma coisa bonita que Deus deu.
41	Agua Branca	Marcelo	M	28	Vou pro mar e procuro aproveitar o máximo do tempo que tenho. O mar significa o início de tudo, da nossa existência e a mata é consequência do mar, todos tem seu esquema aqui na terra.
42	Perequê	Osvaldo	M	72	A vida de aposentado, faço uma coisa ali, outra aqui
43	Perequê	Waldecir	M	34	Trabalho e só
44	Perequê	Maria Rita	F	25	Agora tô desempregada, não faço muita coisa, tenho tempo, mas não tenho dinheiro
45	Perequê	Cícero	M	42	O mar e a mata são lindos
46	Castelhanos	Otávio	M	62	não disse
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	pesco, cuido das redes, vou pra vila lá na ilha, termino a casa
48	Castelhanos	Silvia	F		trabalho em casa, ajudo na pesca. Eu largo a rede, pesco lula, que é facinho de pescar. É bom só que tá muito bravo, num dá pra sair
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	Antigamente trabalhava na roça. Quando meu marido era vivo. Trabalhava na lavoura. Plantava feijão, fazia farinha. Agora num faço mais, porque só mulher doente. Faz 4 anos que meu marido morreu. É só serviço de casa. Lavo roupa, louça, limpo a casa. O mar e a mata é bom, né?. Pra saúde, pra respirar

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

50	Castelhanos	Nair	F	40 *	Cuidar da casa, dos filhos, ajudar na pesca de vez em quando
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Trabalho lamentavelmente é trabalho. Trabalho e participação comunitária. Mais a mata - preocupação constante, para preservá-la e respeitá-la
52	Perequê	Elisa	F	32	O mar, apesar de ser caçara me assusta um pouco. A mata tem que conservar
53	Castelhanos	Lauro	M	35	A gente pesca, às vezes agente fica parado mesmo. Cuida do meio das plantas. Saio pra pescar com qualquer um e as vezes sozinho. As vezes a gente fica o dia inteiro pescando (com 7 anos, já levo a molecada pra pescar
54	Itaquanduva	Ciarisse	F	30	O mar representa muita coisa boa, mas também tem muito pengo. Um dos meninos tem "sangue" pro mar. Meu marido é pescador. A mata significa muita coisa
55	Sede do PE Ilhabela	Flavio	M	24	Mata - mata eu gosto, mais praia eu não vou muito
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Da pesca, limpar o terreno, cuidar dos mariscos
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Pesco, às vezes tomo umas
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	Ah! Pesco, conserto as redes, é isso aqui
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Faço serviço de casa e faço evangelho nas casas dos irmãos
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Pescar, consertar as redes, ajudar minha mulher em casa de 3 em 3 dias. Traz gelo.
61	Pr. Vermelha	Alalde Rafael	F	35	E assim: fico em casa porque não tem onde trabalhar. Só na roça mas a gente quase não planta também. Mar é muito importante, porque dá o peixe e a gente vove da pesca. Mata é muito boa porque a gente faz canoa, apesar de ser proibido pela florestal
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Mar - eu gosto do mar porque ele é um meio de trabalho. Pra mim o significado é a pesa. Mata - é a caça. Quando lembro da mata, lembro dos pássaros, caça
63		Auro Rafael	M	26	Pesca, vive mais pescando, consertar as redes. Mar é bom. Dá... Tem bastante coisa que a gente tira dele, tem peixe... Mata - também é uma coisa que aprecio muito. A gente gosta muito de fazer caminhada.
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Ah! As vezes é um saco. Mas eu gosto. Tem dia que é muito parado. O mar significa muita coisa. Se não tivesse praia seria ruim. O mar é como o peixe, eu não viveria sem ele. A mata é a natureza. Conheço vários lugares e passo por dentro da mata e é maravilhoso
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Saio de manhã e a tarde pra pescar - é normal. Mar - só é coisa boa. Mata - é tudo verde e bonito
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	O último meu serviço é cortar lenha, depois tomo banho fico só pensando. Gosto tanto do mar e da mata, o mar, pesquei muito tempo e a mata é natureza. A cachoeira pra tomar banho
67	Itaguassu	Edir	F	59	Eu estou desanimado, não saio, minha família está em São Paulo, pra mim não é bom
68	Castelhanos	Mauro	M	36	Quando não tem trabalho fica pescando lá, todo dia no meio do mar. O mar, pra mim é um divertimento, ficar lá no mar. A mata é bom, gosto dos dois, mas gosto mais mesmo é da mata porque você sabe que se cair você levanta. O mar é perigoso
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	É ideal como passeio
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	O mar representa uma melhora mais alegre, traz mais alimento, além do mar depois que ele arruina é a mata, aí vai matá e pega passarinho pra comer
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	A mata me deixa tranquila (deu enfase). O mar também gosto muito
72	Reino	Francisca	F	21	Mar - coisa boa né? Unico lugar que tem pra se divertir, além das cachoeiras. Mata - Bonito, né? Onde cortam as árvores tem seca.
73	Reino	Merita	F	31	Não sei sobre o mar, nem sobre a mata
74	Reino	Maria Divna	F	22	Mar - obra de Deus. Muito bonito o mar, muito grande. Mata é maravilhosa
75	Reino	Luciano	M	19	O mar é bom na temporada. A mata também
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	O mar, beleza né? A mata também
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	O mar representa uma coisa bonita, interessante. Prefiro a cachoeira. A mata representa o oxigênio
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	Vivo numa boa, trabalho significa vida

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

79	Greenpark	Maria	F	40	O mar e a mata são importantes
80	Agua Branca	Neia	F	38	Tudo! Sem o mar e a mata o que existiria? Ilhabela é enorme
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Mato e Mar - maravilhoso
82	Reino	Maria José	F	38	O mar é bom, gostoso. A mata é verde, bonita
83	Agua Branca	Suzana	F	26	O mar - calma. Mata - meditação
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	bom. Quando não estou na enchada sou pedreiro. Mar - um recurso. Mata - bom
85	Reino	Severino Gomes	M	58	Se eu tivesse saúde era melhor ainda, eu tena mais liberdade. Mas aqui eu vivo. Mar e a mata pra mim é tudo. E o meu oxigênio, sem eles não seríamos nada
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	Meio corrido. Trabalho. Mar - uma coisa boa, em que conservar. Mata - mesma coisa
87	Perequê	Milton	M	31	O mar é a geração da vida. A mata é o pulmão do mundo
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Mar - alimento, trabalho riqueza
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santos	F	23	Mar é tranquilo, é uma coisa que limpa a mente da gente. Mata - gosto muito por causa dos animais. Você acorda com o barulho dos pássaros.
90	Greenpark	Eltzete	F	17	Mar - muitos peixes. Mata - não sei
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	mar- descanso. Mata -visual bonito
92	Greenpark	James	M	41	Mata - natureza. Mar - lazer
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Tranquilo. O mar é a riqueza de Deus. Mata - esperança, onde os pássaros e os animais vivem.
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Mar é uma riqueza. Mata - preservação do verde e deveria ser mais olhada
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Mar - alimento, banho. Mata - importante
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Mar - é a natureza. Mata - a gente mora na mata
97	Reino	Maná Rita Lopes	F	64	O mar é lindo, mas não posso ir. A mata é muito bom mas tenho medo

No.	Local	Nome	S	Id	Como as pessoas devem usar a ilha
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	deverem ir a praia recolher o lixo porque é sempre a gente que recolhe
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	A mata tem que ser preservada. Ela é o símbolo da naturezas. E o mar é onde eu ganho meu ganha pão.
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Devem usar melhor. Cuidar mais
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Deve usar de maneira que não prejudique a natureza e sua forma de ser
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	Respeitando mais quem aqui está e vive (o pessoal das lanchas, por exemplo são muito desrespeitadores, o contato com o ser humano tá acabando
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não considere
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	com cuidado
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	eu uso assim, elas usam erroneamente tem que ir pro escritório às 8 da manhã almoçam e voltam pro escritório
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	com cuidado
10	Pequeá	Carlos	M	61	com respeito
11	Praça da Veia	Valdomiro	M	65	Pelo antigamente o pessoal era filho do lugar. Muitas coisas o pessoal de fora fez errado. Exemplo o pier, o pessoal daqui cuida melhor
12	Saco da Capela	Julia	F	62	não sei, pra descanso higiene deve ter, preservar bastante a ilha, não machucar nada
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	não disse
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	Devem conhecer os lugares sem prejudicar Ilhabela
15	Vila	Franceliso	M		não deveriam deixar lixo
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Não sujando a ilha
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	usar ordeiramente, não jogar lixo. O turista suja a ilha e vai embora
18		Pedro	M	53	tratando bem
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	não disse
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	Preservando-a

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	não disse
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	não disse
23	Perequê	Justina	F	45	Sem tumultuar o lugar, é tanta confusão
24	Perequê	Lazaria	F	50	Não destruindo as cachoeiras, as matas, não prejudicando os caixaras daqui.
25	Barra Velha	Regina	F	54	Acho que deveriam respeitar mais a ilha, por exemplo o trânsito, deveriam obedecer mais as leis
26	Água Branca	Palmira	F	39	Ponto turístico
27	Perequê	Ceará	M	31	devem usar a ilha em termos de sossego, de apenas aliviar a cabeça
28	Barra Velha	Edson	M	26	no meu ponto de vista as pessoas tem que curtir a natureza sem destruir
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	Chega aqui e encontra limpeza e tem que fazer o mesmo, andar sempre com saquinho na mão, a ilha é bonita. Já tá falando: Ilhabela
30	Água Branca	Luciene	F	23	Ponto turístico
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	Todas as pessoas devem usufruir de tudo que a ilha tem. Só que com responsabilidade social grande
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	não disse
33	Itaguassu/	Siorino	M	63	deve ser muito bem tratada
34	Água Branca		F	22	Tem que manter a ilha limpa. E preservar a natureza da ilha
35	Água Branca	Elisabete	F	20	Aproveitar o máximo
36	Água Branca	Cristiane	M	26	Sem destruí-la
37	Água Branca	Marcio	M	22	As pessoas deveriam vir para cá e saber aproveitar sem degradar
38	Água Branca	Alexandro	M	26	Eles tem que usar como se fosse a casa deles, cuidando não jogando lixo na rua
39	Perequê	Roseli	F	43	Usar de uma maneira coerente, conservando para o futuro. Não conheço ONG
40	Água Branca	Valdinéia	F	18	Pra mim acho que só os moradores, pois os turistas sujaram demais, acabam, quebram plantas, casas. Não todos
41	Água Branca	Marcelo	M	28	Devem usufruir o máximo em matéria de curtição, mas não depreder, sem destruir procurar não acabar com um pedacinho de beleza do nosso país
42	Perequê	Osvaldo	M	72	não sei
43	Perequê	Waldecir	M	34	Não poluir a praia
44	Perequê	Maria Rita	F	25	Eles devem aproveitar a praia sem jogar lixo
45	Perequê	Cicero	M	42	Eles devem vir para descansar
46	Castelhanos	Otávio	M	62	não disse
47	Castelhanos	Lutz Carlos de Oliveira	M	48	Não deixando lixo, não fazendo as coisas aí na praia, nas trilhas.
48	Castelhanos	Sílvia	F		sempre morre gente aqui**
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	Eles gostam muito da ilha. Diz que num tem coisa melhor. Alegria dos turistas é estar na ilha. O sossego do lugar.
50	Castelhanos	Nair	F	40 *	não deixando lixo
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Com responsabilidade e respeito
52	Perequê	Elisa	F	32	cuidar dela - cuidando
53	Castelhanos	Lauro	M	35	Oh! Eles deve de usar a praia, as sujeiras que eles trazem: plástico, vidro colocar numa sacola e jogar fora.
54	Itaquanduva	Clansse	F	30	Sabe usa. Tem gente que vem abusar. O pessoal daqui destroi, o pessoal que vem de fora destroi também.
55	Sede do PE Ilhabela	Flavio	M	24	Através do turismo
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Não devem deixar lixo, no lugar que eles acampam. Incomodam muito
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Respeitando a gente
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	devem aproveitar sem estragar, sem perturbar
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	não disse

Tabela 65 - Valor ecológico: Conservação X Preservação

60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Como a gente usa, sempre limpa não fazer sujeira nas praiasm trilhas, cachoeiras
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	Usar assim: saber usar não invadir, não sujar, manter assim
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Do jeito que usam lá. Pois tem gente que vem visitar e deixam sujeira. Ele tem que deixar do jeito do lar deles. Tem gente que pensa que só porque é a ilha pode sujar
63		Auro Rafael	M	26	Saber usar e preservar, pra encontrar sempre bonita, né?
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Não jogando lixo é o que tem acontecido aqui. Tem gente que vem e joga muito lixo.
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	conservando sempre, não destruindo muito
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	Agora me pegou. Chegaram, usaram aquilo. A natureza me deu um banho, destruir, tirar uma pedra, fazer sujeira... não
67	Itaguassu	Édir	F	59	devem aproveitar o máximo
68	Castelhanos	Mauro	M	38	Não tem como nem... Tem que deixar limpo
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Turismo ecológico. Já está começando
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	Tem que tirar o lixo, a sujeira que tiver recolher numa sacola
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Só não gosto no final do ano tem muita gente. E muito lotado. Devia haver limitação ao número de pessoas. O mercado não tem nada, o preço sobe. Não jogar lixo nas cachoeiras, nas praias
72	Reino	Francisca	F	21	Ir pras praias, cachoeiras, tem muito lugar que é bonito, mas que não sabem aproveitar
73	Reino	Merita	F	31	Como assim? Nem imagino
74	Reino	Mana Divina	F	22	Ter cuidado como na própria casa. Ter higiene
75	Reino	Luciano	M	19	Usando e indo embora sem abusar. Deixando limpo.
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Tem de ter mais uma limpeza
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	Usar bastante, preservar e não sujar
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	com bom comportamento e boas intenções de preservar a natureza, ajudar o administrador, não mate os pássaros. Nenhum ser vivo.
79	Greenpark	Maria	F	40	Usar bem, não fazer violência
80	Água Branca	Nela	F	38	Usar e não abusar
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Devem cuidar, não jogar nada no mar
82	Reino	Maria José	F	38	Quem usa a ilha? Vem para se divertir, descansar, eles vem bastante pra conhecer
83	Água Branca	Suzana	F	26	Não sei. Não destruir, né?
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Sem droga e sem violência
85	Reino	Severino Gomes	M	58	Não poluir, não desmatar. Hoje você não acha o peixe tão fácil na praia. Hoje você vai nem um siri você não pesca mais
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	46	Usando e conservando
87	Perequê	Milton	M	31	Devem usufruir com respeito e ter mais cuidado com o lixo, quem mora aqui tem obrigação de cuidar
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Tem que cuidar da ilha, do meio ambiente, lixo. Cuidar como se fosse a sua casa
89	Greenpark	Marisa Souza S, Santos	F	23	Vem muito turista e tem que zelá. Tem gente que vem e faz o que quer
90	Greenpark	Elizete	F	17	Saber se unir com todo mundo
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Num controle. Não fazer coisas que não se deve fazer
92	Greenpark	James	M	41	Cuidando mais da Ilha, pois se cuidar mais ela prospera
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Com mais dignidade
94	Reino	Sebastião P.Santos	M	45	preservando
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Saber usar
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	A natureza deve ser usada por todos e pra tudo
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Do jeito que querem usar

Tabela 66 - Valor ecológico: conservação x preservação
análise por segmento etário

Faixa de idade	Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje? Você acha que no futuro ela será como é hoje? Moradores nascidos na ilha	Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje? Você acha que no futuro ela será como é hoje? Moradores não nascidos na ilha
menos de 20 anos	Sim. Acho que não	Quero. Não. Acho que será melhor
	Um pouco melhor, né? Vai melhorar	Pode ser, né? Não. Espero que ela melhore, se não melhorar...né?
	Não. Porque não tem o que é necessário pra viver. Depende das pessoas que governam ela. Se não for uma cabeça inteligente ela não vai tá como tá	Sim. Acho que serão
De 21 a 30 anos	As coisas estão evoluindo muito, antes não tinha essas ruas. As coisas vão evoluir mais e mais.	Sim, quero. Acho que no futuro ela não será como hoje
	Vai evoluir para melhor	Não. Quero que conheça ele melhor ainda. Acho que não. Agora não tem, tem drogas. Daqui pra frente vai ser diferente
	Quero. No futuro ela vai ser melhor	Não. De repente vai melhorar
	Sim, mas sempre muda	Gostaria. No futuro vai mudar um pouco, chega muita gente de fora.
	Não. Se eu alcança algum riato eu dou um conselho. Não muda nada, tudo está piorando	Não. Cima se não for como está agora vai ser bem pior
	Sim. Mas acho que a ilha vai mudar muito	Com certeza, não acho que não, tá tendo muita gente chegando, logo vai ter superpopulação
	Sim, espero. Acho que sim.	Quero. Acho que não acaba mudando um pouquinho
	Quero, né? Porque pelo menos uma parte tem que melhorar. Creio que sim, né?	Sim. Acho que não deve mudar, espero que seja pra melhor
	Ah! Não sei, não sei se vou casar. Ah! Sei lá. Acho que sim. Mas eu sou igual ao venio não tenho parada. Mas acho que deveria ter um posto médico. Mas provavelmente eu acho que não vai ser do jeito de agora.	Sim. Quero que minha filha conheça uma ilha melhor, com serviço, antes tinha mais emprego. Acho meio difícil
	Terão 2 filhos e quero que eles conheçam. Mas acho que não. Muita gente na ilha. Ela vai ser mais destruída	Prefiro amanhã ou depois de alguma coisa as pessoas não destruir
	Sim. É muito difícil falar no futuro	Sim. Acho que não, porque ela tá mudando muito
		Não sei. Espero que sim
		Sim. Não está sendo destruída a vegetação
	Quero sim. Não. Claro que não. Vai mudar tudo. Na época que eu vim morá aqui mudou tudo. Ela era mais violenta. Tinha mais turista. De um ano pra cá vem menos turista	
De 31 a 40 anos	Sem dúvida! Mas não será, né? Já tá mudando	Sim. A ilha vai mudar
	Sim	Sim. Pode mudar algumas coisas, mas vai continuar
	Sim. Mas até lá muita coisa vai mudar	Não. Tem que melhorar
	Sim Sim	Sim. Espero que no futuro melhore mais
	Espero que continue como é muita coisa já mudou, o progresso faz mudar, o turismo se ficar assim como tá, tá bom.	Sim. Não sei
	Ah! Gostaria. Acredito que sim	Sim. Vai melhorar bastante
	não disse	Sim. Quero tudo tão dizendo que vai
	Sim. Mas vai mudar	Sim. Pelo menos faço a minha parte
	Quero, tenho certeza. O filho mais velho tem 15 anos. Já faz rede, canoa. Já sei pra pescar, desde 5 anos já vai pra pesca. A menina não. Meu pai ensinou tudo, a fazer canoa, casa, rede	Sim. Vai tá a mesma coisa
	Se alguém topa, queria casar e ter filhos. Quería que os filhos vissem, mas muda muita coisa	Ah! Lógico. No futuro vai ser bem diferente
	Eu gostaria. Eu creio que no futuro que sim, por ser um parque	
(riso) Ah! Eu quero. Acho que não		
De 41 a 50 anos	com certeza. Estamos virando o milênio, século e ela tem tudo para melhorar	não tenho filhos. Não tenho mas quero que as pessoas tenham qualidade, não teria fixo pela praia.
	Sim para melhor. Desconfiança, gostaria que ficasse como é.	Ah! Sim. Acho que é daqui pra melhor
	Sim. Já mudou, né?	Sim. Vai ser bem diferente
	Quero. Gostaria que conhecessem antes. Não acredito sinceramente.	Hoje está muito construído. A ilha vai continuar com sua natureza. Não será ocupada por todo mundo
	Não tenho filho, os filhos são da mulher. Mas acho que não muda muito mais não	Não vai ser. Sensibilizar até isso as pessoas fazem muito estrago
	Quero, acho que vai, tem que ficar é muito legal	Tem jeito de melhorar se o governo entrar e fazer diferente
	Quería que conhecesse como era antes. É bem difícil	Como ela é hoje. Acho que pode ser melhor no futuro
		Sim. Meus filhos já conhecem. No futuro ela será diferente
		Como quero. Se fosse era bom, mas eu acredito que não.
		Ela já esteve melhor. No futuro ela vai tá bem diferente, a população vai crescendo e crescendo e mudando
	Ah! Quero. Não conheceram como era antes, mas quero que conheçam assim. Não será.	
De 50 a 60 anos	No meu tempo de 20 anos era melhor que agora. No futuro vai crescer muito, acho que vai piorar	Gostaria que eles conhecessem há 15 anos atrás. Ela era um paraíso, melhor ainda. Mudou muito. Acho que no futuro não será como hoje.
	Sim. Mas tudo muda	Sim. Mas se continuar do jeito que anda, a Ilhabela vai ser uma cidade grande. Ai vão fazer uma ponte.
		Sim. Vai mudar, creio que vai mudar

**Tabela 66 - Valor ecológico: conservação x preservação
análise por segmento etário**

		Preferiria eu conhecessem como a conheci. Não muito
		Sim. Se não se utilizar da responsabilidade e do respeito lamentavelmente, não
		Minha filha conhece mais do que eu
		Costaria que ela se desenvolvesse mais. A vida de ilha é ótima. Quando ela vinha só da agricultura não era nada. Acredito que no futuro deva melhorar. Aíla era pra ser melhor do que está
		Não vai conhecer como hoje. Creio que será pior
Acima de 80 anos	Não tenho filhos! A ilha vai mudar muito não fosse	Gostaria muito, é difícil mas... Eu acho que sim. Apesar dos jovens estarem meio assim, estão se concientizando
	Do jeito que tá agora, tá bom, no futuro não muda, não. Antês tinha trilha mais fácil mais perto, ainda tem a trilha	Sim
	Deve conseguir	Eles estão conhecendo. Não porque tudo muda
		sim. Não, vai mudar
		Gostaria que conhecesse como ela era. Só vão conhecer ruínas. Acho que vai piorar
		Sim. Talvez porque vai dos prefeito que entra
		Não. Cada vez pior.

Faixa de idade	Como as pessoas devem usar a ilha Moradores nascidos na ilha	Como as pessoas devem usar a ilha Moradores não nascidos na ilha
menor de 20 anos	Pra mim acho que só os moradores, pois os turistas sujam demais, acabam, quebram pianas, casas. Não todos	Usando e tendo embora sem abusar. Deixando limpo.
	Não deveriam deixar lixo, no lugar que eles acampam. Incomodam muito	Saber se unir com todo mundo
	Do jeito que usam lá. Pois tem gente que vem visitar e deixam sujeira. Ele tem que deixar do jeito do iar deles. Tem gente que pensa que só porque é a ilha pode sujar	
De 21 a 30 anos	Devem ir a praia recolher o lixo porque é sempre a gente que recolhe	Deve usar de maneira que não prejudique a natureza e sua forma de ser
	no meu ponto de vista as pessoas tem que curtir a natureza sem destruir	Ponto turístico
	Aproveitar o máximo	Tem que manter a ilha limpa. E preservar a natureza da ilha
	Sem destruí-la	As pessoas deveriam vir para cá e saber aproveitar sem degradar
	Eles devem aproveitar a praia sem jogar lixo	Eles tem que usar como se fosse a casa deles, cuidando não jogando lixo na rua.
	Sabe usa. Tem gente que vem abusar. O pessoal daqui destrói, o pessoal que vem de fora destrói também.	Devem usufruir o máximo em matéria de curição, mas não degradar, sem destruir procurar não acabar com um pedacinho de beleza do nosso país
	Saber usar e preservar, pra encontrar sempre bonita, né?	Chega aqui e encontra limpeza e tem que fazer o mesmo, andar sempre com saquinho na mão, a ilha é bonita. Já tá falando: Ihabela
	Não jogando lixo é o que tem acontecido aqui. Tem gente que vem e joga muito lixo.	A natureza deve ser usada por todos e pra tudo
	conservando sempre, não destruindo muito	Ir pras praias, cachoeiras, tem muito lugar que é bonito, mas que não sabem aproveitar
	Não sei. Não destruir, né?	Ter cuidado como na própria casa. Ter higiene
	Saber usar	Usar bastante, preservar e não sujar
	Vem muito turista e tem que zelá. Tem gente que vem e faz o que quer	
	Num controle. Não fazer coisas que não se deve fazer	
	Com mais dignidade	
De 31 a 40 anos	Respeitando mais quem aqui está e vive (o pessoal das lanchás, por exemplo são muito desrespeitadores, o contato com o ser humano tá acabando	Devem usar melhor. Cuidar mais
	não deveriam deixar lixo	devem usar a ilha em termos de sossego, de apenas aliviar a cabeça
	cuidar dela - cuidando	Só não gosto no final do ano tem muita gente. E muito lotado. Devia haver limitação ao número de pessoas. O mercado não tem nada, o preço sobe. Não jogar lixo nas cachoeiras, nas praias
	Não poluir a praia	Como assim? Nem imagino
	sempre morre gente aqui**	com bom comportamento e boas intenções de preservar a natureza, ajudar o administrador, não mate os pássaros. Nenhum ser vivo.
	não deixando lixo	Usar bem, não fazer violência
	Oh! Eles deve de usar a praia, as sujeiras que eles trazem: plástico, vidro colocar numa sacola e jogar fora.	Usar e não abusar
	devem aproveitar sem estragar, sem perturbar	Devem cuidar, não jogar nada no mar
	Usar assim: saber usar não invadir, não sujar, manter assim	Quem usa a ilha? Vem para se divertir, descansar, eles vem bastante pra conhecer
	Não tem como nem... Tem que deixar tempo	
	Tem que tirar o lixo, a sujeira que tiver recolher numa sacola	
Devem usufruir com respeito e ter mais cuidado com o lixo, quem mora aqui tem obrigação de cuidar		
De 41 a 50 anos	Preservando-a	Eles devem vir para descansar
	A meta tem que ser preservada. Ela é o símbolo da natureza. E o mar é onde eu garfo meu garfo pão.	Usar de uma maneira coerente, conservando para o futuro. Não conheço ONG
		Ponto turístico

*Tabela 66 - Valor ecológico: conservação x preservação
análise por segmento etário*

	Sem tumultuar o lugar, é tanta confusão	eu uso assim, elas usam erroneamente tem que ir pro escritório às 8 da manhã almoçam e voltam pro escritório
	Não destruíram as cachoeiras, as matas, não prejudicando os caçaras daqui.	
	Não deixando lixo, não fazendo as coisas aí na praia, nas trilhas.	Devem conhecer os lugares sem prejudicar ninguém
	Como a gente usa, sempre limpa não fazer sujeira nas praias trilhas, cachoeiras	Não sujando a ilha
	Usando e conservando	usar corretamente, não jogar lixo. O turista suja a ilha e vai embora
		Sem droga e sem violência
		Cuidando mais da ilha, pois se cuidar mais ela prospera
		preservando
De 50 a 60 anos	Eles gostam muito da ilha. Diz que num tem coisa melhor. Alegria dos turistas e estar na ilha. O sossego do lugar.	Com responsabilidade e respeito
	Respeitando a gente	devem aproveitar o máximo
		Todas as pessoas devem usufruir de tudo que a ilha tem. Só que com responsabilidade social grande
		Acho que deveriam respeitar mais a ilha, por exemplo o trânsito, deveriam obedecer mais as leis
		Não poluir, não desmatar. Hoje você não acha o peixe tão fácil na praia. Hoje você vai nem um siri você não pesca mais
		Tem que cuidar da ilha, do meio ambiente, lixo. Cuidar como se fosse a sua casa
Acima de 60 anos	tratando bem	com cuidado
	Agora me pegou. Chegaram, usaram aquilo. A natureza me deu um banho, destruir, tirar uma pedra, fazer sujeira... não	Através do turismo
		Turismo ecológico. Já está começando
		Tem de ter mais uma limpeza
		Do jeito que querem usar
		deve ser muito bem tratada.
		com cuidado
		com respeito
		Pelo engajamento o pessoal era filho do lugar. Muitas coisas o pessoal de fora fez errado. Exemplo o pier, o pessoal daqui cuida melhor
		não sei, pra descanso higiene deve ter, preservar bastante a ilha, não machucar nada

Tabela 67 - Preferências ambientais: moradores urbanos nascidos em Ilhabela

A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão fazer um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência

B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro

C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão do P.E. de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém.

Valores atribuídos às preferências (1 a 3)

Local	Nome	S	Id	A	B	C
Saco da Capela	Roberto	M	22	2	2	3
Saco da Capela	Sem nome	M	49	2	3	1
Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	1	1	3
Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	1	1	1
Vila	Francelisio	M		1	1	3
Saco da Capela	Pedro	M	53	1	1	1
Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	1	1	1
Perequê	Justina	F	45	1	1	1
Barra Velha	Lazaria	F	50	3	3	3
Barra Velha	Edson	M	26	1	1	1
Engenho d'água	Nilton	M	30	1	1	3
Água Branca	Cristiane	F	20	2	2	1
Água Branca	Marcelo	M	26	1	1	3
Água Branca	Valdineia	F	18	3	1	3
Perequê	Oswaldo	M	72	2	2	2
Perequê	Waldeci	M	34	2	2	2
Perequê	Maria Rita	F	25	2	2	2
Perequê	Elisa	F	32	2	2	2
Itaquanduva	Clarisse	F	30	1	1	3
Água Branca	Suzana	F	26	3	1	3
Reino	Ana Claudia	F	22	1	3	1
Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	1	3	3
Reino	Maria Rita Lopes	F	64	2	2	2

* mais de 40 (não sabe)

Tabela 68 - Preferências ambientais: moradores urbanos não nascidos em Ilhabela

A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão fazer um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência

B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro

C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão do P.E. de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém.

Valores atribuídos às preferências (1 a 3)

Local	Nome	S	Id	A	B	C
Capela	Lúcia	F	36	1	1	3
Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	2	3	1
Saco da Capela	Antonio	M	62	1	1	3
Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	2	3	1
Praça da Vela	Izabel	F	65	1	1	1
Pequeá	Carlos	M	61	1	1	2
Praça da Vela	Valdomiro	M	65	1	1	1
Saco da Capela	Julia	F	62	2	2	1
Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	1	1	1
Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	1	2	3
Saco da Capela	Sem nome	M	49	1	1	1
Engenho d'água	Leonardo	M	45	1	1	1
Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	1	1	3
Saco da Capela	Geraldo	M	64	2	3	2
Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	3
Barra Velha	Regina	F	54	2	2	2
Água Branca	Palmira	F	39	1	1	1
Perequê	Ceará	M	31	1	1	3
Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	1	1	3
Água Branca	Luciene	F	23	1	1	1
Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	1	1	3
Itaguassu	Siorino	M	63	1	3	1
Água Branca	Elisabete	F	22	1	1	3
Água Branca	Marcio	M	22	3	3	1
Água Branca	Alexandro	M	26	3	3	1
Perequê	Roseli	F	43	1	1	1
Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	2
Perequê	Cícero	M	42	2	2	2
Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	2	2	2
Perequê	Elisa	F	32	2	2	2
Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	3	1	1
Itaguassu	Edir	F	59	1	1	1
Reino	Margarete Nascimento	F	34	3	3	3
Reino	Francisca	F	21	2	2	3
Reino	Merita	F	31	2	2	2
Reino	Maria Divina	F	22	1	1	3

Valores atribuídos às preferências (1 a 3)

Local	Nome	S	Id	A	B	C
Reino	Luciano	M	19	1	3	1
Bairro da Toc	Clemente	M	61	1	1	3
Bairro Plumár	Santos	So	24	1	3	3
Greenpark	Genivaldo	M	37	3	2	1
Greenpark	Maria	F	40	2	2	2
Água Branca	Neia	F	38	3	3	1
Reino	Benedito Pau	M	31	3	3	3
Reino	Maria José	F	38	2	1	2
Reino	Francisco Fel	M	44	3	1	1
Reino	Severino Gorr	M	58	3	1	2
Greenpark	Reno A Pinto	M	53	1	1	1
Greenpark	Marisa Souza	F	23	1	1	1
Greenpark	Elizete	F	17	2	2	2
Greenpark	Antonio Marc	M	21	2	2	2
Greenpark	James	M	41	2	2	2
Reino	Roseli dos S.	F	28	2	1	3
Reino	Sebastião P.S	M	45	1	3	1
Greenpark	Antonio Neto	F	26	1	3	3
Reino	Maria Rita Lo	F	64	2	2	2

Sueli Angelo Furlan
março/2000

Tabela 69 - Preferências ambientais: comunidade de pescadores

A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão fazer um Plano de Gestão Ambiental do P.E.de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência

B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro

C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão do P.E. de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém.

Valores atribuídos às preferências (1 a 3)

Local	Nome	S	Id	A	B	C
Castelhanos	Otávio	M	62	2	2	2
Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	2	2	2
Castelhanos	Silvia	F		2	2	2
Castelhanos	Erotildes	F	60	2	2	2
Castelhanos	Nair	F	40 *	2	2	2
Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	1
Pr. Vermelha	Andre	M	18	1	1	3
Pr. Mansa	Laercio	M	52	1	1	3
Pr. Mansa	Marcelino	M	33	1	1	1
Pr. Mansa	Rosilda	F	33	1	1	1
Pr. Vermelha	Manoel	M	45	2	1	1
Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	1	1
Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	2	1	3
	Auro Rafael	M	26	1	3	1
Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3
Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	1	3
Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	3	1	3
Castelhanos	Mauro	M	38	3	1	3
Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	1	3	1
Castelhanos	Claudio (filho Sr.João)	M	31	1	3	1

Tabela 70 - Preferências ambientais: amostra total de entrevistados

A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão fazer um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência

B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro

C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão do P.E. de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém.

Valores atribuídos às preferências (1 a 3)

No.	Local	Nome	S	Id	A	B	C
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	2	2	3
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	2	3	1
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	1	1	3
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	2	3	1
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	1	1	3
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	1	1	1
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	1	1	3
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	2	3	1
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	1	1	1
10	Pequeá	Carlos	M	61	1	1	2
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	1	1	1
12	Saco da Capela	Julia	F	62	2	2	1
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	1	1	1
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	1	2	3
15	Vila	Francelísio	M		1	1	3
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	1	1	1
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	1	1	1
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	1	1	1
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	1	1	3
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	1	1	1
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	2	3	2
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	3
23	Praça da Vela	Justina	F	45	1	1	1
24	Perequê	Lazaria	F	50	3	3	3
25	Barra Velha	Regina	F	54	2	2	2
26	Água Branca	Palmira	F	39	1	1	1
27	Perequê	Ceará	M	31	1	1	3
28	Barra Velha	Edson	M	26	1	1	1
29	Sede do PE. Ilhabela	Vera	F	30	1	1	3
30	Água Branca	Luciene	F	23	1	1	1
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	1	1	3
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	1	1	3
33	Itaguassu	Siorino	M	63	1	3	1
34	Água Branca	Elisabete	F	22	1	1	3
35	Água Branca	Cristiane	F	20	2	2	1
36	Água Branca	Marcelo	M	26	1	1	3
73	Reino	Merita	F	31	2	2	2
74	Reino	Maria Divina	F	22	1	1	3
75	Reino	Luciano	M	19	1	3	1
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	1	1	3
77	Bairro Plumário	Santos	So	24	1	3	3
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	3	2	1
79	Greenpark	Maria	F	40	2	2	2
80	Água Branca	Neia	F	38	3	3	1
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	3	3	3
82	Reino	Maria José	F	38	2	1	2
83	Água Branca	Suzana	F	26	3	1	3
84	Reino	Francisco Felix da Silv	M	44	3	1	1

No.	Local	Nome	S	Id	A	B	C
37	Água Branca	Marcio	M	22	3	3	1
38	Água Branca	Alexandro	M	26	3	3	1
39	Perequê	Roseli	F	43	1	1	1
40	Água Branca	Valdineia	F	18	3	1	3
41	Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	2
42	Perequê	Oswaldo	M	72	2	2	2
43	Perequê	Waldeci	M	34	2	2	2
44	Perequê	Maria Rita	F	25	2	2	2
45	Perequê	Cícero	M	42	2	2	2
46	Castelhanos	Otávio	M	62	2	2	2
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	2	2	2
48	Castelhanos	Silvia	F		2	2	2
49	Castelhanos	Erotídes	F	60	2	2	2
50	Castelhanos	Nair	F	40*	2	2	2
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	2	2	2
52	Perequê	Elisa	F	32	2	2	2
53	Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	1
54	Ilaguanduva	Clarisse	F	30	1	1	3
55	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	3	1	1
56	Pr. Vermelha	Andre	M	18	1	1	3
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	1	1	3
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	1	1	1
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	1	1	1
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	2	1	1
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	1	1
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	2	1	3
63	Pr. Mansa	Auro Rafael	M	26	1	3	1
64	Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	3	3
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	1	3
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	3	1	3
67	Itaguassu	Edir	F	59	1	1	1
68	Castelhanos	Mauro	M	38	3	1	3
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	1	3	1
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	1	3	1
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	3	3	3
72	Reino	Francisca	F	21	2	2	3
85	Reino	Severino Gomes	M	58	3	1	2
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	3	3
87	Perequê	Milton	M	31	1	3	3
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	1	1	1
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santos	F	23	1	1	1
90	Greenpark	Elizete	F	17	2	2	2
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	2	2	2
92	Greenpark	James	M	41	2	2	2
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	2	1	3
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	1	3	1
95	Reino	Ana Claudia	F	22	1	3	1
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	1	3	3
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	2	2	2

* mais de 40 (não sabe)

Tabela 71 e Gráfico 20 - de expectativas em face de três cenários de participação

Maior preferência (3)

MORADORES	Opção A (%)	Opção B (%)	Opção C (%)
Urbanos não nascidos	9,28	15,46	17,53
Urbanos nascidos	3,09	4,12	9,28
Comunidade	6,19	5,15	7,22
TOTAL	18,56	24,73	34,03

Opção A – Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo do estado e os empresários vão implantar um Plano de Gestão Ambiental do P.E. Ilhabela e nele nós teremos pouca influência

Indiferentes (2)

MORADORES	Opção A	Opção B	Opção C
Urbanos não nascidos	17,53	14,43	15,46
Urbanos nascidos	7,22	7,22	5,15
Comunidade	7,22	5,15	5,15
TOTAL	31,97	26,8	25,76

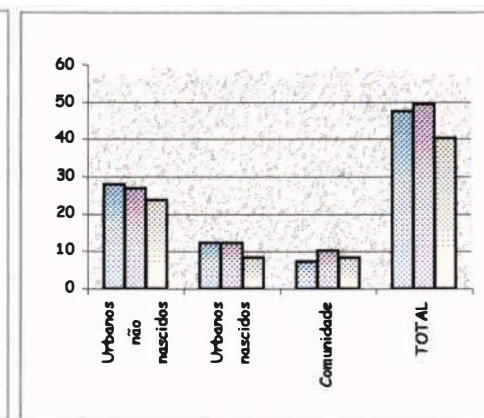
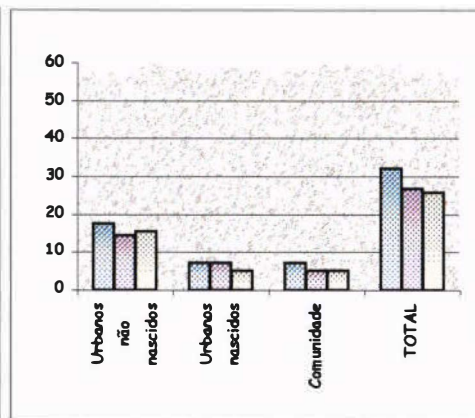
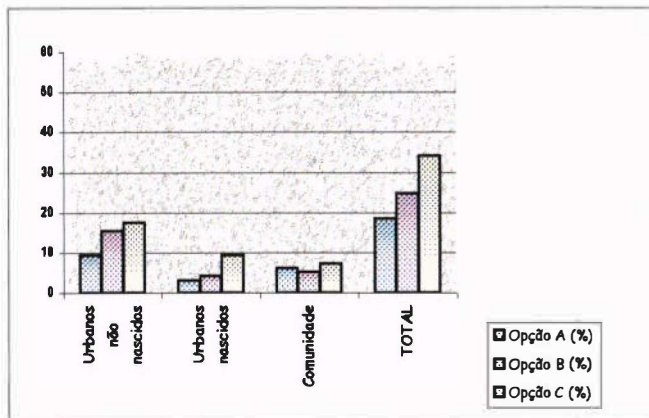
Opção B – Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo do estado, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos um Plano de Gestão Ambiental do P.E. Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro

Menor preferência (1)

MORADORES	Opção A	Opção B	Opção C
Urbanos não nascidos	27,84	26,8	23,71
Urbanos nascidos	12,37	12,37	8,25
Comunidade	7,22	10,31	8,25
TOTAL	47,43	49,48	40,21

Opção C – Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo do estado não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão Ambiental do P.E. Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer ninguém

(*) sobre o total de respostas



Valor econômico e valor turístico

Quais ações estariam efetivamente se concretizando como valorização econômica da ilha e quais suas conseqüências?

O turismo é a atividade econômica principal que se concretiza na Ilhabela há pelo menos três décadas.

Os moradores entrevistados de um modo geral declaram que a Ilha deve ser voltada principalmente para o turismo e que esta atividade é importante para o ilhéu. Mas ao contrário do que se tem como senso comum o turismo não inclui todos os segmentos sociais, e muito pelo contrário vem excluindo o morador de baixa renda, com baixa escolaridade e, principalmente, as comunidades mais isoladas.

Como já dissemos anteriormente o nível de desassistência dessas comunidades é total. Não há energia elétrica, não há manutenção do acesso pela estrada de Castelhanos, não há atendimento aos problemas de saúde, educação e moradia, muito menos projetos efetivos para incluir a pesca, o artesanato ou outra atividade na economia local.

Uma iniciativa da prefeitura que vem sendo bem vista pelos pescadores motorizados é o novo pier construído ao lado do iate clube. Na verdade este terminal concentra o tráfego de embarcações de pesca separando-os dos terminais de embarcações turísticas. Neles as comunidades podem desembarcar o pescado para ser comercializado na ilha ou mesmo no continente.

Os moradores entrevistados vêm o turismo como a principal atividade econômica da ilha, e reclamam do fato de favorecer empresários e pessoas de "fora" da ilha.

Os moradores das comunidades entrevistados sobre essa questão não acham que a Ilha deva ser voltada somente para essa atividade ([gráficos 21 e 22](#)).

A seguir relacionamos outras atividades indicadas como importantes pelos ilhéus:

**Outras atividades importantes para as comunidades da ilha
(visão dos moradores urbanos).**

Atividades esportivas coisas para os jovens senão os jovens caem nas drogas

Turismo, pesca artesanal, alguns trabalham para a prefeitura, serviços públicos pesca artesanal

As festas, a quermesse, (festa de São Benedito)

Cursos voltados para o turismo, para a formação de jovens

A cultura deveria, eu acho que as três secretarias deveriam estar conjunto, turismo Meio Ambiente e Educação. Ensinando a população por exemplo hotelaria para os jovens. Aqui tudo é complicado não tem pessoas que criem um plano. Gostaria muito que as três estivessem unidas e transformassem Ilhabela numa Carmel (?)

Sabe aqui é a parte turística, as pessoas aqui trabalham o serviço público, mas são coisas pequenas. É mesmo o comércio, a venda de camarão, peixe

Acho que para manter a ilha, deveria ter um comércio de artesanato mas o artesanato não é feito pelos artesãos daqui

No momento, as firmas que vem de fora, tá faltando muito trabalho porque vem muito concorrente

Conscientizar as pessoas que vem de fora a tratar da ilha. As pessoas de fora levam vantagem sobre as pessoas do lugar. Peru de fora sempre dá peruada. O Geraldo está aqui há muitos anos. Agora que conseguiu colocar luz. Perdeu tudo: Saco da Capela é o que tinha mais caiçara. Iludiram-se pela cor do dinheiro

Tem que ser preparadas na vida cultural, tem que ser preparadas na saúde, e vivemos ilhados. Tudo chega por último. Vem de fora como um bando de nativos que não sabem nada

Pedreiro

Aperfeiçoar o turismo. Fora o turismo só tem a pesca.

Deve ser emprego. Tá faltando muito, pra homens e mulheres

Acho que deveria ter umas empresas para empregar mais a rapaziada que tá tudo desempregado.

Prestação de serviços para embarcações de passeio. Marinas

Pesca, passeios de barco, Jipes. As pessoas conhecer lugar que não conhece. Scuna, taxi

O mais importante é a construção civil.

A cultura local

Artesanato sumiu um pouco, a pesca, agora a submarina tá proibido

Esportes radicais, juventude muito ligada à droga. O esporte deixa bem

Pesca, oficinas (mecânicas)

Toda aquela que venha a respeitar o meio ambiente e a própria comunidade capaz de gerar emprego. Por exemplo, escolas, profissionalizantes, pra formação de mão de obra ao turismo receptivo. Incentivo ao artesanato que hoje tá morrendo na Ilha. E as atividades paralelas às construção civil

Festa, tipo festa do divino, artesanato. Tem um rapaz que faz escultura (Gilmar)

Mais atividades, a prefeitura poderia fazer mais eventos, pra diversão

Aqui mesmo tem que ser o turismo e se o pessoal não estudar não consegue trabalhar em hotéis

Nem sei, muitos vendem sorvete. Tem restaurante, comércio, né?

Limpeza das praias

Aqui não tem. O emprego que tem aqui é a CESP, SABESP e a prefeitura e quem tá lá não quer sair

Petrobrás é fundamental. Gera empregos. Aqui temos casa de material de construção. Artistas compram terrenos aqui. Dão empregos aos caseiros.

Tem muito pouco emprego. Fora o pessoal do estado, depende do turismo em restorante vende coisa. Tem uma colega que trabalha só na temporada e construiu a casa, tem carro.

Emprego, fábricas apesar que não sei se a ilha tem estrutura para isso, mais escolas

Mais escolas, transporte e estrada. Pesca mas dependo do turismo

Médicos - a gente aqui precisa muito. Minha filha tem 5 anos e não anda

O mercado tá crescendo. Hospital, pronto socorro. Um resgate - por exemplo eu fui acidentado. Decolei em quase 5 m abaixo da moto e tive que ser transportado para São Paulo. Há um ano e 5 meses.

A união de comerciantes

Melhorar este bairro porque ele é muito pobre Queremos nos unir, ser amigos, e lutar para melhorar o bairro

Uma ajuda para os mais fracos, condições financeiras.

**Outras atividades importantes para as comunidades da ilha
(visão dos moradores das comunidades)**

Pesca, roça

Não tem serviço. Serviço mesmo é o mar

A pesca, o turismo não dá emprego para todo mundo

Criam galinhas, sítio , pesca

Pesca, artesanato (canoas, remos grandes e pequenos)

Os donos que tem terra, fizesse casa, pagasse para gente cuidar

Pra ganhar dinheiro só a pesca. Só vivemos de pesca

Deveria ter coisas pras pessoas se divertirem lugar pra gente trabalhar e ter um meio o de ganhar. Pesca... meu marido e agente trabalha na roça

É até maio difícil, nosso emprego mesmo é o mar, a gente sai pescar

Aqui? É difícil porque as pessoas só vivem da pesca

Melhorar as coisas mais e fazer alguma coisa que desse emprego. Escola que precisasse de ajudante de pedreiro - alguém daqui

Se a gente pudesse tivesse uma venda de secos e molhados, para trabalhar. Serviço de roça plantava mandioca, banana, batata-doce, milho, feijão, horta e arroz. Não dá por causa do salitre Mandioca dá bem. Cana, garapa, macaxeira verdura de folha e feijão não dá

Planta muito feijão, mandioca, arroz tem que comprar. Farinha faz aqui mesmo. Só cria galinha, leite tem que comprar. Não dá pra criar vaca por causa dos morcegos, matam tudo.

Planto mandioca, cultivo roça de banana. Tem uma pequena renda. Mas a florestal não deixa. Voltar as antigas roças, artesanato de bambu cipó. Não poderia mais com madeira.,

As sugestões são variadas e fica evidente que os moradores urbanos querem se incluir cada vez mais nas atividades do comércio e do turismo. Têm uma visão de suas carências de formação, de inclusão sócio-econômica e da diversidade de aspectos que a atividade turística pode suprir, até mesmo fomentando a pesca como uma atividade que caracteriza a economia da ilha. Há também uma busca de maior valorização do trabalhador local em detrimento aos investidores de fora que trazem muitas vezes a sua própria mão de obra, como é o caso da construção civil.

Do ponto de vista dos moradores das comunidades entrevistadas, seu trabalho é a pesca e a roça - atividades econômicas fundamentais. Sabem que poderiam ter uma melhor inserção na atividade turística sem perder as suas expectativas de viver como sempre viveram como pescadores, mas com mais dignidade e respeito pelo seu modo de vida.

Na verdade a exclusão social e territorial dos segmentos pobres de Ilhabela podem ser compreendidos dentro do que Santos defini como pobres de papel ativo na produção do presente e do futuro (Santos: 2000: 132). Mesmo excluídos os ilhéus descobrem formas de não se entregarem, daí por que distinguir sua pobreza da miséria.

"Miseráveis são os que se confessam derrotados. Mas o pobres não se entregam. Eles descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, eles enfrentam e buscam remédio para suas dificuldades. Nessa condição de alerta permanente, não têm repouso intelectual. A memória seria sua inimiga. A herança do passado é temperada pelo sentimento de urgência, essa consciência do novo que é, também um motor do conhecimento."(Santos, 2000: 118)

Essas colocações parecem oportunas, pois sempre se diz que as pessoas que vivem lutando para sobreviver ao dia seguinte não têm tempo, disposição e nem condição para lutar por um futuro diferente. Na ilha de São Sebastião a fala dos pobres não tem esse tom. Muito pelo contrário tem o tom de quem luta e não desiste.

Sobre o ecoturismo

Qualquer intervenção humana na natureza tem que responder duas questões preliminares:

- Para a conservação da natureza interessa COMO se fará a intervenção.
- Para a sociedade interessa QUEM e PARA QUEM se fará a intervenção.

Todo turismo deveria ser ecológico no sentido de que para usufruir a natureza é preciso ter um conhecimento prévio do ambiente a ser colocado à disposição do uso

turístico. Todo turismo ao projetar infra-estrutura e equipamentos turísticos deveria se pautar no funcionamento da natureza e nos limites ecológicos da mesma. Qualquer tipo de turismo tem que se adequar às fragilidades do meio e ser capaz de gerir e controlar impactos ambientais.

Para a sociedade interessa que todo turismo seja democrático no sentido de:

- ✚ dar acesso a todas as camadas sociais
- ✚ não isolar espaços privilegiados
- ✚ evitar custos econômicos que se realizem distantes do espaço ocupado pelo turismo
- ✚ dar a sociedade educação e cultura de forma a alimentar a simpatia e respeito pelas gerações futuras (ou seja o meu lugar não pertence só a mim individualmente)
- ✚ levar em consideração um programa que implique numa limitação de comodidades e hábitos de consumo desenfreado.
- ✚ respeitar os moradores locais

Podemos dizer que no Brasil o turismo destrói o turismo por um processo de consumismo do espaço. Em Ilhabela o turismo não dá acesso a todas as camadas sociais, isola espaços privilegiados, promove lucros para investidores de fora do lugar, em muitos aspectos desrespeita o morador local.

Uma nova modalidade de turismo vem sendo propalada pelos empresários e governantes na Ilha: o ecoturismo. O ecoturismo na ilha tem se restringido a alguns esportes radicais, passeio de jipe pela estrada de Castelhanos, caminhadas monitoradas pelo parque ou fora dele. Geralmente são passeios que quando monitorados mostra-se um ou outro aspecto mais conhecido do monitor que muitas vezes é um técnico autodidata que constrói solitariamente seus conhecimentos ou que é da região e portanto é dono de um saber construído a partir da vivência e sua cultura.

Na Ilha o lazer e o esporte de aventura é fortemente corroborado pela mídia. Para muitas pessoas isso é ecoturismo. De um modo geral o lazer e o conhecimento ainda não interagem.

É evidente que há razões para explicar esse comportamento, tais como a falta de orientação prévia, a ausência de monitoramento da visita, o perfil do visitante, os efeitos da mídia que geram expectativas fundamentadas apenas no prazer, na saúde corporal e aventuras, etc..

No entanto a modalidade ecoturismo é conceitualmente mais pretensiosa. Ao mesmo tempo que leva o visitante a ter atividades de lazer busca-se formação de consciência socioambiental e atitudes conservacionistas, adequadas em relação ao ambiente.

O ecoturismo deveria ser necessariamente uma atividade de baixo impacto ambiental. Mas é muito mais forte a concepção de que a natureza é mais um objeto a ser consumido. Daí porque o lixo ser um problema tão sério.

Muito mais distante está a natureza para ser conhecida e sentida, resignificada. Nas unidades de conservação, e em particular no Parque Estadual de Ilhabela, tem se trabalhado o ecoturismo numa aproximação conceitual com a Educação Ambiental. Muitas estratégias desenvolvidas para programas de Educação Ambiental têm sido adaptadas a roteiros turísticos, tais como visitas monitoradas, palestras de campo, exibição de filmes, etc

De acordo com uma avaliação ainda preliminar das prioridades para implantação do PGA da Ilha percebe-se uma forte tendência em priorizar a política de visitação agora também chamada de ecoturismo. Alguns problemas surgem de imediato. O plano de manejo será a única base conceitual e espacial para implantação da atividade turística.

Outro problema mais grave é que a visitação tem se tornado uma fonte de renda importante para as Ucs que cotam com orçamentos exíguos para todas as suas atividades. Isto poderá ser uma ponta de iceberg na questão da captação de recursos e desencadear um processo de mercantilização de um turismo indesejável e predatório.

Outro aspecto igualmente importante e que desvirtua conceitualmente os objetivos do ecoturismo é a visitação desordenada e sem fundamentação ecológica. Muitos planos de manejo não desenvolveram com profundidade e adequação os planos turísticos. Podendo esta atividade ser considerada altamente caótica na atual situação.

Na Ilha de São Sebastião vem se configurando o turismo esportivo, aquele voltado para os esportes náuticos e de aventura com trilhas na parte terrestre e mergulho. Mas a ilha antes de se tornar lugar para o turista, é lugar para os ilhéus. Para o turista a ilha é o espaço turístico representado pela imagem e produto construídos de fora. Um espaço que passou por turistificação¹⁴ em função de suas paisagens.

Este é um processo de imersão, ao nível do imaginário e simbólico, comercial e material de um espaço conquistado para as atividades de lazer (Cazes, 1992:64; Dewailly & Flament, 1993:145 apud Lazzarotti, 1994:638). No caso da ilha a imagem que se vende ao turista é a da ilha paradisíaca, atrativa ao consumidor urbano. De fato a natureza transformada em imagem de marca que elegeu na ilha alguns atributos como o mar, as trilhas, as cachoeiras, para que os consumidores reconheçam conectem esses atributos a uma "marca". Por exemplo vem se firmando a marca da ilha como a "capital da vela".

Este tipo de turismo de marca vem ganhando fortes aliados do setor hoteleiro local que em função da baixa ocupação do período de outono inverno vem procurando criar novos fatores atrativos para um fluxo turístico mais permanente. Recentemente foi aprovada a construção do centro de convenções na ilha com esta finalidade: criar fluxo permanente de visitantes. Ocorre que as demais infra-estruturas, como vias de acesso, saneamento básico (esgoto e lixo), controle do adensamento urbano, assistência médico-hospitalar, etc. identificadas como questões urgentes pelos moradores ainda estão a buscar soluções. Evidentemente que esta não é uma equação simples, mas sem dúvida uma questão prioritária para qualquer plano turístico que envolva a ilha não somente a ilha imaginária do turista, mas a ilha real de seus moradores.

Pensando em outras sugestões para a ilha solicitamos aos entrevistados que sugerissem atividades que, na sua visão, não danificam o ambiente. Obteve-se o seguinte rol de sugestões:

¹⁴ "O turismo é uma forma de condicionamento, de utilização do espaço através de uma relação vertical que os geógrafos denominam "turistificação", Leandro, 1997: 85.

Atividades econômicas que podem ser praticadas sem danificar o ambiente (visão do morador urbano)

Terminar o asfaltamento, arrumar a entrada da balsa, sinalizar os pontos turísticos

A pesca não atrapalha em nada.

Bom, aumenta o comércio

Ecoturismo, pesca (de forma racional)

Ecoturismo, caminhadas, pesca esportiva

Vender manga nas praias

As ligadas ao turismo

Turismo náutico, motocross, calçar a estrada dos Castelhanos e fazer grandes hotéis lá, pra gerar dinheiro, pois industria não pode e a pesca não dá mais

É a questão turística deveria abrir aqui é um cassino, renderia muito dinheiro

Artesanato, deixar a gente viver, pescar

Construção civil, pesca, restaurante, hotelaria não tem

Pesca e artesanato

Não sei. Não existe nenhuma fábrica. Se tivesse começava a poluição

O comércio, fábrica de roupa, não deve prejudicar o meio ambiente

O turismo de barco, caminhadas

Achava uma fábrica, mas acho que não pode, porque muita gente ia ter emprego

Fazer alguma coisa pras crianças de diversão que dê dinheiro

Pesca, artesanato, turismo, assim como se pode dizer:que você conscientize as pessoas a aproveitar sem destruir

No caso seria um shopping, deixo ver... eventos, a ilha está precisando de eventos

Toda e qualquer atividade que seja direcionada, controlada. Secretaria do turismo que quer desenvolver o turismo. Se a industria da ilha é o turismo tem que preservar e controlar

Um mercado enorme como o Pão de Açúcar, lojas maiores. Um shopping

O turismo danifica, mas precisamos do turismo, qualquer coisa que você faça já muda, uma rua que

abre já muda, né? O carro o monóxido de carbono, acho que o que não danifica é caseiro, acho que a pesca não danifica

É difícil hein? Não sei. Acho que o comércio

Investir no turismo em esportes pros jovens

Aqui na ilha. Nem sei, qualquer coisa que for montada tem que destruir alguma coisa. Não há como manter intocado

Mais comércio, banco

A pesca, o comércio

A gente até tinha alguma coisa pra fazer, a prefeita deu terreno, mas o presidente da associação do bairro pegou tudo com os parentes

Tê, tem, mas não tem. Teria que abrir fábrica

Sou contra destruir porque a natureza a gente tem que preservar

Não há. Sempre acaba destruindo o meio ambiente

Fábricas, né?

Não pra se montar uma firma grande destrói a natureza

Idéia de algum... Deveria ter algo que gerasse mais emprego, que desse emprego para a rapaziadinha

Acho que o turismo tem que aumentar para não mexer na natureza

Reciclagem no aterro sanitário

Construção civil, a pesca

Atividades econômicas que podem ser praticadas sem danificar o ambiente (visão do morador da comunidade)

Acho que a gente devia poder pegar uns paus pra fazer canoa

Devia ter mais coisa, até escola, os jovens chegam até a 4a.série, depois tem que ir lá pra Ilhabela

Não sei, tão difícil aqui pra dar emprego aqui. Aqui não melhora por causa da estrada, só fica nesse bagaço, tinha que arrumar a estrada. Não é porque temos barco que não tem que arrumar a estrada. Quando o mar tá bravo?

Não existe

O único meio , são as vendas que não prejudica a natureza

Aqui é difícil né, responder isso, né?

Tem, o artesanato. Várias cestinhas de bambu, tapetes, tipiti

Construir casa com madeira de outro lugar

Não tem, nós já fizemos essa prova. Se for mexer no mar ou na terra tem que mexer na natureza

Não aqui não. Só a pesca

As atividades propostas são, em sua maioria, demandas de urbanização. Percebe-se também nesse rol de respostas que não há noções de impactos sobre o ambiente insular nas propostas dos moradores. Interessante comparar a coerência entre o conceito de natureza dos caiçaras e suas sugestões. Reconhecem que para aquela natureza conservada sob a ótica do parque não tem como viver sem "mexer na natureza".

"Não tem, nós já fizemos essa prova. Se for mexer no mar ou na terra tem que mexer na natureza" Sr. Pedro Euzébio, Praia dos Castelhanos.

Considerações finais sobre a descrição das entrevistas

A conquista da cidadania não é uma questão de reconhecer ou conceder a alguém direitos. Mas efetivamente uma apropriação civil dos direitos e liberdade democrática num processo construtivo de um novo modelo de sociedade civil. Mas aprender a ser cidadão em realidades socialmente tão desiguais como a nossa é uma

conquista que depende de muitas contingências. Discutimos vários aspectos de como se determina o futuro de lugar nele e fora dele. Daí usarmos conquista da cidadania, para nos referirmos ao fato de sua ausência para muitos moradores de Ilhabela. Esta conquista depende de vontade política mas também de mudanças nas mentalidades. Assim poderá atingir a todos os grupos sociais envolvidos na conservação socioambiental. Essa conquista envolve consciência, organização, ação política, ética, democracia, e muitas outras coisas, que interagem em espaços e tempos distintos.

As concepções de mundo, de natureza, de inter-relações são essenciais nesta conquista. São aspectos complexos e difíceis de serem analisados. Mas aos poucos podemos buscar compreendê-los. Em Ilhabela os ilhéus valorizam as singularidades do ambiente insular e refletem sobre o modo como se pode utilizá-la e conservá-la, questionando ao mesmo tempo como torná-la lugar de melhores condições de vida. O fato de perceberem que isto é necessário para todos os ilhéus e não apenas para uma parte de seus moradores e frequentadores é um passo essencial, uma possibilidade de uma nova pedagogia para a cidadania. Isso implica em questionar o quanto se conseguiu conservar de florestas sem degradar a vida das próprias pessoas, comparando usos, idéias e projeções que as pessoas tem de seu lugar.

Todos os momentos são de mudanças. Não partilho da idéia de que "as coisas mudam para permanecerem iguais". As pessoas passam, ficam as instituições e aquilo que de permanente deixaram ficará para o futuro. No entanto, no estado transitório, o que prevalece de imediato é a experiência direta das pessoas com os lugares. São as pessoas que sentem, vivem e transformam os diferentes lugares cotidianamente.

Para a natureza o importante é saber como ela vêm sendo utilizadas, quais os problemas desta utilização, no que podemos melhorar para garantir a permanência de seus processos funcionais. No entanto para a sociedade interessa quem utiliza e a quem esse modo de utilização estará atendendo de maneira mais justa.

Daí a urgência de se procurar caminhos para tornar menos injusta essa utilização, não penalizando os mais pobres que em geral são a maioria.

Apesar de não ser simples, é claro que esta dimensão se aproxima daquilo que move os lugares para além da política. Aquilo que está no cotidiano das paisagens. Por exemplo, o que os ilhéus esperam do lugar onde vivem, como se relacionam com

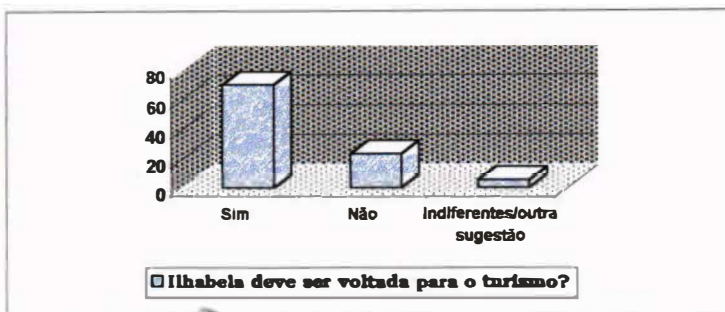
ele, como realizam seus projetos, como percebem a si próprios como sujeitos da conservação ambiental, qual é a relação que mantêm com a natureza do lugar onde vivem.

Neste sentido nos parece que em Ilhabela o nível de conscientização das problemáticas socioambientais está claro. As concepções de mundo divergem mas podem se somar em torno de interesses comuns. A pluralidade cultural dos ilhéus é uma vantagem e pode concorrer para aprimorar os projetos de conservação. A questão central nos parece estar nas concepções das políticas públicas que operam com um conceito de natureza desumanizada, de território como perímetro e de lugar como localidade.

Por isso a posição escolhida neste trabalho foi dialogar diretamente com os dois parâmetros da conservação: “o como e para quem”. Daí assumir que os cenários propostos nas entrevistas possibilitaram rever os fatos que deviam ser aprofundados no Plano de Gestão Ambiental do parque, buscando interpretá-los como colocações significativas para os ilhéus e para o ambiente. É do diálogo permanente que podemos formular e reformular o modo de ver e analisar o problema e sugerir alternativas

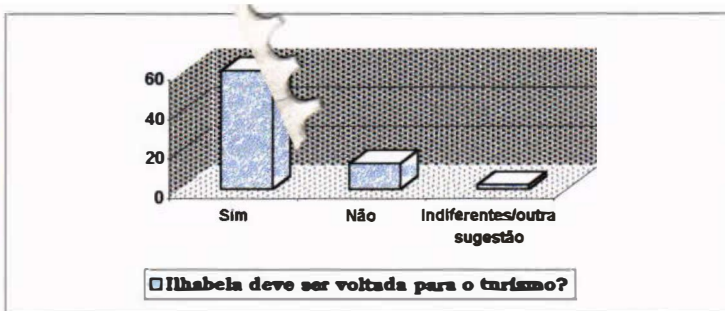
Ilhabela deve ser voltada principalmente para o turismo

Respostas	
Sim	69
Não	23
Indiferentes/outra sugestão	5
	97

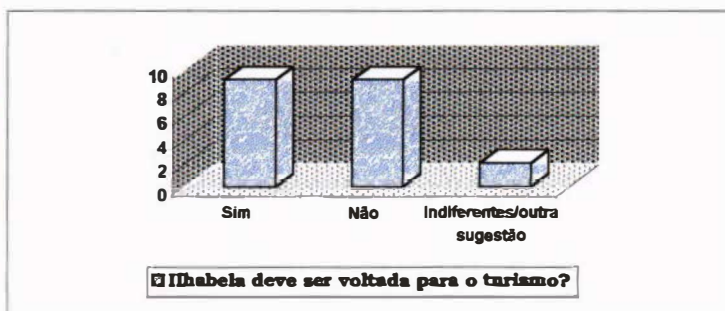


Ilhabela deve ser voltada principalmente para o turismo?

Respostas - Moradores urbanos	
Sim	60
Não	13
Indiferentes/outra sugestão	2
	75

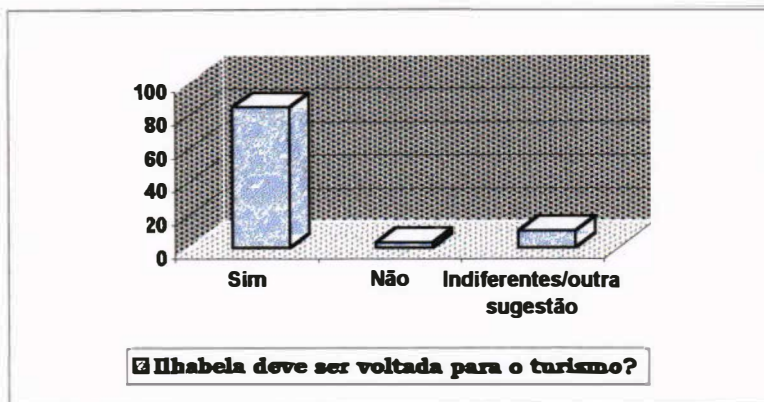


Respostas - Moradores comunidades	
Sim	9
Não	9
Indiferentes/outra sugestão	2
	20

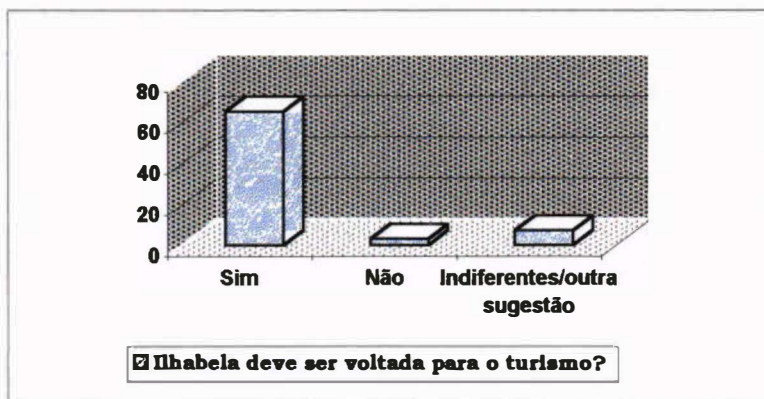


O turismo é importante para os moradores de Ilhabela?

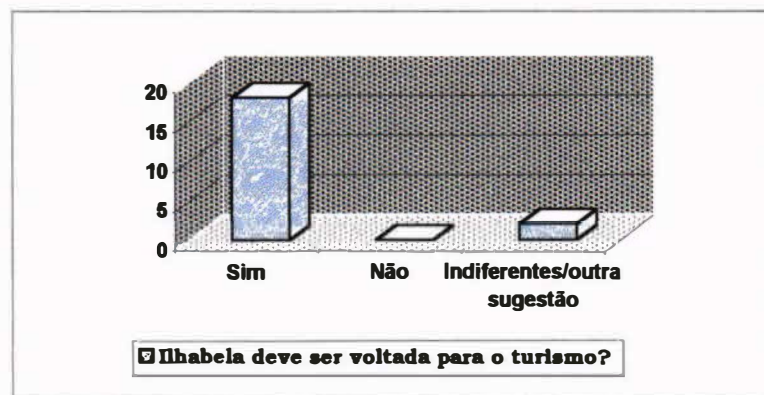
Respostas	
Sim	84
Não	3
Indiferentes/outra sugestão	10
	97



Respostas - Moradores urbanos	
Sim	65
Não	3
Indiferentes/outra sugestão	7
	75



Respostas - Moradores comunidades	
Sim	18
Não	0
Indiferentes/outra sugestão	2
	20



Capítulo 5 – Implicações sociais e ambientais da criação do PE Ilhabela: o paradigma da contenção do desmatamento.

As políticas públicas de conservação ambiental se pautaram nas últimas décadas no paradigma da contenção do desmatamento. No entanto, temos visto que esta é uma questão ainda insolúvel. Inúmeras são as estatísticas que demonstram a progressão da perda de cobertura florestal ano a ano no Brasil, e no Mundo.

Whitmore (1997: 4) estudando as taxas de desmatamento e conversão das florestas pantropicais demonstrou que estas continuam apresentando perdas significativas nas últimas décadas. Estimou que na década compreendida entre 1981 a 1990 cerca de 15,4 milhões de hectares de florestas tropicais foram destruídas, representando uma perda em torno de 0,81% do total de coberturas florestais do globo. Quase metade deste desmatamento ocorreu nas Américas (48%). As maiores taxas de desmatamento se concentram nas florestas tropicais úmidas. Entre 1981 e 1990 foram perdidos 67 milhões de hectares de florestas nas Américas. Em termos regionais e continentais a perda de florestas tropicais tem ocorrido a uma taxa de aproximadamente 1% ao ano. Mas é preciso lembrar que essas médias escondem uma realidade ainda mais alarmante. Quando se analisa o desmatamento numa escala de maior detalhe, há grandes áreas no Amazônia e na Mata Atlântica que perderam quase 100% de sua cobertura florestal em menos de uma década. Isto ocorreu, por exemplo na região do Bico do Papagaio no Estado de Tocantins (Sampaio et al, 1996).

Mas o que está por trás desses dados? Quais são as causas do desmatamento das florestas tropicais? Quais são as políticas públicas efetivamente criadas para atuar na causa? Será o desmatamento o que devemos combater ou as suas causas? As políticas públicas urgentes para conter esta progressão estão assentados em questões sociais e econômicas, para as quais existem tímidas iniciativas governamentais. A maior parte da perda de cobertura florestal na Amazônia se deu com a expansão das frentes pioneiras dos grandes projetos de assentamentos agrícolas do próprio governo. As maiores taxas de desmatamento ainda ocorrem por conta da conversão das florestas em monoculturas e pastagens pouco rentáveis. No litoral brasileiro temos a expansão do turismo predatório em função da especulação

imobiliária e um processo de urbanização intensa. O desmatamento seletivo para extração de madeiras nobres tem levado a destruição de 5,6 milhões de hectares por ano na Amazônia ocidental. Somando estes dados cerca de 1,2% de florestas tropicais do mundo são destruídas por ano. Na [tabela 72](#) e [73](#) temos uma estimativa por continentes das áreas cobertas por florestas tropicais e as taxas de desmatamento anual.

Mesmo buscando atuar no efeito, por meio da criação de Unidades de Conservação o fato é que o processo de fragmentação das florestas traz impactos ambientais significativos que acentuam a depauperização das florestas. Os estudos da relação área x biodiversidade e efeito de borda em fragmentos florestais têm demonstrado que os impactos da fragmentação são maiores do que se pensava. Skole & Tucker (1993) estimaram que em 1988 somente 6% da floresta ombrófila densa da Amazônia havia sido afetada por desmatamento, no entanto 15 % está atualmente afetada em função do efeito de fragmentação.

É fundamental conhecer e discutir esses processos tendo como meta manejar e possibilitar uma recomposição de florestas com múltiplas finalidades. No entanto o desmatamento tornou-se o paradigma que sustenta apenas o mito da intocabilidade, isto é, para conter o desmatamento basta banir o homem da floresta, isolando-a e controlando e direcionando o seu uso. Conter o desmatamento tem significado "congelar" áreas controlando o acesso humano mediante regras julgadas mais adequadas para o funcionamento da natureza. No entanto as verdadeiras causas do desmatamento vem sendo pouco combatidas.

Pretende-se nesta parte discutir a questão do desmatamento procurando sustentar a hipótese de que as ações governamentais para coibir o desmatamento e conservar os remanescentes florestais tem se pautado por critérios socialmente injustos e ecologicamente ineficientes. Não se atua nas causas fundamentais, tais como na expansão urbana, nos grandes projetos imobiliários, no modelo de desenvolvimento, na questão agrária, etc causas significativas para conter o processo de fragmentação das florestas na atualidade. Quando há atuação "eficiente" promove injustiça social, como é o caso da repressão imposta às comunidades de pescadores artesanais e outros segmentos culturalmente diferenciados cuja sobrevivência depende diretamente do uso da floresta.

Tabela 72 - Área estimada de florestas tropicais em 1990

	Florestas Tropicais (várias tipologias)		Terres Baixas						Encostas e Montanha	
			Total		Floresta Pluvial		Floresta Estacional			
	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)
África	527	30	372	25	86,6	12	251	42	35,2	17
Continente	512	29	360	24	82,1	11	247	42	30,7	15
Madagascar	15,8	1	12,9	0,9	4,5	0,6	3,8	0,6	4,6	2
Ásia	311	18	244	18	178	25	42	7	44,6	23
Continente	139	8	95,7	6	33,5	5	36,3	6	25,8	13
Malásia	171	10	171	11	144	20	5,7	1	20,7	10
América	918	52	870	58	451	63	298	80	122	60
Caribe e América Central	115	6	111	7	44,7	6	25,7	4	40,9	20
América do Sul - Tropical	803	46	759	50	406	57	272	46	80,7	40
Total Global	1.254		1.610		715		591		203	

(*) Em milhão de hectares

Fonte: FAO, 1993

Tabela 73 - Estimativa anual de desmatamento das florestas tropicais e percentagem anual de desmatamento de 1981 a 1990

	Florestas Tropicais (várias tipologias)		Terres Baixas						Encostas e Montanha	
			Total		Floresta Pluvial		Floresta Estacional			
	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)
África	41	0,72	30	0,75	4,7	0,51	22,5	0,82	2,9	0,75
Continente	40	0,72	29	0,74	4,4	0,51	22,1	0,82	2,5	0,75
Madagascar	1,3	0,79	1,1	0,77	0,3	0,6	0,4	0,98	0,4	0,78
Ásia	39	1,1	34	1,1	22,3	1,2	6,8	1,4	4,9	0,95
Continente	19	1,2	13,7	1,3	5,1	1,3	5,7	1,3	3	1
Malásia	20	1,1	20,4	1,1	17,3	1,1	1,1	1,7	1,9	0,84
América	74	0,75	67,4	0,72	19	0,4	31,8	0,96	16,6	1,2
Caribe e América Central	12	0,97	11,5	0,94	2,6	0,55	3,8	0,99	6,1	1,3
América do Sul - Tropical	62	0,71	55,9	0,69	16,4	0,29	28,9	0,96	10,5	1,2
Total Global	154	0,81	131	0,9	46	0,64	61	0,94	24	0,93

(*) Em milhão de hectares

Segundo dados da FAO as formações denominadas florestas naturais correspondem a zonas com cobertura florestal de pelo menos 10%

Fonte: FAO, 1983

Analisar as múltiplas causas relacionadas a destruição florestal requer uma visão de conjunto dos fatores sociais, econômicos, culturais e ecológicos.

No caso brasileiro as visões sempre foram parciais. De um lado a ótica ecológica estrito sensu de outro a econômica sempre conflitaram. Evidentemente tem prevalecido as condições macro e microeconômicas que incentivam o desmatamento, seja na ausência de políticas públicas eficientes, seja por uma compreensão equivocada da conservação x preservação. Entre os fatores macro econômicos que condicionam o desmatamento temos: o crescimento e concentração populacional, o mercado, os padrões de vida, o desemprego, modelos de desenvolvimento e de exploração dos recursos naturais, as tecnologias, a dívida externa, etc. Do ponto de vista social e microeconômico podemos citar a questão fundiária, os incentivos governamentais, migrações internas, práticas culturais, conhecimentos sobre funcionamento dos ecossistemas florestais. .

Portando as causas do desmatamento são muitas, interdependentes e atuam a nível internacional, nacional e local. Muitas causas são indiretas e envolvem aspectos difíceis de abordar, pois estão amarradas a questões políticas em torno da conservação dos ambientes florestais. Aspectos como a distribuição desigual das terras, as relações de poder a nível local, a mobilidade espacial da população pobre para zonas marginais, o funcionamento de sistema de preços, a debilidade das instituições chamadas para proteger as florestas, a incoerência das políticas públicas, entre outros fatores, não podem ser atacados isoladamente, estão marcadas por conflitos de interesses e demandam reformas profundas nos procedimentos das instituições públicas e na lógica da nossa sociedade. Por esse motivo, na conservação ambiental, o desmatamento não é um problema técnico a ser resolvido. É muito mais do que isto.

Se a distribuição desigual de terras agrícolas continua sendo promovida ou incentivada, se há desemprego e a oferta de trabalho é desigual a mobilidade populacional rural continuará ocorrendo. Se há ausência de políticas governamentais em educação e saúde para as populações marginalizadas, essas populações se vêem obrigadas a engrossar os cinturões de miséria urbana e a ocupar novas terras florestadas, onde em condições precárias conseguem sobreviver durante alguns anos, engrossando novamente movimentos migratórios em busca de novas possibilidades de

melhoria de vida. Se este quadro não se modifica a migração será a única opção para as pessoas que buscam escapar da violação de seus direitos humanos de sobrevivência. Se a monocultura, que absorve pouca mão de obra é incentivada na agricultura e se aplicam vultosos recursos financeiros nesta prática agrícola tomando capitais externos, a dívida dos países do terceiro mundo tende a aumentar. Se os países desenvolvidos continuam com seu apetite de consumo baseado na agricultura insustentável da revolução verde a destruição das florestas tropicais continuará. Esse é um pequeno exemplo da rede de complexidades que envolvem o desmatamento das florestas tropicais.

Com freqüência os governos dos países do Norte e do Sul tem mencionado a pobreza como principal causa e principal conseqüência da destruição de florestas tropicais. Justifica-se a degradação com o argumento de promover o crescimento econômico e aprofundar as reformas estruturais impostas nas últimas décadas. No entanto, o combate à pobreza estrutural não deve estar desligado da necessidade de proteção ambiental. Sabe-se que a pobreza limita as possibilidades de atuar com as metas de longo prazo, dada a emergência social, no entanto a falta de consideração pelo futuro não é meramente uma questão da pobreza. Ela também pode ser constatada entre aqueles que desfrutam da riqueza, seja pela forma como "devoram" energia, consomem recursos, ou pelo individualismo como conduzem as decisões que dizem respeito aos seus hábitos e costumes. A pobreza e a riqueza são conseqüências de nossa sociedade e a destruição ambiental também, portanto devemos atacar ambas as causas, que são estruturais, de maneira simultânea.

Os fatores econômicos e o desmatamento das florestas tropicais

O desmatamento tem sido estudado como sendo uma conseqüência apenas das atividades econômicas locais ou de aspectos socioculturais, tais como o fato dos agricultores utilizarem o fogo para limpar a roça, ou retirarem madeira para confecção de canoas e apetrechos de pesca, no caso dos caiçaras. Quando a análise é feita sob essa ótica perde-se a visão dos aspectos conjunturais que levam, não o agricultor, mas um país inteiro a destruir os remanescentes de suas florestas tropicais. No Brasil fato bem conhecido é que o desmatamento das florestas tropicais em grande escala, se

deu a partir de fatores econômicos aliados a conjunturas internacionais, desde a sua colonização. A Mata Atlântica foi reduzida a 7% de sua área original em função da economia da cana-de-açúcar no Nordeste e do café no Sudeste, depois ao desenvolvimento industrial polarizado, urbanização concentrada, indústria do turismo, etc. Por isso a análise de causas econômicas do desmatamento tem que levar em consideração fatores macroeconômicos que influenciam as políticas públicas nacionais. O desmatamento nos países da América Latina, em particular o Brasil, está interligado aos problemas socioeconômicos conjunturais.

Uma das causas é o fato de que o desenvolvimento nestes países é financiado com capital estrangeiro que faz com que enormes quantias de dinheiro saiam da América Latina para saldar compromissos financeiros assumidos com bancos internacionais. Todo dinheiro que sai deixa de ser investido internamente, deixando a mingua setores fundamentais como saúde, moradia, educação, saneamento básico, etc.

Ocorre também que internamente os recursos também não são aplicados para solucionar problemas sociais. Além do problema da dívida externa e da sangria social que ela representa, predominam ausência de políticas públicas que efetivamente apoiem planos de conservação ambiental. As políticas são fragmentárias, setorializadas e descontínuas no tempo. Por exemplo, apesar da importância ambiental das Unidades de Conservação (Parques, Estações Ecológicas, APAs, etc) elas cobrem menos de 15% do território Nacional. Só na Amazônia as florestas cobrem mais de 40% do território nacional. Portanto é preciso uma política mais abrangente que trate a conservação dos ecossistemas como um todo e não como "ilhas" ambientais.

Um ponto nevrálgico da conservação ambiental está na ineficiência dos governos, nos mecanismos de corrupção, nos interesses políticos de grupos, nos projetos políticos pessoais, etc. No caso das florestas tropicais brasileiras, muitos dos conflitos são decorrentes desta situação que envolve desigualdades sociais, políticas fragmentárias, falta de respeito a pluralidade cultural e ausência de investimentos em conservação.

No Brasil, um outro problema é que os investimentos em conservação muitas vezes, significam maior dependência e dívida para o país. Muitos projetos que vem sendo

encaminhados nesse sentido são inteiramente financiados com recursos oriundos do exterior e significam endividamento.

Problemas estruturais: as políticas públicas e as instituições

Em geral as políticas públicas dos países da América Latina, dentre eles o Brasil, tem se pautado por debilitar as instituições de controle e regulação ambiental; fortalecer as atividades econômicas, alinhando-se as políticas neoliberais mundiais, com fortes impactos socioambientais. Produção é direcionada para produtos que tem um fácil ingresso nos mercados internacionais; empobrecimento de um numeroso contingente de camponeses cuja pressão sobre os solos e sobre as florestas acaba se intensificando. É comum observar que as políticas macroeconômicas e as políticas de proteção do meio ambiente são díspares. Por exemplo se um país sustenta a sua balança comercial baseado na exportação de produtos da monocultura (por exemplo: soja, milho, algodão, cana, café, entre outros, como é o caso brasileiro), como pode equacionar a questão do desmatamento se as grandes monoculturas de exportação ocorrem no domínio dos ecossistemas naturais. Além disso é fato que este tipo de agricultura exclui o homem do meio rural promovendo êxodo com conseqüente desmatamento em outras regiões.

Neste contexto é indispensável modificar as políticas dos governos locais e dos organismos multilaterais de desenvolvimento, em especial o Banco Mundial e os Fundos Monetários Internacional, agentes indiretos das políticas públicas, pois financiam e impõem modelos de desenvolvimento econômico.

Um dos estudos que ainda está para ser feito é justamente sobre o impacto das políticas internacionais de ajuste financeiro sobre o meio ambiente e em especial sobre o estado de conservação e degradação de todas as florestas do planeta. Esses estudos seriam muito importantes para que sociedades e governos, estabelecessem medidas corretivas adequadas a magnitude das conseqüências.

Outro aspecto importante é o estabelecimento de metas socioambientais, não exclusivamente monetárias, para os programas internacionais, que não seguissem calendários eleitorais, casuísmos políticos, nepotismo e apadrinhamentos, contextos

políticos locais. Estas teriam que ser previstas para uma temporalidade maior baseada nos problemas que pretendem resolver.

É importante construir metas que considerem o uso de indicadores adequados e devidamente valorados e que pudessem ganhar o domínio público, para que sociedades e governos pudessem "fiscalizar" o seu cumprimento.

Evidentemente é fundamental resolver a questão do financiamento internacional do desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. A falta de solução para o problema da dívida externa e interna representa a sangria dos recursos que deixam de ser aplicados nos problemas estruturais internos dos países ditos "devedores".

Problemas estruturais: o comércio internacional de produtos florestais

É preciso incentivar ainda mais a negociação global sobre o comércio internacional de produtos da floresta, considerando os impactos indiretos sobre as florestas de todos os produtos que se comercializam internacionalmente. A Organização Mundial do Comércio (OMC), órgão que regulamenta e fiscaliza o comércio internacional deve considerar, em relação a estes temas, sua compatibilidade com acordos ambientais internacionais e em especial a Convenção de Diversidade Biológica (Agenda 21). Esses organismos mundiais precisam pactuar suas ações. Parecem tantos elos que fica complicado compreender como o comércio de produtos florestais não segue os dispositivos internacionais de proteção ambiental. As negociações da OMC não podem se isolar dos debates ambientais mundiais e não podem ser as que marquem a pauta de todos os acordos ambientais internacionais.

A madeira continuará sendo um produto florestal exportado dos países com reservas. É preciso no entanto garantir que essa extração seja sustentável e que seu valor contenha o custo ambiental de sua extração, ou seja, regulamentar seu manejo e investir na sustentabilidade, impedir o contrabando e extração clandestina de madeiras e outras indústrias extrativas. As restrições comerciais não devem ser unilaterais, porém é urgente chegar a um acordo que permita incluir os custos adicionais que supõem o manejo sustentável e que deixe de incentivar as exportações baratas de madeira obtidas a custa da destruição das florestas. Para isso é necessário

avaliar os sistemas de produção dessa madeira e não somente as políticas nacionais.

Problemas estruturais: os padrões de consumo

Uma das mudanças estruturais mais importantes para a conservação de florestas tropicais e também a mais difícil são os padrões de consumo. A voracidade do consumo de recursos do mundo atual, principalmente do modo de vida urbano das grandes cidades, é insustentável para os recursos naturais de um modo geral. Ou seja não é um problema exclusivo das florestas. É um problema estrutural das sociedades urbanas contemporâneas.

No caso das florestas tropicais os modelos de consumo de nossas sociedades criaram uma demanda insustentável pela quantidade de recursos florestais usados para as mais variadas finalidades. É um problema de todo o mundo, mas é mais grave nos países industrializados que exercem uma forte demanda de certos bens cuja produção por sua vez provoca o desmatamento.

Vários cálculos e estimativas apontam que o planeta não poderá resistir a homogeneização do consumo seguindo o mesmo modelo e o mesmo nível de consumo dos países mais industrializados. Ao mesmo tempo, os níveis de consumo de das camadas populares está abaixo do mínimo indispensável para sua sobrevivência e em muitos casos em condições aviltantes não atendendo nem os princípios básicos dos direitos humanos. É o caso de quase todos os ilhéus entrevistados neste trabalho. Sem uma política redistributiva radical que simultaneamente racionalize o consumo dos que tem mais acesso econômico e melhoraria dos níveis de consumo daqueles que estão excluídos, em situação de pobreza estrutural e sem políticas sociais mínimas de saúde, educação, moradia, trabalho, não superaremos os dilemas de nossa época.

O desmatamento no domínio das Matas Atlânticas

As Matas Atlânticas ocorrem em 16 estados brasileiros ([tabela 74](#)). No domínio das Matas Atlânticas estão as maiores cidades brasileiras onde vivem 80 milhões de pessoas, ou mais de 50% da população brasileira. Neste domínio estão, também, os

grandes pólos industriais, químicos, petroleiros e portuários do Brasil, sendo responsáveis por 80% do PIB nacional.

O desmatamento das florestas tropicais promove a perda de habitats e conseqüentemente a perda de biodiversidade. As Matas Atlânticas passaram por um processo de destruição sistemática ao longo da história brasileira. Dentro do domínio das Matas Atlânticas encontram-se as florestas que cobrem o litoral brasileiro de norte a sul e suas extensões para áreas menos úmidas do interior das regiões sudeste e sul (mapa 5). Hoje resta apenas 12% de um total de 1.300.000 quilômetros quadrados dessas matas localizados em sua maior parte no estado de São Paulo (tabela 74) (CIMA, 1991).

Tabela 74 - Área de cobertura das Matas Atlânticas no Brasil (área em Km²)

Estado	Cobertura original	Cobertura atual	% remanescente
Minas Gerais	250.000	13.300	5
São Paulo	201.000	32.210	16
Paraná	180.000	34.336	19
Rio Grande do Sul	170.000	11.282	7
Bahia	140.000	7.446	5
Mato Grosso do Sul	80.000	10.816	14
Santa Catarina	77.000	23.730	31
Goiás	50.000	6.000	12
Espírito Santo	45.500	4.587	10
Rio de Janeiro	44.000	5.001	11
Pernambuco	20.000	394	2
Alagoas	13.000	367	3
Sergipe	12.000	85	1
Ceará	10.000	2.000	20
Paraíba	6.000	560	9
Rio Grande do Norte	2.600	594	21
TOTAL	1.301.100	152.708	12

Fonte: CIMA, 1991

A intensidade da devastação das matas varia conforme o estado. No estado do Alagoas por exemplo 99% da cobertura original foi convertida em agricultura e pastagens. Já em Santa Catarina o desmatamento atingiu 69% de sua cobertura.

O estado de São Paulo fica numa das regiões do Domínio das Matas Atlânticas, onde no passado havia uma das maiores interiorizações das florestas. Por isso o seu desmatamento é muito significativo. No estado de São Paulo restam 1,7 milhão de hectares de matas atlânticas, sendo que cerca de 80% estão localizados no litoral.

No interior do estado de São Paulo, por exemplo, quase toda a vegetação de florestas tropicais foi dizimada restando apenas algumas manchas em propriedades privadas ou abrigadas em unidades de conservação. Estima-se que restaram apenas 16% da cobertura vegetal em todo o estado de São Paulo (incluindo outros ecossistemas - esta porcentagem é bem menor se considerarmos as florestas ombrófilas litorâneas).

Embora os maiores desmatamentos tenham ocorrido no período cafeeiro, hoje ainda temos uma forte tendência de desmatamento dada a expansão dos investimentos imobiliários, principalmente na zona litorânea.

As taxas de desmatamento também variam no tempo. No século XVI o Estado de São Paulo possuía aproximadamente 81,8 % de seu território coberto por florestas (Victor, 1975), abrangendo um gradiente de fitofisionomias de matas determinadas pelo clima e pelo relevo, desde as escarpas litorâneas até as barrancas do Rio Paraná. Estas florestas, pouco estudadas ecologicamente, receberam denominações variadas, conforme a condição topoclimática em que se desenvolveram ou, simplesmente, conforme sua fisionomia. Assim, é possível encontrar na literatura, principalmente nos relatos de botânicos dos viajantes naturalistas, designações, tais como: florestas pluviais (as da faixa litorânea), mesófilas de interior, de altitude (nas regiões serranas), matas frias de araucária (no planalto atlântico), etc.

Várias destas formações foram praticamente extintas do estado de São Paulo durante os diferentes ciclos econômicos que comandaram a agricultura, a industrialização e a urbanização. Atualmente, as formações mesófilas e as matas de araucárias, destruídas com a expansão do café, estão representadas por pequenas manchas isoladas.

No Sudeste brasileiro à época do café os desmatamentos progrediram pela região litorânea, a partir da fronteira do Estado do Rio de Janeiro, alcançando o Vale do Rio Paraíba. A cafeicultura expandiu-se para o interior abrangendo quase todo o estado. Nos anos 20 deste século, a devastação já havia reduzido a cobertura original do Estado a 44,8% de sua área total. Na década de 1950, restavam apenas 26%. Hoje as estimativas apontam remanescentes de cobertura florestal em torno de 16% para todo o Estado (Viana, 1997: 353). Outras culturas também colaboraram para a "extinção" das florestas paulistas, entre elas a silvicultura do eucalipto e do pinheiro do caribe, a cana-de-açúcar, a soja, e as pastagens.

O estado de São Paulo, por exemplo atingiu o máximo de desmatamento entre 1920 e 1935 com a cultura cafeeira (Victor, 1975) - [tabela 75 e 76](#) . Essas diferenças históricas são importantes para compreender e manejar a atual dinâmica destas florestas e pensar as estratégias de conservação e restauração.

Viana (1992 e 1995) estudando fragmentos florestais em São Paulo considera por exemplo que alguns fragmentos do Vale do Paraíba nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro foram isolados centenas de anos atrás, enquanto outros na região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais são recentes. Isto faz com que suas características e problemas de manejo sejam distintas

É importante ressaltar que estas estatísticas devem ser olhadas com cuidado pois se referem também a uma média para o estado. No Vale do Ribeira em São Paulo ainda ficaram as maiores extensões de florestas remanescentes. Segundo Sampaio & Angelo-Furlan (1994) o Vale do Ribeira ainda possui uma cobertura florestal de mais de 50% de sua área original. A explicação para as diferenças na intensidade de desmatamento vem do fato do Vale do Ribeira nunca ter acompanhado os ciclos econômicos dominantes no estado configurando-se sempre como uma região de economia marginal. A partir da década de setenta com a abertura de estradas, a agricultura da banana se expande pelo centro do vale ao mesmo tempo em que a os municípios ao longo da rodovia apresentam um crescimento urbano maior. Recentemente quase todas as áreas de florestas remanescentes nesta região estão incluídas em unidades de conservação que abrangem cerca de 58,51% das terras florestadas do vale. No litoral Norte do estado o processo foi mais voraz. A região acompanhou os principais períodos da economia agrícola de exportação e

recentemente tem sido intensamente ocupado por projetos imobiliários que se expandiram a partir da abertura e pavimentação de estradas que interligam todo o litoral.

Tabela 75 - Evolução da perda de cobertura florestal no Estado de São Paulo

Ano	Área (x100 ha)	Área ¹ (%) ³
1500	20.450	81,8
1854	19.925	79,7
1886	17.625	70,5
1907	14.500	58,0
1920	11.200	44,8
1935	6.550	26,2
1952	4.550	18,2
1962	3.406	13,7
1973	2.075	8,3
1985	1.850	7,4
1990	1.912	7,7 ²
1998	1848	7,4

Fontes: Victor (1975) 1500 a 01973; Fundação SOS mata Atlântica (1992); 1985 a 1990

Tabela 76 - Áreas cobertas por remanescentes de mata atlântica e ecossistemas associados no Estado de São Paulo

Classe	1985		1990		Incremento		Decremento	
	ha	%*	ha	%*	ha	%**	ha	%**
Floresta	1.792.629	7,42	1.731.472	7,16	563	0,03	61.720	3,44
Restinga	175.936	0,73	174.793	0,72	0	0,00	1.153	0,66
Mangue	16.460	0,07	16.359	0,07	0	0,00	101	0,61

Algumas conclusões importantes desse estudo devem ser mencionadas. Neste levantamento constatou-se que a maior tendência de desmatamento encontra-se no interior do Estado de São Paulo, onde a fragmentação é maior. Nas áreas litorâneas

¹ Relativo à área total do estado

florestas, restingas e manguezais sofreram desmatamento mesmo sendo as regiões de difícil acesso e onde se concentram os instrumentos legais de proteção mais restritivos e ações de fiscalização. Neste estudo Bertioça e Ilha Comprida foram os municípios com as maiores taxas de desmatamento. Por serem florestas de difícil acesso é de se concluir que a maior incidência de desmatamento vem ocorrendo nas áreas de mais fácil acesso, ou seja nas planícies litorâneas e na baixa encosta.

Conseqüências da fragmentação de florestas

Em São Paulo os remanescentes florestais que recobrem a Serra do Mar e de Paranapiacaba, têm como característica fundamental a elevada biodiversidade. Essa diversidade é reflexo de um mosaico natural que se desenvolveu em conseqüência de gradientes altitudinais, pedológicos, climáticos, e morfológicos. As diferentes formações florestais estão interligadas por complexos processos ecológicos, conforme comprovam vários estudos (Veloso & Klein, 1957; Klein, 1980; Mori et al., 1983; Silva, 1987; Mantovani, 1990 entre outros). Comunidades de encostas e montanhas transicionam, por um lado, com as das planícies aluviais e marinhas e, por outro, com formações estacionais do reverso da serra. Estes gradientes estão permeados por manchas de capoeirões e matas secundárias de extensões variáveis, ainda mal conhecidas em sua estrutura e dinâmica. Os fragmentos florestais atuais das Matas Atlânticas são, portanto, predominantemente mosaicos de formações sucessionais.

Um dos efeitos mais óbvios do desmatamento é a fragmentação das florestas. Essa fragmentação resulta em "ilhas florestais" cuja dinâmica se diferencia da floresta contínua. A estrutura e dinâmica dos fragmentos florestais é afetada pela sua história de perturbação, sua área, forma, tipo de vizinhança e grau de isolamento (Viana, 1990). Cada fragmento portanto deve ser estudado considerando o modo como foi impactado. Na Mata Atlântica do Estado de São Paulo devemos considerar que sua ocupação humana é muito antiga e portanto a história de perturbação remonta ao modo como os povos indígenas e posteriormente os colonizadores utilizaram a floresta. A complexidade ambiental e a biodiversidade também são resultado do manejo das florestas pelas populações que se sucederam. As culturas pré-cabralinas (ameríndios)

² Valor calculado pela SCS-Mata Atlântica -INPE difere do relatório CIMA 1991

e alguns segmentos diferenciados da sociedade majoritária (populações tradicionais), tais como povos indígenas atuais, camponeses, caiçaras e quilombolas se caracterizam por uma forte interação com as florestas e influíram no seu desenvolvimento. A comunidade tradicional caipira e caiçara, formada por grande número de pequenos produtores rurais que habitam, há muitas gerações as regiões florestadas, complementam sua atividade de agricultura itinerante e pesca com o extrativismo e cultivam, na sua pequena, gleba espécimes da floresta nativa (algumas frutíferas e plantas que fornecem matéria prima para fabricação de utensílios domésticos, apetrechos para o trabalho, etc)³. A contribuição dessas populações na formação da fisionomia da região tem sido praticamente ignorada, da mesma forma que pouca atenção se dá ao seu conhecimento e suas técnicas de uso do ambiente⁴.

O estado de São Paulo tem um alto grau de fragmentação de suas florestas. A forma e a área dos fragmentos são fundamentais para a diversidade biológica. Uma revisão sobre esse assunto pode ser encontrada em Harris, 1984, Forman & Godron, 1986, Harris, 1988, Viana, 1990 entre outros.

Um aspecto importante do processo de fragmentação das florestas é o efeito do desmatamento na borda desses fragmentos. O efeito de borda tem sido estudado e classificado por muitos ecólogos que identificam processos associados aos componentes físicos e bióticos do fragmento florestal. A partir de um levantamento e leitura dessa produção científica organizou-se uma lista de referência das principais conseqüências da fragmentação de florestas tropicais e do efeito de borda (tabela 77)

O tipo de vizinhança do fragmento pode afetar profundamente a diversidade biológica. As áreas vizinhas de um fragmento florestal podem funcionar como: barreira para o trânsito de animais, fonte de propágulos invasores, fonte de poluentes, fonte de perturbações, modificadores climáticos, etc (Viana, 1990).

Forman & Godron (1986) apontam ainda que a vizinhança entre fragmentos também afeta a comunicação genética entre plantas e animais.

Este padrão, guardadas certas peculiaridades regionais, se repete em praticamente todo o território brasileiro, reflexo do sistema de ocupação do país, desde a chegada dos europeus.

⁴ É importante enfatizar que muitas destas populações derivam de povoados residuais de surtos econômicos (cana de açúcar, café, mineração, entre outros) ou de

Um dos aspectos que se tem maior conhecimento na atualidade é que a fragmentação pode resultar em perda de biodiversidade maior do que a esperada pela simples redução de área. Viana (1990) estudando populações vegetais de um fragmento de floresta mesófila na região de Piracicaba - SP demonstrou que a mortalidade vegetal é maior em função do efeito de borda e da extinção local de populações.

Esses aspectos devem ser considerados no manejo de uma Unidade de Conservação, uma vez que a maioria delas foram pensadas como fragmento e trazem como desafio para sua conservação controlar as consequências do efeito de borda, a relação área x biodiversidade, o isolamento genético de populações e manejo de vizinhança. Além disso muitas UCs contém florestas já fragmentadas.

No caso de Ilhabela todas essas questões se acentuam, pois trata-se de uma ilha que pela própria origem representa um fragmento insular natural. Ou seja é provável que tenha uma biodiversidade menor do que áreas continentais, está em isolamento genético e suas populações animais e vegetais podem conter um número menor de indivíduos do que as mesmas populações em áreas contínuas. Além disso a ilha vem sendo urbanizada de maneira a avançar sobre o mosaico de florestas que contém, isto tem acarretado pelo menos duas consequências:

- ✦ expansão da borda desmatada
- ✦ mudanças do tipo de borda

Dáí a fragilidade ser maior e portanto o manejo ter que partir deste fato.

Não há, no caso da ilha, estudos sobre seu processo de fragmentação interna. Nas [figuras 34 e 35](#) ilustramos alguns exemplos de borda que ocorrem no interior da ilha.

migrações internas decorrentes de perseguições (índios), catástrofes (secas) ou exclusão econômica em outras regiões do país.

Tabela 77 - Impactos da fragmentação de florestas tropicais

Fator	Descrição do impacto	Local estudado	Autor do Trabalho/Ano
Solo	Distúrbios na infiltração do solo. Perda de infiltração causada por mecanização agrícola	Sabah-Malásia	Malmer & Grip, 1990
	Redução de biomassa em áreas queimadas a 64% dos valores originais. Há um pequeno aumento em áreas de pastagem. Mas não muda em camadas de 5-20 cm Há alterações também no nitrogênio. Aumento da concentração de NO ₃ foi verificado nas pastagens	Amazônia central-BR	Luizao, Bonde & Rosswall, 1992
	Abertura de clareiras interfere na umidade do solo e na resposta nutricional deste solo. diminuição de umidade esta correlacionada com a maior infiltração e perda de fertilidade. A estação seca é melhor para abertura de clareiras pois interfere menos nas propriedades físicas do solo que trazem como decorrência alterações de fertilidade. A cobertura do solo por biomassa protege o solo contra altas temperaturas e intensidade das chuvas.	Nigéria - África	Ghuman & Lal, 1992
	Decréscimo da acidez com aumento das trocas de bases, aumento da compactação com redução da porosidade, altas concentrações de NH ₄ ⁺ , baixas concentrações de NO ₃ ⁻ , baixa taxa de mineralização do nitrogênio, em alguns casos baixa taxa de nitrificação Mudanças na porosidade tem como consequência alterações na infiltração, percolação aeração e erodibilidade do solo.	Costa Rica D40	Reiners et al, 1994
	Redução da umidade do solo até 40 a 80m da borda, especialmente no período mais seco. Há uma queda também até camadas de 25 cm de profundidade.	Manaus- Brasil	Camargo & Kapos, 1995
Fauna	Perda de Biodiversidade com extinções localizadas	Manaus-Brasil	Lovejoy, 1986
	Predomínio de árvores jovens em áreas de recomposição natural. População menor de pica-paus de tamanho grande e médio. Menor número de cavidades nas árvores feitas por pica-paus. Estudo em matas secundárias	Ilhabela-Brasil	Guix, Martin & Manosa, 1999
	Aumento da mortalidade, disjunção de populações, invasão de espécies generalistas. Abertura de estradas	Queensland - Austrália	Andrews, 1990

Tabela 77 - Impactos da fragmentação de florestas tropicais

Fator (cont.)	Descrição do impacto	Local estudado	Autor do Trabalho/Ano
Fauna	Aumento da extinção de marsupiais folívoros em fragmentos florestais e florestas secundárias. Mais vulneráveis são os lemuroídeos com declínio de 97% de abundância nestas florestas. Conclui que o declínio dos marsupiais está relacionado a dieta e grau de arborização dos fragmentos	Queensland-Austrália	Laurance, 1990
	Bloqueio de mobilidade de mamíferos provocados por isolamento de habitats com construção de estradas	Queensland-Austrália	Burnett, 1992
	Fragmentos florestais urbanos estudados em Campinas mostraram que ocorre limitação dos recursos alimentares para os adultos, principalmente quanto a néctar e frutos	Campinas-SP-Brasil	Rodrigues, Brown & Ruszczyk, 1993
	Alterações na abundância de besouros (Euglossina) em fragmentos florestais de diferentes tamanhos	Manaus - Brasil	Becker, Moure & Peralta, 1991
	Destroi corredores de migração de aves de longa distância	Guatemala- GUA	Vannini, 1994
	Conjuntos de roedores são mais abundantes nos fragmentos do que na floresta contínua com intensas interações competitivas intraespecíficas	Queensland-Austrália	Laurence, 1994
	Para os invertebrados da liteira os efeitos da borda atingem até 100 metros no interior do fragmento. O fator que mais interfere neste ambiente é a umidade.	Amazônia Central	Didham, 1997
	Para manter a macrofauna do solo estima-se que a área deva ser maior que 100 há (1 Km ²)	Amazônia Central	Didham, 1997
	Efeito de borda favorece a riqueza e composição de borboletas	Amazônia Central	Brown, Jr et al, 1997
	Fragmentação de florestas afeta a distribuição vertical de pequenos mamíferos (afeta a sua abundância, diversidade e biomassa). Isto tem como consequência alterações no padrão de predação de sementes na dispersão e também na população de insetos e aves	Amazônia Central;	Malcom, 1997

Tabela 77 - Impactos da fragmentação de florestas tropicais

Fator (cont.)	Descrição do impacto	Local estudado	Autor do Trabalho/Ano
	Diminuição do número de espécies de pássaros da borda para o interior.	Manaus-Amazônia	Lovejoy, et al 1986
Vegetação	Perda de biodiversidade com extinções localizadas.	Manaus-Amazônia	
	Dependendo do tamanho do fragmento as populações são muito pequenas e isso inviabiliza a sobrevivência do fragmento.	Piracicaba/SP-Brasil	Viana, et al, 1992
	Aumento do crescimento das espécies pioneiras na borda do fragmento, especialmente cipós		Lewin, 1984
	Alterações na fisionomia, condições edáficas e florísticas em diferentes tamanhos de fragmentos florestais. Fragmentos tem dossel menor, e abundância de lianas. Distúrbios persistem até 500 metros da borda para o interior do fragmento.	Queensland-Austrália	Laurance, 1991
	Predação de sementes é significativamente alta até 500 m adentro de um fragmento. Sendo maior de 30 a 100 m da borda. A predação de sementes afeta a estrutura da comunidade e impacta o recrutamento de plantas e animais	Belize D98	Burkey, 1993
	Extinção de plantas é alta mas muito maior é a extinção de epífitas, principalmente orquídeas	Singapore- SIN	Turner, et al, 1994
	Alterações na estratificação foliar, principalmente na densidade	Manaus- Brasil	Malcolm, 1994
	Mudanças de umidade interferem na distribuição espacial das plantas	Manaus - Brasil	Kapos, 1989
	Alterações na condutância dos estômatos	Manaus - Brasil	Roberts & Cabral, 1990
	Alterações na área foliar		Kapos et al 1997
	Alterações no mecanismo de fechamento dos estômatos para evitar perda de água, afetando como decorrência a eficiência da fotossíntese	Manaus - Brasil	Kapos et al 1993

Tabela 77 - Impactos da fragmentação de florestas tropicais

Fator (cont.)	Descrição do impacto	Local estudado	Autor do Trabalho/Ano
	Mudanças na estrutura da vegetação, com alteração na dominância, frequência, densidade foliar	Manaus - Brasil	Kapos et al 1993
Vegetação	Estrutura da floresta muda perto da borda. Podendo ocorrer mudanças na organização do dossel. A floresta fica mais aberta.	Manaus - Brasil	Kapos et al 1997
	O efeito de borda se torna mais complexo conforme vão passando os anos	Manaus - Brasil	Kapos et al 1997
	O vento é um fator de impacto na borda de fragmentos florestais. Causa queda e morte de árvores.	Queensland-Austrália	Laurance, 1997
	Na borda ocorre infestação de líanas	Queensland-Austrália	Laurance, 1997
Clima	Aumento do déficit de pressão de vapor (DPV)	Manaus - Brasil	Kapos et al 1997
	Alterações do DPV maior próximo ao solo e menor no bosque	Manaus - Brasil	Camargo, 1993
	Mudanças no microclima ocorrem mais significativamente nos períodos mais úmidos. As temperaturas e a densidade de vapor de água mudam significativamente da borda para o interior de um fragmento, até aproximadamente 30 metros da borda.	Austrália	Stefen, 1997

Figura 34 - Boa parte das áreas desmatadas na Ilha de São Sebastião são recobertas por gramíneas (o sapé predomina). Nesta imagem pode-se ver um tipo de borda abrupta entre a área de desmatamento e a Mata. Essas bordas localizadas na cota 300, ou acima disto, são muito antigas e remontam ao uso agropastoril do passado. São áreas que sofrem queimadas periódicas⁵.



⁵ Foto Sueli Angelo Furlan, 1999

Figura 35 - Há bordas que são verdadeiras zonas de transição entre a mata e as manchas de desmatamento. Nestas ocorrem arbustos e capoeiras de diferentes idades e estrutura. Na foto 1 - borda com arbustos onde predominam sapé, bacharis e compostas. Na foto 2 - o corte do relevo transiciona para capoeira onde é muito presente *Tibouchina holosericea* e *Tibouchina mutabilis*. Ao fundo a mata submontana do pico do Baepi.⁶



◊ Sueli Angelo Furlan, 1999

A progressão do desmatamento na ilha de São Sebastião

será que as florestas podem ser "congeladas"? No caso da Ilhabela será que o desmatamento foi "congelado" após a criação do parque? Aonde o desmatamento vem sendo mais intenso e como explicá-lo? O que se pode inferir sobre a conservação de fragmentos florestais em ilhas quando pensamos em diretrizes de conservação?

A Ilha de São Sebastião sofreu um desmatamento significativo durante os períodos da cultura da cana-de-açúcar e do café. Esse desmatamento tem uma forma mais contínua ao longo do canal de São Sebastião. Nas áreas de ocupação rural ele ocorre em manchas e clareiras. França (1954) fez um ensaio aproximado desse fato, utilizando para isso, a análise das fotografias aéreas de 1951. A [figura 2](#) apresenta um mapeamento sumário com as principais manchas de cobertura vegetal. No trabalho de França (*op. cit.*) foram discriminadas apenas três categorias de cobertura:

- ✚ Áreas de praias e planícies
- ✚ Áreas de roças e capoeiras
- ✚ Áreas de florestas

A partir de um cálculo aproximado estimamos que, naquela época, a ilha tinha 33,63% de sua área alterada pela utilização agrícola e capoeiras. Pelo mesmo cálculo estimamos que a cobertura florestal representava 63,62% da Ilha. Em entrevista pessoal com o Prof. Ary França ele informou que muitas áreas hoje cobertas por florestas foram desmatadas na época de sua pesquisa. A maior recomposição natural segundo ele se encontra nas áreas hoje inseridas dentro do parque, na face do canal e principalmente, nas áreas das comunidades.

Analisando a cobertura vegetal pelas imagens de satélite comparamos uma série temporal de 1986 a 1997. Nessa análise estimamos os dados de incremento e desmatamento ocorridos neste período. Os dados deste estudo se referem ao município de Ilhabela, pois recortamos a imagem abrangendo as demais ilhas que pertencem a ele.

Foram trabalhadas imagens de satélite em composição colorida (TM5; TM4, TM3), conforme explanamos na metodologia. Os mapas ([Mapa 6](#), [7](#), [8](#)) obtidos desta

classificação foram comparados obtendo-se os dados das tabelas 78 e 79 que passamos a discutir.

Antes, porém, é necessário explicitar como foram selecionados e agrupados os dados.

Para visualizar o que aconteceu com a cobertura vegetal da Ilha de São Sebastião neste período, comparamos as imagens utilizando uma tabela de conversão de *pixels*. do software utilizado (*Ilwis, 2,2*). Com ela comparam-se *pixel a pixel* conforme a legenda criada para a classificação.

Para selecionar os dados considerou-se o seguinte:

1. A Ilha de São Sebastião tem 33781,25 ha de área. Cada *pixel* tem uma resolução no terreno de 900 m². Para diminuir o erro consideramos todos os *pixels*, inclusive os valores mais baixos. Para ilha cada 900m² equivalem a aproximadamente 2% de sua área;
2. Para obter uma precisão maior em relação a cena analisada na imagem. Recortamos a imagem que deu origem a tabela procurando excluir ao máximo o continente. Mesmo assim uma pequena parte foi incluída. Deste modo as porcentagens de incremento e desmatamento se referem a cena. Estimamos aproximadamente as porcentagens apresentadas, portanto elas devem ser tomadas apenas como ordem de grandeza.
3. Os dados de incremento da vegetação referem-se a conversão de áreas urbanizadas e desmatadas em qualquer dos tipos de florestas da ilha, incluindo-se as capoeiras;
4. O desmatamento foi calculado pela soma dos *pixels* de todas as coberturas desmatadas. Não se considerou a formação de capoeiras como indicativo de desmatamento. Isto porque sua origem pode advir de manejo humano ou de

processo natural de sucessão. Além disso capoeira é um estágio sucessional da mata;

5. Comparou-se a conversão das florestas em urbanização agrupando todas as modalidades de matas. Somou-se também a conversão de áreas desmatadas em urbanização;
6. Os dados de conversão das capoeiras em urbanização foram destacados para se visualizar a progressão da mudança dos tipos de borda
7. Analisou-se a conversão de capoeiras em outras fisionomias de florestas, destacando também o desmatamento de capoeiras;
8. Numa segunda análise foram separados os dados de incremento e desmatamento por fisionomia de cobertura vegetal, para buscar identificar qual vem sendo mais impactada na ilha.
9. Foi importante destacar a situação das capoeiras uma vez que uma das conseqüências do efeito da fragmentação em ilhas pode estar associado a insustentabilidade de formações mais maduras quanto ao desenvolvimento sucessional, em detrimento a expansão de capoeiras.

No município de Ilhabela o incremento de florestas foi da ordem de 7% no período de 1986 a 1997. O desmatamento, no mesmo período foi em torno de 5%. Observando esses dados tem-se a impressão que a situação é boa. No entanto quando analisamos mais detalhadamente esses números é possível visualizar o que de fato vem ocorrendo.

O incremento de cobertura tem sido maior na face voltada para mar aberto, ou seja nas áreas do Parque Estadual e no território das comunidades. O incremento menor ocorreu na face voltada para o canal. Nesta face a Floresta submontana (submontana 2) predomina. É justamente essa formação que vem sofrendo mais com

o desmatamento. Sendo muito menor o desmatamento nas demais formações florestais.

Na Ilhabela o desmatamento tem se concentrado nas faixas fora dos limites do parque, mas tem ocorrido progressão em direção aos seus limites. A baixa e a média encosta são as que apresenta os maiores índices de transformação de sua cobertura. O uso agrícola pretérito, a urbanização e expansão do turismo de segunda residência são os maiores responsáveis pelo processo de fragmentação atual. Os incêndios ocorrem com freqüência nos morros que avançam sobre o mar em toda a encosta de Ilhabela. Destroem a formação herbácea e levam a pauperização do solo, favorecem a erosão, aumentam o risco de deslizamento e comprometem a qualidade dos corpos d'água.

Observa-se também nas imagens que as capoeiras tem tido uma expansão, principalmente, no período de 1994 a 1997.

Esta perda progressiva de cobertura ou conversão das matas em capoeiras ou áreas desmatadas pode ser explicada pelo crescimento da área urbanizada. Nos mapas 9 e 10, destacou-se a urbanização e o desmatamento das florestas. Os dados da tabela 80 mostram que houve uma significativa conversão floresta submonta em área urbanizada (da ordem de 1 %) e em áreas desmatadas (3 %).

O desmatamento e a urbanização vem progredindo para as encostas (figura 36). Um agravante é que a morfologia íngreme de toda a ilha é inadequada ao adensamento urbano. Os terrenos são muito inclinados, sujeitos a erosão e nas poucas e exíguas planícies litorâneas o adensamento urbano tem produzido uma série de problemas onde o mais grave tem sido corte e aterro do relevo, erosão no sopé das encostas, saneamento básico, poluição dos corpos de água e a perda de cobertura vegetal.

Nas encostas voltadas para mar aberto as manchas de desmatamento não aumentaram nem diminuíram. Um dado interessante foi a conversão de capoeiras em Matas. Esse dado deveria ser melhor estudado buscando descobrir como a sucessão ocorreu nestas manchas.

A floresta montana sofreu as menores taxas de desmatamento. Isso de certo modo por estarem em setores mais altos do relevo e mais inacessíveis.

**Figura - 36 - Baía de Castelhanos - vista da trilha que leva à Praia Vermelha.
Desmatamento e exposição de rocha⁷**



⁷ Sueli Angelo Furlan, 1999

Tabela 78 - Transformações na cobertura vegetal no Município de Ilhabela (1986-1997)

Período	1986/1994	1994/1997	1986/1997
	área (ha)	área (ha)	área (ha)
Incremento	2.205,00	475,56	2.486,34
Desmatamento	1.586,43	1.094,22	1.701,81
Mata/Capoeira	7.152,30	1.825,92	1.171,44
Desmat/urb	44,82	554,85	112,13
Mata/urb	9,81	73,71	47,88
Capoeira/urb	0,90	1,35	4,14
Capoeira/Mata	6.128,01	833,31	4.444,29
Capoeira/Desmat	13,05	27,90	61,29

Tabela 79 - Mosaico vegetacional do município de Ilhabela - Incremento e Desmatamento (1986-1997)

Período	1986/1994		1994/1997		1986/1997	
	Incremento	Desmatamento	Incremento	Desmatamento	Incremento	Desmatamento
Cobertura Vegetal	área (ha)	área (ha)	área (ha)	área (ha)	área (ha)	área (ha)
FI submontana 1	1.653,84	164,16	21,03	38,88	1.458,18	147,06
FI submontana 2	2.212,28	932,22	7.150,05	822,51	423,45	1.364,94
FI submontana 3	1.733,31	3,39	109,44	1.179,72	561,42	14,67
FI montana	1.712,25	0,00	1,17	2,25	1.176,39	0,00
Restinga	1.163,52	24,30	405,72	617,58	0,00	25,83
Capoeira	1.155,96	432,36	1.842,03	124,88	1.630,08	149,31

MUNICÍPIO DE ILHABELA - COBERTURA VEGETAL - 1986



Sueli Angelo Furlan/2000

Classificação de Imagem Landsat - TM - 03/07/1986

LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental (situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

Imagem da Cobertura Vegetal - 1986
Mapa 06

MUNICÍPIO DE ILHABELA - COBERTURA VEGETAL - 1994



- 8: Capoeira
- 10: Costão
- 7: Desmatamento
- 9: Floresta montana
- 5: Floresta submontana 1
- 6: Floresta submontana 2
- 4: Floresta submontana 3
- 11: restinga
- 3: exposição de rocha
- 1: urbanização
- 2: Água

Sueli Angelo Furlan/2000

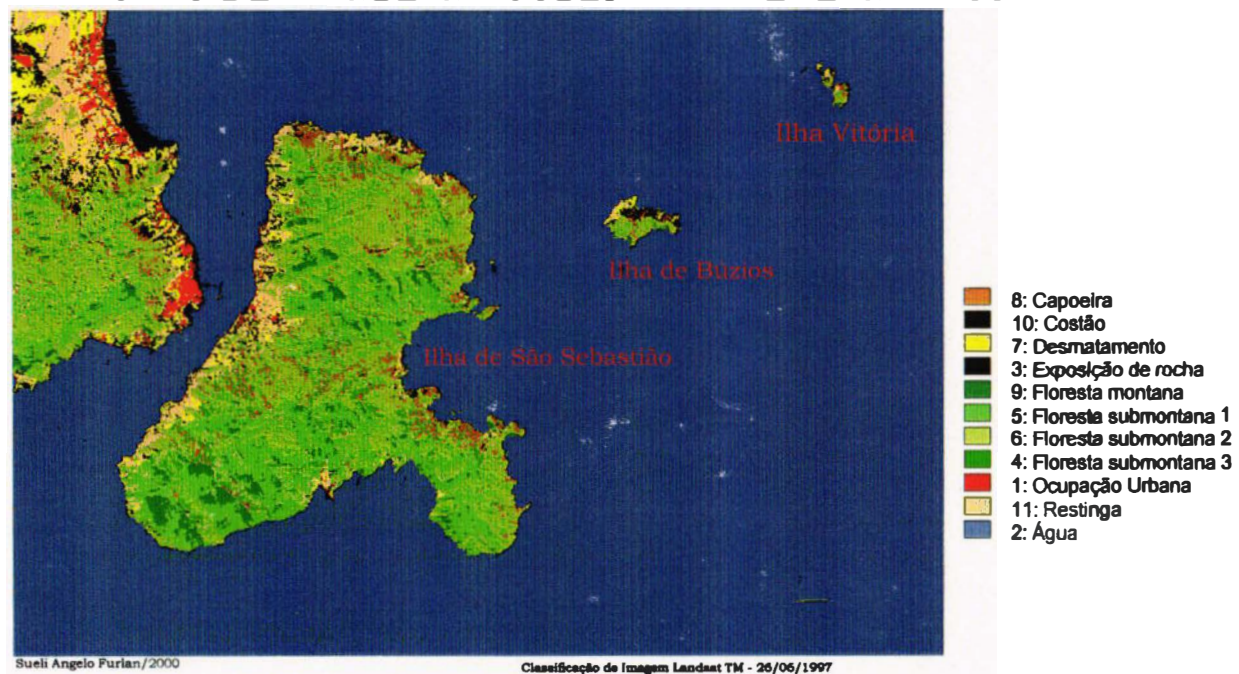
Classificação de Imagem Landsat TM - 02/07/1994

LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental
(situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

MUNICÍPIO DE ILHABELA - COBERTURA VEGETAL - 1997



LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental
(situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

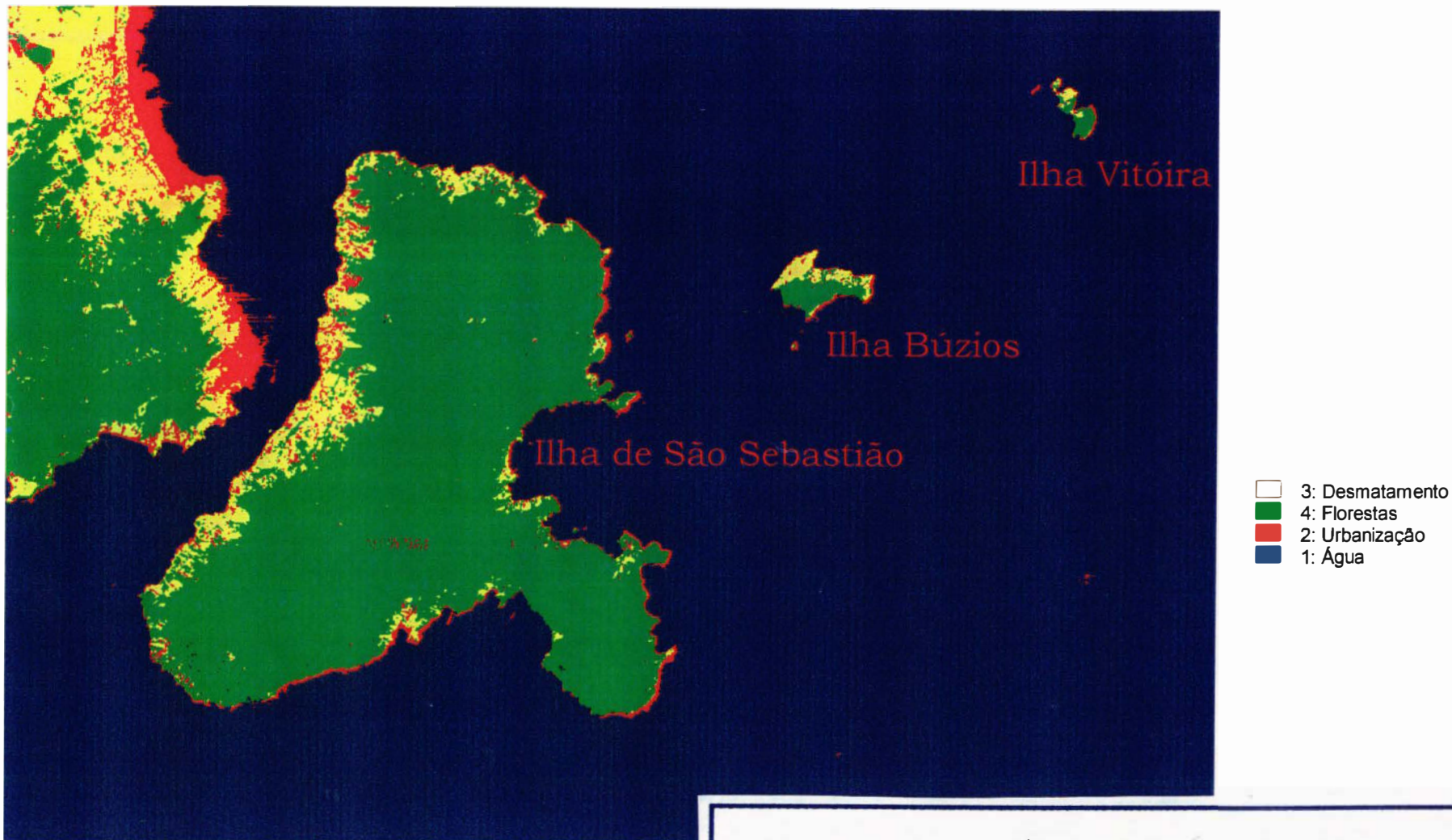
SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

Tabela 00 - Áreas desmatadas e Urbanizadas no Município de Ilhabela (1986-1997)

1986	1997	área (ha)
Urbanização	DESMAT	1.731
Urbanização	MATA	496
Desmatamento	URB	2.567
Desmatamento	MATA	843
Florestas	URB	544
Florestas	DESMAT	1.114

Município de Ilhabela - Áreas de Desmatamento e Ocupação Urbana/1986



Sueli Angelo Furlan/2000

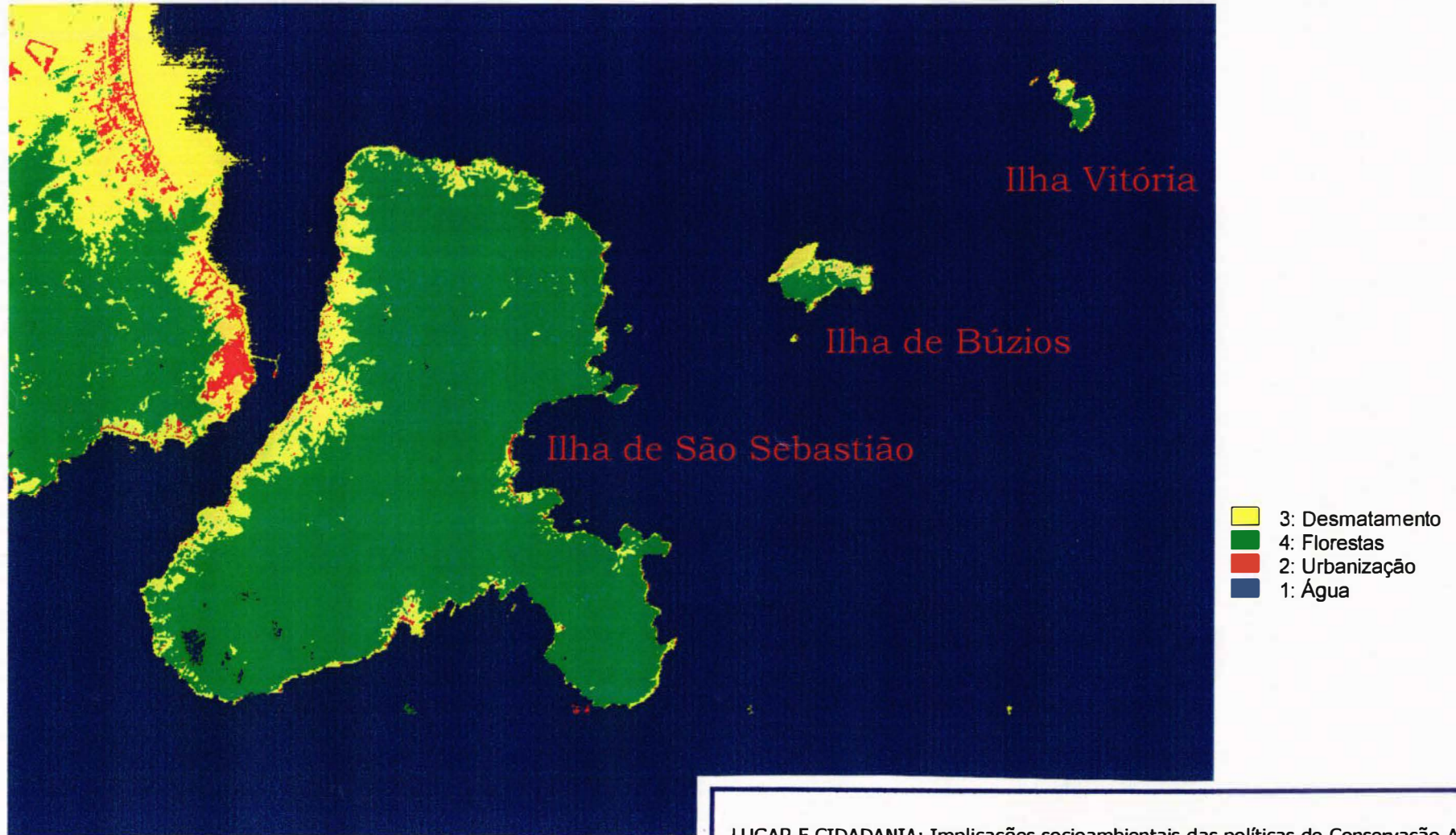
LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental (situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

Áreas de desmatamento e Ocupação Urbana - 1986
Mapa 09

Município de Ilhabela - Áreas de desmatamento e ocupação urbana/1994



Sueli Angelo Furlan/2000

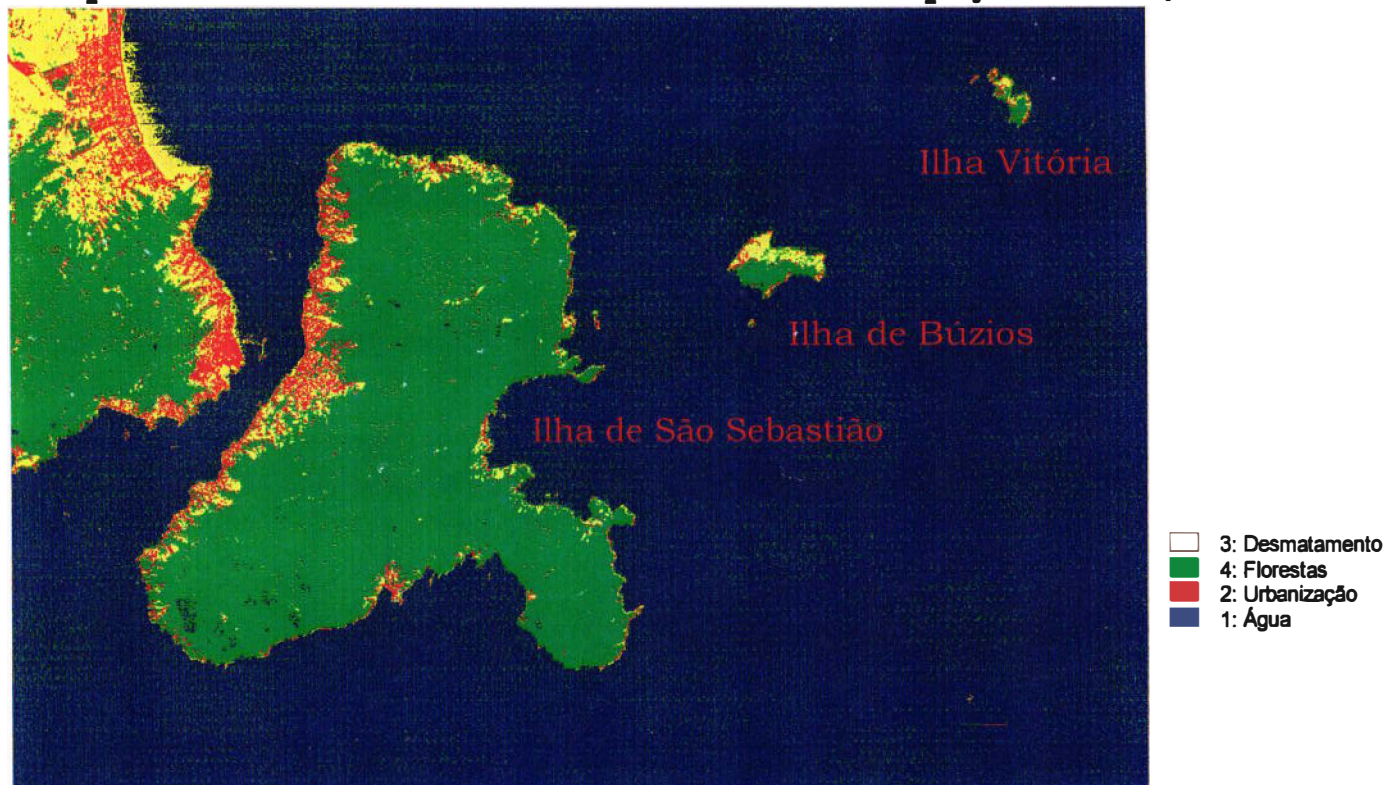
LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental (situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

Áreas de Desmatamento e Ocupação Urbana - 1994
Mapa 10

Município de Ilhabela - Áreas de desmatamento e ocupação urbana/1997



Sueli Angelo Furlan/2000

LUGAR E CIDADANIA: Implicações socioambientais das políticas de Conservação Ambiental
(situação do Parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião-SP)

SUELI ANGELO FURLAN

Tese de Doutorado - Depto. de Geografia - FFLCH/USP

Áreas de Desmatamento e Ocupação Urbana - 1997
Mapa 11

Na face ocupada pelas comunidades a agricultura de roça se reduziu-se nas últimas décadas. Algumas cicatrizes de desmatamento foram ocupadas por capoeiras, principalmente nas restingas. Isto talvez explique o seu incremento nos últimos anos. O sistema de uso do solo atual, na maioria das comunidades que vivem na Ilha, reproduz o sistema tradicional encontrado em outras comunidades caiçaras ou de remanescentes de quilombos.

Em suas posses, os pequenos produtores cultivavam suas roças de subsistência. Atualmente não há registro de culturas de renda nas comunidades. As roças são implantadas em terras já desmatadas à medida das necessidades da família. Após alguns anos de cultivo (de 1 a 3 anos em geral), os agricultores deixam a mata regenerar-se. Forma-se então uma "capoeira" que, após alguns anos de pousio (7 a 10 anos) é novamente desmatada e cultivada⁷.

Este sistema tem sido estudado em outras localidades do litoral e tem-se apontado que do ponto de vista ambiental ele garante a fertilização da terra e a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica (o conjunto das capoeiras, vegetação sucessional em diferentes estágios serais, reúne uma biodiversidade comparável à da mata em seu estágio maduro). Em termos de fragmentação cria bordas e vizinhança que atenua efeitos e favorece a comunicação genética de populações.

Em outras regiões do litoral estudadas verificou-se que a intensificação do uso do solo pelas comunidades é comumente apontada como uma das razões importantes da diminuição das áreas de mata. Argumenta-se, em primeiro lugar, que se as necessidades forem aumentando essas áreas de cultivo irão aumentar e, com elas, as áreas desmatadas e submetidas ao cultivo. Além disto, em alguns casos, para ganhar força nos conflitos com grileiros ou grandes proprietários, algumas comunidades incentivaram a instalação de mais posseiros. Reduzem-se, assim, as áreas de uso coletivo e aumentam-se as áreas desmatadas ou submetidas ao cultivo. Enfim, para justificar e provar suas posses, os agricultores aumentam as áreas cultivadas, quase sempre ampliando a área cultivada. Na ilhabela isso não ocorreu. Nas imagens estudadas e mesmo nas visitas de campo e entrevistas constatou-se que as áreas desmatadas nas comunidades continuam as mesmas. Em alguns casos

⁷ Uma capoeira já bem desenvolvida é chamada de "capoeirão".

houve incremento de vegetação, como é o caso das restingas. Em outros houve conversão de áreas desmatadas em capoeiras, que tem maior ocorrência nas proximidades onde vivem as comunidades. São praticamente as mesmas áreas utilizadas nas comunidades. O que se têm observado é que a agricultura de roça tem diminuído e as áreas cobertas por vegetação herbácea se mantém.

Comparativamente, as áreas efetivamente utilizadas pelas comunidades para roças diminuiu nas últimas décadas. Não se constatou neste estudo uma progressão do desmatamento para novas áreas nestes bairros. O que se pode comprovar pelas imagens é que houve mudanças de status da cobertura.

Na verdade, os impactos da agricultura caiçara a nível macro-regional são reduzidos e as matas foram bem preservadas por estas populações, com esta prática a centenas de anos. A razão é simples: quase toda a atividade agrícola depende dos períodos de pousio e das capoeiras, que são a forma tradicional de fertilização da terra usada pelos agricultores locais⁸.

O maior problema das comunidades tem sido a extração seletiva de madeiras para construção de canoas, apetrechos de pesca, moradia etc. De fato nas ilhas esse problema se acentua em função da própria história insular e das diferenças prováveis que devem existir nos estoques genéticos. Em ilhas a conservação das populações vegetais difere de uma área contínua de mata no continente. Ela se comporta como um fragmento florestal insular natural. Porém a fragilidade e dinâmica singular não quer dizer que devemos "congelar" a floresta. As imagens mostram o quanto ela é heterogênea e provavelmente dinâmica. É possível manejar esse fragmento para que se possa garantir a permanência digna dos pescadores e esse deve ser o caminho. Atuar na causa das mudanças da cobertura na ilha, conservando as matas na direção do melhor estilo de manejo.

Parece imprescindível atuar numa política urbana-insular e propor alternativas de manejo para o entorno do parque onde o fragmento maior de matas submontanas da ilha está sendo alcançado pela expansão urbana. Para isso é preciso considerar-se o turismo. O modo como vem se implantando representará essa possibilidade?

O turismo no Litoral Norte de São Paulo concentra-se sobretudo na orla, em

⁸ O desmatamento na ilha deve-se, na realidade, principalmente a história de ocupação e a atual expansão urbana produzida por loteamento para turistas, extração mineral, obras de infra-estrutura, etc.

atividades relacionadas ao mar. As 17 ilhas desse trecho são consideradas os mais belos locais da região e várias delas tem visitação intensa de turistas. Ilhabela é uma das mais visitadas, recebendo uma população flutuante de verão que chega 100.000 pessoas no feriado de carnaval. Ilhabela vem sendo pensada como um pólo turístico ligado a esportes, tais como o "trekking", passeios de Barco e trilhas nas matas, *mountain-bike* e várias modalidades de esportes náuticos, como já expusemos em capítulos anteriores. O modo como se conduz a atividade turística na Ilha é o principal fator de desmatamento. O litoral entre Bertioga e São Sebastião possui uma das maiores áreas contínuas de desmatamento da costa norte, coincidentes com manchas de empreendimentos imobiliárias (SOS Mata Atlântica, 1992).

Implicações sociambientais do modelo de contenção do desmatamento.

De fato na Ilha de São Sebastião o desmatamento tem sido muito intenso na face do canal fora do Parque Estadual. Houve, portanto uma contenção do desmatamento de modo geral. Pudemos também constatar que a criação do parque representou desestruturação do território caiçara enquanto lugar.

Sabe-se que os tipos de unidades de conservação escolhidos para as áreas com este modo de ocupação (Parques ou Estações Ecológicas) não levaram em conta as formas tradicionais de uso dos recursos naturais pelas populações que ali residem e muito menos tem considerado as implicações sociais e econômicas da criação da UC sobre estas populações.

Nestes tipos de UC não se pode pescar, plantar ou caçar, quanto mais manejar suas capoeiras ou capoeirões, no sistema de coivara. As fontes de alimentação e de renda dos moradores ficaram desta forma reduzidas a nada, pois a pesca no caso dos caiçaras também depende da mata. Suas formas tradicionais de manejo e de exploração dos recursos naturais foram proibidas. E o desmatamento principal paradigma de contenção para a conservação continua.

A aplicação desta legislação é bastante desigual de acordo com a estrutura e a capacidade de fiscalização do Instituto Florestal, órgão estadual encarregado da gestão de grande parte das UCs no Estado.

A utilização das capoeiras para implantação das culturas anuais (de subsistência ou para comercialização) foi terminantemente proibida em quase todas as localidades onde as comunidades caiçaras sobrevivem. Houve muitas, invasões de domicílio, pressões e perseguições de vários tipos. Durante os primeiros anos, dessa política muitos moradores passaram fome.

Em algumas UCs, como na Estação Ecológica da Juréia após anos de mobilização, os moradores conseguiram um acordo para desmatar capoeiras para tocar suas roças, como no passado. Mas as autorizações são dadas anualmente pelo Instituto Florestal, sem real respaldo em lei e para áreas muito pequenas para as necessidades de grande parte dos moradores. As dificuldades persistem, portanto. Esse acordo não se generalizou para outras UCs, que nem tem conhecimento dele, como é o caso dos moradores de Ilhabela.

Com isto, para os moradores, a vida piorou em vez de melhorar. Os jovens foram se afastando de suas terras, em busca de condições de sobrevivência nas cidades. Vários moradores abandonaram ou venderam seus sítios e posses. Em algumas UCs, imensas áreas viraram terra de ninguém. Na Ilhabela o desencanto é o mesmo. Os moradores são vigiados e não tem tido sucesso em suas reivindicações. Apesar de terem participado do Plano de Gestão Ambiental de fato o problema permanece dada a pequena importância e prioridade que foi dada as suas questões. Nenhum dos pontos da pauta do acordo foram efetivamente encaminhados pelos órgãos oficiais. Para os coordenadores do programa os responsáveis foram os moradores que não se organizaram para tanto. Para os moradores eles continuam abandonados e lutando para sobreviver cotidianamente.

Os moradores entrevistados nesta pesquisa se queixam dos mesmos problemas de décadas atrás. Não se pode roçar, fabricar apetrechos de pesca, reformar moradias, etc. Não pode nem mesmo utilizar de produtos da floresta para outras finalidades, sejam elas medicinais, alimentares, etc. O que não quer dizer que não o façam, pois fazem escondido apesar do medo da polícia florestal.

Já na face do canal o desconhecimento da lei é maior que o medo da fiscalização. O desmatamento tem sido maior nas áreas abaixo da cota do parque, mas em algumas áreas estão no limite ou dentro do perímetro como é o caso da Praia

do Curral, Veloso, Feiticeira, Área central do município, morro de Santa Tereza, Itaguassú, etc.

O Isolamento crescente dos moradores

Nas UC, não é permitido remover terras ou fazer aterros. As estradas estão abandonadas pelas prefeituras. No bairro de Castelhanos, por exemplo, a estrada encontra-se a maior parte do tempo em péssimas condições de tráfego. Não há transporte regular para a população das comunidades. A estrada corta o Parque e é a única via para se chegar do outro lado da ilha.

O mesmo abandono acontece com a manutenção ou a conclusão de obras de infra-estrutura social (escolas, postos de saúde, etc). Em algumas comunidades, com a diminuição do número de moradores, as prefeituras e o Estado decidiram fechar escolas e fazem visitas ocasionais para vacinação da população infantil.

Nas UC onde o controle do Instituto Florestal sobre a atividade agrícola não é muito rígido, este isolamento crescente (numa época em que todos buscam justamente menos isolamento) foi um dos principais fatores de êxodo.

Os Planos de Gestão Ambiental buscaram inovar e democratizar o diagnóstico orientador das decisões, mas na prática prevaleceu o dirigismo dos técnicos do governo e a metodologia não socializou o mesmo acesso a todos, pois não considerou que muitos representantes das comunidades eram analfabetos. .

Em vários casos, ainda hoje, anos após a criação das UC, a população nem sequer está suficientemente informada de que reside em uma UC e de que seus direitos foram drasticamente reduzidos. A percepção desta redução só vai se dando à medida que aparecem as multas, as apreensões, os embargos, etc. Vimos isto na pesquisa sobre a percepção ambiental discutida no capítulo 4.

No caso de algumas UCs, houve ainda a promessa de que as ações iriam beneficiar a população livrando-os dos grileiros. Na Ilhabela e em outros parques a pressão do turismo predatório foi freada pela política de conservação, mas não a cobiça e a ação da grilagem. Aliás segundo alguns representantes da Associação Comercial o ecoturismo virá para reaproximar proprietários e parque. O

desmatamento progride e em Ilhabela sua expansão no lado do canal pode ser explicado justamente pelo maior acesso.

Desmatamento roça e pesca

Na década de 70 durante o mais intenso debate sobre a relação desmatamento e agricultura, os agricultores eram considerados os grandes responsáveis pela diminuição das florestas tropicais no mundo (Alexandre, 1992). Em que pese o fato dessas considerações se basearem nos grandes projetos de assentamentos agrícolas e também nos projetos da conversão da floresta em pastagens para reservas de capital com terras a grandes proprietários e o a expansão da monocultura em muitos países.

A prática agrícola itinerante e a utilização de queimadas em pequena escala vem sendo estudada por diferentes autores (Eden, 1986), constatando-se que a agricultura da coivara não se constitui numa forma de uso do solo que degrada a floresta. Algumas pesquisas têm demonstrado que esse tipo de agricultura mantém a fertilidade das áreas, quando o pousio é feito por um período longo de tempo (mais de 30 anos). A questão do fogo é mais polêmica, mas há também indicativos de que quando o fogo é usado em pequena escala, as culturas apresentam baixo rendimento e a regeneração da floresta no sistema de rotação de culturas se dá num ritmo mais lento (Alexandre, 1989 apud Alexandre, 1992). Brown jr (1979) propõe algumas diretrizes para suprir a necessidade de manter a heterogeneidade ambiental (na forma de sucessão secundária) nos planos de manejo de Unidades de Conservação em florestas tropicais. Sugere que estas áreas de sucessão secundária podem consistir em "zonas tampão", onde seria encorajada agricultura itinerante para manutenção da sucessão. Outras sugestões de uso inspiradas no modo caipira e indígena de manejar a terra vem sendo propostas para reduzir os impactos nas bordas de fragmentos florestais.

O crime ecológico e dívida social.

Do ponto de vista das famílias das UCs, o trabalho político feito para a decretação destas Unidades, foi feito por membros do movimento ambientalista, parlamentares estaduais e federais e técnicos do governo que realizaram algumas reuniões com alguns moradores, buscando o seu apoio. Nessas reuniões enfatizaram que as UCs resolveriam os problemas de terra, que os grileiros sumiriam e que finalmente eles poderiam ter uma vida tranqüila. Não foi dito que a área seria desapropriada, que os moradores teriam que deixar suas terras, e que durante o processo, sofreriam todos os tipos de restrições ao seu modo de vida.

Na prática, aquilo que seria uma inovação democrática revelou-se uma perversa manipulação da população mais humilde, visando mobilizar a opinião pública e os meios de comunicação a favor da UC. ✍

Achadas as condições favoráveis, o processo de estabelecimento das UCs foi apressado para "aproveitar o momento". O resultado é que a delimitação das áreas foi feita sem respeitar extensas áreas já manejadas e ocupadas por pequenas posses. No caso de Ilhabela ainda que muitas comunidades tenham ficado fora do perímetro, elas efetivamente dependem das florestas que estão agora proibidas. Ainda mais que vivem praticamente isoladas da parte urbana da ilha.

PGA: análise das matrizes de planejamento do

Sempre que se investe na participação é preciso compromisso, cumprir os combinados e no mínimo manter o diálogo com a comunidade.

Só para lembrar um dos princípios básicos do planejamento: planos são projetos de cenários desejáveis. Representam as utopias de um momento mas orientam os caminhos e as ações que devem ser desencadeadas para alcançar seus objetivos.

As matrizes elaboradas com a participação, ainda que pouco significativa da população local, priorizaram as atividades estabelecidas pelo grupo. Na segunda fase de planejamento os planos de gestão deveriam ser construídos internamente pela equipe técnica do Instituto Florestal. Nesta etapa previa-se novo retorno à comunidade de modo que as eventuais alterações fossem discutidas para a

continuidade do processo de participação iniciado.

O plano estava previsto para ter uma duração de 2 anos. Como teve seu início datado para janeiro de 1998, sua revisão deveria estar sendo iniciada em janeiro de 2000. E de fato recebemos informação de que as equipes do Instituto florestal estão ultimando o Plano de Manejo⁹

Em linhas gerais essas são as implicações do modelo de contenção aplicado a ilha de São Sebastião a seguir propõe uma síntese dos principais impactos socioambientais da criação e gestão do PEib sobre as comunidades de pescadores.

Implicações ambientais da criação do PEib

✎ A Criminalização da agricultura itinerante promove o esgotamento do solo. Mesmo quando se pratica um rodízio, os períodos de pousio são reduzidos a 1 ou 2 anos para se evitar que a mata cresça ao ponto de ser considerada em estágio avançado de regeneração.

✎ O extrativismo predatório é uma das únicas fontes de renda, uma vez que as plantações foram proibidas ou sofreram restrições tais que as tornam inviáveis ou pouco rentáveis.

As mudanças de atitude do morador em relação aos recursos da floresta e sua concepção de território. Não há mais motivo para “guardar para o futuro”, portanto é melhor usufruir ao máximo enquanto se pode.

O abandono de áreas abre caminho para a retirada (roubo) indiscriminada e desmedida de recursos florestais e caça por oportunistas, que, de outra forma, seriam impedidos de fazê-lo pelo morador.

A ausência de levantamentos prévios adequados e a demora na implantação e regularização efetiva das Ucs, favorece a ação de oportunistas de empresários que visando as atividades econômicas como última finalidade são favorecidos em projetos cujo impacto é maior que a permanência da comunidade. É o caso da idéia de se

⁹ Informação obtida da coordenadora geral: Nerea Massini, em maio de 2000 e confirmada pelos técnicos.

implantar um complexo hoteleiro em Castelhanos, ou a visão de ecoturismo que alguns empresários tem na ilha.

❖ O desmatamento, em si, progride sem que a UC possa ter influência sobre as demais políticas do seu entorno.

Implicações sociais da criação do PEib

Empobrecimento generalizado, sensível piora das condições de vida.

❖ Forte pressão para o êxodo dos jovens e conseqüentes fragilização dos elos familiares.

❖ Forte pressão para a retirada intensiva e clandestina de produtos florestais como forma de complementação da renda e sobrevivência na pesca.

Favorecimento de uma relação trabalhista (comercial?) perversa, caracterizada pela exploração da mão de obra desesperada em condições muito desfavoráveis.

❖ Êxodo espontâneo das populações carentes. Estas pessoas geralmente migram para as favelas de centros urbanos, buscando um trabalho assalariado.

❖ Desestruturação de comunidades tradicionais. Geralmente despreparadas para viverem em cidades ou em contato mais direto com a sociedade majoritária, as famílias se dispersam e são condenadas à miséria.

Perda do conhecimento de técnicas de manejo ambiental e uso de recursos naturais.

❖ Isolamento das famílias e das comunidades uma vez que o acesso as UCs é restrito e controlado.

❖ Violência e abuso dos guardas florestais e dos funcionários da UC. Revistas e desconfiança generalizada.

❖ Ausência de manutenção das benfeitorias públicas que servem aos moradores piora ou até mesmo interrompe o serviço público na área. (Não se dá manutenção às estradas, escolas, etc.)

❖ Ausência ou insuficiência nas indenizações. Posseiros e comunidades tradicionais raramente possuem documentos necessários para exigirem compensação financeira. Tampouco possuem recursos para demandas judiciais sempre caras e muito demoradas (nunca menos de 10 anos). As avaliações para efeito indenizatório

são feitas sob o prisma da sociedade majoritária, por exemplo, consideram o valor da moradia em função do seu valor de mercado (praticamente nenhum) e não em função do valor que o morador expulso terá que desembolsar para adquirir uma moradia em outro lugar que lhe garanta a mesma qualidade de vida. Não estimativa os custos adicionais que estas pessoas terão quando não dispuserem mais da floresta para obter alimento, material construtivo, remédios, lazer, etc.

✳ A ausência de um programa de recolocação das pessoas removidas tem um efeito desastroso. Para os pequenos agricultores e posseiros, as indenizações ou compensações são insuficientes para permitir a aquisição de novas terras ou mesmo de uma moradia decente na cidade. O efeito é ainda mais desastroso quando o deslocado pertence a uma comunidade tradicional ou isolada. O Poder Público não se apercebe da diferença que há entre uma desapropriação para uma pessoa da cidade e um morador de uma comunidade tradicional que, em nenhum outro local encontrará um ambiente igual àquele em que aprendeu a ler e a viver. Só há uma preocupação em manter a comunidade unida quando esta ainda possui elementos de resistência cultural suficiente para exigir isto, o que não é freqüente em vista da demora no processo de consolidação das UCs.

✳ conflitos entre as populações expulsas e aquelas que vivem na área de realocação

Embrões de cidadania: o movimento dos moradores de UCs

O esforço de organização dos moradores de Unidades de Conservação não é dado novo. Várias comunidades travaram, em um passado bastante recente, lutas violentas e prolongadas com grileiros e jagunços, pela posse das terras que ocupam hoje. E, desde a criação das Unidades de Conservação, várias comunidades se organizaram para defender seus direitos ou para buscar melhores condições de vida. Desde o início da maior onda de criação de unidades de conservação, sempre houve manifestações dos moradores. Com incentivo de algumas ONGs, e mesmo de setores técnicos do próprio governo foram muitas as pressões exercidas pelos moradores, no entanto sem êxito.

No Utingão (EEJI), por exemplo, houve 12 mortes e alguns posseiros foram presos, em 1987, em razão do conflito com um grileiro. Na Estação Ecológica Juréia-Itatins, a mobilização contra a ação governamental começou em 1988/89, com o início da atuação efetiva dos órgãos ambientais, após o Decreto Estadual que ampliava os limites da antiga Estação Ecológica da Juréia (Federal). Em Picinguaba e Camburi, em Ubatuba, litoral norte do estado existe uma associação de moradores tradicionais, apoiadas por uma ONG local (Guapuruvu) com uma série de projetos visando a melhoria de suas condições de vida (Angelo, 1990). Em Ilhabela, apesar da consciência e indignação de muitos moradores não há uma organização política das comunidades.

Alguns contatos entre os moradores destas diversas UC datam de vários anos. Eles se encontraram nos *Encontros dos Povos do Mar em 1989*, *Encontro das Ilhas em 1991* organizados pelo Projeto São Sebastião Tem Alma e NUPAUB-USP e também em seminários organizados pela Secretaria do Meio Ambiente ou algumas outras ocasiões. Nestes encontros, foi possível comparar problemas, as histórias, as lutas, as propostas de cada comunidade.

Paralelamente, na esfera governamental, a presença de populações em UC era pela primeira vez abertamente debatido durante um *workshop* sobre "Populações e Parques", organizado pelo Instituto Florestal em abril de 1994. Na seqüência viriam para ser implementados os Planos de Gestão Ambiental com uma proposta de articulação social em torno de definições de diretrizes de manejo de algumas UCs.

No encontro de Populações e Parques participaram muitos técnicos governamentais, algumas ONGs e pouquíssimos moradores, escolhidos a dedo pelos organizadores⁽¹⁰⁾. Se analisarmos no detalhe, grandes distâncias separam ainda os objetivos e as propostas dos diversos atores envolvidos e a maior parte das idéias debatidas ainda são extremamente polêmicas. Os pontos polêmicos são relevantes. Dois deles estão intimamente ligados e refere-se aparentemente a conceitos: de natureza, território e o de "desenvolvimento sustentado". Na realidade, por trás deste

¹⁰ Dos nove moradores da Juréia presentes na parte "aberta", somente dois foram autorizados a participar da parte "fechada" do Workshop. Os demais tiveram que retornar a suas casas. O presidente da Associação de Moradores de um Parque Estadual (AMPARC, do PE de Jurupará), inicialmente impedido de participar da parte "fechada" por um veto da diretora do Parque, só foi admitido após intervenção insistente e indignada de algumas

debate encontram-se opções políticas e prioridades diferentes: em um extremo, os que defendem estrito senso a conservação dos recursos naturais e que desconfiam de todas as formas de interação humana com a natureza. No outro extremo, os que defendem os direitos e a participação de todos os moradores atuais das UC. Entre os extremos, uma grande variedade de posições políticas que fundamentam os conceitos de natureza e de território.

Mas de todo o processo vivido até o momento houve avanços. Reconhece-se publicamente que *"a questão das populações foi costumeiramente negligenciada no processo de implantação das UC..."*. Há mais espaço para os defensores da criação, o manejo e a proteção das UC com *"a participação ativa da sociedade em geral e, em particular, das comunidades tradicionais"*. Ainda há profunda resistência em rever as UC *"quanto à sua categoria e zoneamento visando reparar injustiças para com os segmentos mais atingidos por essa política"*.

Para os moradores, o desafio lançado é elaborar propostas, reforçar a solidariedade, aproveitar a pequena brecha aberta.

Foi com este objetivo que se realizou, por iniciativa da União dos Moradores da Juréia, o Primeiro Encontro dos Moradores das Unidades de Conservação do Estado. O evento aconteceu no início de julho de 1994, em Pariquera-Açu, no Vale do Ribeira e contou com o apoio de inúmeras organizações (ONGs, Prefeituras, e do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo).

Participaram 40 representantes dos moradores de Parques Estaduais, Estações Ecológicas e Áreas de Proteção Ambiental (Unidades de Conservação) de São Paulo (além de um morador da Praia do Sono, no litoral sul do Rio de Janeiro), que, durante três dias trocaram experiências e debateram sobre seus problemas e suas propostas. Os moradores do PEib não puderam participar desse encontro.

Primeiro resultado desse encontro foi a afirmação unânime de que os moradores devem permanecer em suas terras, preservar sua cultura e seus modos de vida, ter seus direitos garantidos. Havia o compromisso de mostrar que conseguem viver, cultivar e pescar nas áreas protegidas sem destruir a natureza. *"Se não destruímos a natureza no*

ONGs participantes. Sua associação não consta na lista dos participantes publicada com as resoluções do evento!

passado, porque iríamos fazer isto agora?", questiona José Peixe Amarante, líder comunitário, membro da diretoria da União dos Moradores da Juréia.

Discutiram-se, também, os direitos e as obrigações dos moradores de UC. Segundo os moradores na lista dos **direitos** têm-se:

- ☛ permanecer em suas terras;
- ☛ escolher seu sistema de vida e preservar sua cultura;
- ☛ pescar, caçar, plantar, criar animais e produzir, inclusive com uso das capoeiras (com técnicas que preservem o ambiente);
- ☛ ter acesso aos serviços públicos básicos: educação, saúde, transporte, meios de comunicação, energia elétrica, lazer, etc;
- ☛ construir casas para moradia de descendentes e reformar construções existentes;
- ☛ respeito às propriedades e posses; garantia de inviolabilidade dos domicílios; respeito à dignidade e aos direitos humanos;
- ☛ receber familiares e amigos, circular livremente nas UC;
- ☛ regularização fundiária e legitimação das posses;
- ☛ participação na administração das UC, bem como na elaboração de leis e decretos sobre as UC;
- ☛ recursos financeiros, apoio e assistência técnica, acesso à política agrícola;
- ☛ se organizar livremente;

Como **deveres**, os moradores elencaram:

- ☛ se organizar, elaborar propostas;
- ☛ reivindicar seus direitos, denunciar abusos das autoridades;
- ☛ respeitar o ambiente (fauna, flora, cabeceiras de rios e mananciais, etc.), não desmatar em excesso, respeitar os bens públicos e da comunidade;

O surgimento de uma organização de moradores de Unidades de Conservação representou, um dado importante. Em primeiro lugar porque esta organização se mostrou interessada em uma cooperação e se dispõe a ajudar na coleta de dados de

campo e na realização de estudos de caso. Em segundo lugar, porque a discussão dos resultados do trabalho com esta comissão se constitui num instrumento valioso de verificação das hipóteses de trabalho e poderá subsidiar diretamente a elaboração de propostas concretas para solucionar os problemas apontados.

Segundo avaliação de Maretti¹¹ em entrevista concedida a esta pesquisa essa organização encontra-se regionalizada e desigual, na atualidade. No caso de Ilhabela, sua participação no processo mais geral foi quase nula, dada as dificuldades de deslocamento. Algumas lideranças participaram do Encontro das Ilhas em 1991, mas não se articularam posteriormente com o movimento maior. Efetivamente um engajamento maior acabou por acontecer quando da estruturação do Plano de Gestão Ambiental. Naquela época a diretora do Parque visitou todas as comunidades prestando esclarecimentos e isto animou os moradores a participar. Contam até hoje que foi uma grande perda para o processo o fato dessa diretora ter sido afastada pelo Instituto Florestal ainda no meio do processo.

Em Ilhabela não há atualmente expressão desse movimento. Por outro lado os moradores participaram ativamente do Plano de Gestão Ambiental mas não houve por parte do governo continuidade nas negociações e implementação dos acordos.

¹¹ Claudio Maretti foi o coordenador geral dos PGAs em São Paulo

Capítulo 6 - Se há alternativas vamos pensa-las. Quem sabe Implementa-las!

"Não é o desafio com que nos deparamos que determina quem somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira com que respondemos ao desafio. Porque o TER consciência não nos obriga a TER a teoria sobre as coisas: só nos obriga a sermos conscientes. Problemas para vencer, liberdade para provar. E, enquanto acreditarmos no nosso sonho, nada é por acaso".

Henfil

Muitas coisas foram sendo mostradas neste trabalho que pretendeu ser aquilo que propusemos no seu início. Discutir através de alguns referenciais teóricos o modo como as políticas públicas se impõem às pessoas e o modo como se percebe e se pode reagir a certas imposições, paradigmas, conceitos que as políticas contém.

Este capítulo é um compromisso inacabado, pois foi pensado para não ser uma resposta e sim sugestão. Precisamos caminhar na direção de projetos políticos e programas para cada vez mais reconhecer e definir o uso da floresta por diferentes segmentos sociais. Um uso inclusivo e não exclusivo de alguns empresários ou do governo. Os projetos e programas devem priorizar aqueles que demonstrem usos adequados ao funcionamento dos ecossistemas. Deve-se combater as causas do desmatamento, mas prioritariamente investir na reposição florestal.

Neste encerramento pretende-se sucintamente sugerir alternativas.

Para isso é necessário que se coloque de onde partirá a sugestão. Diante do que já foi escrito, para sintetizar apresenta-se alguns pressupostos:

✿ É constatável que será muito difícil mudar o status legal no qual estão inseridas, e conceituadas as UCs. Embora elas não atendam, por inúmeras razões já apresentadas, a uma política abrangente de sustentabilidade socioambiental. Um novo traçado do perímetro foi sugerido para alguns parques durante as oficinas de planejamento dos PGAs, mas esse processo é extremamente lento e com alto grau de incerteza.

✿ O manejo de florestas insulares é um desafio. Por um lado pela fragilidades do ambiente, por outro a necessidade de estudos. Mas não é um manejo impossível.

Ideal para uma ilha é ter a menor ocupação humana possível. Menor introdução de espécies novas. Já é um bom ponto de partida. Além disso a pesquisa sobre fragmentação de ambientes tem produzido referenciais teóricos para conduzir um manejo científico da ilha. Não fazer é deixar ao acaso, ao sabor das forças dominantes.

☛ Os moradores interiorizados nas UCs, assim como os do seu entorno, muito provavelmente, serão excluídos das propostas de ecoturismo, turismo convencional projetadas como missão para a conservação das UCs.

☛ As forças econômicas que atuam em nossa sociedade condicionam o caminho dos setores dinâmicos da economia. O turismo sem dúvida continuará sendo a atividade principal de todo o Litoral Norte.

☛ A urbanização caótica, o adensamento urbano, a pobreza estrutural tem que ser levada em consideração quando se projetam as políticas públicas. As não políticas tem sido as políticas do governo.

☛ .A participação política na visão governamental é uma participação de referendunum.

☛ A descrença no governo vem alimentando um sentimento ainda maior de distanciamento do Estado em relação ao modelo cívico brasileiro desejado.

Diante desses pressupostos é que sugerimos uma alternativa de manejo social da floresta. Muito se tem debatido em torno destas questões, buscando apontar caminhos e soluções. Uma das soluções possíveis dentro do quadro de desigualdades sociais e das dificuldades estruturais, tem sido os modelos de utilização de florestas nos sistemas agroflorestais e nas reservas extrativistas.

Esses sistemas estão no planejamento ambiental governamental que pode ser uma das ferramentas que os governos e sociedades dispõem para começar a atacar os problemas.

O planejamento ambiental deve cumprir metas sociais não podendo ser antidemocrático devendo ser justo e não discriminatório. Do ponto de vista técnico o planejamento ambiental tem que partir do conhecimento de problemas de escala local e regional, mas não resta dúvida que algumas questões são essenciais, tais como:

- ❖ O enfrentamento do complexo problema da questão da terra. Neste campo deve-se buscar garantir uma distribuição justa dos recursos, considerando inclusive diferentes concepções de território.
- ❖ A rediscussão da forma como a agricultura está organizada. Neste campo combater o modelo da Revolução Verde, propondo alternativas para uma agricultura ecológica. No caso das florestas poderia se expandir a idéia de floresta social (Guojian, 1990) para pequenos e médios projetos de uso sustentável da floresta.
- ❖ A necessidade de um processo democrático de participação social para tomar decisões em relação aos usos mais adequados do território incluindo procedimentos para o manejo de conflitos.
- ❖ A consideração das informações técnicas, científicas e culturais sobre os usos mais recomendáveis do território a médio e longo prazos.

A sugestão que se propõe é a criação de uma **Floresta Social** no entorno do Parque Estadual de Ilhabela, com múltiplas finalidades. A criação de uma zona tampão no entorno do parque na forma de Floresta Social, com um sistema de manejo múltiplo, apoiado nos seguintes usos:

🌳 área de plantio de recursos florestais para produção de canoas, instrumentos de pesca, materiais de construção, etc

🌳 área de plantio de recursos florestais para a produção de medicamentos e roça.

🌳 área de plantio de espécies nativas para recuperação de drenagens

🌳 áreas de plantio para manejo de erosão

Uma das dificuldades de ampliar o leque de Unidades de conservação de uso indireto refere-se a questão dominial das terras. Para alguns tipos de manejo que atendam a sociedade e sejam adequadas a conservação de processos naturais é necessário romper com a visão tradicional de propriedade privada da terra. Para que um programa de florestas sociais se implante é necessário que as terras sejam compartilhadas pelas comunidades. Na verdade resgatando o modo como foram compartilhadas no passado. A divisão geométrica do território amplia as possibilidades de desmatamento. A concepção de território descontínuo da cultura caiçara reduz esse tipo de pressão.

Há necessidade de fomentar a organização política e produtiva das comunidades. Uma área piloto de florestas sociais poderia ser o entorno do Parque na Baía de Castelhanos. É uma área prioritária, pois há boatos que há interesse em se instalar um complexo de hotéis nessa praia.

É uma prioridade do PGA, construir a estrada parque dos Castelhanos. Viabilizando a estrada, certamente as pressões imobiliárias chegarão até lá. As florestas sociais seriam um modo de manejar a região antes que os projetos turísticos se fortaleçam.

Manejar florestas não é simples, nem há fórmulas prontas. Requer conhecimentos, sobre as florestas. E no caso da Ilha de São Sebastião requer conhecimentos específicos sobre ambientes insulares. As áreas desmatadas da ilha apresentam-se desnudas há mais de 20 anos. Isto pode estar indicando prováveis fatores limitantes de recomposição florestal ligadas as condições do solo. As áreas utilizadas para a agricultura, sofreram queimadas, etc. Por outro lado vimos que a heterogeneidade de florestas é grande na ilha.

A reposição florestal deveria se encaminhar de duas maneiras:

- Adensamento de bosque, com espécies nativas da própria ilha.
- Reposição florestal em áreas desmatadas

O estudo prévio para adensamento de bosque deve se basear em duas fontes de saberes:

A primeira a partir do repertório de árvores utilizadas pelas comunidades.

A segunda fonte seria a pesquisa acadêmica sobre demografia natural das espécies indicadas, qualidade das sementes, sistema de plantio e trato cultural, estudos sobre sucessão natural nos mosaicos florestais da ilha, etc. Deve-se conhecer o tempo de crescimento, o modo como ocorre a disseminação de sementes, a distribuição espacial, o clima e principalmente o topoclima onde ocorre com maior freqüência. Para se pensar numa reposição eficiente é fundamental combinar conhecimentos auto-ecológicos com sinecológicos.

Para iniciar um programa de Florestas Sociais deve-se selecionar as plantas com valor de uso importantes para as atividades econômicas locais e sugerir um levantamento por prioridade, tais como: Pesca, Agricultura/Extratativismo, Moradia, Artesanato, etc

A exemplo do Floram (1990) pode-se propor uma reposição florestal mista com:

- Bosques produtivos para extração (canoas, apetrechos de pesca, trato de redes, artesanato)
- Bosques não produtivos para qualidade ambiental
- Sistemas agroflorestais (roças, moradia, utensílios, medicina, rituais)

A seguir resumimos algumas informações sobre as árvores inventariadas neste trabalho. Pode-se indicar para cada um desses bosques as seguintes plantas.

Bosques produtivos - Pesca

(árvores de canoa)

Araribá	Cedro	Guapuruvu
Bucuiba	Coabi	Inga
Cambuca	Corticeira	Inga amarelo
Canela amarela	Crindiúva	Ingá canjarana
Canela branca	Cubantã	Inga flecha
Canela preta	Figueira	Inga preto
Canjarana	Guacá	Ipê do mato
Caroba	Guanandi	Ipê roxo
Ipê boia	Jequitibá-vermelho	Canela moscada
Jataí	Jequitibá-rosa	Timbiuba
Jacupirana	Massaranduba	Timbupeba

Algumas árvores que ocorrem na ilha são menos exigentes quanto alguns parâmetros dos solos. Isto é importante considerando que os solos, principalmente das áreas desmatadas são distróficos.

Pouco exigentes	Exigentes	Sem informação
Araribá	Canela branca	Bucuiba
Canela amarela	Canjarana	Cambuca
Coabi	Cedro	Canela preta
Crindiúva	Figueira	Caroba
Jataí	Guacá	Corticeira
	Guanandi	Cubantã
	Guapuruvu	Inga amarelo

	Inga	Inga flecha
	Ingá canjarana	Inga-pau
	Timbiuba	Inga preto
	Massaranduba	Ipê do mato
		Ipê roxo
		Jacupirana
		Jequitibá- vermelho
		Jequitibá-rosa
		Canela moscada
		Timbupeba

Outro aspecto importante é o estágio sucessional em que a planta ocorre. Assim pode-se escolher as espécies mais adequadas para adensamento de bosque, ou para áreas desmatadas.

Espécies ploneiras	Espécies secundárias e da mata madura	Espécies ploneiras/secundárias	Espécies da mata madura	Espécies generalistas que ocorrem nos vários estágios de sucessão
Araribá	Canela amarela	Caoab	Canela preta	Bicuiba
	Caroba	Crindiúva	Jataí	Canjarana
	Corticeira	Figueira	Jequitibá rosa	Cedro
	Massaranduba	Timbupeba		Inga canjarana
	Cubanta			
	Guanand			
	Ipê roxo			
	Ipê boia			

Os bosques não produtivos, voltados para melhoria da qualidade ambiental devem ser introduzidos ou manejados nas seguintes situações:

- matas ciliares
- matas de topo de vertentes - região de nascentes, etc
- matas de controle de erosão

Conclusões parciais, mas finais

1. No Brasil, costuma-se defender o direito das "populações tradicionais", que, por suas culturas e suas formas de manejo da natureza, podem contribuir de maneira decisiva para a conservação e para o conhecimento dos ecossistemas da Mata Atlântica. Mas tropeça-se na diversidade de situações e realidades e na complexidade dos problemas.
2. Primeira questão de difícil resposta é como definir as "comunidades tradicionais": pela maneira como usam os recursos naturais ou pelo tempo de permanência no local? Tomando o primeiro critério, o das formas de uso dos recursos naturais: O que diferencia as comunidades tradicionais que incorporaram técnicas e padrões de vida "modernos" (em algumas já vemos parabólicas, uso de técnicas modernas na bananicultura e introdução da cultura do maracujá), das comunidades que se implantaram mais recentemente nas UC e que reproduzem técnicas tradicionais de uso dos recursos naturais? Tomando, o segundo critério, o do tempo de permanência. O que dizer de populações tradicionais que têm costumes migratórios (os Guarani, por exemplo)? E o que dizer da tradição, freqüente em muitas regiões rurais, de buscar novas posses quando a atual está pequena ou desgastada?
3. Segunda questão de difícil resposta: só as "comunidades tradicionais" devem permanecer nas UC ou os menos tradicionais também têm este direito? Devemos considerar esta questão sob dois aspectos: o legal e o dos direitos do cidadão. A criação de uma UC se faz por lei. Os direitos de quem se encontra nas UC antes

desta criação devem portanto ser respeitados, quaisquer que sejam as origens destes moradores, suas práticas e seu tempo de permanência no local. Existe - é claro - a obrigação da desapropriação, mas em realidade, ela só ocorre muitos anos depois da constituição da UC e - na esmagadora maioria dos casos - por iniciativa dos proprietários e não do Estado. Enquanto isto não ocorre, é legítimo que quem se encontrava na área antes da criação da UC continue com seus direitos assegurados. Este direito é, por sinal, explicitamente citado nos decretos e leis de criação de UC quando se menciona que as terras já comprovadamente devolutas são imediatamente incorporadas à UC e que as demais serão à medida que forem ou consideradas devolutas ou desapropriadas de maneira irrecorrível. Mas existe um outro direito do cidadão: o de dar condições de vida digna para si e sua família. Mais do que um direito, isto é um dever para todo e qualquer cidadão. É este dever que move um grande número de famílias a ocuparem terras devolutas e não cultivadas dentro dos perímetros das UC. Os problemas sociais do país são, inegavelmente, uma das causas deste problema. Mas existe outra causa: a ausência de controle por parte do Estado em grande parte das UC. O Estado, que tem sido portanto duplamente omissivo (ao não resolver o problema social e ao não controlar as UC), não pode ter como única resposta a expulsão pura e simples das comunidades que se instalam dentro das UC.

4. Além disto, ao criar uma UC, o Estado causa impactos econômicos e sociais enormes sobre a população residente: ele restringe as atividades econômicas, desvaloriza as terras, etc. O Estado deve, portanto, compensar de alguma forma estes impactos.
5. Na realidade, o que está em jogo são opções políticas e definições de prioridades.
6. Admite-se que não há conhecimentos suficientes sobre os impactos das técnicas das populações atualmente residente nas UC, para se definir claramente o que se deve autorizar ou não. Na verdade, não se conhecem nem as populações nem suas técnicas, sejam elas (populações e técnicas) tradicionais ou não. Dada esta relativa "ignorância coletiva", o que devemos priorizar: a preservação dos recursos

naturais ou a sobrevivência da população e suas formas atuais de uso dos recursos naturais? Na primeira parte da alternativa, o recomendado é autorizar só o que comprovadamente não é inofensivo do ponto de vista ambiental e proibir tudo o que pode - comprovadamente ou supostamente - comprometer os recursos naturais, inclusive práticas tradicionais. Neste caso, corre-se o risco de asfixiar as populações locais a ponto de comprometer sua reprodução e a preservação de sua cultura. Isto é: de desperdiçar um conhecimento sem o qual talvez sejamos incapazes de conhecer e manejar corretamente os recursos naturais que queremos conservar. Na segunda parte da alternativa, o recomendado é garantir a continuidade das técnicas atuais de manejo e negociar com as populações locais o abandono das práticas comprovadamente nocivas para os recursos naturais. Esta opção traz em si um risco: o de permitir práticas degradadoras da biodiversidade e dos recursos naturais. Mas ela traz também em si um enorme potencial: o de ter a população local como aliada no esforço de conhecimento e na luta pela preservação dos recursos naturais.

7. As unidades de conservação que exigem desocupação (estações ecológicas, zonas de vida silvestre e parques estaduais) foram estabelecidas nas porções mais bem preservadas e que concentravam as terras devolutas. Esta alternativa, aparentemente simples, ignorou que o fato de que estas áreas abrigavam comunidades tradicionais e famílias de posseiros. O impacto dessas unidades de conservação sobre a população local foi (e continua sendo) enorme pois, ao contrário do grileiro e do grande proprietário, a imensa maioria das famílias (sejam elas de comunidades tradicionais ou posseiros) não possui documento possessório ou recursos que lhes permita recorrer à justiça, seja para contestar a desapropriação ou para pleitear uma indenização adequada.
8. Nesta fase, em que o poder público faz um esforço para consolidar as unidades de conservação, a pressão para que as populações interiorizadas abandonem as suas áreas é muito grande. Embora não haja registro de enfrentamentos mais graves, as populações locais relatam vários casos de agressões, intimidações e prepotência. Alguns vendem o direito de posse para "investidores", que irão buscar bom lucro

através de ações judiciais de indenização. Outros simplesmente desistem. Condenados a deixarem suas terras, de onde tiravam sustento simples mas suficiente, alguns vão tentar a vida nas favelas. A maioria, entretanto, tenta ocupar outras áreas.

9. Até hoje há uma enorme resistência do movimento ambientalista, bem como dos órgãos públicos, a qualquer tentativa de permitir a adequada permanência dessas populações nas áreas que já ocupam. Recusam-se a reconhecer que as práticas tradicionais (intencionalmente ou não) permitiram a conservação da área. Desprezam o conhecimento do ambiente que estas populações possuem. Não vislumbram o potencial deste conhecimento para o desenvolvimento de formas sustentáveis de aproveitamento da floresta. Também não conseguem perceber que, se estas populações permanecerem na área, usufruárias que são da floresta, será do interesse delas protegê-la de eventuais ações predatórias, facilitando o controle sobre a área como um todo.
10. Não foram feitos, até hoje, estudos visando, pelo menos, o realojamento adequado dessas pessoas. Procura-se evitar o fato de que muitos deles teriam muita dificuldade para encontrarem novas áreas para se instalar.
11. A política ambiental, é extremamente rigorosa e inflexível inibe inclusive alternativas de desenvolvimento menos agressivas. Assim, o pequeno agricultor, que limpa uma pequena área de capoeira¹ para plantar uma nova roça para sua subsistência, é considerado infrator da mesma forma que o grande proprietário ou grileiro que manda desmatar extensas áreas, para a formação de pastos. A aparente "democracia" da lei se desfaz quando se verifica que, ao contrário do que ocorre com o grande proprietário, a multa pode comprometer o orçamento de vários meses de um pequeno proprietário. O pequeno tampouco tem recursos para recorrer das multas ou a alternativas menos éticas. De modo semelhante, a ação

¹ Vegetação secundária arbórea, geralmente áreas de "descanso", que já foram cultivadas anteriormente, dentro do sistema de agricultura itinerante.

penal sempre incide diretamente sobre o pequeno agricultor e nunca sobre o grande proprietário, que age sempre por prepostos.

12. As estratégias de conservação das florestas neste modelo não tem obtido os resultados esperados. O desmatamento, seu principal paradigma continua. Evidentemente a política de UCs, obteve resultados positivos no litoral excluindo da voracidade neoliberal alguns setores de mata. No entanto não vem criando políticas públicas para atuar na causa do desmatamento. As políticas são contraditórias e nas situações mais conflitivas prevalecem as não políticas.
13. Algumas sugestões poderiam ser feitas para que o zoneamento proposto no PGA de Ilhabela pudesse amenizar dois conflitos mais graves cuja solução passa por melhor conhecer a biogeografia insular de São Sebastião. Recuperar as áreas degradadas considerando a demanda social local das comunidades de pescadores, e outros setores que utilizam a floresta insular, mas conhecer previamente a dinâmica das matas de encosta, principalmente aspectos da demografia. Neste sentido um programa de reposição florestal misto - a floresta social de Ilhabela poderia ser uma alternativa pensada como meta de um Plano de Gestão Ambiental.

FIM

Bibliografia consultada e de referência

Apresentação e Introdução

- Angelo Furlan, S., 1996. Unidade de Conservação Insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental, in Geraiges Lemos, A. I. (org.) **Turismo: impactos socioambientais**, São Paulo. Hucitec: 114-136.
- Angelo Furlan, S., 1996. Indicadores Biogeográficos em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental e suas possíveis implicações paleoambientais. **Rev. do Departamento de Geografia - FFLCH- USP.** (10): 13-28,
- Angelo, S., 1992. **Distribuição e ocorrência de isópodos terrestres (Crustacea - Oniscidea) em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental do litoral paulista.** Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia. FFLCH-USP.
- Angelo, S., 1990. Picinguaba: três décadas numa vila de pescadores do Litoral Norte do Estado de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, 69:61-73.
- Beck, A 1996. **Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito manezinho de ser.** Florianópolis, Ed. UFSC, 1996.
- Boff, L. 1997. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** Petrópolis - RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. 1989. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.
- Brito, M. C. W., 1995. **Unidades de Conservação: intenções e resultados.** Dissertação de Mestrado. PROCAM-USP: São Paulo. .
- Calvente, M. Del C. M.H., 1993. **No território do azul-marinho - a busca do espaço caiçara.** São Paulo, Dissertação (Mestrado), Depto. Geografia, FFLCH-USP.
- Calvente, M. Del C. M.H., 1997. Ilhabela: Turismo e Território. In **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo: NUPAUB-USP: 93-109.
- Cardoso. E. S. 1995. **Vitóreiros e Monteiros: Ilhéus do Litoral Norte Paulista.** Dissertação de Mestrado em Geografia Humana - FFLCH-USP.
- Codaccioni-Meistersheim, A. 1989. **Images d'îleité. In: Les îles européennes:politiques insulaires.** Corse IDIM, 1989.
- Diegues, A. C. S. & Nogara, P. 1994. **Nosso lugar virou parque.** São Paulo: NUPAUB-USP: 187p.
- Diegues, A. C. S.; 1993. **Populações Tradicionais em Unidades de Conservação: O Mito Moderno da Natureza Intocada.** Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 1.
- Diegues, A. C. S., 1997. **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, ESALQ-USP, 235pp.
- Diegues, A. C. S., 1998. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**, Geografia: Teoria e Realidade. São Paulo: Hucitec, 272pp.
- Maldonado, W., 1997. Comunidades Caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. In: Diegues, A. C., (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares.** São Paulo: NUPAUB-USP. 37-66.
- Merlo, M., 1997. As vozes do Bonete, uma face de Ilhabela. In: Diegues, A. C., (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares.** São Paulo: NUPAUB-USP. 37-66.

- Moles, A. 1982. Nossologie ou science des îles. In: *l'Espace Géographique* (4): 281-9.
- Morin, E., 1997. **O método I. A natureza da Natureza**. Vol.1. 3ª ed. Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América. Portugal, 363p.
- Péron, F., 1993. **Des îles et des hommes: insularité aujourd'hui**. Rennes Editions de la Cité-Ouest France.
- Rizzini, C. T., 1976/1979. **Tratado de Fitogeografia do Brasil. Aspectos ecológicos e aspectos sociológicos e florísticos**. São Paulo, Hucitec/Edusp, v.1 e 2
- Tuan, Y. Fu. **Topofilia**, São Paulo. Difel, 1980.

Referenciais teóricos

- Acot, P., 1992. A natureza da Humanidade. **Revista Ciência & Ambiente**, Univ. Federal de Santa Maria/ Univ. de Ijuí, 3(5): 7-18.
- Bachelard, G., 1998. **A poética do espaço**. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 242p.
- Beck, A 1996. **Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito maneirinho de ser**. Florianópolis, Ed. UFSC, 1996.
- Betto, Frei 2000. *Jornal Correio da Cidadania*. Ano V nº. 186 pag. 5.
- Bosi, A. 1992. Plural mas não caótico. In **Cultura Brasileira - Temas e situações**. Série Fundamentos Bosi. A. (org). São Paulo: Ática: 7-15.
- Bourdieu, 1989, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- Braudel, F. *História e Ciências Sociais*. 5ª ed., Editorial Presença: Lisboa, 1986.
- Calvente, M. Del C. M.H. , 1993. **No território do azul-marinho - a busca do espaço caiçara**. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Depto. Geografia, FFLCH-USP.
- Castels, M., 1999. **Fim de Milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 497p.
- Castoriades, C., 1997. **A instituição imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra (4ª. ed.),418p.
- Castro, I.E., Gomes, P.C.C. & Corrêa, R.L. 1997. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 367p.
- Castro, I.E.,1997. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: Castro, I.E.; Gomes, P.C. C. & Corrêa, P. L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 13-42.
- Chesneaux, J. Devemos fazer tábula rasa do passado? - sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.
- Claval, P. & Singaravélou, (dir) 1995. **Ethnogéographies**, Paris:L'Harmattan, xpx.
- Claval, P. 1992. **Champs et perspectives de la géographie culturelle, Géographie et cultures**, vol. 1 (1): 7-38.
- Claval, P., 1997. As abordagens da Geografia Cultural. In: Castro, I.E., Gomes, P.C. C. & Corrêa, P. L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 43-88.
- Codaccioni-Meistersheim, A. 1989. **Images d'îleité. In: Les îles européennes:politiques insulaires**. Corse IDIM, 1989.
- Corbin, A., 1989. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Cia das Letras.
- Diegues, A. C. S., 1996. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 169p.
- Diegues, A. C., 1998. **Ilhas e Mares - simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 272p.
- Dilthey, W., 1949. **Introducción a las ciencias del espíritu**. Mexico: Fondo de Cultura Economica.

- Foucault, M., 1986. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária (2a. ed), 239p.
- Geertz, C., 1989. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 323p.
- Gomes, P. C. C., 1997. Geografia fin-de-siècle; o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: Castro, I.E.; Gomes, P.C. C. & Corrêa, P. L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 13-42.
- Guarinello, N. L., 1994. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n.28. São Paulo: ANPHU - Editora Marco Zero - MCT - CNPq - FINEP.
- Hegel, G. W. F., 1997. **Fenomenologia do Espírito**, Parte I. (3a. ed.) Petrópolis: Vozes, 269p
- Humboldt, A. de., 1846. **Cosmos, essai d'une description physique du monde**. Paris.
- Hume, D., 1957. **An Inquiry Concerning Human Understanding**. Nova York, The Liberal Arts Press
- IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1992. **Unidades de Conservação do Brasil - Cadastramento e Vegetação**. Por Bruck, E. C. e outros. DIRPED - Centro de Sensoriamento Remoto. Brasília.
- Kesselring, T., 1992. O conceito de natureza do pensamento ocidental. **Revista Ciência & Ambiente**, Univ. Federal de Santa Maria/ Univ. de Ijuí, 3(5): 19-39.
- Le Goff, J. 1990. **História e Memória**. Campinas - SP: Editora da Unicamp.
- Lorenz, K., 1986. **A demolição do homem - crítica a falsa religião do progresso**. São Paulo: Brasiliense, 225p.
- Lynch, K., 1980. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes.
- Marx, K. & Engels, F. 1991. A Ideologia Alemã. 8a. ed. São Paulo: Hucitec.
- Moles, A., 1982. Nossologie ou science des îles. In: **l'Espace Géographique** (4): 281-9.
- * Morin, E., 1996. **O método: o conhecimento do conhecimento**. Publicações Europa-América Lda., 230pp.
- Oliveira, L., 1977. Contribuição aos estudos cognitivos à Percepção Geográfica. In **Geografia** 3 (2).
- Péron, F., 1993. **Des îles et des hommes: insularité aujourd'hui**. Rennes Editions de la Cité-Ouest France.
- Pessoa, F. 1977. **Obra Poética**. Biblioteca Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 842p.
- Piaget, J., 1969. **The Mechanics of Perception**. Nova Iorque: Basic Books.
- Santos, M., 1996. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 308p
- Sartre J. P., 1996. **O imaginário**. Série Temas (46). São Paulo: Ática, 252p
- Sauer, C. 1963. **Land and Life**. A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer, ed. by John Leighly, Berkeley, University of California Press.
- Serrès, M., 1990. Le contrat naturel. Paris: Editions François Bourin.
- ç Silva, A. C. da, 1986. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: Santos, M. Souza, M.A. A.D. (coord). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel.
- ı Souza, M.J.L. de, 1995. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E. ; Gomes, P.C.C. & Corrêa, R.L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 353p
- Terra, A. 1997. Caracterização da área de História. In **Parâmetros curriculares Nacionais**. SEF/MEC, 103-114.
- Thomas, K. 1989. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 454p.
- Tuan, Y. Fu. **Topofilia**, São Paulo. Difel, 1980.
- Tuan, Yi-Fu, 1983. **Espaço & Lugar: a perspectiva da Experiência**. São Paulo, Difel, 250pp.

- Viana, L. P., 1996. **Considerações críticas sobre a construção da idéia de população tradicional no contexto das unidades de conservação.** São Paulo. Dissertação de mestrado (Mestrado em Antropologia) - FFLCH-USP, 217p.
- Whyte, A., 1977. **Guidelines for Field Studies in Environmental Perception.** Technical Notes 5. Paris: UNESCO.

Metodologia de estudo da percepção ambiental e expectativas da população jovem e adulta em relação ao PE. Ilhabela.

- Angelo, S., 1990. Picinguaba: três décadas numa vila de pescadores do litoral norte do Estado de São Paulo. In: **II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira**, volume 4: 96-120.
- Bailly, A., 1977. **La percepción del Espacio Urbano: conceptos, metodos de estudio y su utilizacion en la investigacion urbanistica.** Madri: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1979.
- Bercovich, A. M.; Madeira, F.R. & Torres, H. G. **Mapeando a situação do adolescente no Brasil.** Versão preliminar. São Paulo: Fundação SEADE, julho de 1997.
- Betto, Frei 2000. *Jornal Correio da Cidadania*. Ano V nº. 186 pag. 5.
- Bley, L., 1996., Morretes: Um estudo de Paisagem Valorizada. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs.). São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 121-138.
 - Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs), 1996. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 265pp.
- Del Rio, V. 1996. Cidade da Mente, Cidade Real - Percepção e Revitalização da Área Portuária do Rio de Janeiro. In: **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 3-22p.
- Diegues, A. C. S., 1996. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 169p.
- Gibson, J., 1966. **The Senses Considered as Perceptual Systems.** Boston: Houghton Mifflin.
- Gibson, J. J. , 1974. **La percepcion del mundo visual.** Buenos Aires: Ed. Infinito.
- Guarinello, N. L. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n.28. São Paulo: ANPHU - Editora Marco Zero - MCT - CNPq - FINEP, 1994.
- Le Goff, J. **História e Memória. Campinas** - SP: Editora da Unicamp, 1990.
- Lynch, K., 1980. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes.
- ◊ Machado, L. M. C. P., 1996. Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar. In: **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 97-120p.
- Maldonado, W., 1997. Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares.** São Paulo, NUPAUB-USP, 123-136.
- Morin, E., 1996. **O método: o conhecimento do conhecimento.** Publicações Europa-América Lda., 230pp.
- Oliveira, L., 1977. Contribuição aos estudos cognitivos à Percepção Geográfica. In **Geografia** 3 (2).
- Piaget, J., 1969. **The Mechanics of Perception.** Nova Iorque: Basic Books.
- Thomas, K. **O homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Turner, M. G. & Gardener, R. H. (Eds.) 1993. **Quantitative methods in Landscape Ecology.** *Ecological Studies* 82. Spring Verlag, NY

Whyte, A., 1977. **Guidelines for Field Studies in Environmental Perception**. Technical Notes 5. Paris: UNESCO.

Zeisel, J., 1981. **Inquiry by Design: Tools for Environmental-Behavior Research**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

Metodologia de estudo das transformações da cobertura vegetal na Ilha de São Sebastião

Angelo Furlan, S., 1996. Indicadores Biogeográficos em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental e suas possíveis implicações paleoambientais. **Rev. do Departamento de Geografia - FFLCH- USP**. (10): 13-28,

Angelo Furlan, S., 1996. Unidade de Conservação Insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental, in Geraiges Lemos, A. I. (org.) **Turismo: impactos socioambientais**, São Paulo. Hucitec: 114-136.

Angelo, S., 1992. Distribuição e ocorrência de isópodos terrestres (Crustacea - Oniscidea) em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental do litoral paulista. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia. FFLCH-USP.

Brondízio, E. S.; Moran, E.F.; Mausel, P. & Wu, Y. , 1993. **Dinâmica na vegetação do Baixo Amazonas: Análise temporal do uso da terra integrando imagens LANDSAT TM, levantamentos florísticos e etnográfico. VII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**. Anais, vol. II, p. 38-46, Curitiba, maio de 1993.

Lima, A. R. & Capobianco, J. P (orgs), 1997. **Mata Atlântica: avanços legais e institucionais para sua conservação**. Instituto Sócioambiental, 118p.

Carbonari, M. P., 1981. Ecossistema insular: importância de seu estudo. **Caderno Ciências da Terra - IGEOG-USP** 65p.

Carvalho, V.C., Shimabukuro, Y. E.; Santos, J.R. dos & Hernandez Filho, P., 1990. Subsídios do Sensoriamento remoto para o Manejo Florestal: Estado Atual da Arte e Perspectivas. In: **Congresso Florestal Brasileiro**, 6. Campos do Jordão, anais SBS/sbef, (1): 28-34.

Cottam, G. & Curtis, J. T., 1956. The use of distance measures in phytosociological sampling. **Ecology** 37:451-460.

Crósta, A. P. 1993. Processamento digital de imagens de sensoriamento remoto. Ed. rev. - Campinas, SP: IG/UNICAMP, 170pp.

Eastman, J.R. 1992. **IDRISI - Technical Reference** - version 4.0. Clark University (Graduate School of Geography), 210 p.

Fonseca, F. P., 1995. **Avaliação do uso de processamento digital de imagens de satélite em Geografia, a partir de um teste no Núcleo de Picinguaba (PE. Serra do Mar), Ubatuba, SP**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. FFLCH-USP. 99p.

França, A. 1954. A Ilha de São Sebastião. Estudo de Geografia Humana. . **Bol Fac. Cienc. Let. Univ. São Paulo - Geografia**, 10: 1-195.

Gibson, J., 1966. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin.

Gómes-Pompa, A. & Kaus, A.; 1992. Taming the Wilderness Myth. **BioScience**, 42 (4): 271-279.

Gómes-Pompa, A.; 1971. Possible Papel de la Vegetación Secundaria en la Evolución de la Flora Tropical.

- Biotrópica**, 3 (2): 125-135.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1992. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro, 92p.
- IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico. Mapas topográficos (várias cartas). Escala 1:10.000. São Paulo, 1977.
- INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Imagens Landsat TM (várias datas). Formato digital.
- Jones, J. 1992. **TOSCA - Reference Guide**. Clark University (Graduate School of Geography), 42p.
- Kauth, R.J. & G.S. Thomas, 1976. The Tassled Cap: a graphic description of the spectral temporal development of agricultural crops as seen by LANDSAT. In: **Symposium on Machine Processing of remotely Sensed data**, 3. West Lafayette in Lars Purdeu, University, IEEE. Proceedings.
- Leopold, L. B., y cols. **A Procedure for Evaluation Environmental Impact**. Washington, USA, 1971
- Lillesand, T. M. & R. W. Kieffer, 1987. **Remote sensing and Image Interpretation** (2a. ed.). John Wiley & sons, N.Y.
- Lima, A.R. & Capobianco, J.P. 1997. **Mata Atlântica: avanços legais e institucionais para sua conservação**. Série Documentos do ISA no. 4. São Paulo, 118p.
- Mantovani, W., 1990. A dinâmica das florestas na encosta Atlântica. In: **II Simpósio dos Ecossistemas da Costa Sul Sudeste - Estrutura, Função e Manejo**, Volume 1: 304-313, ACIESP, São Paulo.
- Moraes Novo, E. M. L. 1989. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. Ed. Edgar Blucher Ltda. 01p.
- Moran, E. F.; Brondízio, E. S.; Mausel, P. & Li, Y. H., 1993. Assinaturas espectrais diferenciando etaas de sucessão secundária no leste amazônico. **VII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**. Anais, vol. II: 202-209. Curitiba.
- Pearson, P. L. & L. D. Miller, 1972. Remote mapping of standincrop biomass for estimation of productivity of shortgrass prairie. In: **International Symposium on Remote Sensing of Envionronment**, 8. Ann. Arbor, MI, 1972. Proceedings: 1357-1381.
- Richardson, A. J. & C. L. Wiegand, 1977. Distinguishing vegetarion from soil backgraoud information. **Photogrametric engineeting and Remote sensing**, 43 (12): 1541-1552.
- Rosa, R. 1992. Introdução ao Sensoriamento Remoto. (2a ed.), EDUFU - **Rev. Uberlândia**. Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 110p.
- Rouse, J. W.; R. H. Haas; J.A. Schell; D.W. Deering, 1973. Monitoring vegetation systms in the great plains with ERTS. In: **Earth Resources technology Satellite-1 Symposium**, 3. Dec 10-14.
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo Furlan, (coord) 1994. Governmental Policies, Agriculturas and Deforestation in Brazil: an introductory study case. **Anais da V Reunião de La Red Latinoamericana de Bosques** de Equador (Quito).
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo Furlan, 1995. **Políticas Públicas, Desmatamento e Agricultura no vale do Rio Ribeira de Iguape**. Estudo de caso 5. São Paulo, Instituto de Pesquisas Ambientais, (inédito) 80pp.
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo, 1990. **Relatório de Estudo de Impacto Ambiental para licença de ampliação da Pedreira Firpavi** (capítulo biologia aquática). ECP S/C.
- Schierholz, T. 1991. Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais. **Ciência Hoje** (12):71.
- São Paulo (Estado) 1998. Secretaria do Meio Ambiente. Ilhabela - **Plano de Gestão Ambiental** - fase 1/ Secretaria do Meio Ambiente/ Coordenadoria de Informações Técnicas, Documento e Pesquisa Ambiental, Instituto Florestal, Fundação Florestal; Organizado por Bucchianeri, V.; Sanches, R. A.; Maretti, C.C.; Raimundo, S.;

- (et al) - São Paulo:SMA, 85p.
- SOS Mata Atlântica, 1992. **Atlas da Evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados do domínio da Mata Atlântica no Estado de São Paulo no período 1985-1990.**
- Turner, M. G. & Gardener, R. H. (Eds.) 1993. Quantitative methods in Landscape Ecology. **Ecological Studies** 82. Spring Verlag, NY
- Valeriano, D. M. 1988. **Interações da radiação solar com a vegetação.** Publicação INPE-4697-MD/038, São José dos Campos, set.. 31p.
- Vitor, M. A. M.; 1975. **A desvastação florestal.** Sociedade Brasileira de Silvicultura, São Paulo, 48 pp.
- Vieitas, C. 1995. Análise Ambiental das Ilhas Costeiras da região de Ubatuba (SP), situação conservacionista e proposta de manejo para a Ilha do Mar Virado. Exame de Qualificação. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental - USP. 57 p. (inédito)

Capítulo 1 - A Ilha de São Sebastião nos tempos sociais e tempos biogeográficos

- Ab'Saber A. N., 1955. Problemas Paleogeográficos do Brasil de Sudeste. **Anuário Fac. Fil. Sedes Sapientiae**, USP. 12: 79-86.
- Ab'Saber A. N., 1962. A Serra do Mar e o Litorall de Santos. **Not. Geomorf. Campinas**, 5 (9110):70-77.
- Ab'Saber A. N., 1965. A evolução geomorfológica. In: **A Baixada Santista: aspectos geográficos (As bases físicas)**. São Paulo. EDUSP 1:50-66.
- Ab'Saber A. N., 1977. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. **IGEOG-USP - Paleoclimas** 3: 1-19.
- Adams, C. 1996. Caiçaras na Mata Atlântica: Pesquisa Científica versus Planejamento e Gestão Ambiental. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo - USP. São Paulo. 295p.
- Almeida, F. F. M., 1964. Os fundamentos geológicos do relevo paulista. **Bol. Inst. Geog. (Geologia)**. São Paulo, 41:169-263
- Andrade, M.A. & Lamberti, 1965. A. A Vegetação. In **Baixada Santista: aspectos geográficos** vol I: 151-178.
- Angelo Furlan, S., 1997. As ilhas do Litoral Paulista: Turismo e Áreas Protegidas, in Diegues, A. C. A C. **Sociedades Insulares**, São Paulo. NUPAUB-USP;: 37-66.
- Angelo Furlan, S., 1997. Paisagens brasileiras: uma viagem pela Geografia do Brasil no olhar das Crianças. Texto distribuído aos professores que acompanharam a **Série de Geografia: paisagens brasileiras** - Programa Salto para o Futuro - TVERIO de 01 a 12 de dezembro de 1997.
- Angelo Furlan, S., 1996. Geoecologia,: O clima, os Solos e a Biota. in **Geografia do Brasil**. (Didática 3) - Edusp-São Paulo 67-198p.
- Angelo Furlan, S., 1996. Indicadores Biogeográficos em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental e suas possíveis implicações paleoambientais. **Rev. do Departamento de Geografia - FFLCH- USP**. (10): 13-28,
- Angelo Furlan, S., 1996. Unidade de Conservação Insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental, in Geraiges Lemos, A. I. (org.) **Turismo: impactos socioambientais**, São Paulo. Hucitec: 114-136.

- Angelo Furlan, S., 1995. Unidade de Conservação Insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental. In **Turismo - Impactos Sócio Ambientais**. Editora Hucitec -São Paulo - SP.
- Angelo, S., 1992. Distribuição e ocorrência de isópodos terrestres (Crustacea - Oniscidea) em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental do litoral paulista. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia. FFLCH-USP.
- Angelo, S.; 1992. "Atlas do Litoral Sudeste e suas Ilhas". **Simpósio Internacional "Novo Mapa do Mundo**. São Paulo - SP. Depto. Geografia- FFLCH-USP e ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Período 1 a 5 de setembro de 1992.
- Angelo, S.; 1990. Picinguaba: três décadas numa vila de pescadores do litoral norte do Estado de São Paulo. In: **II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira**, volume 4: 96-120.
- Angelo, S., 1989. **Ilhas do Litoral Paulista**. Secretaria do Meio Ambiente. Divisão de Reservas e Parques Estaduais e Universidade de São Paulo (Depto. de Geografia - FFLCH-USP), 49p.
- Barros, F.; Melo, M.M. R.F. de; Chiea, S. A.C.; Kirizawa, M. ; Wanderley, M.G. L.; Mendaçolli, S.L.J. 1991. Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso. Caracterização Geral da Vegetação e Listagem das Espécies ocorrentes. Instituto Botânico. Vol. 1, 184p.
- Bjoernberg, A. J. S. & Ellert, R., 1955. Observações geológicas e petrográficas sobre a Ilha dos Búzios. **An. Acad. Brasil. Cienc.**, 27 (2): 169-182.
- Bosi, E. 1995. Memória e sociedade: lembranças de velhos (3a. ed.) . São Paulo: Cia. das Letras, 484p.
- Braudel, F., 1979. Le temps du monde. Tomo III de **Civilisation matérielle, économie et capitalisme**, XV a XVIII siècle. Armand Collin, Paris.
- Brito, M. C. W. 1996. Unidade de Conservação: interações e resultados. Dissertação de Mestrado, PROCAM-USP, São Paulo.
- Calvente, M. Del C. M.H. , 1993. **No território do azul-marinho - a busca do espaço caiçara**. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Depto. Geografia, FFLCH-USP.
- Carbonari, M. P., 1981. Ecossistema insular: importância de seu estudo. **Caderno Ciências da Terra-IGEOG-USP** 65p.
- Cardoso. E. S. 1995. Vitoreiros e Monteiros: Ilhéus do Litoral Norte Paulista. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana - FFLCH-USP.
- Carvalho, P.E. 1994. Espécies Floretais Brasileiras. EMBRAPA-CNPq, 672p.
- Conceição, 1980,
- Coutinho, J. M. V. & G. C. Melcher, 1967. Levantamento geológico e petrológico na Ilha Montão de Trigo Litoral Norte de São Paulo, Brasil. **Revta Bras. Geoc.** 3: 243-256.
- Coutinho, Leopoldo M. , 1962. Contribuição ao conhecimento da ecologia da mata pluvial tropical. Bol FFLC-Botânica. - USP
- Cruz, O., 1974. A Serra do Mar e o Litoral na área de Caraguatatuba: contribuição à geomorfologia tropical, S. Paulo, tese de doutoramento. Depto. Geografia - FFLCH-USP
- França, A. 1951. As paisagens humanizadas da Ilha de São Sebastião Bol Paulista de Geografia, São Paulo, 10.
- França, A. 1954. A Ilha de São Sebastião. Estudo de Geografia Humana. . **Bol Fac. Cienc. Let. Univ. São Paulo - Geografia**, 10: 1-195.

- Freitas, R. O., 1947. Geologia e petrologia da Ilha de São Sebastião. **Bol Fac. Cienc. Let. Univ. São Paulo - Geologia**, 3: 1-244.
- Gomes, C. B.; E.C. Damasceno; G.C. Melcher & H. Born, 1967. Observações geológicas preliminares sobre a Ilha Vitória, SP. **An. 21o Congr. Bras. Geol. Bol. Paranaense de Geociências**, 26: 65-66.
- Gould, S. J., 1991. Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 221p.
- Guix, J. C. , M. Martin & S. Manosa. 1999. Conservation status of parrot populations in an Atlantic rainforest area of southeastern Brazil, **Biodiversity and Conservation** 8: 1079-1088
- Hennies, W. T. & Y.Hasui, 1968. Geocronologia das rochas eruptivas alcalinas da Ilha de São Sebastião, SP. **An 22º Congr. Bras. Geol.**: 145-148.
- Hueck, 1972. **Florestas da América do Sul (ecologia, composição e importância econômica)**. São Paulo. Editora Universidade de Brasília e Editora Polígono S. A., 465p.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 1910 e 1920;
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico, 1992
- Kant, E. 1961. **Crítica de la razón pura**. Buenos Aires: Sopena.
- Lorenzi, Harri, 19 . **Árvores brasileiras - manual de identificação de plantas arbóreas do Brasil**. São Paulo. Ed. Plantarum, (volumes 1 e 2).
- Lorenzi, H. ; Souza, H.M.; Medeiros-Costa, J.T.; Cerqueira, L.S.C.; Von Behr, N. , 1996. **Palmeiras no Brasil. nativas e exóticas**. São Paulo: Plantarum, 303p.
- Luederwaldt, H., 1929. Resultados de uma excursão científica à ilha de São Sebastião em 1925 no Estado de São Paulo. **Rev. Mus. Paulista**, 16: 1-79.
- Maak, R. 1949. Espessura e sequência dos sedimentos quaternários no litoral do Estado do Paraná. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, v.4:271-286.
- Maldonado, W., 1997. Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo, NUPAUB-USP, 123-136.
- Mantovani, W. 1990. A dinâmica das florestas da encosta Atlântica. II **Simpósio de ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira: estrutura, função e manejo**: 304-313.
- Marcílio, M.L. 1986. Caiçara: Terra e população. Ed. Paulinas. CEDHAL. São Paulo, 245p.
- Martin L., K. Suguio & J. M. Flexor, 1983. Le quaternaire marin du littoral brésilien entre Cananéia (SP) et Barra de Guaratuba (RJ). **International Symposium on coastal evolution in the quaternary**. São Paulo, Brasil: 296-331.
- Motoki, A., 1986. Geologia e Petrologia do Maciço Alcalino da Ilha de Vitória, SP - tese de doutoramento em Mineralogia e Petrologia, 245p.
- Muller, P., 1972. Centers of dispersal and evolution in the Neotropical region. **Stud. Neotr. Fauna** 7: 173-185.
- Muller, P., 1973. The dispersal centers of vertebrates in the Neotropical realm. **Biogeographica**, vol 2. The Hague, W.Junk.
- Muller, P., 1974. **Aspects of Zoogeography**. The Hague W. Junk. b.v. Publishers, 192p.
- Mussolini, 1945.

- Mussolini, G. 1980. *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara*. Ed. Paz e Terra, Edgar Carone (org.). Rio de Janeiro. 288p.
- Nimer, E., 1989. *Climatologia do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, (2a ed.), 422p.
- Noffs, P. S. 1983. *Caiçaras do Toque-Toque Pequeno: um estudo de mudança espacial*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana - FFLCH USP.
- Olmos, F. 1995. Ilhabela State Park: a poorly known reserve in southeastern Brazil. *Neotropical Primates*, 2(1):12-15.
- Petrone, P. 1965. O povoamento antigo e a circulação. In: *A Baixada Santista (aspectos geográficos)*, Vol. Pires Neto, 1992. A. G. O relevo de Ilhabela: suas características e suscetibilidade à ocupação humana. In: *Anais III Congresso ABEQUA*. 141-145.
- Pollete, M. 1993. **Planície do Perequê/Ilha de São Sebastião/SP. Diagnóstico e Planejamento Ambiental Costeiro**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde de Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Rebouças-Spieker, R. 1974. Distribution and differentiation of animals along the coast and continental islands of the state of São Paulo, Brazil. Lizards of the genus *Mabuya* (Sauria, Scincidae) **Pap. Avul. Zool.**, São Paulo, 28 (12):197-240.
- Rizzini, C. T., 1971. **Árvores e Madeiras Úteis do Brasil**, 2a. ed. Ed. E. Blucher L. São Paulo, 294p.
- Rossi, M. & Pfeiffer, R.M. 1991. Pedologia do Parque Estadual da Serra do Mar, I Levantamento de reconhecimento dos solos. **Rev. Inst. Flor.**, São Paulo, 3(1):1-44.
- Rossi, M. & Pfeiffer, R.M. 1991. Pedologia do Parque Estadual da Serra do Mar, II Levantamento detalhado dos solos. **Rev. Inst. Flor.**, São Paulo, 3(1):45-65.
- Sampaio, F. A. A. & Furlan, S. A. (coord.), 1994. **Desmatamento e Agricultura no Brasil**; série com cinco estudos de caso. UNRISD-ONU.
- Sampaio, F. A. A.; S. Angelo Furlan, e D. P. Garcia Filho, 1997. *Populações e Parques*. São Paulo, Instituto de Pesquisas Ambientais, (inédito) 45pp.
- Santos, M. 1996. *A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 308p.
- Secretaria Estadual do Meio Ambiente - São Paulo; 19. **Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo**. São Paulo - Parte 1 - Litoral, xx pages. (completar)
- Serra-Filho, R.; Cavalli, A. C. & Guillaumon, J. R.; 1975. Levantamento da cobertura vegetal natural e do reflorestamento no Estado de São Paulo. **Boletim Técnico do Instituto Florestal**, São Paulo, 11:1-53 (2nd ed.)
- Silva, A. F. 1980. *Composição Florística e Estrutura de um trecho da Mata Atlântica e encosta do Município de Ubatuba-São Paulo*.
- Silva, A. C. da. 1975. *Litoral Norte do Estado de São Paulo: formação de uma região periférica*. Tese de doutoramento em Geografia Humana-FFLCH-USP, 273p.
- Silveira, J. D. da. 1952. **Baixadas Litorâneas Quentes e Úmidas**. São Paulo, USP (Boletim 152. Cadeira de Geografia n 8)
- Silveira, J. D., 1964. *Morfologia do litoral*. In: **Brasil, a terra e o homem**. vol I: As bases físicas.

- SMA (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo); 1987. Mapa Florestal. por Gonzaga de Campos. Ed-fac-similar. São Paulo.
- SMA (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo); 1992 Programa de Educação Ambiental do Vale do Ribeira. Série Educação Ambiental. Governo do Estado de São Paulo.
- SMA-CPLA -(Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo); 1996. Macrozoneamento do Litoral Norte: Plano de Gerenciamento Costeiro. São Paulo:governo deo Estado de São Paulo, Coordenadoria de Planejamento Ambiental (CPLA), Série Documentos. São Paulo. 202p.
- SMA- CETESB- DUCO-CEAM 1992. Serra do Mar: uma viagem à Mata Atlântica. Série Educação Ambiental. Secretaria do Meio Ambiente São Paulo, SP. 95p.
- SMA (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo); Instituto Florestal (IF), 1992. Diagnóstico socioeconômico e ambiental de Ilhabela.
- SMA (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo); 1998. Projeto de Preservação da Mata Atlântica (PPMA), Coordenadoria de Informações Técnicas, Documentação e Pesquisa Ambiental (CINP), Instituto Florestal (IF), Fundação Florestal (FF). Plano de Gestão Ambiental - Ilhabela - Fase 1, 100p.
- Suguio, K. & L. Martin, 1978. Formações quaternárias marinhas do litoral Paulista e sul fluminense. **International Symposium on coastal evolution in quaternary:** 11-18.
- Suguio, K. & L. Martin, L., 1987. Classificação das costas e evolução geológica das planícies litorâneas quaternárias do sudeste e sul do Brasil. **Anais Simpósio sobre ecossistemas da Costa Sul e sudeste Brasileira: síntese dos conhecimentos.** ACIESP. 1:1-28
- Suguio, K.,1978. The state of São Paulo coastal plain evolutive scheme and Brazilian Littoral Quaternary marine formations. **International Symposium on coastal evolution in the quaternary.** São Paulo, Brasil.
- Suguio, K.; L. Martin; A. C. S. P. Bittencourt; J. M. L. Dominguez; et al, 1985. Flutuações do nível relativo do mar durante o quaternário superior ao longo do litoral brasileiro e suas implicações na sedimentação costeira. **Revta Bras Geociências.**15 (4): 273-286
- Terra, A., 1997. A História no ensino fundamental. In. **Parâmetros curriculares de História,** MEC/SEF: 19-33.
- Vanzolini, P.E. & Rebouças-Spieker, R., 1976. Distribution and diferentation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brazil. 3. Reproductive diferences between and within *Mabuya caissara* and *M. machrohyncha*. (Sauria Scincidae). São Paulo. **Pap. Avul. Zool.**, (29): 95-109.
- Vanzolini, P. E., 1973. Distribution and diferentation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brasil. 1. Introduction to the area and problems. **Papéis Avulsos Zool.** 26 (24): 281-294.
- Vieitas, C. 1995. Análise Ambiental das Ilhas Costeiras da região de Ubatuba (SP), situação conservacionista e proposta de manejo para a Ilha do Mar Virado. Exame de Qualificação. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental - USP. 57 p. (inédito)
- Wallace, A.R., 1880. **Island Life.** London, McMillan (New York, Harper and Brothers, 1881).Williamson, 1981.

Capítulo 2 – A natureza Ilhada: a concepção das políticas públicas de criação de unidades de conservação

- Ab'Saber, A. N.; 1977. Diretrizes para uma política de preservação de reservas naturais no Estado de São Paulo *Geografia e Planejamento*, 30: 1-27. USP, São Paulo.
- Anderson A. , e outros, 1994. O Destino da floresta. REservas extratuvustas e desenvolvimento sustentável na Amazônia. Relume Dumará. ,275p.
- Anonymous; 1985. The First World Conference on Cultural Parks. *Cultural Survival*, 9 (1): 25.
- Arruda, R.S.V. , 1997. Populações Tradicionais e a Proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação. **Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Vol 1:262-276.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1979. *Plano de Manejo: Parque Nacional da Amazônia (Tapajós)*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 78 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1979. *Plano de Manejo: Parque Nacional de Sete Cidades*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 61 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Parque Nacional da Serra da Canastra*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 96 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Parque Nacional de Ubajara*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 145 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Parque Nacional da Tijuca*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 113 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Parque Nacional das Emas*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 90 pp.
- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Parque Nacional do Araguaia*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 103 pp.

- Brasil - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal & Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza; 1981. *Plano de Manejo: Reserva Biológica de Sooretama*. Ministério da Agricultura, Brasília, DF, 70 pp.
- Brasil; 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Centro Gráfico, Senado Federal, Brasília. 292 PP.
- Brito, M. C. W., 1995. Unidades de Conservação: intenções e resultados. Dissertação de Mestrado. PROCAM-USP, São Paulo.
- Brockleman, W. Y. & Dearden, P.; 1990. The Role of Nature Trekking in Conservation: A Case Study in Thailand. *Environmental Conservation*, **17** (2): 141-148.
- Calvente, M. Del C. M.H. , 1993. *No território do azul-marinho - a busca do espaço caiçara*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Depto. Geografia, FFLCH USP.
- Calvente, M. Del C. M.H., 1997. Ilhabela: Turismo e Território. In *Ilhas e Sociedades Insulares*, São Paulo, NUPAUB-USP, 93-109.
- Cardoso, E. S., 1996. Vitoreiros e Monteiros: ilhéus do Litoral Norte Paulista. In *Ilhas e Sociedades Insulares*, São Paulo, NUPAUB-USP, 155-163.
- Carta do Ilheu - SSTA/NUPAUB-USP. São Paulo, 1990.
- Clay, J. W.; 1985. Parks and People. *Cultural Survival*, **9** (1): 2-5.
- Cloud, J.; 1985. Forest Resources and Rural Populations in Chiapas. *Cultural Survival*, **9** (1): 21-24.
- Cruz, R. C. A da., 1998. Dimensão social da questão ambiental: contribuições da obra do Prof. Milton Santos à compreensão do espaço geográfico. *Revista Geosp* 3: 09-12 Depto. Geografia - FFLCH-USP
- Cunha, L. H. O. (Coord)., 1989. Comunidades Litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: Convivência e Conflitos; o Caso de Guaraqueçaba (Paraná). Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil, USP - Ford Foundation - IUCN, Case Study 2.
- Deihl, C.; 1985. Wildlife and the Maasai. *Cultural Survival*, **9** (1): 37-40.
- Diegues, A. C. A. C. & Nogara, P., 1994. *Nosso lugar virou parque*. São Paulo,, NUPAUB-USP.
- Diegues, A. C. A. C. S. e Nogara, P. J. ; 1994. *O nosso lugar virou parque*.. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, 187p.
- Diegues, A. C. A. C. S.; 1993. *Populações Tradicionais em Unidades de Conservação: O Mito Moderno da Natureza Intocada*. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 1.
- Diegues, A. C. A. C. S.; 1995. *Ecologia Humana e Planejamento em áreas costeiras*.. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, 191p.
- Diegues, A. C. A. C. S.; 1995. *Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima*.. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, 269p.
- Diegues, A. C. A. C.; 1992. Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis: da crítica dos modelos

- aos novos paradigmas. **São Paulo em Perspectiva**, 61 (2): 22-29.
- Diegues, A. C. S., 1994. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, NUPAUB-USP.
- Diegues, A. C. S., 1996. **O mundo insular; simbolismo e imaginário**. (Tese de Livre- Docência), São Paulo, ESALQ-USP.
- Diegues, A. C. S., 1997. **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, ESALQ-USP, 235pp.
- Diegues, A. C. S., 1998. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**, Geografia: Teoria e Realidade. São Paulo, Hucitec, 272pp.
- Ehrlich, P. R.; 1982. Human Carrying Capacity, Extinctions, and Nature Reserves. *BioScience*, 15 (2): 331-333.
- Eilers, H.; 1985. Protected Areas and Indigenous Peoples. *Cultural Survival*, 9 (1): 6-9.
- Elliott, D.A & R. H. Elliott. , 1974. El control popular de la tecnologia. Coleccion Tecnologia Y sociedad, Barcelona, 337p.
- Foster, G. M., 1953. What is Folk Culture? *American Anthropologist*, 55: 159-173.
- França, A. , 1951. **A Ilha de São Sebastião - estudo de geografia humana**. São Paulo. Tese (Doutoramento), Depto. de Geografia (FFLCH-USP).
- Ghimire, K.; 1991. **Parks and People: Livelihood issues in National Parks Management in Thailand and Madagascar**. United Nations Research Institute for Social Development, Discussion Papers 23.
- ♠ Ghimire, K.; 1993. **Parques e Populações: Problemas de Sobrevivência no Manejo de Parques Nacionais na Tailândia e em Madagascar**. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 3.
- Graziani, M. N. & Córrea, E. M.; 1986. **Coletânea de Legislação Ambiental. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas**, Governo do Estado do Paraná, 383 pp.
- Greenberg, A. M.; 1985. Game Conservation and Native Peoples in Northern Ontario. *Cultural Survival*, 9 (1): 26-30.
- Guattari, Félix. **As três ecologias**. Campinas, Papirus, 1990.
- Hitchcock, R. K.; 1985. Foragers on the Move. *Cultural Survival*, 9 (1): 31-36.
- Houseal, B.; MacFarland, C.; Archibold, G. & Chiari, A.; 1985. Indigenous Cultures and Protected Areas in Central America. *Cultural Survival*, 9 (1): 10-20.
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 192. **Ilhabela: diagnóstico sócio-econômico e ambiental**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo (Relatório Interno).
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 1993. **Inventário Florestal do Estado de São Paulo**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo, 199 pp.
- Maestri, M. Os senhores do litoral: a conquista portuguesa e a agonia tupinambá no litoral brasileiro (séc) XVI). Rio Grande do Sul, UFRGS/Ed. Da Univetsidade, 1994.
- Maldonado, W., 1997. Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo, NUPAUB-USP, 123-136.
- Merlo, M 1997. As vozes do Bonete, uma face da Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, NUPAUB-USP, 111-125.

- Milano, M. S.; 1985. Parques e Reservas: Uma Análise da Política Brasileira de Unidades de Conservação. *Revista Floresta*, 15 (2): 4-9.
- Morel, ^a & Thiesse, A Les cultures populaires dans les sociétés contemporaines In Segalen, M. L' autre semblable. Paris, Presses du CNRS, 1989.
- Morin, E. Conhecimento do conhecimento. O método III. Lisboa. Publ. Europa-América, 1986.
- Muller, G. 1980. Estado, estrutura agrária e população Ed. Vozes-CEBRAP (Cadernos Cebrap 32).
- Mussolini, G., 1945. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. *Revista de Sociologia*, 7 (3).
- Padua, M.T.J. & A.T. B. Quintão, 1982. Parks and Biological reserves in the Brazilian Amazon. *Ambio* 11 (5): 309-314.
- Pellegrini Filho, A.; 1991. *Ecologia, Cultura e Turismo: Potencialidades e Limites*. Tese de Livre-Docência. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 186 pp.
- Péron, F., 1993. *Des îles et des hommes: insularité aujourd'hui*. Rennes Editions de la Cité-Ouest France.
- Pires, A A identidade cultural dos açores. In: anais da 2ª semana de estudos açorianos, Florianópolis, Ed. UFSC, 1989.
- Redford, K. H. & Robinson, J. G.; 1985. Hunting by Indigenous Peoples and Conservation of Game Species. *Cultural Survival*, 9 (1): 41-44.
- Santos, M. 1987. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 142p.
- Santos, Milton. *A redescoberta da natureza*. Aula inaugural da FFLCH/USP, 1992.
- Secretaria Especial do Meio Ambiente - Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; 1986. *Programa de Gerenciamento das Unidades de Conservação*. Brasília, 34 pages.
- Shaver, C. M.; 1985. National Park Values and Living Cultural Parks. *Cultural Survival*, 9 (1): 51-53.
- Tuan, Y. Fu. Topofilia, São Paulo. Difel, 1980.
- Vanzolini, P. E., 1973. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brasil. 1. Introduction to the area and problems. *Papéis Avulsos Zool.* 26 (24): 281-294.
- Vaz, P., 1993. A legislação florestal e a Mata Atlântica: o início de um caminho. *Alternativas*, :13-16. AS-PTA, São Paulo.
- Vianna, 1996 apud Adams, 1996:5
- ☞ Viola, E. J.; 1986. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1986 (fev): 5-26.
- ☛ Viola, E.J. et alli. *Meio Ambiente, desenvolvimento e Cidadania; desafios para as Ciências Sociais*. Florianópolis, Cortez, 1995.
- Wilkman, M. O falar caiçara da Ilha de Búzios. Campinas. Dissertação de mestrado Universidade de Campinas.
- Willems, E. *The buzios islands: a caiçara community in southern Brasil*, Seattle, university of Washington Press, 1952.

Capítulo 3 – Unidade de conservação insular: as necessidades do ecossistema e as propostas de manejo de parques insulares

- Almeida, F. F. M., 1964. Os fundamentos geológicos do relevo paulista. **Bol. Inst. Geog. (Geologia)**. São Paulo, 41:169-263
- Angelo, S., 1992. Distribuição e ocorrência de isópodos terrestres (Crustacea - Oniscidea) em fragmentos de Mata Atlântica insular e continental do litoral paulista. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia. FFLCH-USP.
- Angelo, S.; 1992. "Atlas do Litoral Sudeste e suas Ilhas". **Simpósio Internacional "Novo Mapa do Mundo**. São Paulo - SP. Depto. Geografia- FFLCH-USP e ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Período 1 a 5 de setembro de 1992.
- Berril, N. J. & M. Berril 1969. The life of sea islands. New York, McGraw/Hill Book Company, 231p.
- Bley, L., 1996., Morretes: Um estudo de Paisagem Valorizada. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs.). São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 121-138.
- Brasil; 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Centro Gráfico, Senado Federal, Brasília. 292 PP.
- Braudel, F. História e Ciências Sociais. 5ª ed., Editorial Presença: Lisboa, 1986.
- Brockleman, W. Y. & Dearden, P.; 1990. The Role of Nature Trekking in Conservation: A Case Study in Thailand. **Environmental Conservation**, 17 (2): 141-148.
- Brown J. H. A. C. Gibosn, 1983. **Biogeography**. London. The C.V. Mosby Caompany. 643p.
- Carbonari, M. P., 1981. Ecossistema insular: importância de seu estudo. **Caderno Ciências da Terra-IGEOG-USP** 65p.
- Chesneaux, J. Devemos fazer tábula rasa do passado? - sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.
- Christofoletti, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo, Difel, 1992.
- Coneza FDEZ-Vitora, V. , 1993. Guia Metodológica para la evaluacion del impacto ambiental. Ediciones mundi-prensa, Madri, 276
- Cruz, O.,1974. A Serra do Mar e o Litoral na área de Caraguatatuba: contribuição à geomorfologia tropical, S. Paulo, tese de doutoramento. Depto. Geografia - FFLCH-USP
- Diamond, J.M. & R. M. May, 1976. Island biogeography and design of natural preserves p. 163-186. In: R. M. May (ed.), **Theoretical ecology: principles and applicatons**. Philadelphia, W. B. Saunders Co.
- Diamond, J.M., 1975. The islands dilemma: lessons of modern biogeographic studies for the design of natural reserves. **Biol. Conserv.** 7: 129-146.
- Diamond, J.M., 1976. Island Biogeography and Conservation Strategy and Limitations. Science 193.
- Diniz, Amarildo & Sueli, Angelo-Furlan. (1998). Relações entre Classificações fitogeográficas, Fitossociologia, Cartografia, escalas e modificações sócio-culturais no PE. Campos do Jordão (SP). **Revista do Departamento de Geografia - FFLCH-USP**.
- Eastman, J.R. 1992. **IDRISI - Technical Reference** - version 4.0. Clark University (Graduate School of Geography),

210 p.

- Ehrlich, P. R.; 1982. Human Carrying Capacity, Extinctions, and Nature Reserves. *BioScience*, 15 (2): 331-333.
- Faeth, S.H. & T.C. Kone, 1978. Urban Biogeography. *Ecology* 32: 127-133.
- Fearnside, P.; 1988. Processos predatórios na floresta tropical úmida da Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados*, 3 (5): 21-35.
- Figueiredo Monteiro, Carlos Augusto de. **A questão ambiental no Brasil: 1960-1980**. São Paulo, IG-USP, 1981
- França, A. ,1951. **A Ilha de São Sebastião - estudo de geografia humana**. São Paulo. Tese (Doutoramento), Depto. de Geografia (FFLCH-USP).
- França, S.C.F. 1984. A ocupação de matas primitivas no Vale do Ribeira: desmatamento e desenvolvimento. Jaboticabal Unesp. Fac. Ciências Agrárias e Veterinárias.
- Fundação SOS Mata Atlântica; 1992. **Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados do Domínio da Mata Atlântica no Estado de São Paulo no Período 1985-1990**. Fundação SOS Mata Atlântica-INPE, São Paulo.
- Gibson, J., 1966. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin.
- Gómes-Pompa, A. & Kaus, A.; 1992. Taming the Wilderness Myth. *BioScience*, 42 (4): 271-279.
- Gómes-Pompa, A.; 1971. Possible Papel de la Vegetación Secundaria en la Evolución de la Flora Tropical. *Biotropica*, 3 (2): 125-135.
- Guarinello, N. L. Memória coletiva e história cinetífica. Revista Brasileira de História, v. 14, n.28. São Paulo: ANPHU - Editora Marco Zero - MCT - CNPq - FINEP, 1994.
- Haffer, J. 1982. General aspects of the refuge theory. In: Prance, G. T. (ed.) **Biological diversification in the tropics**, pp 6- 24. New York, Columbia University Press.
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 192. **Ilhabela: diagnóstico sócio-econômico e ambiental**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo (Relatório Interno).
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 1993. **Inventário Florestal do Estado de São Paulo**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo, 199 pp.
- Jones, J. 1992. **TOSCA - Reference Guide**. Clark University (Graduate School of Geography), 42p.
- Kauth, R.J. & G.S. Thomas, 1976. The Tassled Cap: a graphic description of the spectral temporal development of agricultural crops as seen by LANDSAT. In: Symposium on Machine Processing of remotely Sensed data, 3. West Lafayette in Lars Purdeu, University, IEEE. Proceedings.
- Le Goff, J. História e Memória. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1990.
- Leopold, L. B. , y cols. **A Procedure for Evaluation Environmental Impact**. Washington, USA, 1971
- Lillesand, T. M. & R. W. Kieffer, 1987. **Remote sensing and Image Interpretation** (2a. ed.). John Wiley & sons, N.Y.
- Lynch, K., 1960. **The image if the City**. Cambridge, MA.: M.I.T. Press.
- MacArthur, R. H. & E. Wilson, 1963. An equilibrium Theory of Insular Zoogeography. *Evolution*, 17 (4): 373-387.
- MacArthur, R. H. & E. Wilson, 1972. **Geographical Ecology Patterns in the distribution of species**. Princeton University Press, 269p

- MacArthur, R. H. ; J. MacArthur; D. MacArthur; & A. MacArthur, 1973. The effect of island area on population densities. **Ecology** **54**: 657-658.
- Mantovani, W., 1990. A dinâmica das florestas na encosta Atlântica. In: **II Simpósio dos Ecossistemas da Costa Sul Sudeste - Estrutura, Função e Manejo**, Volume 1: 304-313, ACIESP, São Paulo.
- Martins, P. F. S., Cerri, C. C., Volkoff, B., Andreux, F., 1990. Efeito do desmatamento e do cultivo sobre características físicas e químicas do solo sob floresta natural na Amazônia Oriental. **Revista IG**, 8-10, 11 (1): 21-33.
- Moraes Novo, E. M. L. 1989. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. Ed. Edgar Blucher Ltda. 01p.
- Morin, E., 1996. **O método: o conhecimento do conhecimento**. Publicações Europa-América Ltda., 230pp.
- Mueller, P., 1973. The dispersal centers of vertebrates in the Neotropical realm. **Biogeographica**, vol 2. The Hague, W. Junk.
- Muller, P., 1972. Centers of dispersal and evolution in the Neotropical region. **Stud. Neotr. Fauna** **7**: 173-185.
- Muller, P., 1974. **Aspects of Zoogeography**. The Hague W. Junk. b.v. Publishers, 192p.
- Nimer, E., 1989. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, (2a ed.), 422p.
- Pearson, P. L. & L. D. Miller, 1972. Remote mapping of standing crop biomass for estimation of productivity of shortgrass prairie. In: International Symposium on Remote Sensing of Environment, 8. Ann. Arbor, MI, 1972. Proceedings: 1357-1381.
- Richardson, A. J. & C. L. Wiegand, 1977. Distinguishing vegetation from soil background information. **Photogrammetric engineering and Remote sensing**, 43 (12): 1541-1552.
- Richardson, A. J. & C. L. Wiegand, 1977. Distinguishing vegetation from soil background information. **Photogrammetric engineering and Remote sensing**, 43 (12): 1541-1552.
- Rosa, R. 1992. Introdução ao Sensoriamento Remoto. (2a ed.), EDUFU - **Rev. Uberlândia**. Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 110p.
- Ross, J. L.S. (org.) 1996. **Geografia do Brasil**. Didática 3 EDUSP-São Paulo, 546p.
- Rouse, J. W.; R. H. Haas; J.A. Schell; D.W. Deering, 1973. Monitoring vegetation systems in the great plains with ERTS. In: Earth Resources technology Satellite-1 Symposium, 3. Dec 10-14. Proceedings. Washington DC, Goddard Space Flight Center. V. 1. Section A: 309-317.
- Rouse, J. W.; R. H. Haas; J.A. Schell; D.W. Deering, 1973. Monitoring vegetation systems in the great plains with ERTS. In: Earth Resources technology Satellite-1 Symposium, 3. Dec 10-14. Proceedings. Washington DC, Goddard Space Flight Center. V. 1. Section A: 309-317.
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo Furlan, (coord) 1994. Governmental Policies, Agriculture and Deforestation in Brazil: an introductory study case. Anais da V Reunião de La Red Latinoamericana de Bosques de. Equador (Quito).
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo Furlan, 1995. Políticas Públicas, Desmatamento e Agricultura no vale do Rio Ribeira de Iguape. Estudo de caso 5. São Paulo, Instituto de Pesquisas Ambientais, (inédito) 80pp.
- Sampaio, F. A. A. & S. Angelo, 1990. Relatório de Estudo de Impacto Ambiental para licença de ampliação da

- Pedreira Firpavi (capítulo biologia aquática). ECP S/C.
- Sampaio, F. A. A.; S. Angelo Furlan, e D. P. Garcia Filho, 1997. Populações e Parques. São Paulo, Instituto de Pesquisas Ambientais, (inédito) 45pp.
- Schierholz, T. 1991. Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais. **Ciência Hoje** (12):71.
- Secretaria Especial do Meio Ambiente - Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; 1986. **Programa de Gerenciamento das Unidades de Conservação**. Brasília, 34 pages.
- Serra-Filho, R.; Cavalli, A. C. & Guillaumon, J. R.; 1975. Levantamento da cobertura vegetal natural e do reflorestamento no Estado de São Paulo. **Boletim Técnico do Instituto Florestal**, São Paulo, 11:1-53 (2nd ed.)
- Silva, L. I. L. & Ab'Saber, A. N.; s/d. Uma Proposta para Amazônia: Proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta em pé. Gráfica e Editora F. G., São Paulo, S.P., 40 pp.
- Silveira, J. D. da. 1952. **Baixas Litorâneas Quentes e Úmidas**. São Paulo, USP (Boletim 152. Cadeira de Geografia n 8)
- Silveira, J. D., 1964. Morfologia do litoral. In: **Brasil, a terra e o homem**. vol I: As bases físicas. Cia. Ed. Nacional, 253-305.
- Simberloff, D.S. & L.G. Abele, 1975. Island Biogeography Theory and Conservation Practice. **Science**, **191**.
- Simberloff, D.S. & L.G. Abele, 1982. Refuge design and Island Biogeography Theory: effects of fragmentation. **Am. Nat.** **120**: 41-40.
- Terborg, J., 1974. Preservation of natural Diversity: the Problem of Extinction Prone Species. **Bioscience** **24** (12)
- Thomas, K. O homem e o mundo natural. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Turner, M. G. & Gardener, R. H. (Eds.) 1993. Quantitative methods in Landscape Ecology. **Ecological Studies** **82**. Spring Verlag, NY
- Turner, M. G. & Gardener, R. H. (Eds.) 1993. Quantitative methods in Landscape Ecology. **Ecological Studies** **82**. Spring Verlag, NY
- Vanzolini, P. E., 1973. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brasil. 1. Introduction to the area and problems. **Papéis Avulsos Zool.** **26** (24): 281-294.
- Vieitas, C. 1995. Análise Ambiental das Ilhas Costeiras da região de Ubatuba (SP), situação conservacionista e proposta de manejo para a Ilha do Mar Virado. Exame de Qualificação. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental - USP. 57 p. (inédito)
- Wallace, A.R., 1880. **Island Life**. London, McMillan (New York, Harper and Brothers, 1881). Williamson, 1981.
- Williams, R. O campo e a cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Capítulo 4 – Lugar e cidadania: ilheidade e insularidade no território dos excluídos

- Andrade, Manuel Correia de. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas, Papirus, 1993.
- Anonymous; 1985. The First World Conference on Cultural Parks. *Cultural Survival*, 9 (1): 25.
- Avens, R. Imaginação e realidade. Petrópolis, Vozes, 1989
- Beck, A 1996. Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito manezinho de ser. Florianópolis, Ed. UFSC, 1996.
- Berman, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1986
- Berril, N. J. & M. Berril 1969. The life of sea islands. New York, McGraw/Hill Book Company, 231p.
- Bley, L., 1996., Morretes: Um estudo de Paisagem Valorizada. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs.). São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 121-138.
- Brockleman, W. Y. & Dearden, P.; 1990. The Role of Nature Trekking in Conservation: A Case Study in Thailand. *Environmental Conservation*, 17 (2): 141-148.
- Buark, C. O triângulo de Ilha bela e seus mistérios. Mogi das Cruzes, Ed. Do autor, 1992.
- Calvente, M. Del C. M.H. , 1993. **No território do azul-marinho - a busca do espaço caiçara**. São Paulo, Dissertação (Mestrado), Depto. Geografia, FFLCH-USP.
- Cardoso, E. S., 1996. Vitoreiros e Monteiros: ilhéus do Litoral Norte Paulista. In **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, NUPAUB-USP, 155-163.
- Carta do Ilheu - SSTA/NUPAUB-USP. São Paulo, 1990.
- Castro, Iná Elias de, Costa Gomes, Paulo Cesar e Lobato Correa, Roberto (orgs). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, 353p
- Castro, Iná Elias de, Costa Gomes, Paulo Cesar e Lobato Correa, Roberto (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, 353p.
- Christofoletti, Antonio (org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo, Difel, 1992.
- Clay, J. W.; 1985. Parks and People. *Cultural Survival*, 9 (1): 2-5.
- Cloud, J.; 1985. Forest Resources and Rural Populations in Chiapas. *Cultural Survival*, 9 (1): 21-24.
- Corbin, ^a O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo. Cia. das Letras, 1989.
- Cruz, R. C. A da., 1998. Dimensão social da questão ambiental: contribuições da obra do Prof. Milton Santos à compreensão do espaço geográfico. Revista Geosp 3: 09-12 Depto. Geografia - FFLCH-USP
- Cunha, L. H. O. (Coord)., 1989. Comunidades Litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: Convivência e Conflitos; o Caso de Guaraqueçaba (Paraná). Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil, USP - Ford Foundation - IUCN, Case Study 2.
- Cunha, M.H. Espaço real, espaço imaginário. Rio de Janeiro, Lumem, 1991.
- Damatta, R. **A casa e a rua**, Brasiliense, 1985
- Damiani, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: **Encontro internacional: lugar, formação sociespacial, mundo**. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, 1994.
- Deihl, C.; 1985. Wildlife and the Maasai. *Cultural Survival*, 9 (1): 37-40.

- Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs), 1996. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo, Studio Nobel e E. UFSCar, 265pp.
- Diegues, A. C. A. C. & Nogara, P., 1994. **Nosso lugar virou parque**. São Paulo,, NUPAUB-USP.
- Diegues, A. C. S., 1992. Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. **São Paulo em Perspectiva**, 61 (2): 22-29.
- Diegues, A. C. S., 1996. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec. 169p.
- Diegues, A. C. S., 1996. O mundo insular; simbolismo e imaginário. (Tese de Livre- Docência), São Paulo, ESALQ-USP.
- Diegues, A. C. S., 1997. **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, ESALQ-USP, 235pp.
- Diegues, A. C. S., 1998. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**. Geografia: Teoria e Realidade. São Paulo, Hucitec, 272pp.
- Diegues, A. C. S.; 1993. **Populações Tradicionais em Unidades de Conservação: O Mito Moderno da Natureza Intocada**. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 1.
- Diegues, A. C. S.; 1995. **Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima**. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, 269p.
- Eilers, H., 1985. Protected Areas and Indigenous Peoples. *Cultural Survival*, 9 (1): 6-9.
- Elliott, D.A & R. H. Elliott. , 1974. **El control popular de la tecnologia**. Coleccion Tecnologia Y sociedad, Barcelona, 337p.
- Figueiredo Monteiro, Carlos Augusto de. **A questão ambiental no Brasil: 1960-1980**. São Paulo, IG-USP, 1981.
- Foster, G. M., 1953. What is Folk Culture? *American Anthropologist*, 55: 159-173.
- Fougère, E. . Espace solitaire et solidaire des îles". In Racault, J.M. & Marimotou, J.C. Et alii op. Cit, 1995.
- Ghimire, K.; 1991. **Parks and People: Livelihood issues in National Parks Management in Thailand and Madagascar**. United Nations Research Institute for Social Development, Discussion Papers 23.
- Ghimire, K.; 1993. **Parques e Populações: Problemas de Sobrevivência no Manejo de Parques Nacionais na Tailândia e em Madagascar**. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 3.
- Giansanti, R. **Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo. Ed. Atual, 1998.
- Greenberg, A. M.; 1985. Game Conservation and Native Peoples in Northern Ontario. *Cultural Survival*, 9 (1): 26-30.
- Guattari, Félix. **As três ecologias**. Campinas, Papyrus, 1990.
- Hitchcock, R. K.; 1985. Foragers on the Move. *Cultural Survival*, 9 (1): 31-36.
- Houseal, B.; MacFarland, C.; Archibold, G. & Chiari, A.; 1985. Indigenous Cultures and Protected Areas in Central America. *Cultural Survival*, 9 (1): 10-20.
- Ianni, Otavio **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 192. **Ilhabela: diagnóstico sócio-econômico e ambiental**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo (Relatório Interno).
- IF - Instituto Florestal do Estado de São Paulo; 1993. **Inventário Florestal do Estado de São Paulo**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo, 199 pp.

- Jung, C. G. O homem e seus símbolos.
- La Taille, Yves de e outros. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Summus, 1992.
- Lefebvre, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
- Machado, Lineu. M. C. P. O estudo da paisagem: uma abordagem perspectiva. In: **Revista Geografia e Ensino**, (8):37-45, 1988.
- Maestri, M. Os senhores do litoral: a conquista portuguesa e a agonia tupinambá no litoral brasileiro (séc XVI). Rio Grande do Sul, UFRGS/Ed. Da Universidade, 1994.
- Maldonado, W., 1997. Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo, NUPAUB-USP, 123-136.
- MCCay, J. Acheson, J. (eds.). The question of the commons: the culture and ecology of communal resousers. Tucson, University of Arizona Press, 1987.
- Merlo, M 1997. As vozes do Bonete, uma face da Ilhabela. In **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, NUPAUB-USP, 111-125.
- Milano, M. S.; 1985. Parques e Reservas: Uma Análise da Política Brasileira de Unidades de Conservação. **Revista Floresta**, 15 (2): 4-9.
- Moreira, Ruy. **O círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno**. Brasil: Cooperautor 1993.
- Morel, ^a & Thiesse, A Les cultures populaires dans les sociétés contemporaines In Segalen, M. L'autre semblable. Paris, Presses du CNRS, 1989.
- Morin, E. La methóde 4. Les idées, leur habitat, leur vie, leus moeurs, leur organization. Paris Seuil, 1991.
- Morin, E., 199. **Para sair do século XXI**. Publicações Europa-América Lda., 230pp
- Morin, E., 1996. **O método: o conhecimento do conhecimento**. Publicações Europa-América Lda., 230pp.
- Muller, G. 1980. Estado, estrutura agrária e população Ed. Vozes-CEBRAP (Cadernos Cebrap 32).
- Mussolini, G., 1945. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. **Revista de Sociologia**, 7 (3).
- Nemésio, V. O corsário das Ilhas. Lisboa, Bertrand, 1983.
- Oliva, J.T., 1997. Cotidiano: "a Quarta dimensão social"? Revista Geousp (2):9-19.
- Pellegrini Filho, A.; 1991. **Ecologia, Cultura e Turismo: Potencialidades e Limites**. Tese de Livre-Docência. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 186 pp.
- Péron, F., 1993. **Des îles et des hommes: insularité aujourd'hui**. Rennes Editions de la Cité-Ouest France.
- Piaget, J., 1969. **The Mechanics of Perception**. Nova Iorque: Basic Books.
- Pires, A A identidade cultural dos açores. In: anais da 2ª semana de estudos açorianos, Florianópolis, Ed. UFSC, 1989.
- Redford, K. H. & Robinson, J. G.; 1985. Hunting by Indigenous Peoples and Conservation of Game Species. **Cultural Survival**, 9 (1): 41-44.
- Santos, M. 2000. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. São Paulo: Record, 174p
- Santos, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo, HUCITEC, 1994.

- Santos, Milton N, SOUZA, M. A.; SCARLATO, F. C. e ARROYO, M. (orgs.). **Globalização e espaço Latino Americano**. São Paulo, HUCITEC, 1993.
- Santos, Milton, **Pensando o espaço do homem**. São Paulo, Hucitec, 1991.
- Santos, Milton, SOUZA, M. A.; SCARLATO, F. C. e ARROYO, M. (orgs.). **Fim de século e globalização**. São Paulo, HUCITEC, 1994.
- Santos, Milton, SOUZA, M. A.; SCARLATO, F. C. e ARROYO, M. (orgs.). **Problemas geográficos de um mundo novo**. São Paulo, HUCITEC, 1995.
- Santos, Milton. (Org.). **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo, HUCITEC, 1982.
- Santos, Milton. ; SOUZA, M. A. e SILVEIRA, M.A. **Território - Globalização e Fragmentação**. São Paulo, HUCITEC, 1994.
- Santos, Milton. **A natureza do espaço - técnica e tempo - razão e emoção**. São Paulo, HUCITEC, 1996.
- Santos, Milton. **A redescoberta da natureza**. Aula inaugural da FFLCH/USP, 1992.
- Santos, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.
- Santos, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- Santos, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.
- Santos, Milton. **Metrópole Corporativa Fragmentada - o caso de São Paulo**. São Paulo, SP, 1990
- Santos, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo, Hucitec, 1987, 142p
- Santos, Milton. **Por uma Geografia nova; da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 3a. edição. São Paulo, HUCITEC, 1986.
- Santos, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993
- Saramago, José. 1999 - O conto da Ilha desconhecida. São Paulo. Cia. das Letras
- Secretaria Especial do Meio Ambiente - Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; 1986. **Programa de Gerenciamento das Unidades de Conservação**. Brasília, 34 pages.
- Shaver, C. M.; 1985. National Park Values and Living Cultural Parks. *Cultural Survival*, 9 (1): 51-53.
- Silva, L. I. L. & Ab'Saber, A. N.; s/d. Uma Proposta para Amazônia: Proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta em pé. Gráfica e Editora F. G., São Paulo, S.P., 40 pp.
- Tuan, Y. Fu. Topofilia, São Paulo. Difel, 1980.
- Tuan, Yi-Fu, 1983. **Espaço & Lugar: a perspectiva da Experiência**. São Paulo, Difel, 250pp.
- Viola, E. J.; 1986. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1986 (fev): 5-26.
- Viola, E.J. et alli. **Meio Ambiente, desenvolvimento e Cidadania; desafios para as Ciências Sociais**. Florianópolis, Cortez, 1995.
- Wilkman, M. O falar caiçara da Ilha de Búzios. Campinas. Dissertação de mestrado Universidade de Campinas.
- Willems, E. The buzios islands: a caiçara community in southern Brasil, Seattle, university of Washington Press, 1952.

Capítulo 5 – Implicações sociais e ambientais da criação do PE Ilhabela: a progressão do desmatamento na ilha de São Sebastião

- Ab'Saber, A. N.; 1977. Diretrizes para uma política de preservação de reservas naturais no Estado de São Paulo *Geografia e Planejamento*, **30**: 1-27. USP, São Paulo.
- Barracough, S. & Ghimire, K., 1993. Forests and Livelihoods. **The Social Dynamics of Deforestation in Developing Countries**. UNRISD, Geneve, 349 pp.
- Bitencourt Pereira, M. D. 1986., Correlação de fitomassa foliar de campo cerrado com dados espectrais obtidos pelo sistema MSS/LANDSAT e por radiometria de campo. Dissertação de Mestrado em Sensoriamento Remoto - INPE. 69p.
- BORGES, M.H.; PFEIFER, R.M.; DEMATTÊ, J.A.M. 1993. Evolução e mapeamento do uso da terra, através de imagens aerofotográficas e orbitais em Santa Bárbara D'Oeste (SP). *Sci. agric.*, Piracicaba, **50** (3):365-371.
- Brockleman, W. Y. & Dearden, P.; 1990. The Role of Nature Trekking in Conservation: A Case Study in Thailand. *Environmental Conservation*, **17** (2): 141-148.
- Calvente, M. Del C. M.H., 1997. Ilhabela: Turismo e Território. In **Ilhas e Sociedades Insulares**, São Paulo, NUPAUB-USP, 93-109.
- Cloud, J.; 1985. Forest Resources and Rural Populations in Chiapas. *Cultural Survival*, **9** (1): 21-24.
- Coneza FDEZ-Vitora, V. , 1993. Guia Metodologica para la evaluacion del impacto ambiental. Ediciones mundi-prensa, Madri, 276
- Crósta, A. P. 1993. Processamento digital de imagens de sensoriamento remoto. Ed. rev. - Campinas, SP: IG/UNICAMP, 170pp.
- Diniz, Amarildo & Sueli, Angelo-Furlan. (no prelo). Relações entre Classificações fitogeográficas, Fitossociologia, Cartografia, escalas e modificações sócio-culturais no PE. Campos do Jordão (SP). **Revista do Departamento de Geografia** - FFLCH-USP.
- Eastman, J.R. 1992. **IDRISI - Technical Reference** - version 4.0. Clark University (Graduate School of Geography), 210 p.
- Ehrlich, P. R.; 1982. Human Carrying Capacity, Extinctions, and Nature Reserves. *BioScience*, **15** (2): 331-333.
- Fearnside, P.; 1988. Processos predatórios na floresta tropical úmida da Amazônia Brasileira. **Estudos Avançados**, **3** (5): 21-35.
- França, S.C.F. 1984. A ocupação de matas primitivas no Vale do Ribeira: desmatamento e desenvolvimento. Jaboticabal Unesp. Fac. Ciências Agrárias e Veterinárias.
- Fundação SOS Mata Atlântica; 1992. **Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados do Domínio da Mata Atlântica no Estado de São Paulo no Período 1985-1990**. Fundação SOS Mata Atlântica-INPE, São Paulo.

- Ghimire, K.; 1993. *Parques e Populações: Problemas de Sobrevivência no Manejo de Parques Nacionais na Tailândia e em Madagascar*. Universidade de São Paulo - Núcleo de Pesquisa Sobre População Humanas e Áreas Úmidas do Brasil, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, 3.
- Gibson, J., 1966. *The Senses Considered as Perceptual Systems*. Boston: Houghton Mifflin.
- Gómes-Pompa, A.; 1971. Possible Papel de la Vegetación Secundaria en la Evolución de la Flora Tropical. *Biotropica*, 3 (2): 125-135.
- Graziani, M. N. & Córrea, E. M.; 1986. *Coletânea de Legislação Ambiental. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas*, Governo do Estado do Paraná, 383 pp.
- Haffer, J. 1982. General aspects of the refuge theory. In: Prance, G. T. (ed.) *Biological diversification in the tropics*, pp 6- 24. New York, Columbia University Press.
- Jones, J. 1992. *TOSCA - Reference Guide*. Clark University (Graduate School of Geography), 42p.
- Kauth, R.J. & G.S. Thomas, 1976. The Tassled Cap: a graphic description of the spectral temporal development of agricultural crops as seen by LANDSAT. In: Symposium on Machine Processing of remotely Sensed data, 3. West Lafayette in Lars Purdeu, University, IEEE. Proceedings.
- KRONKA, F.J.N.; MATSUKUMA, C.K.; NALON, M.A.; DEL CALI, I.H.; ROSSI, M.; MATTOS, I.F.A.; SHIN-IKE, M.S. & PONTINHAS, A.A.S. 1994. *A situação da cobertura vegetal em São Paulo: A importância das florestas implantadas*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMPENSADO E MADEIRA TROPICAL, 2, Belém, 1994.
- Leopold, L. B. , y cols. *A Procedure for Evaluation Environmental Impact*. Washington, USA, 1971
- Lillesand, T. M. & R. W. Kieffer, 1987. *Remote sensing and Image Interpretation* (2a. ed.). John Wiley & sons, N.Y.
- Lynch, K., 1960. *The image if the City*. Cambridge, MA.: M.I.T. Press.
- Mantovani, W., 1990. A dinâmica das florestas na encosta Atlântica. In: **II Simpósio dos Ecossistemas da Costa Sul Sudeste - Estrutura, Função e Manejo**, Volume 1: 304-313, ACIESP, São Paulo.
- Martins, P. F. S., Cerri, C. C., Volkoff, B., Andreux, F.,1990. Efeito do desmatamento e do cultivo sobre características físicas e químicas do solo sob floresta natural na Amazônia Oriental. **Revista IG**, 8-10, 11 (1): 21-33.
- MATTOS, I.F. de A. & SARAIVA, I.R. 1992. Análise visual da cobertura vegetal em imagens do satélite LANDSAT-TM. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, São Paulo-SP, mar./abr. 29-3, 1992. *Anais... Rev. Inst. Flor.*, São Paulo-SP, 4(único):822-827. Pt. 3. (Edição Especial)
- MCCay, J. Acheson, J. (eds.). *The question of the commons: the culture and ecology of communal resourcers*. Tucson, University of Arizona Press, 1987.
- Moraes Novo, E. M. L. 1989. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. Ed. Edgar Blucher Ltda. 301p.
- Nimer, E., 1989. *Climatologia do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, (2a ed.), 422p.
- Pearson, P. L. & L. D. Miller, 1972. Remote mapping of standin crop biomass for s\estimation of

- productivity of shortgrass prairie. In: International Symposium on Remote Sensing of Environment, 8. Ann. Arbor, MI, 1972. Proceedings: 1357-1381.
- Richardson, A. J. & C. L. Wiegand, 1977. Distinguishing vegetation from soil background information. **Photogrammetric engineering and Remote sensing**, 43 (12): 1541-1552.
- Rosa, R. 1992. Introdução ao Sensoriamento Remoto. (2a ed.), EDUFU - **Rev. Uberlândia**. Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 110p.
- Rouse, J. W.; R. H. Haas; J.A. Schell; D.W. Deering, 1973. Monitoring vegetation systems in the great plains with ERTS. In: Earth Resources technology Satellite-1 Symposium, 3. Dec 10-14. Proceedings. Washington DC, Goddard Space Flight Center. V. I. Section A: 309-317.
- Schierholz, T. 1991. Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais. **Ciência Hoje** (12):71.
- Secretaria Especial do Meio Ambiente - Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; 1986. **Programa de Gerenciamento das Unidades de Conservação**. Brasília, 34 pages.
- Serra-Filho, R.; Cavalli, A. C. & Guillaumon, J. R.; 1975. Levantamento da cobertura vegetal natural e do reflorestamento no Estado de São Paulo. **Boletim Técnico do Instituto Florestal**, São Paulo, 11:1-53 (2nd ed.)
- Silva, L. I. L. & Ab'Saber, A. N.; s/d. Uma Proposta para Amazônia: Proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta em pé. Gráfica e Editora F. G., São Paulo, S.P., 40 pp.
- Simberloff, D.S. & L.G. Abele, 1975. Island Biogeography Theory and Conservation Practice. **Science**, 191.
- Simberloff, D.S. & L.G. Abele, 1982. Refuge design and Island Biogeography Theory: effects of fragmentation. **Am. Nat.** 120: 41-40.
- Terborg, J., 1974. Preservation of natural Diversity: the Problem of Extinction Prone Species. **Bioscience** 24 (12)
- Turner, M. G. & Gardener, R. H. (Eds.) 1993. Quantitative methods in Landscape Ecology. **Ecological Studies** 82. Springer Verlag, NY
- Vaz, P., 1993. A legislação florestal e a Mata Atlântica: o início de um caminho. **Alternativas**, :13-16. AS-PTA, São Paulo.
- Vieitas, C. 1995. Análise Ambiental das Ilhas Costeiras da região de Ubatuba (SP), situação conservacionista e proposta de manejo para a Ilha do Mar Virado. Exame de Qualificação. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental - USP. 57 p. (inédito)
- Vitor, M. A. M.; 1975. **A devastação florestal**. Sociedade Brasileira de Silvicultura, São Paulo, 48 pp.
- Wallace, A.R., 1880. **Island Life**. London, McMillan (New York, Harper and Brothers, 1881). Williamson, 1981.

Capítulo 6 - Se há alternativas vamos pensa-las. Quem sabe implementa-las!

- Ab'Saber, A. N., 1990. Um plano diferencial para o Brasil. *Rev. do Instituto de Estudos Avançados - USP*. 4 (9): 19-148

- BERTONI, J.E. de A.; MORAES, J.L. de; VIEIRA, M.G.L., ZANDARIN, M.A. 1992. Análise das principais espécies arbóreas ocorrentes na Gleba Capetinga Leste do Parque Estadual de Vassununga - SP. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, São Paulo-SP, mar./abr. 29-3, 1992. *Anais... Rev. Inst. Flor.*, São Paulo, 4 (único):158-162. Pt. 1. (Edição Especial)
- BERTONI, J.E.A. 1992. Recuperação de áreas degradadas com espécies nativas e a regeneração natural do cerrado. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, São Paulo-SP, mar./abr. 29-3, 1992. *Anais... Rev. Inst. Flor.*, São Paulo, 4 (único):706-709. Pt. 3. (Edição Especial)
- FIGLIOLIA, M.B. & PIÑA-RODRIGUES, F.C.M. 1995. Manejo de sementes de espécies arbóreas. *IF Série Registros*, São Paulo, (15): 1-55.
- GULLAUMON, J.R. & FONTES, M. de A. 1992. Estudo para manejo dos campos antrópicos do Parque Estadual da Ilha Anchieta - Zona de Recuperação. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, São Paulo-SP, mar./abr. 29-3, 1992. *Anais... Rev. Inst. Flor.*, São Paulo, 4(único):867-879. Pt. 3. (Edição Especial)
- VILAS BOAS, O. 1991. Uma breve descrição dos sistemas agroflorestais na América Latina. *IF- Série Registros*, São Paulo, (8):1-16.

ANEXO 1 - MODELO UTILIZADO

QUESTIONARIO A SER APLICADO A MORADORES DE ILHABELA

Número do Questionário:
Localidade:
Data
Hora:

Parte I - Sobre o entrevistado (pode ser feita no começo, no final, ou durante)

Nome (opcional):
Sexo: M
Idade:
Ocupação:
Escolaridade:
Estado civil:
Profissão:
Onde e no que trabalha:

Parte II - Sobre sua ligação com a Ilha (Mapas mentais e imagens "cognitivas")

Onde estamos aqui na Ilhabela?

--

Diga a primeira coisa que vem a sua cabeça quando você pensa no lugar onde estamos.

--

Qual a primeira coisa que lhe vem ao pensamento quando falamos da Ilhabela?

--

Diga cinco coisas desse lugar onde estamos que você mais lembra.

--

Diga outros cinco lugares da Ilhabela que você mais lembra

--

Fale sobre as características da natureza na Ilhabela (as cinco primeiras que lembrar).

--

Existe algum local da ilha que você não conhece? Porque?

--

Conhece algumas plantas da mata que sejam da Ilhabela? Sabe alguma utilidade das mesmas?

--

Conhece algum animal que seja somente da Ilhabela?

--

Mora neste bairro? Onde Mora?

--

Quanto tempo está em Ilhabela.

--

Parte III – Sobre a identidade insular

Como é a Ilhabela para você?

Fale sobre alguma coisa que te chama a atenção na ilha.

Como cuidar da Ilhabela?

Quem deve cuidar da Ilha?

Qual o tamanho da Ilhabela?

Você quer que seus filhos, netos conheçam a ilha como ela é hoje?

Você acha que no futuro ela será como é hoje?

Como você é o seu dia a dia aqui na ilha? O que significa o mar e a mata para você?

Como as pessoas devem usar a ilha?

O que você utiliza da ilha no seu trabalho

Conhece a história da Ilhabela? Conte alguma história que conhece.

Você é de opinião que a Ilhabela seja voltada principalmente para o turismo?

Como é o turismo na Ilhabela?

Quais outras atividades importantes para a comunidade da ilha?

Parte IV - Sobre a avaliação e conduta

Orientação: Para essas frases que vou dizer, você

Não concorda (-3), concorda muito (+3), indiferente (0)

Sobre a ilha

A Ilhabela tem lugares muito bonitos

A Ilhabela tem sua natureza conservada

A Ilhabela tem sua natureza destruída

A Ilhabela mudou muito de quando eu era criança

Tenho saudade da vida como era antes

Deveria ter mais turismo na Ilhabela
Deveria ter outro tipo de turismo na Ilhabela
Deveria ter menos turismo na Ilhabela
Deveria ter mais casas no meu bairro
A comunidade deveria participar da política
Falta muita coisa aqui no bairro, tais como.....
As florestas, as águas e os terrenos (relevo) mudaram desde que vivo aqui

Sobre o Parque Estadual da Ilhabela

Sabe onde fica o Parque Estadual da Ilhabela?

--

Sabe o que é um parque?

--

Orientação: Para essas frases que vou dizer, você
Não concorda (-3), concorda muito (+3), indiferente (0)

PE. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
<input type="radio"/> PE. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
PE. Ilhabela atrapalha a minha vida
<input type="radio"/> PE. Ilhabela não influi em nada a minha vida.
Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar essa situação
PE Ilhabela ajudou a vida das pessoas, porque....

Parte V -Sobre as expectativas e as preferências ambientais

Você pretende continuar morando na Ilha?

--

O que mais gosta neste lugar onde mora? Citar

--

Há alguma coisa que o incomoda?

--

Quais são locais que mais aprecia na Ilha?

--

Gostaria de mudar alguma coisa aqui na ilha? O que?

--

Quais são, na sua opinião, as atividades econômicas que podem ser praticadas na ilha sem danificar o ambiente.

--

O turismo é importante para as pessoas que vivem na ilha?

--

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Departamento de Geografia - FFLCH

Profa. Suéli Angelo Furlan

	Indiferente					Concorda muito	
	-2	-1	0	1	2	3	
Este bairro é bom para morar							
Ele é bom para trabalhar							
Ele é bom para viver							
A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela							
O PE Ilhabela não é para nós							
O bairro é agradável/bonito							
Tem muita gente no bairro							
Falta comércio no bairro							
Precisa de melhorias							
Gostaria de mudar o bairro							
Participei do PGA							

Possibilidade	
A – Nossa vida vai mudar muito pois o governo e os empresários vão implantar o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência	
B – Nossa vida vai mudar bastante, pois o governo, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro	
C – Nossa vida vai mudar muito pouco, pois o governo não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão do Parque Estadual de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer a prefeitura	
D - Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela	

Dados gerais dos entrevistados

ANEXO 2										
No.	Local	Nome	Data	Sexo	Idade	Ocupação	Escolar	Est.civil	Profissão	Trabalho
1	Saco da Capela	Roberto	juho	M	22	Barman		Ca		Quosque
2	Saco da Capela	Sem nome	juho	M	49	esportes/recreio (turismo)	6/7 séries	Ca	marinheiro	barco(aqui e no late Clube de Ithabela
3	Saco da Capela	Lúcia	juho	F	36	doméstica (caseira)	1o. G incom	C (amig)		aqui
4	Praia do Pequeá	Sem nome	juho	M	27	garçom	2o grau incom	So	contador	Quosque (como garçom)
5	Saco da Capela	Zé Carlos	juho	M	38	manutenção de barcos	7a Série	Ca		Aqui(monstrou os barcos)
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	juho	M	37	ajuda a mãe e irmã	7a. Série	Ca	feirante, ótica	faz bico
7	Saco da Capela	Antonio	juho	M	62	aposentado	2o. Grau compl	Ca	comerciante	
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	juho	F	49	nada; faz as coisas que gosta	3o. Grau	Se	joalheira	
9	Praça da Vela	Izabel	juho	F	65	aposentado	1o. Grau incom	Vi	doméstica	
10	Pequeá	Carlos	juho	M	61	aposentado	Senal	Ca	gráfico	
11	Praça da Vela	Valdomiro	juho	M	65	trabalha na prefeitura			vendedor	
12	Saco da Capela	Júlia	juho	F	62	cozinheira/hotel Ithabela	Professora	Vi	professora	No Hotel Ithabela
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	juho	M	52	comerciante	1o. Grau incom	Ca		
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	juho	M	41	carpinteiro	2o. Ano primár	Am	carpinteiro	no momento parado
15	Vila	Francésio	juho	M		pescador/agricultor				
16	Saco da Capela	Sem nome	juho	M	49	caseiro	ginásio	Ca	caseiro	caseiro no bairro Santa Tereza
17	Engenho d'água	Leonardo	juho	M	45	marinheiro particular	1a. Série 2o grau	So	metalúrgico	marinheiro da escola BL3 - guardaria na armação
18	Saco da Capela	Pedro	juho	M	53	aposentado	4a. Série	So	pescador	equi
19	Beiró Itaguassu	João Batista Dias	juho	M	46	Educador ambiental	7a. Série	Ca	almoxarife	PE Ithabela
20	Beiró Itaguassu	Silas Marques	juho	M	48	Serviços gerais	até 6a série	Ca	pintor(motorista)	PE Ithabela
21	Saco da Capela	Geraldo	juho	M	64	Pesca/serviço de barco	4o. Ano	Ca	pescador	
22	Saco da Capela	Waldir	juho	M	47	pintor naval	6a.série	So	datilografia	pintor
23	Perequê	Justina	juho	F	45	do lar	até 4a série	Ca		
24	Perequê	Lazaria	juho	F	50	casá	1o. Ano	Vi	do lar	casa
25	Barra Velha	Regina	juho	F	54	trabalha		Ca		Disse que atualmente não está trabalhando e não quis dizer o que fazia
26	Água Branca	Patrícia	juho	F	38	do lar	6a. série	So	do lar	
27	Perequê	Ceará	juho	M	31	vendedor de peixe (barraca)	pouca	So	pescador	Perequê
28	Barra Velha	Edson	juho	M	26	meccânico	3a. Série	So	meccânico	oficina de carros
29	Sede do PE Ithabela	Vera	juho	F	30	limpeza	4a. Série	Ca		equi na sede do PE Ithabela
30	Água Branca	Luciene	juho	F	23	doméstica	5a. Série	Am	doméstica	
31	Saco da Capela	Celso B. Macel	juho	M	55	microempresário	superior	Di	publicitário	comércio-prestação de serviços - suporte em Piscinas
32	Engenho d'água	Nilton	juho	M	30	Parasol/funcionário	5a. Série	Ca	ajudante	para sal-lanche de paraquedas
33	Itaguassu	Siorino	juho	M	63	construção civil	não	Se	construção civil	ele está muito mal de serviço
34	Água Branca	Eisabete	juho	F	22	no momento nada	5a. Série	Am	doméstica	
35	Água Branca	Cristiane	juho	F	20	nada	8a. série	Se	não tem	
36	Água Branca	Marcelo	juho	M	26	loja	2o. Grau compl	Ca	comerciante	Centro-Pereque
37	Água Branca	Marcio	juho	M	22	marinheiro	1o. colegial	So	marinheiro	late Clube
38	Água Branca	Alexandro	juho	M	28	marinheiro	1o. colegial (cursando)	So	marinheiro	desempregado
39	Perequê	Roseli	juho	F	43	Secretaria	superior	Ca	Psicóloga	Associação Comercial de Ithabela
40	Água Branca	Valdineia	juho	F	18	dona de casa	1o. Colegial	So	do lar	
41	Água Branca	Marcelo	juho	M	28	meccânico, funileiro, pintor	2o. Ginásio compl	Am	meccânico	oficina de carros
42	Perequê	Oswaldo	juho	M	72	aposentado Flunrural	1o. Ano compl	So	agricultor	
43	Perequê	Waldeci	juho	M	34	pintor da parede	6a.série	So	pintor	autônomo
44	Perequê	Maria Rita	juho	F	25	balconista - desempregada	2o. Grau	So	balconista	
45	Perequê	Cicero	juho	M	42	pedreiro	1o. Ano compl	Ca	pedreiro	faz bico
46	Castelhanos	Otávio	juho	M	62	caseiro		Am	agricultor	caseiro/castelhanos
47	Castelhanos	Lutz C. Oliveira	juho	M	48	pescador/agricultor		Ca	pescador/agricultor	equi
48	Castelhanos	Silvia	juho	F				Ca	dona de casa	
49	Castelhanos	Erobildes	juho	F	60	dona de casa				
50	Castelhanos	Nair	juho	F	40	do lar	nenhuma	Ca		
51	Perequê	Miguel Carlos Castro	juho	M	54	empresário	superior	Ca	empresário	incorporações imobiliárias
52	Perequê	Elisa	juho	F	32	professora	magistério	Ca	professora	EMEI
53	Castelhanos	Lauro	juho	M	35	pescador	1a. Série	So	pescador	
54	Itaquanduba	Clarisse	juho	F	30	parada	4a. Série	Ca	dona de casa	
55	Sede do PE Ithabela	Flavio	juho	M	24	estagiário do parque	3o. Colegial	So		aqui na sede do PE Ithabela
56	Pr. Vermelha	André	juho	M	18	cultivo de marisco		So		aqui
57	Pr. Mansa	Laercio	juho	M	52	pescador		Se	pescador	praia mansa
58	Pr. Mansa	Marcelino	juho	M	33	pescador	4a. Série	So	pescador	aqui
59	Pr. Mansa	Rosilda	juho	F	33	dona de casa	1o. Grau	Ca		
60	Pr. Vermelha	Manoel	juho	M	45	pescador	4a. Série			
61	Pr. Vermelha	Aleide Rafael	juho	F	35	dona de casa	4a. Série	Ca	dona de casa	aqui
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	juho	F	20	no lar	3a. Série	Am	dona de casa	

Dados gerais dos entrevistados

No.	Local	Nome	Data	Sexo	Idade	Ocupação	Escolar	Est.civil	Profissão	Trabalho
63	Pr. Vermelha	Auro Rafael	Julho	M	26	pescador	3a. Série	Am	pescador	aqui
64	Pr. Mansa	Angelca	Julho	F	25	nada (só em casa)	5a. Série	So	do lar	
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	Julho	M	29	pesca	3a. Série	So	pescador	trabalha aqui mesmo
66	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	Julho	M	74	pescador e agricultor				
67	Itaguassu	Edir	Julho	F	59	nada	4a. Série	Vi	flandeira de tapete	
68	Castelhanos	Mauro	Julho	M	38	pesca	não	Ca	pescador	aqui em Castelhanos
69	Castelhanos	Roger Bruglé	Julho	M	67	oficina mecânica	superior	Ca	engenheiro de ?	aposentada
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	Julho	M	31	pescador	não tem	So	lavragem, aries, canoa, pesca	aqui
71	Reino	Margarete Nascimento	Outubro	F	34	dona de casa	2o. Grau	Ca	gerente de loja	parada
72	Reino	Francisca	Outubro	F	21	parada	2a. Série	Ca	doméstica	parada
73	Reino	Merita	Outubro	F	31	doméstica	3a. Série	Ca	doméstica	parada
74	Reino	Maria Divina	Outubro	F	22	não tem	5a. Série	Ca	do lar	casa
75	Reino	Luciano	Outubro	M	19	jardineiro	6a. série	Ca	jardinagem	camping da barra
76	Bairro da Toca	Clemente	Outubro	M	61	servente na prefeitura	analfabeto	Ca	servente	prefeitura
77	Bairro Plumário	Santos	Outubro	M	24	ajudante	3a. Série	So	ajudante	na cidade
78	Greenpark	Genivaldo	Outubro	M	37	construção civil	4a. Série	Ca	construção civil	na ilha
79	Greenpark	Maria	Outubro	F	40	cozinheira	5a. Série	Ca	cozinheira	restaurante
80	Água Branca	Neia	Outubro	F	38	tudo	2a. Série	Ca	contabilidade	camping
81	Reino	Benedito Paulo	Outubro	M	31	marinheiro	6a. série	So	marinheiro	late Clube
82	Reino	Mana José	Outubro	F	38	pré-escola	4a. Série	De	servente	Perequê
83	Água Branca	Suzana	Outubro	F	26	estudante	4a. Série	So	estudante	Albergue da Juventude
84	Reino	Francisco Felix da Silva	Outubro	M	44	pedreiro/jardineiro	5a. Série	Ca	pedreiro/jardineiro	**
85	Reino	Severino Gomes	Outubro	M	58	marinheiro	2a. Série	Ca	parado	**
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	Outubro	F	48	doméstica	3a. Série			
87	Perequê	Milton	Outubro	M	31	pedreiro	8a. série	So	pedreiro	na ilha
88	Greenpark	Reno A Piffo	Outubro	M	53		analfabeto		pedreiro	
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santos	Outubro	F	23	dona de casa	4a. Série	Ca		
90	Greenpark	Elzete	Outubro	F	17	doméstica	6a. série	So		
91	Greenpark	Antonio Marcos	Outubro	M	21	construção civil	analfabeto	So		
92	Greenpark	James	Outubro	M	41	mecânico de moto	1o. Colegial	Ca		
93	Reino	Roseli dos S. Paula	Outubro	F	28		Ensino Médio			
94	Reino	Sebastião P. Santos	Outubro	M	45	Secretaria de Saúde	4a. Série	Ca		
95	Reino	Ana Claudia	Outubro	F	22	dona de casa	8a. série	Ca		
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	Outubro	F	26	desempregada	analfabeto	Ca		
97	Reino	Maria Rita Lopes	Outubro	F	64	dona de casa/casoeira	analfabeto	Vi		

* Morto dos mineiros
* mais de 40 (não sabe)

ANEXO

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO A MORADORES DE ILHABELA

Parte IV - Sobre a avaliação e conduta

Sobre o PE. Ilhabela

- 1 Sabe onde fica o PE. Ilhabela?
- 2 Sabe o que é um Parque?
- 3 PE. Ilhabela atrapalha a vida das pessoas
- 4 O PE. Ilhabela não influi em nada na vida das pessoas
- 5 O PE. Ilhabela atrapalha a minha vida
- 6 O PE. Ilhabela não influi em nada na minha vida
- 7 Muitas coisas poderiam ser feitas para mudar esta situação
- 8 PE. Ilhabela ajudou a vida das pessoas porque...

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	Sim. Um lugar que deveria ser preservado	sim	3	3	3	3	3	separado
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Sei	Sei	3	3	3	3	3	separado
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Não	Sim	0	0	0	0	0	0
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	Fica na parte central da ilha de São Sebastião	é uma área preservada ou pelo município ou pelo estado	3	3	3	3	3	separado
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	não disse	Sim. E a preservação da natureza	3	3	3	3	3	Separado
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	Não	Não	0	0	0	0	0	0
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Sim	Mais ou menos	3	3	3	3	0	0
8		Alba Lúcia de Freitas	F	49	Todo ele 200 m acima do nível do mar	E uma das matas mais lindas. eu não entrei nele, Castelhanos a estrada passa pela mata, não precisa nem ir pra lá, pássaros orquídeas, é sagrado	3	3	3	3	3	Separado
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	Não	não	0	0	0	3	0	0
10	Pequeá	Carlos	M	61	Sei onde é. Não sei o bairro mas sei que é na estrada de Castelhanos. Já andei muito por lá	Tem parque de diversão e ecológico	3	3	3	3	3	Separado
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	Não	Não	3	3	3	3	0	Separado
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Nunca fui. Mas sei porque as pessoas falam	Eu acho que deve ser uma mata muito bonita, plantas, a parte governamental é fogo. Não tenho noção	3	3	3	3	0	0
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	Sim	Sim	3	3	3	3	3	Separado
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
15	Vila	Franceliso	M		Sei perto da água branca	Pra não deixar a gente usar a ilha, pra proteger os bichos, as plantas, os passarinhos	3	3	3	3	3	3
16	Saco da Capela	sem nome	M	49	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
17	Engenho d'água	Leonardo	M	45	Saindo das propriedades acima das casas	E um lugar de descanso, lugar que se vai para mentalizar	3	3	3	3	3	0

Sobre o Parque Estadual de Ilhabela

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8
						usufruir, passear						
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	Não sei	:Não sei	0	0	0	0	0	0
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	85% da área do município	Uma Unidade de Conservação	3	3	3	3	3	Separado
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	85% da área do município	Uma Unidade de Conservação	3	3	3	3	3	Separado
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	E na Toca	Reserva da natureza onde não pode mexer	3	3	3	3	0	0
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Na estrada dos Castelhanos do lado do canal. Não sei	Não pode mexer tem tudo guarda	3	3	3	3	3	Separado
23		Justina	F	45	Mais ou menos. Quase tudo é, né?	E sei	3	3	3	3	3	0
24		Lazaria	F	50	Sei	O que preserva a natureza	3	3	3	3	0	Separado
25	Barra Velha	Regina	F	54	Sim	Sim	0	3	3	3	3	0
26	Agua Branca	Palmira	F	39	Não	Mais ou menos	3	0	3	3	3	0
27	Perequê	Ceará	M	31	Sim	Sim	3	3	3	3	0	Separado
28	Barra Velha	Edson	M	26	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	Sei	Não Sei	3	3	3	3	3	0
30	Agua Branca	Luciene	F	23	Não	Mais ou menos	3	3	3	3	3	0
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	Sim. Atrás do Hotel	E um conjunto de ecossistemas que tem que ser preservado em prol da população futura	3	3	3	3	3	3
32	Engenho d'agua	Nilton	M	30	Fica no Reino	Não sei pra que serve um Parque	3	3	3	3	3	3
33	Itaguassu/ Morro dos Mineiros	Storino	M	63	Fica lá em cima. Agua Branca	Sei	3	3	3	3	3	Separado
34	Agua Branca	Elisabete	F	22	Não	não sei	3	3	3	3	3	0
35	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
36	Agua Branca	Cristiane	F	20	Sei	Como eu vou explicar agora, pelo que entendo onde são cultivadas espécies em extinção	3	3	3	3	3	Separado
37	Agua Branca	Marcelo	M	26	Sim	Sim	0	0	3	3	0	0
38	Agua Branca	Marcio	M	22	Sei	Neste parque estadual que temos a finalidade é mostrar as cachoeiras e matas. Não sei o sentido que isso tem	3	3	3	3	3	3
39	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
40	Agua Branca	Alexandro	M	26	Não	Sei	3	3	3	3	3	Separado
41	Perequê	Roseli	F	43	Sei. Fica subindo a cachoeira da Toca.	E uma área de lazer e conservação	3	3	3	3	0	0
42	Agua Branca	Valdinéia	F	18	Sei	não	3	3	3	3	3	Separado
43	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
44	Agua Branca	Marcelo	M	28	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
45	Perequê	Osvaldo	M	72	Sim	Sim	3	3	3	3	3	0
46	Perequê	Waldecir	M	34	Não	Não	0	0	0	0	0	0
47	Perequê	Maria Rita	F	25	Sim	Sim	3	3	3	3	3	Separado
48	Perequê	Cicero	M	42	Não	Não	0	3	0	3	0	0
49	Castelhanos	Otávio	M	62	não disse	não disse	0	0	0	0	0	0
50	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	Sim, na cota 100	Não sei direito	3	3	3	3	0	0
51	Castelhanos	Silvia	F		Sim	Sim	3	3	3	3	0	0
52	Castelhanos	Érotildes	F	60	Eu num sei não. Todo	Sim	3	3	3	0	0	0

Sobre o Parque Estadual de Ilhabela

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8
					mundo diz que é da cota 100 pra baixo							
53	Castelhanos	Nair	F	40 *	Não	Não	0	0	0	0	0	0
54	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
55	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
56	Perequê	Elisa	F	32	Sei fica em Castelhanos	Seria mais pro turista, um ponto turístico, o pessoal faz trilha e trabalha para conscientizar o turista da importância de se conservar a vegetação	3	3	3	3	3	0
57	Castelhanos	Lauro	M	35	Fica lá na ilha mesmo Na frente da ilha	Não	3	3	3	3	3	Separado
58	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
59	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
60	xxxxx	xxxxx	xxx	xxx	xxxxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
61	Itaquanduva	Clarisse	F	30	Sei. Fica na estrada de Castelhanos	Não	3	3	3	3	3	Separado
62	xxxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
63	Sede do PE. Ilhabela	Flavio	M	24	tá concentrado na cota 200	Unidade de Conservação	3	3	3	3	3	Separado
64	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Começa a 100 metros	Sim	0	3	0	0	3	Separado
65	xxxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
66	xxxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxx	xxxxx	x	x	x	x	x	x
67	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Não. E aqui perto	Não	3	3	3	3	3	3
68	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	Sim. 100 metros de altura	Sim. Pra preservar	3	3	3	3	3	0
69	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Sim	Sim	3	3	3	3	0	Separado
70	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
71	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	Não	Sei. E onde fica os guarda florestais	3	3	3	3	3	Separado
72	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	O nome da rua eu não sei mas sei que é lá no Itaguas su que fica a casa. Eu vou lá sempre que o mar tá bravo e eles trazem a gente aqui	Ele cuida do meio ambiente, das árvores	3	3	3	3	3	Separado
73		Auro Rafael	M	26	Sei	Lugar pra preservar a natureza	0	3	3	3	3	Separado
74	Pr. Mansa	Angelica	F	25	Olha, bom, eu não tô sabendo	E uma lei que ajuda a preservar a Natureza	3	3	3	3	3	Separado
75	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Sei	Sei	3	3	3	3	3	Separado
76	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	não disse	não disse	0	0	0	0	0	0
77	Itaguassu	Edir	F	59	não sei	Não. Tem o parquinho de diversão, mas deveria ter um parque maior	0	0	0	0	0	0
78	Castelhanos	Mauro	M	38	Sei, na Agua Branca	Não sei	3	3	3	3	3	Separado
79	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Aqui - cota zero	Proteção total da natureza	3	3	3	3	3	Separado
80	Castelhanos	Claudio (filho Sr João)	M	31	Sei. Onde fica o parque - a sede	Não disse ai, não sei, só sei que é coisa de pesquisa de mata	3	3	3	3	3	Separado
81	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Sim	Sim. Pra mostrar a natureza pro pessoal	3	3	3	3	3	Separado
82	Reino	Francisca	F	21	Sim, na estrada dos	Não	3	3	3	3	3	0

No.	Local	Nome	S	id	1	2	3	4	5	6	7	8
					Castelhanos							
83	Reino	Merita	F	31	Não	Não	0	0	3	0	3	0
84	Reino	Maria Divina	F	22	Aqui não tem parque não. Tem? Tem reserva dos particular. A florestal vigia tudo	Sei, mas aqui não vi falar que tem não	3	3	3	3	3	0
85	Reino	Luciano	M	19	Não	Não. Porque é lugar pra criança brincar? Só tem em São Sebastião	0	0	0	0	0	0
86	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Sim. Lá em cima	Sim	3	3	3	3	3	3
87	Bairro Plumário	Santos	So	24	Não, vejo falar mas não sei onde é.	Não	3	3	3	3	3	3
88	Greenpark	Genivaldo	M	37	Sei	Sim	3	3	3	3	3	3
89	Greenpark	Maria	F	40	Não	Não	0	0	0	0	0	0
90	Água Branca	Neia	F	38	Não	Lugar cheio de florestas	3	3	3	3	3	3
91	Reino	Benedito Paulo	M	31	Sim. Na Ilha Anchieta	Sim. Preservação da natureza	3	3	3	3	3	3
92	Reino	Maria José	F	38	Sei. fica lá em cima	Pra te falar a verdade, faz tempo que fui lá, mas acho assim que é bom.	3	3	3	3	3	Separado
93	Água Branca	Suzana	F	26	Sei.	Reserva florestal	3	3	3	3	3	Separado
94	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Sim. Agua Branca	Não	3	3	3	3	3	Separado
95	Reino	Severino Gomes	M	58	Sei. Fica na Agua Branca	Não é bem um parque porque tem que ser cercado com animais. É um lugar de lazer. Mais a ilha inteira é um parque porque é patrimônio da união	3	3	3	3	0	Separado
96	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	Sim. So de cima	Sim. Tem conservação	3	3	3	3	3	Separado
97	Perequê	Milton	M	31	Sim.	Sim, e uma área de preservação ambiental	3	3	3	3	0	Separado
98	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Sim. Caminho dos Castelhanos	Sim. Onde se cuida da natureza	3	3	3	3	3	Separado
99	Greenpark	Marisa Souza S. Santos	F	23	Sei. Aqui em cima indo para rua dos Castelhanos	não sei	3	3	3	3	3	Separado
91	Greenpark	Elizete	F	17	Não sabe	Não	0	0	0	0	0	0
92	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Não sabe	Não	0	0	0	0	0	0
93	Greenpark	James	M	41	Na rua dos Castelhanos	É um lazer, uma natureza	3	3	3	3	3	3
94	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Entrada do Castelhanos	Sim. Parque Estadual, tem cachoeiras para visitar	3	3	3	3	3	Separado
95	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Sei. Agua Branca	é uma reserva estadual onde as pessoas vai fazer o lazer e conhecer as árvores	3	3	3	3	3	Separado
96	Reino	Ana Claudia	F	22	Caminho de Castelhanos	Um lugar preservado pelo Florestal	3	3	3	3	3	Separado
97	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Não sei	Parque da Ilhabela. Lá embaixo na ilha. É o parque que prende os animais	0	0	0	0	0	0
98	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	não sabe	Não sabe	0	0	0	0	0	0

* mais de 40 (não sabe)

Anexo

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO A MORADORES DE ILHABELA

Parte V - Sobre as expectativas e as preferências ambientais

- 1 Você pretende continuar morando na ilha
- 2 O que mais gosta neste lugar onde mora? Citar
- 3 Há alguma coisa que o incomoda
- 4 Quais são os locais que mais aprecia na ilha
- 5 Gostaria de mudar alguma coisa aqui na ilha? ● que? ● que?
- 6 Quais são na sua opinião as atividades econômicas que podem ser praticadas na ilha sem danificar o meio ambiente
- 7 O turismo é importante para as pessoas que vivem na ilha?

No.	Local	NOME	S	Id	1	2	3	4	5	6	7
1	Saco da Capela	Ribeiro	M	22	Pretendo	Curtir a praia danceteria	no momento não	As praias do sul as trilhas	tem muita casa	terminar o asfaltamento arrumar a entrada da balsa sinalizar os pontos de turismo	Sim
2	Saco da Capela	sem nome	M	40	Sim. Até quando Deus não quiser mais. Nasce e faz cradji aqui. Tenho 4 filhas casadas. Tenho netinhos	a praia	não	As comodidades isoladas porque me sinto bem. Quando nasci nossa casa era simples. não tinha mesa comíamos com o prato na mão a vida dos meus filhos tem o que eu não tinha (TV, Video celular) Mas eu tenho saudade daquela vida. Sou muito simples. Minha maior riqueza é a minha saúde. Naqueles (isoladas) revive, adoro a vida tranquila	Aqui na ilha tinha que mudar o sistema de trânsito. Dezem bro e fevereiro você não anda na Ilhabela	A pesca não atrapalha em nada!	É muito importante e falo por mim. Mais da metade da população estaria desempregada sem o turismo
3	Saco da Capela	Lucia	F	36	Sim	O espaço o trabalho	Não	O centro	Sim, na temporada tem muita gente	Bom, aumenta o comércio	Sim
4	Praia do Pequena	sem nome	M	27	Não. Estou partindo lá pra ano que vem.	tranquilidade	borrachudo, pernilongo, falta de estrutura iluminação pavimentação	Praia dos Castelhanos (costumo acampar)	Nada	ecoturismo, pesca (de forma racional)	Sim
5	Saco da Capela	Ze Carlos	M	38	Sim	liberdade	Borrachudo	não disse	Do outro lado da ilha-bonete O trânsito na temporada	Ecoturismo, caminhadas, pesca esportiva	Sim. Hoje e
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	Quero ficar morando, mas depois pode ser mudar para São Paulo	Nadar	Pessoa que joga bola, quem apita e o juiz. Ele e quem da cartão	Saco da Capela e a Pedra do Sino	Colégio, um com colégio, carnaval, Frevo	Vender manga nas praias	é bom
7	Saco da Capela	Airton	M	62	Sim	sossego que há em boa parte do anc	tumulto nos feriados prolongados	Essa praia (pracinha)	não	As ligadas ao turismo	Sim
8		Alba Lucia de Freitas	F	49	Sim. Mas tenho um lado internacional	Quiétude, vida agradável, de ter escolha a cada dia, a natureza o sol, cuidar do espírito e da alma	praias	começar a conscientizar com todas essas ideias que passei que formasse uma comunidade exemplo de lixo, de ordem, de silêncio	Moleiana, carro chefe, turismo ecológico, aluguel de velas, barcos, restaurantes, comércio (pontos das leiras), prestigia a cultura, um tipo de comércio que não fere em nada	Eu acho não pra mim, mas as crianças aqui vão viver do quê? Se foi elaborado	
8	Praça da Vela	izabel	F	65	Sim	Sossego	Não	A vila	Não	Não disse	Sim
10	Pequena	Carlos	M	81	Até meus últimos dias. Se eu não ter aqui eu não sou feliz	Tranquilidade amizade dos vizinhos	Ha uma coisa que incomoda mas você tem que aceitar. É uma igreja do reino de Deus. Tem dias que é uma gritaria eles gemem parecem que estão xxix. Comparo com velório de pessoas ístericas	Minha casa e uma delas, e de resto tudo	Nossos vereadores que pratica mente dirigem a cidade. Olhassem mais pra cidade por exemplo, tirassem essa cachorrada das ruas. Olhar para o povo sem se erradicar ao grupinho deles	turismo náutico, motocross, calçar a estrada dos Castelhanos e fazer grandes hotéis, lá pra gerar dinheiro pois indústria não pode e a pesca não dá mais	pra quem vive dele é pra mim não
11	Praça da Vela		M	66	Sim	O trabalho e o sossego	Não	Gosto dos lugares em geral, tanto aqui como o sul e o leste	não	não disse	Sim
12	Saco da Capela		F	62	Sim. Jamais vou sair daqui	Sossego, paz	E não e por estar sozinha e estar longe do meu filho	Aqui do hotel, praia do curral, A vila, Igrejas	sim nessa questão das coisas básicas, saúde, educação, é uma coisa geral	e a questão turística deveria abrir aqui e um cassino, renderia muito dinheiro	muito. É fundamental
13	Av. Cel. Faria Lima		M	50	Sim. So se me expulsarem daqui. Apesar dos problemas aqui é um paraíso	tranquilidade	o po que faz aqui	O peregru	So mesmo a administração, passa pra para a marinha	Melhor. Turismo	Sim
14	Praia do Pequena		M	41	Sim	o bairro	não	O sul da ilha	não	mais trabalho	Sim
15	Vila		M		Sim	cachoeira do lugar	nao	Castelhanos	que parasse de mudar	Artesanato, deixar a gente viver pescar	não
16	Saco da Capela		M	49	Sim	paisagem e o silencio	Não	O outro lado da ilha	Não	Construção civil, pesca, restaurant, hoteliana	sim
17	Engenho daçu		M	45	Sim	Não disse	Não	não disse	Não		é importante. É um turista que se arranja trabalho. Já teve

150/000

18		M	53	Sim Pretendo morrer aqui	A população e muito joia nativo não se mistura com turista	A ilha cresceu muito, agora ta entrando a violencia, as drogas são somos muito acostumados com essas coisas	Esse aqui e o centro	não tá bom assim	meio difícil responder, manias	e muito importante. Principalmente com os comerciantes	
19	Bairro Itaguassu	M	46		Pretendo morrer aqui	Gosto da luz do sol a cada dia		incomoda a forma como os politicos nos tratam	não disse	dar expansão para o artesanato	
20	Bairro Itaguassu	M	48	Sim		nada incomoda	a ilha inteira		mudar para melhor	os turistas dão senço	
21	Saco da Capela	M	64	Sim Ate morrer	Saudade da turma do jogo de bola	tóxicos incomoda	toda a ilha		Administração. Mais enrolam. Fizeram a praça de eventos e não cuidam	pesca	não disse
22	Saco da Capela	M	47								
23	Perequê	Justina	F	45	Sim	De tudo	Os borracnudos (risos)	As praias mais afastadas	Não	Pesca e artesanato	É porque agente trabalha
24		Lazara	F	50	Ée Deus quiser	Sessego não bom dorme sossegada, pode devar a casa aberta	Borrachuro mais nada e o calçamento	Mata Cachoeira, os nos	Fazer a ilha voltar o que era antigamente, plantando para comer	Não sei. Não existe nenhuma fabrica. Se tivesse conieçava a poluição	Para certas pessoas e ne?
25	Barra Velha	Regina	F	54	Sim	Cachoeira	Incomoda e preocupa são as drogas	Castelhanos	Gostaria de mudar. Não temos um asilo. Tem poucas diversões para os jovens, trancos os clubes e os Evangelhos nas Igrejas	O comércio, fabrica de roupa não deve prejudicar o meio ambiente	É né, não tem mais o que fazer
26	Água Branca	Palmeira	F	39	Ate quando puder sim	Sussego	Não	Aqui mesmo o bairro	Mais emprego	Não sei	É
27	Perequê	Ceara	M	31	Sim	Lazer	Não	Castelhanos	Artesanato	Turismo, artesanato comercio	É
28	Barra Velha	Edson	M	28	Sim	Paz. Aqui tem muita	O tráfico. Isso me incomoda	Baia de Castelhanos, Bonete, Jabaquara, Cachoeira do Gate	Não. Não gostaria de mudar nada	O turismo de barco, caminha das	Bastante
29	Sede do PE Itabela	Verá	F	38	Não, meu marido quer ir embora. Eu não. Eu gosto da ilha	O lugar	Tem os morros. Muito ruim de subir. Subo 2 morros	Eu não conieço mas tenho vontade de conhecer, atras da ilha. Já vi fotos	Sim, as crianças sofrendo, muitas crianças que não tem o pão de cada dia. Se eu pudese	Achava uma fabrica, nias actio que não pode, porque muita gente ia ter emprego	É
30	Água Branca	Luciene	F	23	Sim	A vizinhança	Não	Via	Agente gosta de mudar muitas coisas, mais depende da prefeita. Mudar o calçamento e a prefeita. Não votei nela	Fazer alguma coisa pras crianças de diversão que de dinheiro	Sim
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	Fretendo continuar vivendo na ilha	viver com tranqüidade sem estresse	Incomoda a falta de educação dos migrantes - mineiros	todos	mudar a mentalidade dos politicos	Ecoturismo	evidente
32	Engenho d'água	Nilton	M	30	Sim	tudo	borrachudo e pernilongo	Gosto do Engenho d'água	podena fazer mais quesque para quem trabalha	não disse	não disse
33	Itaguassu/ Morro dos Mineiros	Sidrina	M	43	Não. Pretendo mudar pro estado de Minas, agora tá velho, e meu apresentado quer vender alguma coisa que tenha, porque lá é meu lugar. Fretou o lugar que ocupo pra voce e pra essa menina	Tudo. Nos brasileiros semes todos, rimos não imperia o lugar de onde vem. Só importa um entehder o outro	Nada. Só o que me poderia me incomodar essa sacanagem, mas não me alinge em nada. Eu ate dou conselho pros mlaques, eles abaxam a cabeça e não lalam um "a". Eles me respeitam. Eu sempre falo que deua ter mais policiamentos	Itaguassu	Não	Agora tá meio difícil. Não sei nem responder	É muito importante
34	Água Branca	Elisabete	F	52	Pretendo	Muitas coisas, né? cachoeira	não	Não lembro. Cachoeira	Prefeita	Não disse	Não disse
35	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX
36	Água Branca	Costance	F	20	Sim	convivência	não	Água Branca, Centro	A prefeita	O turismo	É
37	Água Branca	Marcelo	M	26	Sim	A natureza, as trilhas, as cachoeiras	Não	As praias do Sul	Não	Turismo e comércio	Sim
38	Água Branca	Marcio	M	22	Sim	Natureza	Não	Bonete e Castelhanos	Eu particularmente não	pesca, artesanato, turismo assim como se pode dizer que voce conscientize as pessoas a aproveitarem destruir	É o meio mais econômico mais importante nosso.
39	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX
40	Água Branca	Alexandro	M	28	Não	Sussego	Não	Ponta das canas, Praia do Bonete, Feticiera, Ilha das Cabras (fui caseiro quando criança)	Sim, a frente da balsa, a entrada da ilha	No caso sena um shopping, douo ver eventos, a ilha esta precisando de eventos	Muito, e dejes que tem que arrancar
41	Perequê	Roseli	F	43	Sim	Da Rua	Incomoda o Lixão	não disse	Devia ter uma estrutura melhor para o turismo. Avenida e feia. Uma paisagem mais bonita. As construções são feias	Toda e qualquer atmdade que seja direcionada contra Lada, Secretaria do turismo que quer desenvolver o	não disse

42	Água Branca	Valdineia	F	18	Sim	Bastante tempo	As cachoeiras	Não	A vila	A prefeitura	Turismo. Se a indústria da ilha e o turismo tem que preservar e controlar.	Um mercado enorme como o Pão de Açúcar, lojas maiores, Um shopping	É
43	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
44	Água Branca	Marcelo	M	26	Com certeza até os últimos dias da minha vida.	Natureza	Não	Sim, muito aqui o pessoal é meio estranho. Tem muita gente negativa, comera muito onde vezce ainda, tanto você está	Não conheci tantos locais, mas mais aprecio o Bonete, a Ponta das Enchovas	O aspecto financeiro das pessoas que estão precisando viver um pouquinho melhor	● turismo danifica, mas precisamos do turismo, qualquer coisa que você faça já muda, uma rua que abre já muda, né ● carne o monóxido de carbono, acho que o que não danifica é caseiro, acho que a pesca não danifica	Com certeza importantíssimo, sem ele não tem trabalho. Não tem	
45	Perequê	Oswaldo	M	71	Sim	As paisagens, passear na praia	Não		Perequê	Não	Não disse	Para quem tem o que vender para eles é bom. Para mim não algalhá nada	
46	Perequê	Valdeci	M	31	Sim	● silêncio	Nada		A armação, Itaquandiva, Barra Velha	Não	Não disse	Sim	
47	Perequê	Maria Rita	F	26	Sim	as Praias	Borrachudos		As praias de Sul	Melhorar o turismo	Ecoturismo, artesanato	Sim	
48	Perequê	Cícero	M	42	Se continuar tendo trabalho sim, senão eu mudo.	Aqui é muito bonito, muito bom pra se viver	Sim, as vezes falta serviço		As praias do sul e a da Jabaquara	Não	É difícil heim? Não sei. Acho que o comércio	Sim	
49	Castelhanos	Elvina	M	62	Sim	Não disse	Não disse		Não disse	Não disse	Não disse	Não disse	
50	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	Sim	Aqui é tranquilo	● os borrachudos		Aqui	Não	Não sei	Para muita gente é	
51	Castelhanos	Silvia	F		Sim	não disse	● borrachudo		A ilha mesmo	não disse	Não disse	Sim	
52	Castelhanos	Erotildes	F	60	Sim	não disse	não disse		Castelhanos	não disse	não disse	Não disse	
53	Castelhanos	Nair	F	40	Sim	da minha casa, dos meus filhos, dessa vida	os borrachudos		O Sombrio, aqui mais	não	Não sei	Acho que é	
54	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
55	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Só mais 65 anos e os restos mortais	Um privilégio ficar. É o que mais gosto e da vida que não tem oportunidade de ter. Você abre a sua porta de manhã e tem um bando de biquinhos, anda um metro e dá de cara com o mar	É a falta de um planejamento por parte do poder público, orientando a integração comunidade e natureza		São quatro e cinco letras. Tudo e Todos	A mentalidade incorreta na relação comunidade e natureza	não disse	Mais importante que o turismo e o turista	
56	Perequê	Elija	F	32	Sim	Sossego dela	Entram a em política. Está sendo governada só por pessoas de fora e o povo deve votar nos daqui. Hoje o povo catigara sumiu. A gente não vê		O sul da ilha. Na verdade todos os lugares são bonitos	Nada agora	investir no turismo em espor tes pros jovens	É a principal fonte de renda do município	
57	Castelhanos	Lairé	M	35	An! Eu continuo. Daqui só saio por morte mesmo	Tudo	Não		Só daqui mesmo	Se pudesse até que eu mudaria, mas a condição da gente não dá. Eu arrumaria a casa	só isso mesmo que o pessoal faz	É importante	
58	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
59	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
60	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
61	Itaquandiva	Clárisse	F	30	Sim	Mudar daqui jamais	Eu não sei ● que eu mais gosto é a escola	As malandragens eles inva dem as escolas, "perigoso". A polícia de Ilhabela ajuda mas eles não dão conta dos puxador de fumo	Só o centro. Acho bonito apesar dos ritos. Principalmente a matriz, A Igreja	Tem muita coisa. Limpeza nos bairros	Aqui na ilha, Nem sei, qual quer coisa que for montada tem que destruir alguma coisa. Não há como manter intocado	Não	
62	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
63	Sede do PE Ilhabela	Flavio	M	24	Sim	Mais sossego	Não		O centro	Não	Mais com Mais comércio, banco, a pesca, o comércio	sim	
64	Pr. Vermelha	Andre	M	18	Se pudesse sair eu não vou ficando	de Tudo	Os borrachudos		As praias, as cachoeiras	Deveria ter comércio pra nós, arrumar a estrada		Para algumas, as da vila	
65	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
66	XXXX	XXXX	XX	XX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	XXXX	
67	Pr. Mansa	Laércio	M	52	Sim	Do sossego	Não, só os borrachudos		Tudo	Não talvez algumas melhorias, assim um comércio de pesca, luz	Acho que a gente devia poder pagar uns paus pra fazer canoa	É porque tem gente que vive disso	

68	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	Não sei, pergunta difícil se eu arruinar um trabalho que ganhe mais, a gente tem que progredir	De viver tranquilo	Os borrachudos	A ilha toda	Não	não disse	Pra muita gente é
69	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Sim	O sossego	Os borrachudo e as cobras que eu morro de medo	Gosto da ilha toda	não disse	Bevia ter mais coisa até escola, os jovens chegam até a 4a série depois tem que ir lá pra Ilhabela	Sim
70	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	Sim, aqui na praia vermelha onde moro e nasci, gosto da cidade	Pescaria	Não	Praia vermelha só daqui	Não	Não sei, tão difícil aqui pra dar emprego aqui. Aqui não melhora por causa da estrada, só fica nesse bagaço, tinha que arrumar a estrada. Não é porque temos barco que não tem que arrumar a estrada. Quando o mar tá bravo.	E
71	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	Interédio	Do silêncio do sossego que tem	O mosquito (só isso) O resto é tudo maravilhoso	Barra Velha	Não	Não existe	Acho que sim porque os turistas que vem de fora eles pagam alguma coisa e já ajuda a gente que é pobre. Meu primo por exemplo e dono de um camping lá nos Castelhanos
72	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	30	Não	Só as frutas	Não	Castelhanos	Sim. O modo de viver do pessoal os pescadores sofrem muito e deveria ter trabalho diferente pra não dificultar tanto a vida	O único meio são as vendas que não prejudica a natureza	Sim é porque se você tem alguma coisa os turistas vem aqui compram alguma coisa. As vezes eles pagam pra gente levar eles em algum lugar
73		Aziz Natani	M	26	Claro que sim	Pesca, depois vai pra sacabanã tomar aquele banho	Borrachudo	Castelhanos	Estrada né, as vezes se não dá pra ir por um lado vai por outro	Aqui é difícil né responder isso né	Acho que sim, pra gente vender
74	Pr. Mansa	Angelita	F	25	Ah! Pretendo	O nascer do sol que é lindo	As cobras	Castelhanos	Muitas coisas, por exemplo, o acesso até chegar a Castelhanos	Tem o artesanato. Várias cestinhas de bambu, tapetes	Num ponto é. Pro pescador porque quanto tem muito turista a gente pede dinheiro pra eles sem ter que vender pra terceiros
75	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Sim	É de jogar bola, quando esteu de folga	Nada	Castelhanos	Não pra mim não	Construir casa com madeira de outro lugar	Na ilha sim
76	Castelhanos	Pedro (pai do Maurício)	M	74	não disse	Tudo	Nada me incomoda	não disse	Fizesse um armazem, uma venda aqui não corre dinheiro. Se a estrada tivesse boa	Não tem, nos já fizemos essa prova. Se for mexer no mar ou na terra tem que mexer na natureza	Sim, vem ver a natureza a praia, mas não trazem alguma coisa pra gente. Os turistas vem por causa da natureza não por causa de nós
77	Ilaguassu	Edil	F	56	Não, estou aqui meio obrigada	Gosto de conversar a praia não é comigo	O calor	A Barra, o centro	Eu me mudaria lá pra baixo	Não sei	É a cidade é turística
78	Castelhanos	Maurício	M	38	Sim	Negócio da pesca e andar de moto mesma	Não	Não disse	Não	Sim, não aqui não. Só a pesca	E
79	Castelhanos	Roger Brugle	M	47	Sim	Pescar, ficar ocupado	Borrachudo	Esse lado. Sou mineiro velho	Deixar assim	não disse	É importante. Da dinheiro melhora
80	Castelhanos	Claudio (filho Sr João)	M	31	Pra ir, só sair quando Deus me levar	do lugar	Não, nada	não disse	nada	Não aqui não tem	não disse
81	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Sim	Tranquilidade	Borrachudos	Cacheira da Toca, Curral Castelhanos	Sim, mas é difícil tanta coisa que na hora a gente nem lembra	Não sei	E
82	Reino	Francisca	F	21	Sim	vizinhos	Não	Praia grande, Sinuba	Vanas coisas - iluminação nas ruas áreas de saúde, um hospital bem grande. Cuidar do trânsito, por causa das crianças	Sei não	E
83	Reino	Merita	F	31	Sim	Não é porque eu gosto. É o mais barato. Os vizinhos são legais	Os Borrachudos	Quase não saio	Não lembro	Não sei	Não sei
84	Reino	Maria Bivina	F	22	Eu sim, mas meu marido quer voltar pra Minas	Eu gosto daqui, vejo ele. Eu gosto da ilha	Borrachudo. Muito barulho, muita chuva quando chove. Deveria ter mais transporte	Armação	Mais médico, não tem hospital, tem que ir pra São Sebastião pra ganhar dinheiro, o pranto socorro é o mesmo que não ter	A gente já tinha alguma coisa pra fazer, a prefeitura deu terreno, mas o presidente da associação do bairro pegou tudo com os parentes	Quando tem turista tem muito serviço, os hotéis precisam, muita reforma nas casas
85	Reino	Luciano	M	43	Sim	Sair a noite	Não	Aqui	Tá bom	Tá bom, mas não tem. Tem que abrir fábrica	Pra alguns sim, para outros não
86	Barro da Toca	Clemente	M	61	Sim	Sossego, vizinhos bons	Não	Aqui	Não	Sou contra destruir porque a natureza a gente tem que	Sim

									preservar		
87	Bairro Plumária	Santos	Só	24	Não	A avenida	Não	Perequê	Criar trabalhos, desentulgar obras	Não há. Sempre acaba destruindo o meio ambiente	É
88	Greenpark	Genivaldo	M	37	Sim	Sossego	Não	Aqui. A cachoeira da água branca do greenpark, pedra nas matas	Sim. Prefeito	Não sei	É muito importante
89	Greenpark	Maria	F	40	Sim. Mas tenho vontade de voltar para minha terra	Gosto de tudo	Não	Todos	Creche, posto medico	Não sei	É
90	Água Branca	Neia	F	36	Sim	Bairro bem calmo tranquilo	Não	Sul norte do centro. Gosto de tudo	Tem tanta coisa pra mudar né? Um hospital bom. Não tem	Fábricas, né?	é
91	Reino	Benedito Paulo	M	31	Sim	Tudo	Não	Bonete e a Cachoeira da Toca	Não	Não pra se montar uma firma grande destrói a natureza	Sim
92	Reino	Maria José	F	38	Sim. Mas tenho saudades de lá (SF)	É mais sossegada, não tem barulho	Não	Ah, eu não gosto assim qual o lugar? Eu gosto daquele do Perequê	Que tivesse mais emprego fixo	Idéia de algum. Mesmo ter algo que gerasse mais emprego, que desse emprego para a população	Sim
93	Água Branca	Suzana	F	29	Sim	As pessoas	Bonachudo, mais nada, a balsa que enche o saco um pouco	Praia do Perequê, o ginásio de esportes. Quase não tem diversão aqui na ilha	Sim, asfalto	Não	Bastante
94	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Por muito tempo, não	Da minha casinha	Sim. Mosquito, pernilongo. Falta de serviço	Curral e praia de Zina	Sim. Estrada e emprego	Não	Sim
95	Reino	Severino Gomes	M	58	Preferido	Da beleza da ilha	Preciso de mais pessoas que tenham interesse pela ilha. Isso precisa ser urgente	Todos os locais porque aqui voce tem liberdade e onde você vai tem amigos. Atravessa a balsa pra lá ja e diferente	● prefeito precisa mudar urgente. Pois a ilha precisa de mudanças urgentes	Acho que o turismo tem que aumentar para não mexer na natureza	O turismo é a moeda mestra daqui
96	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	40	Sim	A tranquilidade	Não. Os barracudados	Gosto de andar maro	Não	Não sei. Precisaria mais trabalho	Muitas pessoas acham importante. Os turistas fazem muita bagunça
97	Perequê	Milton	M	34	Sim	Sossego	Aterro sanitário e o descaso por parte das autoridades	Ilha de Vitória	Pavimentaria as ruas	Reciclagem no aterro sanitário	sim
98	Greenpark	Reno A. Pinto	M	53	Sim	Não disse	Não. O desemprego	Vila, bonete, bairro onde eu moro	Mudar para melhor. O turismo ajuda para gerar emprego na ilha	Construção civil, a pesca	Sim
99	Greenpark	Marisa Souza S. Santo	F	23	Preferido	Gosto a tranquilidade, e um lugar aberto. De alto da pra ver tudo lá embaixo	A única coisa e que as casas são muito juntas. Aqui foi construído pra ser um condomínio fechado e a dona fez a falência e o pessoal invadiu	Gosto do sul, felicidade, praia grande, armação	Não	Não sei	é
100	Greenpark	Elzete	F	17	Sim	de trabalho	Não	Bairro	Não	Não sei	Sim
101	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Sim. É, pero que sim	Lugar sossegado	Nada	Praia grande, Perequê, Vila	Sim. Calçamento das ruas, todas com casa, trabalho (deixar o lugar bonito)	Não	Sim
102	Greenpark	James	M	41	Preferido. inclusive acho que a meu avô vai ser aqui	O sossego, a paz	Não	Bonete e o Castelhanes	Melhorias pro pessoal	não disse	Sim
103	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Até morrer	Companheirismo das pessoas	A fofoca	As praias, as cachoeiras	não disse	Não sabe	Sim. Tem muitos que dependem
104	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Preferido	Natureza, verde, mar	O turismo	A parte sul - Curral, felicidade	Precisa mudar um pouco, tem gente demais. Acho que deveria ter uma faixa de proibição de entrar muitas pessoas. Ter uma pesquisa na balsa pra não deixar entrar bandidos. Pegar o R.G. e verificar. Ou a prefeitura deveria passar de casa em casa fazendo um recadastramento	É meio complicado. Não sei responder	É porque traz o dinheiro mas tumultua
105	Reino	Ana Claudia	F	22	Sim	O silêncio, Sossego	Transporte	O lugar em que se vive	Sim. Passar correio	É difícil	Sim
106	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Sim	As cachoeiras	Nada	A vila	Não	Acho que não	Ah, Sim. É disso que a gente
107	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	Sim. Enquanto tem vida	Do barraco onde moro	O barulho	Na Toca	Se pudesse, mudaria. Alugando quem precisa	Não sei	pra muitos é muito importante

mais de 40 (não sabe)

ANEXO

1. Ilhabela deve ser voltada principalmente para o turismo?
 2. Como é o turismo na ilha
 3. O turismo é importante para as pessoas que vivem na ilha?
 4. Outras atividades importantes para as comunidades da Ilha

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	Sim	não disse	Sim	Atividades esportivas coisas para os jovens serão os jovens caem nas drogas
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Sim	ótimo	É muito importante e falo por mim. Mais da metade da população estaria desempregada sem o turismo	diversificadas turismo, pesca artesanal, alguns trabalham para a prefeitura, serviços públicos pesca artesanal
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	Sim	é bom porque dá mais	Sim	As festas, a quermesse, (festa de São Benedito)
4	Praya do Pequena	Sem nome	M	27	Sim	desordenado é meio bagunçado, e meio mal administrado. Tem época que é demais e outras que é de menos. Deviamos criar opções de turismo na baixa temporada	Sim	pesca e turismo
5	Saco da Capela	Zé Carlos	M	38	Sim	Devia ter uma cooperativa	Sim. Hoje é	Com mais lembrança. Principalmente os antigos pescadores
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	não	não considerei	e bom	não considerei
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	Sim	Bem desorganizado	Sim	Cursos voltados para o turismo para a formação de jovens
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	Sim	mas um turismo cuidado e planejado. Um turismo chique, não de carro importado. E poder andar descalça, tem um projeto de avião um mini anhembi. Tá lá no projeto	Sim	A cultura deveria, eu acho que as três secretarias deveriam estar conjunto, turismo Meio Ambiente e Educação. Ensinando a população por exemplo hotelaria para os jovens. Aqui tudo é complicado não tem pessoas que criem um plano. Gostaria muito que as três estivessem unidas e transformassem Ilhabela numa Carmel (?)
9	Fraça da Vela	Ízabel	F	65	sim	é bom	pra quem vive dele é, pra mim não	o turismo
10	Pequea	Carlos	M	61	Sim	Mas um turismo consciente voltado pra preservação. Aqui era chamado Ilhabela da princesa. O turismo eu só vejo muita gente. Tem uma parte de tursitas que chegam aqui e só fazem balnearia. No carnaval só tem bebedeira, não sai outra coisa. No ano retrasado os policiais foram dominados pelos agressores. Esse turismo deve ser cuidado	Sim	é um pouco difícil. Aqui não tem nada a não ser os hotéis. A vida economica é muito fraca. Essa é uma cidade dormitório - as pessoas vão trabalhar no continente e volta só à noite
11	Fraça da Vela	Valdomiro	M	65	Não	Os turistas avançaram. Não é bom. Em alguns pontos trouxeram comércio, escolas	muito. É fundamental	não disse
12	Saco da Capela	Julia	F	62	Sou claro	Existem muitas casas de veraneio, mas as pessoas na temporada desce muita gente. Turismo é ótimo no comercio	Sim	Sabe aqui é a parte turistica, as pessoas aqui trabalham o serviço publico, mas são coisas pequenas. É mesmo o comércio, a venda de camarão, peixe
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	Sim	Tem que ser voltado, pois o calçara vive disto, pois não há industria. Mas o turismo é o que a prefeitura tenta segurar. O pessoal não vem para descansar, eles vem para acabar com a ilha. A rapaziada vem com drogas. O problema com drogas está serio na ilha. Violência tá aumentando	Sim	Acho que para manter a ilha, deveria ter um comercio de artesanato mas o artesano não é feito pelos artesãos daqui
14	Praya do Pequena	Antonio Amaral	M	41	Sim	falta mais um estímulo para não sujarem. Tem que preservar mais	não	No momento, as firmas que vem de fora tá faltando muito trabalho porque vem muito concorrente
15	Vila	Francelicio	M	não		Violento não gosto	sim	não disse

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4		
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	Sim	Acho que já começou não tem como voltar atrás. Eu acho bom	e importante. É com o turista que se arruma trabalho. Já teve 150.000 aqui na ilha	Esporte		
17	Engenho da Gua	Leonardo	M	45	Simplesmente	Nada mais	Não tem nada de turismo. Passeio de barco quase não tem - falta turismo de conhecimento da ilha	e muito importante. Principalmente com os comerciantes	Conscientizar as pessoas que vêm de fora a tratar da ilha. As pessoas de fora levam vantagem sobre as pessoas do lugar. Perdeu sempre da peruada. O Geraldo está aqui há muitos anos. Agora que conseguiu colocar luz perdeu tudo. Saco da Capela é o que tinha mais caçara. Se iludiram pela cor do dinheiro	
18		Pedro	M	53	So	porque	é uma cidade pequena e o turismo gera emprego. Antigamente vinham e deixavam o \$\$\$ aqui, agora só deixam sujeira	dar expansão para o artesanato	O forte é o que gera emprego, o estudo também tá fraco	
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	Sim		Turismo tem que ser repensado. Turismo dizem que somos nós que bancamos vocês. Temos que dar lugar nas calçadas	os turistas dão serviço	Tem que ser preparadas na vida cultural, tem que ser preparadas na saúde, e vivemos ilhados. Tudo chega pro último. Vem de fora como um bando de nativos que não sabem nada	
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	não	Artesanato	Lixo é um problema. Alguns cuidam, outros não		Comércio, firmas	
21	Saco da Capela	Geraldo	M	44	Sim		Não tem outro trabalho		Pesca	
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	Sim		Vivo do turismo. Tomo conta dos barcos. Meus filhos tomam conta. Maioria vive do turismo. Casero trabalha em casa . Tomo conta de barco	não disse	Pedreiro	
23	Perequê	Justina	F	45	Mais	ou menos	É bom porque a gente tem que trabalhar, mas muda tudo. Ihh! Agora não mas nos feriados é um inferno	É porque agente trabalha	A pesca, o artesanato, o comércio	
24		Lazara	F	50	Não		A ilha vivia da roça de tudo, hoje ninguém planta um pé de nada. Meu pai criou 10 filhos na roça, feijão, arroz, milho, mandioca, não sei, não tô muito apar. acabou com tudo, pra mim não contava com esse negócio de turismo, mas o pessoal vive disso	Para certas pessoas é né?	Pesca, agora não pode mais pescar	
25	Barra Velha	Regina	F	64	Sim		É necessário, e disso que se vive. Agora tá melhor, tá organizado	É né, não tem mais o que fazer	O comércio e a pesca, alguns ainda pescam	
26	Água Branca	Palma	F	39	Sou		Bom. Aqui é né?	É	nem conheço as atividades que a ilha tem	
27	Perequê	Cesira	M	41	Sim		Bom porque vem muita gente, fica animado	É	Comércio, artesanato, turismo em geral	
28	Barra Velha	Edson	M	36	Sim		Na minha opinião é muito explorado. É muito caro e isso faz com que o turismo seja pouco	Bastante	Aperfeiçoar o turismo. Fora o turismo só tem a pesca	
29	Sede do P.E. Ilhabela	Vera	F	30	Não		Olha acho que não, viu, porque o turismo muito não, pouco, eles quando chegam aqui abusam um pouco. Eles estando aqui pensam que são em São Paulo, como o carro . Chegam com uma sede. Parece que são dono da ilha. Alérem porta do carro na balsa	É	Deve ser emprego. Tá faltando muito, pra homens e mulher	
30	Água Branca	Luciene	F	23	Sim		Acho bom	Sim	Acho que deveria ter umas empresas para empregar mais a rapaziada que tá tudo desempregado	
31	Saco da Capela	Celso Bastos Maciel	M	55	Sim	Só para o turismo	Ecoturismo é melhor	Mal explorado. Política errada dos empresários. Políticas públicas erradas. Baixo Q.I. das pessoas	evidente	Prestação de serviços para embarcações de passeio. Marinas
32	Engenho da Gua	Nilton	M	30	Principalmente		Vive-se um pouco dele e um pouco da pesca. Eu não pesco. Turismo é uma boa coisa	não disse	Pesca, passeios de barco, Jipes. As pessoas conhecer lugar que não conhece. Scuna, taxi	

No	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	
33	Itaguassu/ Morro dos Miraflores	Sierria	M	63	Sim	O turismo é muito bom. O turismo tando aqui dentro as coisas melhoram, porque traz muito trabalho	É muito importante	O mais importante é a construção civil	
34	Água Branca		F	22	Sim	Não sei né, não sei muito, não sei. Se vem muitas pessoas. Aparece um pouco de gente	Não disse	No momento não sei	
35	Água Branca	Elisabete	F	20	sim	Um meio de e a única coisa que gera na ilha e o turismo	É	A cultura local	
36	Água Branca	Cristiane Márciele	M	26	Sim	É legal. Vem muita gente boa para cá	Sim	O comércio é o mais importante	
37	Água Branca	Marcio	M	22	Sou	É a que gira aqui	É bom. É como pode se dizer. É a hora que todos esperam é a temporada	É o meio mais economico, inais importante nosso	Pesca, artesanato
38	Água Branca	Alexandro	M	25	So		Ao mesmo tempo que é bom é ruim. Pessoal muito folgado, mal educado, os beneficios não voltam pro caicara	Muito e deles que tem que arrancar	Artesanato sumiu um pouco, a pesca, agora a subinarian tá proibido
39	Fereque	Roseli	F	43	Concordo	Acho que tenho que repaíri	Turismo é muito pobre. Não existe estrutura e organização. 80 ou 80% agente odeia	não disse	Esportes radicais, juventude muito ligada a droga. O esporte deixa bem
40	Água Branca	Valdineia	F	18	Sim		Ah! É bom. Tem gente que tem comercio ganha pra caramba. Ajuda aos moradores	É	Não lembro
41	Água Branca	Marcelo	M	28	Sim		Basicamente o pessoal vive disso. As oficinas a maioria é turista, as pousadas vivem em função do turismo. Tem cada doidera, tem muit agente que vem pra curtir o lugar, mas tem gente que estraga o lugar. Já falei não joga isso, não quebra aquilo, vai ficar pros netors. Traz \$\$ e trabalho e tambem destruição	Com certeza, importantissimo sem ele não tem trabalho. Não tem	Faz oficinas (mecanicas)
42	Ferequê	Oswaldo	M	72	Agora acho que sim. Pelo menos tem mais movimento. Menos tem		Pra mim não é ruim, nem e mal	Pra quem tem o que vender pra eles é bom. Pra mim não atrapalha nada	As vendas
43	Ferequê	Waldeni	M	34	Claro!	Mas respeitando o povo	Se faz muita sujeira, e ta carente de muita coisa	Sim	empresas
44	Ferequê	Maria Rita	F	25	Sim		É legal, mas tem muita coisa que devia melhorar	Sim	turismo, comércio, artesanato
45	Ferequê	Cicero	M	42	Sim		Vem muita gente para cá e fica muito cheio	Sim	O turismo, o comercio, as festas
46	Castelhanos	Otávio	M	62	não disse		não disse	Não disse	não disse
47	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveira	M	48	Não sei		Os turistas as vezes ajudam	Pra muita gente é	pesca, ruça
48	Castelhanos	Silvia	F		Não. Acho que não		Num ponto é bom, mas as vezes eles fazem coco na praia, na mata	Sim	Não tem serviço. Serviço mesmo é o mar
49	Castelhanos	Erotildes	F	60	Eu acho que não, se a gente mora o turista tira o sossego da gente		Não é bom	não disse	A pesca, o turismo não dá emprego para todo mundo
50	Castelhanos	Nair	F	40	Não sei, mas é bom. Tem com quem a gente conversar		É bom, né?	Acho que e	Essas mesmo
51	Ferequê	Miguel Carlos Castro	M	54	Não só para o turismo, mas		Insipiente, precário, principalmente e amado	Mais importante que o	Toda aquela que venha a respeitar o meio

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4
					principalmente para o turismo	ístico. A despeito de empenhos e trabalhos de determinadas pessoas da comunidade	turismo # o turista	ambiente e a própria comunidade capazes de gerar emprego. Por exemplo: escolas, pro fissionalizantes, pra formação de mão de obra ao turismo receptivo. Incentivo ao arte sanato que hoje tá morrendo na ilha. E as atividdes paralelas as construção civil
52	Pereque	Elixa	F	32	Acredito que sim	Porque depende do turismo e como tudo tem seu lado positivo e negativo. O turismo não trouxe tantos benefícios. Turismo nco de classe social alta	É a principal fonte de renda do municipio	Deveria investir mais no esporte, o lazer também é importante, não existe muito lazer os jovens ficam ociosos e vão para outro caminho das drogas
53	Castelhanos	Lauro	M	35	É legal e deve ter porque pelo menos eles compram o peixe e tem gente pra ver	o jeito que tá tá bom	É importante	criam galinhas, sitio, pesca
54	Itaquanduva	Cláudio	F	30	Acho que não. Seria um desastre total um desas	O P.S. (apelido do botequim que existe na praia) Os grandão invade, faz casa e ninguém fala nada. Os pobre vem construi eles destroem. (Ela ia comprar uma casa que a prefeitura demoliu alegando que ia fazer uma rua) Turismo, nem sei te explicar eu quase não saio de casa. Cuido dos filhos e do marido	Não	Festa tipo festa do divino, artesanato. Tem um rapaz que faz escultura (Gilmar)
55	Sede do FE Ilhabela	Flavio	M	24	Poderia até ser, o pessoal sabendo utilizar direitinho vem faz uma zoeira. So jogam lixo	Tem bastante gente, vem pra cá não procura direito o parque. Vem e vai pra onde acha melhor	sim	Mais atividades, a prefeitura poderia fazer mais eventos, pra diversão
56	Pr. Vermelha	Ardre	M	18	O turismo não	Não sei	Pra algumas as da vila	Pesca
57	Pr. Mansa	Laercio	M	52	Não, só né?	As vezes é bom, porque agente precisa de carona, vende peixe. As vezes é ruim, mas não me incomoda	É porque tem gente que vive disso	Pesca, artesanato (canoas, remos grandes e pequenos)
58	Pr. Mansa	Marcelino	M	33	Não. Mas tem gente que acha que sim, porque trabalh com isso. Fria gente ajuda, a gente vende o peixe, mas	Ser tá	Pra muita gente e	
59	Pr. Mansa	Rosilda	F	33	Sim	é bom porque dá emprego	Sim	Não disse
60	Pr. Vermelha	Manoel	M	45	tem que ter turismo, ajuda um pouco, traz dinheiro	Normal, o pessoal vem desce, vão no rio tudo	É	os donos que tem terra, fizesse casa, pagasse para gente cuidar
61	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	Ah! Eu sim. Acho	Ah! Ele é muito ruim, porque os turistas invadem e mexem nas coisas da gente. Entram na roça da gente, pegam coco sem pedir. Quando a gente fala eles dizem que tem muito e a gente não pode ficar brigando	Acho que sim, porque os turistas que vem de fora eles pagam alguma coisa e já ajuda a gente que é pobre. Meu primo por exemplo é dono de um camping lá nos Castelhanos	Pra ganhar dinheiro só a pesca. Só vivemos de pesca
62	Pr. Vermelha	Cilene de Souza	F	20	Sim	Ele é bom	Sim e porque se você tem alguma coisa os turistas vem aqui compram alguma coisa. As vezes eles pagam pra gente levar eles em algum lugar	Deveria ter coisas pras pessoas se divertir, tem lugar pra gente trabalhar e ter um meio de ganhar. Pesca, meu marido agente trabalha na roça
63		Auro Rafael	M	26	Tem gente que sabe usar a ilha e tem outros que vem pra zoar	Pra mim é bom. As vezes quando vem pessoal de fora é bom da pra fazer viagem, vende mais peixe	Acho que sim, pra gente vender	É até mais difícil, nosso emprego mesmo é o mar, a gente sai pescar
64	Pr. Mansa	Angelica	F	35	Eu sou contra porque o turismo não ajuda nada	Os jipeiros e que fazem com que a estrada fique ruim. O parque as vezes não tem carro pra socorrer alguém. Os jipeiros estão aí e eles falam que não podem levar porque precisam de autorização do dono. E se atoa o jipe eles vem aqui pedir pra passa o radio. Então só beneficia eles. O turismo só mexa lixo aqui	Num ponto é. Pro pescador, porque quando tem muito turista a gente vende direto pra eles sem ter que vender pra terceiros	Aqui? É difícil porque as pessoas só vivem da pesca
65	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	Acho que não	Fica muito ruim o lugar. Eles invadem tudo. Suja cachoeira	Na ilha sim	Melhorar as coisas mais e fazer alguma coisa que desse emprego. Escola que precisasse de

No	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4
								ajudante de pedreiro - alguém daqui
66	Castelhanos	Feitor (pai do mauro)	M	74	No Castelhanos não vem pra fazer sujeira e nós não somos acostumados com isso. Do lado de lá sim	não disse	Sim, vem ver a natureza, a praia, mas não trazem alguma coisa pra gente. Os turistas vem por causa da natureza não por causa de nós	Se a gente pudesse tivesse uma venda de secos e molhados, para trabalhar. Serviço de roça, plantava mandioca, banana, batata-doce, milho, feijão, hortaliça e arroz. Não dá por causa do sítio. Mandioca dá bem. Cana, garapa, macacheira, verdura de folha e feijão não dá
67	Itaguassu	Edir	F	59	Sim	Tá melhorando o pessoal já viu mais pra cá	É a cidade e turística	Tem bastante, pra quem pode e tem tempo
68	Castelhanos	Mauro	M	38	Acho que deve, porque quando abriu essa estrada vinha muito turista, agora a estrada é ruim. Pedem pra fazer balneário	O turista deixa um dinheirinho	E	Planta muito feijão, mandioca, arroz tem que comprar. Farinha faz aqui mesmo. Só cria galinha, leite tem que comprar. Não dá pra criar vaca por causa dos morcegos, matam tudo
69	Castelhanos	Roger Bruglé	M	67	Turismo selecionado. Se invadir de muitos farceiros e muito lixo	Turismo de curiosidade	e importante. Da dinheiro, melhora	Planta mandioca, cultivo roça de banana. Tem uma pequena renda. Mas a floresta não deixa voltar as antigas roças, artesanato de bambu, cipó. Não poderia mais com madeira.
70	Castelhanos	Claudio (filho Sr João)	M	31	Ate que aqui pra nós deve ser bom	Não queremos luz e asfaltar a estrada, vai complicar o tempo de vir a melhoria vai piorar. Queremos juntar as pessoas boas de coração e juntar. Tem diversos turistas, o jipeiro fazer carroto. Além de pagar a gente dá peixe. Já veio muita gente ruim (xingavam, maltratavam. Não eram ideal pra gente)	não disse	Quem vem pra cá morre de fome quem quer.
71	Reino	Margarete Nascimento	F	34	Sim. É a fonte de renda. Mas deviam pensar no calçará, muitos perderam as casas	Acho que vai melhorarmos. A chance aqui só é pra quem tem dinheiro. Na temporada quem ganha é quem já tem.	E	Aqui mesmo tem que ser o turismo e se o pessoal não estudar não consegue trabalhar em hotéis
72	Reino	Francisca	F	21	Sim	Muito movimento, muito bom para as pessoas. Vendem bastante, no carnaval é ruim, as pessoas bebem se drogam	E	não sei
73	Reino	Meita	F	31	Não	Não sei	Não sei	Não
74	Reino	Maria Divina	F	22	Apesar de voltar só pro turismo agente tem que sair fora	O turismo, as coisas são muito caras. Na temporada os preços sobem muito antes era bem melhor. Hoje a situação do povo tá muito ruim. Agente vê pela fila da balsa. Antes ia até longe	Quando tem turista tem muito serviço, os hotéis precisam muito, reformam as casas	Nem sei, muitos vendem sorvete. Tem restaurante, comércio, né?
75	Reino	Luciano	M	19	Sim. É o que dá dinheiro. Mas também tem que ser para os moradores	É bom	Pra alguns sim, para outros não	Limpeza das praias
76	Bairro da Toca	Clemente	M	61	Tem sim. O pessoal vive do turismo	Tem anos que há muito movimento	Sim	Aqui não tem. O emprego que tem aqui e a CESP, SABESP e a prefeitura e quem tá lá não quer sair
77	Bairro Pluminário	Santos	So	24	Acho melhor	Acho legal, vem bastante pessoas	É	Esporte, algo que te interessa
78	Greenpark	Genivaldo	M	37	Sim	Bem vindo. Não sei a maneira que as pessoas recebem os turistas	E muito importante	Fator básico é fundamental. Gera empregos. Aqui temos casa de material de construção. Artistas compram terrenos aqui. Dão empregos aos caseiros
79	Greenpark	Maria	F	40	Sim	Bom	É	Não sei
80	Água Franca	Neia	F	28	Acho que não. O turismo só	Médio, não tem muito não	é	só pesca
81	Reino	Benedito Paulo	M	31	Precisa também	Só mais na temporada	Sim	Comércio
82	Reino	Maria José	F	38	Acho que sim	Pra mim não atrapalha, mas no feriado as coisas ficam muito caras	Sim	tem muito pouco emprego. Fora o pessoal do estado, depende do turismo em restaurante vende coisa. Tem uma colega que trabalha só na temporada e construiu a casa, tem carro

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4		
83	Água Branca	Suzana	F	26	Sim	Bastante gente. Bem procurado bastante atores que tem casa aqui	Bastante	Emprego, fábricas apesar que não sei se a ilha tem estrutura para isso, mais escolas		
84	Reino	Francisco Felix da Silva	M	44	Sim	Nós vive do turismo	Temporada e bom. Sem o turismo estamos perdidos	Sim	Mais escolas, transporte e estrada Pesca mas dependo do turismo	
85	Remo	Severino Gomes	M	58		O turismo é que é a vida da ilha. Sem o turismo pode fechar a ilha	não disse	O turismo é a mota mestra daqui	Escola, deveria ter mais	
86	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48		Acho que não. O turismo traz destruição	Destroi muito	Muitas pessoas acham importante. Os turistas fazem muita bagunça	É tá ruim. Precitaria de mais	
87	Perequê	Milton	M	31		Acho que sim. Não tem outro recurso em Ilhaeila. Mas falta estrutura	Poderia ser bem mais explorado. com uma melhor estrutura	sim	Difícil dizer. Acho que a saída é o turismo priorizando emprego de moradores	
88	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	Sim		Base do turismo. É a base de Castelhanos, as trilhas (Baepi, Cachoeira da Toca)	Sim	Esporte	
89	Greenpark	Marisa Souza S. Santo	F	23		Ela deve ser voltada pros dois o turismo e o apoio a população	O turismo e no final de semana na temporada, e nos feriados	e	Médicos - a gente aqui precisa muito. Minha filha tem 5 anos e não anda	
90	Greenpark	Elizete	F	17	Não		Não	Sim	Não sei	
91	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	Sim		Passar final de semana. Descansar	Sim	Não sei	
92	Greenpark	James	M	41		Ela merece. Como o cross no mar Jetski é uma das coisas mais importantes e uma das	Pessoas que vem de fora pra se divertir. Se sentir bem e fugir da poluição	Sim	O mercado tá crescendo. Hospital, pronto socorro. Um resgate - por exemplo eu fui acidentado. Decolei em quase 5 m abaixo da moto e tive que ser transportado para São Paulo. Há um ano e 5 meses	
93	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	Sim		Diversos passeios. Turismo e bem divulgado	Sim	Tem muitos que dependem	A união de comerciantes
94	Reino	Sebastião P. Santos	M	45	Não		Tumultuado. O turista tumultua muito. Não tem muita segurança. Se eu vou daqui até a Vila sem capacete eu sou multado em R\$ 180,00 e o turista não é multado. Na ilha valorizam só o turista	É porque traz o dinheiro, mas tumultua		Deveriam abrir mais serviço para trabalharem
95	Reino	Ana Claudia	F	22	Sim		Bom. As pessoas precisam para evoluirem	Sim		Mai união
96	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	Sou		Na temporada aqui não para. Essa hora é cheia de gente indo para a cachoeira da Toca	Ah! Sim. É disso que a gente vive. Se não tivesse o turismo muita gente morreria de fome		Muito ar este bairro porque ele é muito pobre. Cuoremos nos unir, ser amigos, e lutar para melhorar o bairro
97	Reino	Maria Rita Lopes	F	64		Não me conformo com o turismo não	não sei as pessoas falam	Pra muitos é muito importante		Uma ajuda para os mais fracos, condições financeiras

** refere-se ao fato ocorrido quando estávamos lá - a morte de um jovem de 16 anos afogado

**ANEXO 3 - Ficha de identificação das características gerais dos acidentes insulares compreendidos pelo PE.
ILHABELA**

Nome da ilha: Localização: Base Cartográfica: Área (em há): Distância da Costa (em Km):

DADOS AMBIENTAIS

Descrição da Geologia

Fontes bibliográficas principais:

Cobertura Vegetal (em % da área)
Classificação fisionômica (conforme classificação do IBGE):
a. Arbórea densa () b. Arbórea rarefeita () c. Arbórea com predomínio de palmeiras () d. Vegetação de restinga () e. Campo de samambaia () f. Campo de dunas () g. Campo de bromélias () h. Áreas cultivadas () i. Vegetação saxícola () j. Manguezal () k. Área desmatada () l. Sem vegetação (por exemplo exposição da rocha) ()
Tipos de Costa
a. Arenosa b. Rochosa
Predomínio de superfícies com
a. a.Exposição rochosa b. b.Cobertura de Formações Superficiais

OCUPAÇÃO HUMANA

Análise prévia de presença e ausência apenas
a. sem presença visível () b. caiçara (esporádica) () c. caiçara (permanente) () d. urbana () e. agricultura () f. turismo () g. marinha () h. sistema portuário ou marinas particulares
Comentários gerais:

Mapa de uso do solo (preliminar)

ANEXO 5 - LISTAGEM DE PLANTAS POR CATEGORIA DE LEVANTAMENTO

Espécies citadas apenas na bibliografia

Nome popular	Nome científico	Origem
Abriçó amarelo	<i>Minusopis elengui</i>	
Ameixa	<i>Fribothria japonica</i>	I
Angelim	<i>Andira sp</i>	N
Anil	<i>Indigo anil Lineu</i>	I
Araça da praia	<i>Psidium cattleianum Sabine</i>	N
Araça-da-praia	<i>Psidium littorale Raddi</i>	N
Aracamã		N
Araçu	<i>Desconhecida</i>	N
Araribá	<i>Centrolobium robustum Nell</i>	N
Articum	<i>Rollinia silvatica Mart ex Benth</i>	N
Amica do campo	<i>Desonhecida</i>	I
Aroeira preta	<i>Myracrodruon urundeuva Fr. All.</i>	N
Arruda	<i>Ruta graveolens L</i>	I
Atimopeba	<i>Desconhecida</i>	N
Bambu	<i>Bambusa sp</i>	N
Banana	<i>Musa paradisiaca</i>	I
Banha de lagarto	<i>Desconhecida</i>	N
Barbatimão	<i>Dimorphandra sp</i>	N
Bataiá	<i>Desconhecida</i>	N
Baunilha	<i>Vanila planifolia</i>	N
Beladona	<i>Atropa beladona</i>	I
Bicuíba-açu	<i>Virola oleifera Schott A C. Smith</i>	N
Cabreúva	<i>Myrcarpus frondosus Fr All</i>	N
Cacau	<i>Tehobroma cacao</i>	N
Cafezinho do mato	<i>Casearia sylvestris</i>	N
Cajarana	<i>Cabralea canjerana</i>	N
Caju	<i>Anacardium occidentale L</i>	N
Cambará		N
Cambucá	<i>Marierea edulis (Berg) Nied</i>	N
Camomila	<i>Matricaria chamomilla L</i>	I
Canela	<i>Gochnatia polymorpha (Less.) Cabr</i>	N
Canela-batalha	<i>Cryptocarpa aschersoniana Mez</i>	N
Canela-moscada	<i>Cryptocarpa moscata Nez</i>	N
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus Stafa</i>	I
Capiriúva	<i>Desconhecida</i>	N
Capoporoca	<i>Dialium divaricatum</i>	N
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>	N
Caroba-miuda	<i>Jacaranda puberula Cham.</i>	N
Castanheira	<i>Bombacopsis sp</i>	N
Casuta	<i>Desconhecida</i>	N
Catarana	<i>Desconhecida</i>	N
Caxeta	<i>Tabebuia cassinoides</i>	N
Cebola	<i>Allium cepa L</i>	I
Cedro-cajarana	<i>Cabralea canjerana Vell e Mart</i>	N
Cedro-rosa	<i>Cedrela fissilis Vell</i>	N
Cerejeira do mato	<i>Eugenia involucrata</i>	N

Nome popular	Nome científico	Origem
Chapéu de couro	<i>Echinodoris macrophyllus</i> (Kunth) Mich	I
Chapeu de sol	<i>Terminalia captata</i>	I
Charão	<i>Rhus succedanea</i>	N
Chorão	<i>Salix humboldtiana</i>	N
Chuchu	<i>Secchium edule</i>	I
Cidrão	<i>Melissa officinalis</i> L.	I
Cipó caboclo	<i>Echites peltata</i>	N
Cipó carapoca		N
Cipó de Pacova		N
Cipó nó de cão		N
Cipó-Brasil	<i>Convulus gossypifolius</i> rosus	I
Cipó-de-São João	<i>Pyrostegia venusta</i>	I
Cipó-olho-de-cabra-miúdo	<i>Rhyncosia lobata</i>	I
Cipó-suma	<i>Anchietiaer salutaris</i>	N
Citronela	<i>Cymbopogon martini</i> (Roxb.) Wats.	N
Coabi	<i>Machaerium nyctintans</i> (Vell.) Benth	N
Coabirana	Desconhecida	N
Coentro	<i>Eryngium sp</i>	I
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	I
Copiúva	<i>Tapirira guianensis</i> Aubi	N
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	I
Cravo da Índia	<i>Sygiium aromaticum</i>	I
Cuia	<i>Crescentis cujete</i>	
Embaúba	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq	N
Embaúba-do-brejo	<i>Cecropia pachystaquia</i> Trec	N
Embiruçu de asa	<i>Pseudobombax sp</i>	N
Erva de Santa Luzia		I
Erva de Santa Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	I
Erva doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Gaerth.	I
Erva limão do mato		I
Espiradeira	<i>Nerium sp</i>	N
Figueira-do-brejo	<i>Ficus insipida</i> Willd	N
Fumo	<i>Nicotina tabacum</i> L.	I
Gervão	<i>Starchytarpheta polyra</i> Schauer	
Goiaba branca	<i>Psidium guajava</i> L.	I
Goiaba vermelha	<i>Psidium guajava</i> L.	I
Graviola	<i>Annona muricata</i>	I
Guacá	<i>Pouteria torta</i>	N
Guacana	Desconhecida	N
Guacatonga	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	N
Guacó	<i>Mikania cordifolia</i>	N
Guaimbê	<i>Philodendron sellum</i>	N
Guapé	<i>Amaioua guianensis</i>	N
Guapirana	Desconhecida	N
Guapuruvu	<i>Shizolobium parahyba</i> Vell	N
Guiné	<i>Petiveria tetrandra</i>	I
Hortelã do mato	<i>Peltodon radicans</i>	
Imbirí	<i>Dioclea violacea</i>	N
Imbiruçu	<i>Eriotheca pentaphila</i>	N
Ingá	<i>Inga uruguensis</i>	N

Nome popular	Nome científico	Origem
Ingaguaçu	<i>Tachigali sp</i>	N
Isopo	Desconhecida	N
Jabuticaba	<i>Myrciaria trunciflora Berg</i>	N
Jacatirão	<i>Tibouchina mutabilis</i>	N
Jacurana	Desconhecida	N
Jambo	<i>Jambosa vulgaris</i>	N
Jambolão	<i>Eugenia jambus</i>	N
Jambolão	<i>Syzigium jambolanum</i>	N
Jaqueira	<i>Artocarpus integrifolia</i>	I
Jaracatiá	<i>Jaracatia spinosa Aubi</i>	N
Jerivá	<i>Siaurus romanzoffiana Glassm</i>	N
Laranja da Terra	<i>Citrus vulgaris</i>	I
Lima	<i>Citrus aurantiifolia</i>	I
Limão	<i>Citrus limonia</i>	I
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	I
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	I
Maçaranduba	<i>Persia cordata Vell</i>	N
Manacá-da-serra	<i>Tibouchina mutabilis Cong.</i>	N
Mandacariú	<i>Cereus jamacaru</i>	N
Mangueira	<i>Mangifera indica L.</i>	I
Maracujá	<i>Passiflora actinea</i>	N
Meiça	<i>Melissa officinalis L.</i>	I
Mexirica	<i>Citrus aurantium</i>	I
Milho	<i>Zea mays L.</i>	I
Milomen	Desconhecida	
Nanás/abacaxi	<i>Ananas sativus</i>	N
Novalgina em folha	<i>Achilea millefolium L.</i>	N
Paineira	<i>Eriotheca sp</i>	N
Palmeira-de-indaiá	<i>Attalea dubia</i>	N
Palmito-amargoso	<i>Syagrus oleraceae</i>	N
Palmito-doce	<i>Euterpe edulis Mart</i>	N
Pariatária	<i>Parietario diffusa</i>	N
Pequeá	<i>Aspidosperma sp</i>	N
Peroba	<i>Aspidosperma sp</i>	N
Peroba	<i>Aspidosperma polyneuron</i>	N
Picão	<i>Bidens pilosa L.</i>	I
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum</i>	I
Pindauba	<i>Xylopia brasiliensis Spreng</i>	N
Pinha	<i>Annona squamosa</i>	I
Pitanga	<i>Eugenia sp</i>	N
Pitanga	<i>Stenocalix pitanga</i>	N
Poméria	Desconhecida	N
Quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa Cong.</i>	I
Quebra pedra	<i>Phyllanthus corcovadensis Mull. A</i>	I
Romã	<i>Punica granatum</i>	I
Rosa branca	<i>Rosa sp</i>	I
Saboneteira	<i>Sapindus saponaria L</i>	N
Sabugueiro	<i>Sambucus australis Cham. & Schlichtd</i>	N
Sapopema	<i>Sloanea monosperma</i>	N
saputá	<i>Salacia silvestris</i>	N

Nome popular	Nome científico	Origem
Saputá-grande	<i>Salacia arborea Peyr</i>	N
Sete dor	<i>Cuphea sp</i>	I
Sibipiruna	<i>Caesalpinia sp</i>	N
Suinã	<i>Erythrina Speciosa Andrews</i>	N
Tabucuba	<i>Pera glabrata</i>	N
Tapicirica	Desconhecida	N
Tapiritiba	Desconhecida	N
Taquara gigante	<i>Bambusa sp</i>	N
Taquaruçu	<i>Bambusa sp</i>	N
Tingupeva	<i>Magonia sp</i>	N
Urtiga	<i>Urtica sp</i>	N
Urucurana	<i>Croton urucurana Bail</i>	N
Uvaia	<i>Eugenia uvalha</i>	I
Vinhático	<i>Plathymenia foliosa</i>	N

Espécies encontradas e citadas somente para as Trilhas da ilha

Nome popular	Nome científico	Origem
Andiroba	<i>Carapa sp</i>	N
Aralicum anão	<i>Annona sp</i>	N
Aralicum pana	<i>Rollinia sucosa</i>	N
Baga de conde	Desconhecida	N
Banana de papagaio	<i>Swartia langsdorfii</i>	N
Bibuiba	<i>Virola oleifera</i>	N
Bibuiba mirim	<i>Virola</i>	N
Cafezinho	<i>Rhamnidiun elaeocarpus</i>	N
Cambuí	<i>Myrcia sphaerocarpa</i>	N
Canela branca	<i>Cryptocaria aschersoni</i>	N
Canela branca	<i>Nectanfra membranecea</i>	N
Canela sebosa	<i>Ocotea peberulea</i>	N
Canjerana	<i>Cabrlea canjerana</i>	N
Capitão do mato	<i>Erythrina sp</i>	N
Capororoca	<i>Rapanea ferruginea</i>	N
Caxicanhém	<i>Roupala brasiliensis</i>	N
Caxicanhém	<i>Roupala elegans Schott</i>	N
Corticeira	<i>Annona cacans</i>	N
Cubantã	<i>Cupania vernalis</i>	N
Cyathea leucofolis	procurar	N
Figueira branca	<i>Ficus sp</i>	N
Guaçatonga mirim	<i>Casearia</i>	N
Ingá pau	Desconhecida	N
Ipê do mato	Desconhecido	N
Ipê-boia	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	N
Jacarandá Paulista	<i>Mahaerium villosum</i>	N
Jacatirão-açu	<i>Miconia cinnamomifolia</i>	N
Jararandá da mata	<i>Machaerium villosun</i>	N
Jequitibá mirim		N
Jequitibá rosa	<i>Cariniana legalis</i>	N
Massaranduba	<i>Persea pirofolia</i>	N
Mulumgu/suinã	<i>Erythrina falcata</i>	N
Pacova de macaco	<i>Swartzia langsdorfii</i>	N
Patioba	procurar	N
Pau viola	<i>Cytharexilon myrianthum</i>	N

Nome popular	Nome científico	Origem
Pau-dálho	<i>Sequiera langsdorffii</i>	N
Pau-jacaré	<i>Piptadenia gonacantha</i>	N
Peloteira	<i>Guarea guidonia</i>	N
Pequeá	<i>Aspidosperma ramiflorum</i>	N
Pindaíba	<i>Classiflora anona</i>	N
Pindaíba	<i>Xilopia langsdorffiana</i>	N
Tapiaçu	<i>Alchornea triplinervea</i>	N
Tarumã	<i>Cyatharexylum myrianthum</i>	N
Teta de vaca	Desconhecida	N
Trevo	<i>Aspidosperma pyrifolium</i>	N
Uvaia da mata	<i>Eugenia sp</i>	N

Espécies citadas somente nas entrevistas e encontradas na ilha

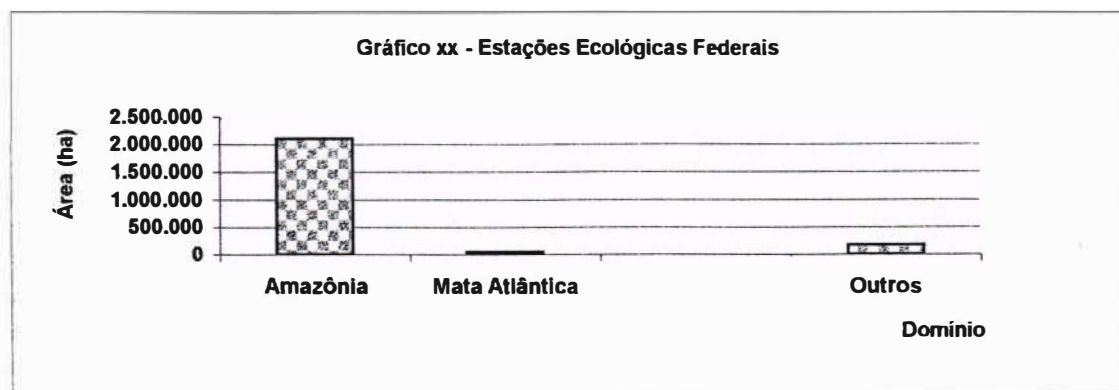
Nome popular	Nome científico	Origem
Abóbora	<i>Curcubita pepo L</i>	I
Abriçó	<i>Mammea americana L</i>	I
Abuta	<i>Abuta sp</i>	I
Aperta ruão	<i>Piper arboreum Aubl.</i>	I
Araçarana	Desconhecida	N
Arariba	<i>Centrolobium sp</i>	N
Araticum	<i>Rollinia sp</i>	N
Azaleia	<i>Rhododendron sp</i>	I
Baga	Desconhecida	N
Baleeira ou erva baleeira	<i>Cordia verbenaceae</i>	N
Bambu	<i>Chusquea sp</i>	N
Banana nanica	<i>Musa acuminata Colla</i>	I
Batata doce	<i>Ipomoea batatas Lam.</i>	I
Brejauva	<i>Astrocarium aculeatissimum (Schott) Burret</i>	N
Bromélias	(várias espécies)	N
Bucuiba ou bacuiba	<i>Myristica sebifera (SW)</i>	N
Café	<i>Coffea arabica L.</i>	I
Caju	<i>Anacardium occidentale L</i>	I
Cambucá	<i>Plinia edulis (Vell.) Sobral</i>	N
Candiúba	<i>Trema micrantha</i>	N
Canela amarela	<i>Nectandra mollis (H.B.K.) Nees</i>	N
Canela branca		N
Canjarana	<i>Cabralea canjerana (Vell.) Mart.</i>	N
Capim gordura	<i>Melinis minutiflora Beauv.</i>	I
Chapéu de sol	<i>Terminalia captata</i>	I
Crindiúva	<i>Trema micrantha (L.) Blume cf.</i>	N
Coabi	<i>Machaerium nyctintans (Vell.) Benth</i>	N
Cobi	<i>Machaerium nyctintans (Vell.) Benth</i>	N
Cobirana	Desconhecida	N
Coco indaiá	<i>Attalea dubia (Mart.) Burret</i>	N
Coco da bahia	<i>Cocos nucifera L.</i>	I
Corticeiro	<i>Annona cacans</i>	N
Cubatana	<i>Cupania racemosa</i>	N

Nome popular	Nome científico	Origem
Dente de leão	<i>Taraxacum sp</i>	I
Embaúba	<i>Cecropia glazioui</i> Snethl.	N
Figueirinha	desconhecida	N
Grão de galo	<i>Pouteria sp</i>	
Guabirana	Desconhecida	N
Guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	N
Guanxuma	<i>Hibiscus tiliaceus</i> L. ou <i>Sida</i>	N
Guaraná	<i>Paullinia sp</i>	I
Hortelã	<i>Mentha sp</i>	I
Indaiá	<i>Attalea cf. dubia</i> (Mart.) Burret	N
Ingá	<i>Inga cf. luschanthiana</i> Benth	N
Ingá amarelo	Desconhecida	N
Ingá preto	Desconhecida	N
Ingá flecha	Desconhecida	N
Ingá cajarana	<i>Cabralea cangerana</i> Saldanha	N
Ipê	<i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart.) Standl.	N
Ipê roxo	<i>Tabebuia impertigosa</i> (Mart. Ex A.P.DC.) Standl	N
Jacupirana	Desconhecida	N
Jasmim-do-mato	<i>Galipea jasminiflora</i> (A.St. Hil.) Engl.	N
Jataí	<i>Apuleia leiocarpa</i>	N
Jequitibá	<i>Carianiana legalis</i> (Mart.) Kutze	N
Jequitibá vermelho	<i>Carianiana sp</i>	N
Milho	<i>Zea mays</i> L.	I
Noscada	Desconhecida	
Orquideas	(várias espécies)	N
Orucurana ou Urucurana	<i>Hyeronima alchomeoides</i> Fr. All.	N
Pati	<i>Syagrus pseudococos</i> (Raddi) Glassman	N
Peroba	<i>Aspidosperma discolor</i>	N
Pindova	<i>Atalea compta</i> Mart.	N
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	N
Poejo	<i>Cunila spicata</i> L.	I
Quina	<i>Quina glaziovii</i> Engl.	N
Saia-branca	<i>Datura sp</i>	N
Samambaia	(várias espécies)	N
Sapé	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	N
Saputá	<i>Salacia sp</i>	N
Taquara	<i>Merostachys sp</i>	N
Taquara de lixa		N
Timbuiba	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	N
Timbupeba	<i>Asplundia polymera</i>	N
Timbupeba tiririca	<i>Magonia pubescens</i>	N

ANEXO 7

Estações Ecológicas Federais

Data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1977	Tapacurá	776	Mata Atlântica
1978	Aiuaba	11.525	Mata Atlântica
1978	Universidade de Brasília	2.100	Outro
1979	Pau Brasil	1.140	Mata Atlântica
1981	Côco-Javaés	37.000	Outro
1981	Rio Acre	77.500	Amazônia
1981	Taiamã	11.700	Amazônia
1981	Uruçui-Uma	135.000	Outro
1981	Anavilhanas	350.018	Amazônia
1981	Aracuri-Esmeralda	272	Mata Atlântica
1981	Iquê	200.000	Amazônia
1981	Maracá	101.312	Amazônia
1981	Maracá-Jipiôca	72.000	Amazônia
1982	Cuniã	104.000	Amazônia
1982	Serra das Araras	28.700	Amazônia
1982	Seridó	1.166	Mata Atlântica
1982	Caracarái	80.560	Amazônia
1982	Guaraqueçaba	13.638	Mata Atlântica
1983	Piraiá	0	Mata Atlântica
1984	Jari	227.126	Amazônia
1985	Juami-Japurá	572.650	Amazônia
1985	Niquiá	286.600	Amazônia
1986	Taim	33.995	Outro
1986	Tupiniquins	43	Mata Atlântica
1987	Pirapitinga	1.090	Mata Atlântica
1987	Tupinambás	28	Mata Atlântica
1987	Carijós	295	Mata Atlântica
1987	Babitonga	7.833	Mata Atlântica
1987	Itabaiana	289	Mata Atlântica
1990	Araribóia	44	Mata Atlântica
1990	Tamoios	70	Outro
s/d	Foz do São Francisco	5.322	Mata Atlântica
TOTAL		2.363.792	



ANEXO 7
Parques Nacionais

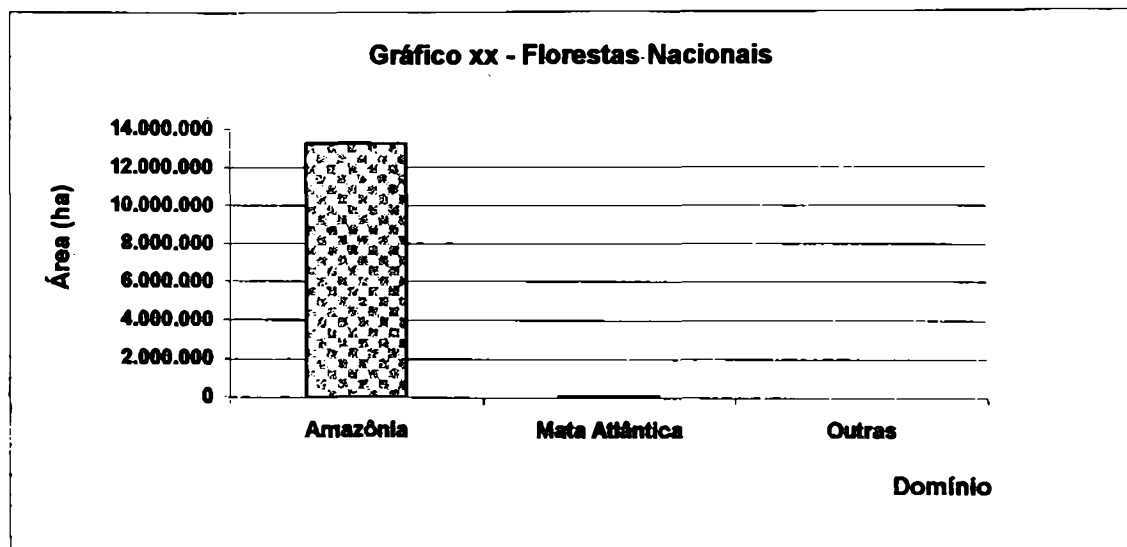
Data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1937	Itatiaia	30.000	Mata Atlântica
1939	Iguaçu	185.265	Mata Atlântica
1939	Serra dos Orgãos	11.800	Mata Atlântica
1959	Aparados da Serra	10.250	Outro
1959	Araguaia	562.312	Amazônia
1959	Ubajara	563	Mata Atlântica
1961	Brasília	28.000	Outro
1961	Caparaó	26.000	Mata Atlântica
1961	Chapada dos Veadeiros	65.515	Outro
1972	Emas	131.868	Outro
1961	Monte Pascoal	22.500	Mata Atlântica
1961	São Joaquim	49.300	Outro
1961	Sete Cidades	6.221	Outro
1961	Tijuca	3.200	Mata Atlântica
1971	Pantanal Matogrossense	135.000	Amazônia
1971	Serra da Bocaina	180.000	Mata Atlântica
1972	Serra da Canastra	71.525	Outro
1974	Amazônia	994.000	Amazônia
1979	Pacaás Novos	765.801	Amazônia
1979	Pico da Neblina	2.200.000	Amazônia
1979	Serra da Capivara	100.000	Outro
1980	Cabo Orange	610.000	Amazônia
1980	Jau	2.272.000	Amazônia
1981	Lençóis Maranhenses	155.000	Outro
1983	Marinho de Abrólhos	91.000	Outro
1984	Serra do Cipó	33.800	Outro
1985	Chapada Diamantina	152.000	Mata Atlântica
1986	Lagoa do Peixe	34.400	Outro
1988	Marinho de Fernando de Noronha	11.270	Outro
1989	Chapada dos Guimarães	33.000	Amazônia
1989	Grande Sertão Veredas	84.000	Mata Atlântica
1989	Monte Roraima	116.000	Amazônia
1989	Serra do Divisor	605.000	Amazônia
1989	Superagui	21.000	Mata Atlântica
1992	Serra Geral	18.000	Mata Atlântica
1994	Cavernas do Peruaçu	0	Mata Atlântica
TOTAL		9.815.590	



ANEXO 7

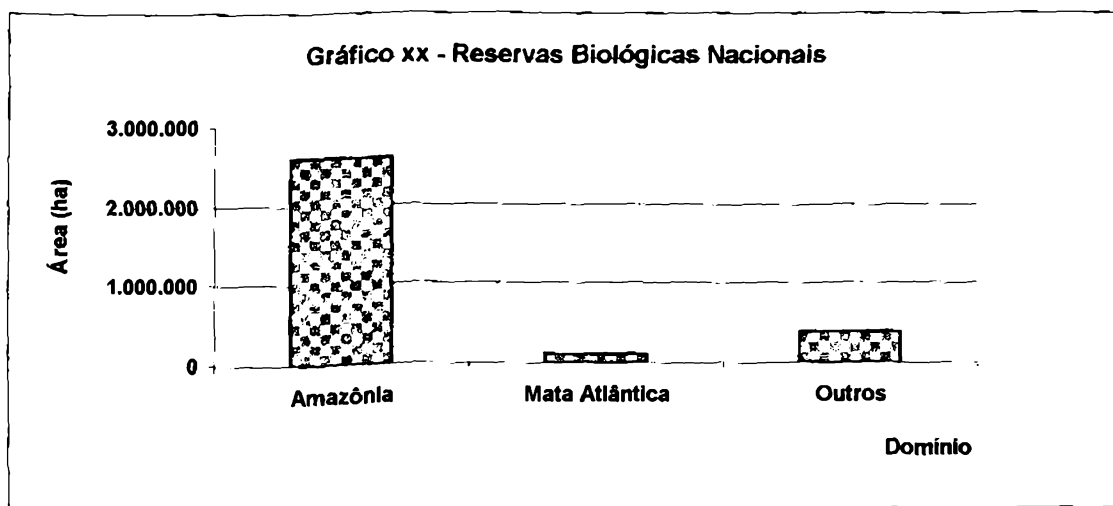
Florestas Nacionais

data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1946	Araripe	38.262	Mata Atlântica
1961	Caxiuaná	200.000	Amazônia
1968	Chapecó	1.686	Mata Atlântica
1968	Açungui	490	Mata Atlântica
1968	Caçador	850	Mata Atlântica
1968	Canela	550	Mata Atlântica
1968	Capão Bonito	4.347	Outro
1968	Passa Quatro	348	Outro
1968	Passo Fundo	1.328	Mata Atlântica
1968	São Francisco de Paula	1.140	Mata Atlântica
1968	Irati	3.495	Mata Atlântica
1968	Três Barras	4.477	Mata Atlântica
1974	Tapajós	600.000	Amazônia
1984	Jamari	225.000	Amazônia
1986	Ibirama	570	Mata Atlântica
1986	Mário Xavier	493	Mata Atlântica
1988	Bom Futuro	280.000	Amazônia
1988	Purus	25.6.000	Amazônia
1988	Macauá	173.475	Amazônia
1989	Amapá	412.000	Amazônia
1989	Amazonas	1.573.100	Amazônia
1989	Pari Cachoeira 1	18.000	Amazônia
1989	Roraima	2.664.685	Amazônia
1989	Saraca Taquera	429.600	Amazônia
1989	Mapiá-Inau	311.000	Amazônia
1989	Mário Xavier	493	Mata Atlântica
1989	Tefé	1.020.000	Amazônia
1990	Xié	407.332	Amazônia
1990	Cubaté	416.532	Amazônia
1990	Cuiari	109.518	Amazônia
1990	Içanã	195.000	Amazônia
1990	Içanã-Aiari	491.400	Amazônia
1990	Inauni-Teuini	285.000	Amazônia
1990	Pari Cachoeira 2	654.000	Amazônia
1990	Piraiuara	631.436	Amazônia
1989	Tapirapé Aquiri	190.000	Amazônia
1990	Taraguá I	647.744	Amazônia
1990	Taraguá II	559.504	Amazônia
1990	Ucuçu	66.496	Amazônia
1990	Rio Preto	2.829	Mata Atlântica
1990	Xié	407.935	Amazônia
1992	Ipanema	5.180	Mata Atlântica
s/d	Irienópolis	0	Mata Atlântica
	TOTAL	13.291.295	



ANEXO 7
Reservas Biológicas Federais

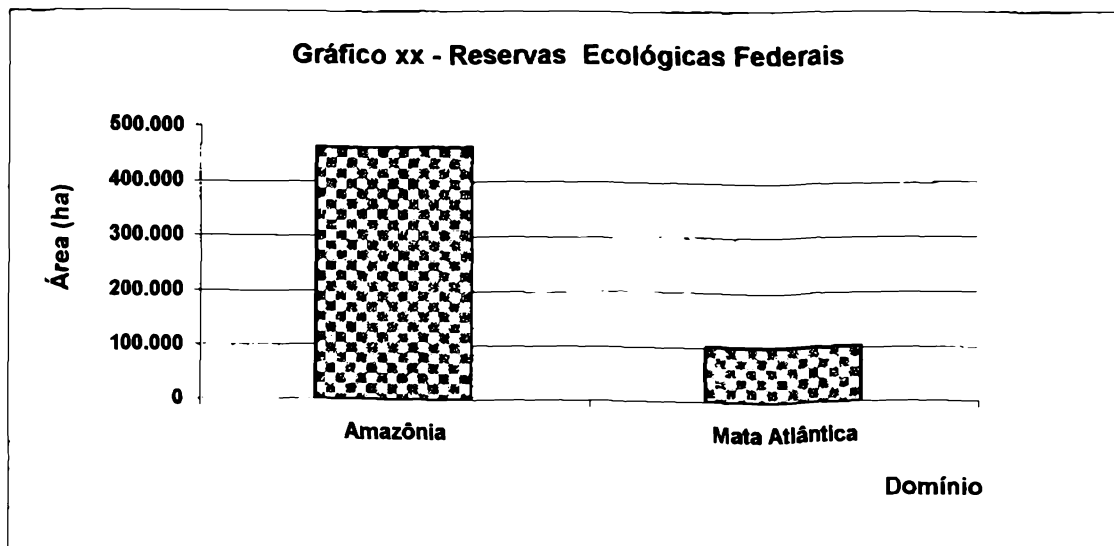
data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1969	Sooretama	24.250	Mata Atlântica
1974	Poço das Antas	5.000	Mata Atlântica
1979	Atol das Rocas	36.249	Outro
1979	Jarú	268.150	Amazônia
1979	Rio Trombetas	385.000	Amazônia
1980	Lago Piratuba	395.000	Amazônia
1980	Tapirapé	103.000	Amazônia
1980	Una	5.585	Mata Atlântica
1980	Mico Leão	5.267	Mata Atlântica
1981	Gurupi	341.650	Outro
1982	Abufari	288.000	Amazônia
1982	Augusto Ruschi	3.600	Mata Atlântica
1982	Córrego do Veado	2.392	Mata Atlântica
1982	Guaporé	600.000	Amazônia
1982	Serra Negra	1.100	Mata Atlântica
1983	Saltinho	548	Mata Atlântica
1984	Comboios	836	Mata Atlântica
1986	Santa Isabel	2.766	Mata Atlântica
1988	Pantanal Arenoso	600	Outro
1988	Fernando de Noronha	11.270	Outro
1989	Córrego Grande	1.500	Mata Atlântica
1989	Pedra Talhada	4.469	Mata Atlântica
1989	Tinguá	30.000	Mata Atlântica
s/d	Praia do Peba	5.322	Outro
1990	Guaribas	4.321	Mata Atlântica
1990	Campina	900	Amazônia
1990	Marinha do Arvoredo	17.800	Mata Atlântica
1990	Uatumã	560.000	Amazônia
	TOTAL	3.104.575	



ANEXO 7

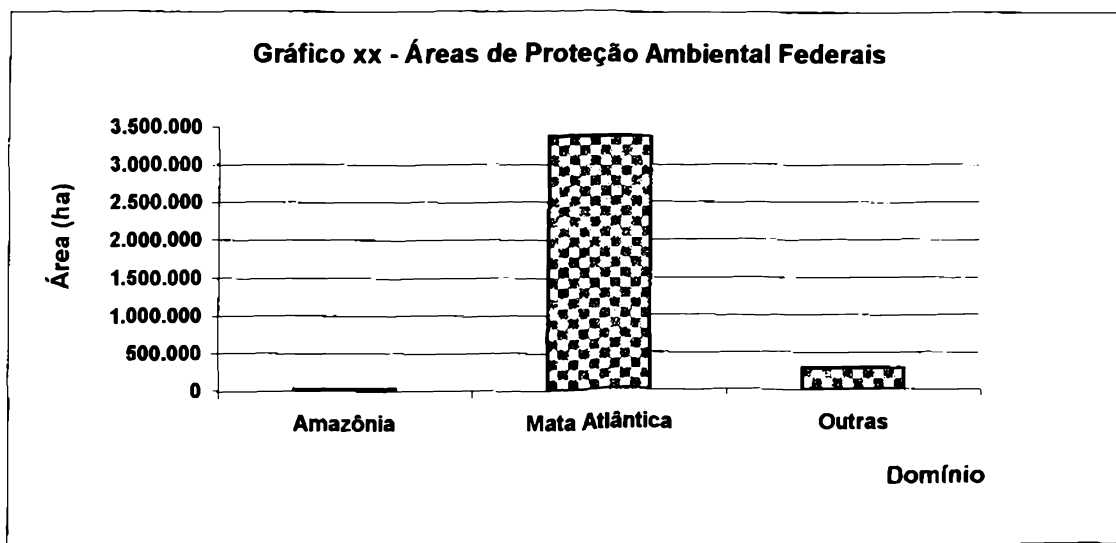
Reservas Ecológicas Federais

Data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1970	Roncador	1360	Outro
1982	Sauim-Castanheira	109	Amazônia
1983	Ilha dos Lobos	2	Mata Atlântica
1983	Juami-Japurá	173.200	Amazônia
1983	Jutai Solimões	288.187	Amazônia
1984	Raso da Catarina	99.772	Mata Atlântica
1986	Panga	404	Mata Atlântica
1987	Carijós	712	Mata Atlântica
1989	Alcobaça	200	Mata Atlântica
	TOTAL	562.586	



ANEXO 7
Áreas de Proteção Ambiental Federais

Data	Nome da área	área (ha)	Domínio
1979	Itaipú	29.330	Outro
1982	Petrópolis	44.000	Mata Atlântica
1983	Piacabaçu	8.600	Mata Atlântica
1983	Bacia do Rio São Bartolomeu	84.100	Outro
1983	Bacia do Rio Descoberto	39.100	Outro
1983	Cairuçu	33.800	Mata Atlântica
1984	Guapi-Mirim	14.340	Mata Atlântica
1984	Jericoacoara	6.800	Mata Atlântica
1984	Cananéia-Iguape-Peruíbe	202.832	Mata Atlântica
1985	Serra da Mantiqueira	654.317	Mata Atlântica
1985	Guaraqueçaba	291.500	Mata Atlântica
1986	Fernando de Noronha	2.700	Outro
1989	Igarapé Gelado	21.600	Amazônia
1989	Cavernas do Peruaçu	150.000	Mata Atlântica
1990	Alto Parnaíba	61.000	Outro
1990	Carste de Lagoa Santa	35.600	Mata Atlântica
1990	Morro da Pedreira	66.200	Outro
1990	Serra da Tabatinga	6.100	Outro
1991	Passauna	0	Mata Atlântica
1992	Serra da Esperança	0	Mata Atlântica
1992	Anhatomirim	3.000	Mata Atlântica
1992	Ibirapuita	318.000	Mata Atlântica
1993	Barra do Rio Mamanguape	14.640	Mata Atlântica
1996	Serra do Ibiapaba	1.592.550	Mata Atlântica
1997	Chapada do Araripe	0	Mata Atlântica
	TOTAL	3.650.779	

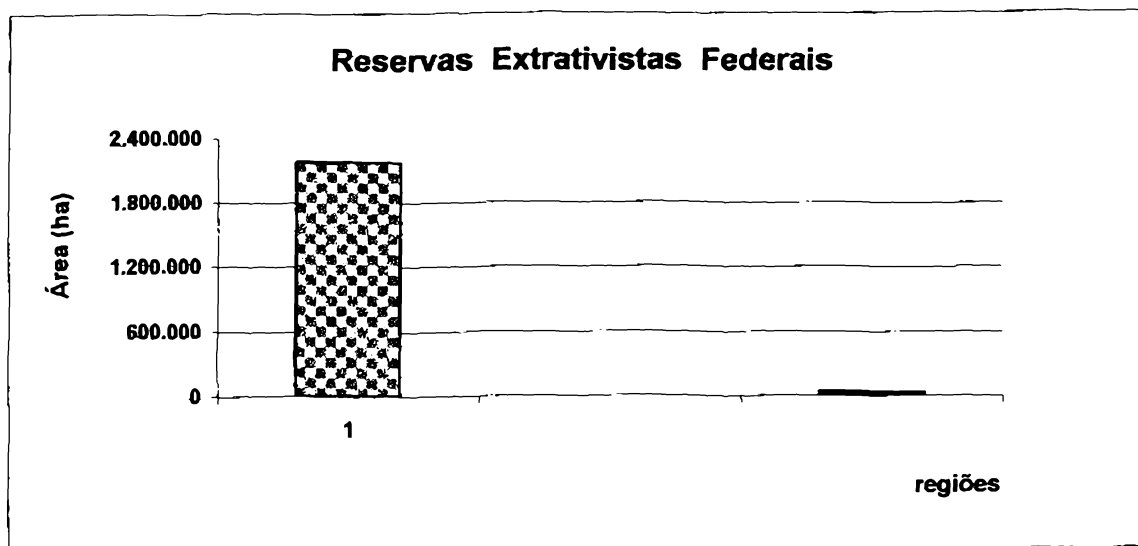


ANEXO 7

Reservas Extrativas Federais

Data	Nome da área	área (ha)	região
1990	Alto Juruá	506.186	Amazônia
1990	Chico Mendes	970.570	Amazônia
1990	Rio Cajari	481.650	Amazônia
1990	Rio Outro Preto	204.583	Amazônia
1992	Pirajubaé	1.444	Mata Atlântica
1992	Ciriaco	7.050	Outra
1992	Extremo Norte de Tocantins	9.280	Amazônia
1992	Mata Grande	10.450	Outra
1992	Quilombo do Frexal	9.542	Outra
	TOTAL	2.200.755	

Fonte: ISA (1997); www.ibama.gov.br; Por (1992); Sampaio et al (1996)



ANEXO 7

Outras modalidades de UCS (*)

Data	Mod.	Nome da área	UF	área (ha)	Domínio
1961	REFLO	Pedras Negras	RO	1.171.000	Amazônia
1961	REFLO	Rio Negro	AM	3.790.000	Amazônia
1961	REFLO	Parimã	AM	1.756.000	Amazônia
1979	REFLO	Egler	AM	760	Amazônia
1983	REFLO	Adolfo Duarte	AM	10.072	Amazônia
1961	REFLO	Gorotire	AM	1.843.000	Amazônia
1961	REFLO	Mundurucânia	AM	1.377.000	Amazônia
1961	REFLO	Tumucumaque	AM	1.793.000	Amazônia
1961	REFLO	Juruena	MT	1.808.000	Amazônia
1960	REFLO	Serra Dourada	GO	144	Outro
1989	APP	Mata do Buraquinho	PB	471	Mata Atlântica
1995	APP	Imóvel de Propriedade do IBAMA	AL	0	Mata Atlântica
1989	APP	Alcobaça	RJ	200	Mata Atlântica
1990	APP	Serra da Capivara/B.Andorinhas	PI	8.000	Outro
1990	APP	Serra do Cumbre/Chap. Pedra H	PI	18.500	Outro
1990	APP	Serra Vermelha/Angical	PI	8.500	Outro
1985	ARIE	Man. Foz do Rio Mamanguape	PB	5.721	Mata Atlântica
1984	ARIE	Cocorobó	BA	7.500	Mata Atlântica
1989	ARIE	Arquipélago Ilhas Cagarras	RJ	0	Mata Atlântica
1985	ARIE	Floresta Cicuta	RJ	131	Mata Atlântica
1985	ARIE	Mata de Santa Genebra	SP	252	Mata Atlântica
1985	ARIE	Matão de Cosmópolis	SP	173	Mata Atlântica
1985	ARIE	Ilhas Queimada Pequena e Grande	SP	33	Mata Atlântica
1985	ARIE	Ilha do Ameixal	SP	400	Mata Atlântica
1985	ARIE	PDBiol. Fragmentos Florestais	AM	3.288	Amazônia
1985	ARIE	Javari-Buriti	AM	15.000	Amazônia
1985	ARIE	Capetinga-Taquara	DF	1.660	Outro
1987	ARIE	Pedra Branca	SP	636	Outro
1990	ARIE	Cerrado Pé de Gigante	SP	1.060	Outro
1990	ARIE	Buriti de Vassununga	SP	150	Outro
1985	ARIE	Ilhas do Pinheiro e Pinheirinho	PR	109	Mata Atlântica
1983	PAREC	Prof. Vasconcelos Sobrinho	PE	0	Mata Atlântica
1986	ASPE	Orla Mar. Praia do Peba	AL	2.778	Outro
1986	ASPE	Lago Mamirauá	AM	272.000	Amazônia
1986	ASPE	Canyon	BA	7.500	Mata Atlântica
1986	ASPE	Buritizais	BA	0	Outro
1990	ASPE	Fazenda Almas	PB	3.505	Mata Atlântica
1990	ASPE	Santa Clara	PB	750	Mata Atlântica
1986	ASPE	Jurêta	SP	0	Mata Atlântica
1987	ASPE	Cebimar	SP	0	Mata Atlântica
1987	ASPE	Costão do Navio	SP	0	Mata Atlântica
1987	ASPE	Costão de Boissucanga	SP	0	Mata Atlântica
1987	ASPE	Chacara da Baronesa	SP	34	Mata Atlântica
1987	ASPE	Roseira Velha	SP	84	Mata Atlântica
1950	ESFLO	Paraopeba	MG	200	Mata Atlântica
1984	ESFLO	Rifópolis	MG	89	Mata Atlântica
s/d	ESBIO	Serra Dourada	GO	100	Outro
s/d	ESBIO	Bosque Saint Hilaire	GO	10	Outro
1955	ATOMB	Colégio do Caraca (SPHAN)	MG	11.000	Mata Atlântica
1960	ATOMB	Pico/p.acantilhada Serra do Curral	MG	500	Mata Atlântica
1962	ATOMB	Lapa da Cerca Grande	MG	100	Mata Atlântica
1991	ATOMB	Morcego	RJ	64	Mata Atlântica

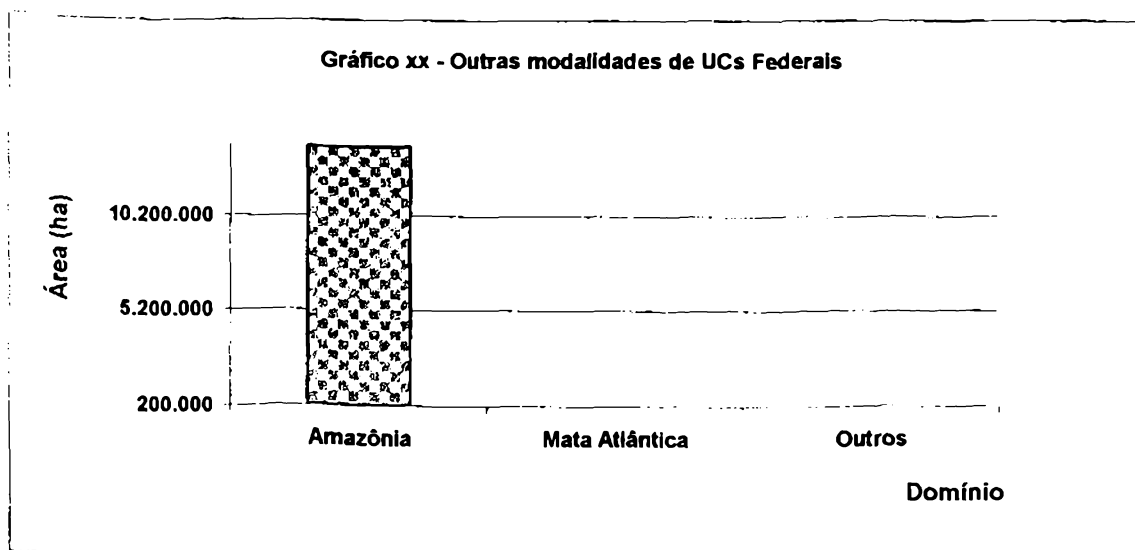
Tabela xx - Unidades de Conservação Federais

1983	ESBIO	Santa Lúcia	ES	0	Mata Atlântica
s/d	ESBIO	São Lourenço	ES	0	Mata Atlântica
s/d	ESEX	Centro Latino-Americano Agric	SP	260	Outro
1970	ESEX	Silvania	GO	200	Outro
s/d	ESEX	Est.Exp. De Biologia da UnB	DF	50	Outro
1997	RESEXM	Arraial do Cabo	RJ	0	Outro
s/d	REFLO	Reserva R.F.F.	SC	1.000	Mata Atlântica
s/d	REFLO	Joaçaba	SC	0	Mata Atlântica
s/d	HORTO	Ibirama	SC	0	Mata Atlântica
s/d	HORTO	Laguna	SC	0	Mata Atlântica
s/d	HORTO	Ilhas e Mangues	SC	0	Mata Atlântica
s/d	PFF	Araquari	SC	0	Mata Atlântica
s/d	PFF	Curitibanos	SC	0	Mata Atlântica
s/d	PFF	Florianópolis	SC	0	Mata Atlântica
s/d	PFF	Laguna	SC	0	Mata Atlântica
s/d	PFF	Porto União	SC	0	Mata Atlântica
		TOTAL		13.920.984	

(*) Inclui as seguintes modalidades:

- APP Área de Preservação Permanente
- ASPE Área sob Proteção Especial
- ARIE Área de Relevante Interesse Ecológico
- ATOMB Área Tombada
- ESBIO Estação Biológica
- ESFLO Estação Florestal
- ESEX Estação Experimental
- HORTO Horto Florestal
- REFLO Reserva Florestal
- PFF

Gráfico xx - Outras modalidades de UCs Federais



ANEXO - 8: Unidades de Conservação por categoria e âmbito institucional

UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS	UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS
PI	APA	2	0	ES	APA	0	7
					APP	0	5
					ESEC	1	3
CE	APA	3	1		ESBIO	2	
	ESEC	1	0		FLONA	1	
	FLONA	1	0		PAF		1
	PARNA	1	0		PARNA	1	
	PEC	0	4		PES	0	8
	RPPN	3	0		PBIO	0	1
					REBIO	5	1
					REF	0	2
					REPAR	0	1
					RESFLO	0	3
					RPPN	0	2
				RJ	APA	5	8
					APP	1	1
RN	APA	0	2		ARIE	2	0
	ATOMB	0	1		ATOMB	1	5
	ESEC	1	0		ESEC	2	2
	PEC	0	1		FLONA	1	0
	PES	0	2		PARNA	4	0
	REBIO	1	0		PES	0	4
	RPPN	1	0		REBIO	2	6
PB	APA	1	0		RESEC	0	5
	APP	1	0		RESFLO	0	1
	ARIE	1	0		RPPN	7	0
	PES	0	2		RESEX MAR	1	0
	REBIO	1	1	SP	APA	3	22
	RESEC	0	2		APP	0	1
	RPPN	4	0		ARIE	6	1
					ASPE	0	7
					ATOMB	0	37
					ESEC	2	20
					ESEX	1	0
					FES	0	10
					FLONA	2	0
					PARNA	1	0
					PES	0	24
					PESMA	0	1

UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS	UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS
					PEC	0	3
					REBIO	0	5
					REF	0	6
					RESES	0	1
					RESEC	0	1
PE	APA	2	13	PR	APA	4	3
	ESEC	1	0		AESIT	0	1
	PANAM	1	0		ARIE	1	0
	PAREC	1	0		ATOMB	0	1
	REBIO	3	0		ESEC	1	
	RESEC	0	40		FES	0	8
AL	APA	1	4		FLONA	2	0
	APP	1	0		HORTO	0	4
	ASPE	1	0		PAF	0	7
	ESEC	1	0		PARNA	1	
	REBIO	1	2		PES	0	20
	REPAR	0	1		REBIO	0	2
	RPPN	3	3		REF	0	14
	RESEC	0	2		RPPN	3	
SE	ESEC	1	0	SC	APA	1	0
	REBIO	1	0		APP	0	1
	RPPN	1	0		ARIE	0	6
					ATOMB	0	
					ESEC	2	2
					ESEX	0	1
					FLONA	5	0
					HORTO	3	1
					PAF	0	3
					PANA	0	2
					PARNA	3	0
					PAROD	0	1
BA	APA	0	18		PES	0	3
	ARIE	1	0		PFF	5	0
	ASPE	2	0		REBIO	1	4
	ESEC	1	0		REFLO	2	1
	PAF	0	4		RESEC	2	1
	PANAM	1	0		RPPN	4	4
	PARNA	3	0		RESEX	1	
	PEC	0	2	RS	APA	1	
	PES	0	2		ESEC	2	
	REBIO	1	0		FLONA	3	
	REF	0	4		PAF	0	5
	REPAR	0	5		PAHI	0	1

UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS	UF	CATEGORIA	NÚMERO DE UCS FEDERAIS	NÚMERO DE UCS ESTADUAIS
	RESEC	1	5		PARNA	3	
	RESES	0	1		PEC	0	1
	RPPN	8	0		PES	0	13
MG	APA	5	4		REBIO	0	8
	APP	0	10		RESEC	1	
	ASPE	0	5		RPPN	2	
	ATOMB	3	2				
	ESEC	1	2				
	ESFLO	2	0				
	FLONA	2	0				
	PAF	0	2				
	PARNA	6	0				
	PES	0	13				
	REBIO	0	17				
	REPAR	0	1				
	RESEC	1	0				
	RPPN	16	1				

Siglas utilizadas para ler a tabela:

AESIT – ÁREA ESPECIAL DE INTERESSE TURÍSTICO

APA – ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

APP – ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

ARIE – ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO

ASPE – ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL ESPECIAL

ATOMB – ÁREA TOMBADA

ESEC – ESTAÇÃO ECOLÓGICA

ESEX – ESTAÇÃO EXPERIMENTAL

ESFLO – ESTAÇÃO FLORESTAL

FES – FLORESTA ESTADUAL

FLONA – FLORESTA NACIONAL

HORTO – HORTO FLORESTAL

PAF – PARQUE FLORESTAL

PAHI – PARQUE HISTÓRICO

PANA – PARQUE NATURAL

PARNA – PARQUE NACIONAL

PARNAM – PARQUE NACIONAL MARINHO

PAROD – PARQUE RODOVIÁRIO

PBIO – PARQUE BIOLÓGICO

– PARQUE ECOLÓGICO

REPAR – PARQUE ECOLÓGICO PARTICULAR PEC

PES – PARQUE ESTADUAL

PESMA – PARQUE ECOLÓGICO MARINHO

PFF – POSTO DE FOMENTO FLORESTAL

REBIO – RESERVA BIOLÓGICA

REF – RESERVA FLORESTAL

REPAR – RESERVA PARTICULAR

REPAR CEPLAC – ÁREA DE PROPRIEDADE PARTICIPAL DA CEPLAC

RESEC – RESERVA ECOLÓGICA

RESES – RESERVA ESTADUAL

RESEX – RESERVA EXTRATIVISTA

RPPN – RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL

ANEXO 10 Legislação de Proteção das ilhas do Estado de São Paulo

Ilhas	Lei de Proteção	Ilhas	Lei de Proteção
De Ubatuba à Ilha de São Sebastião		Da Ilha de São Sebastião a Bertiooga	
1. Comprida	8,	1. Toque, Toque, do	7,
2. Couves. das	8,	2. Sapata, da	7,
3. Pesca, da	8,	3. Gatos, dos	7,
4. Selinha, da	8,	4. Alcatrazes, de	7,
5. Pedra, da	9,	5. Ilhas, as	7,
6. Porcos Pequena, dos	8,	6. Porto, do	7,
7. Redonda	9,	7. couves, das	7,
8. Rapada	8,	8. Paredão, do	5, 7, 18
9. Negro, do	9,	9. Cambaquara	7,
10. Pequena	7,	10. Monte de Trigo	7,
11. Prumirim, do	7,	11. Maracujá, do	7,
12. Vitória, da	2, 7,	12. Monte Pascoal	7,
13. Pescadores, dos	2, 7,	De Santos a Itanhaém	
14. Palmas, das	5, 7, 18	1. Santo Amaro, de	10, 11, 12
15. Cabras, das	2, 7,	2. Guará	7,
16. Anchieta	1, 7,	3. Prainha, da	7,
17. Búzios, de	2, 7,	4. Prainha Branca, da	7,
18. Mar Virado, do	7,	5. Arvoredos, dos	7,
19. Sumítica	2, 7,	6. Perequê, do	7,
20. Ponta, da	9,	7. Mar Casado, do	7,
21. Maranduba, da	7,	8. Cabras, das	7,
22. Serraria, da	2, 7,	9. Pombeva, do	7,
23. São Sebastião, de	2, 7,	10. Moela, da	7,
24. Galhetas, das (Ilhas)	2, 7,	11. Aleluia	7,
25. Castelhanos, do	2, 7,	12. Mato, do	7,
26. Tamanduá, do	7,	13. São Vicente, de	19
27. Lagoa, da	2, 7,	14. Pau a Pino, do	7,
28. Massaguaçu, de	7,	15. Barnabé	19
29. Cabras, das	2, 7,	16. Palmas, das	7,
30. Prainha, da	2, 7,	17. Bagres, dos	19
De Iguape à Ilha de Cananéia		18. Urubiqueçaba	7,
1. Ameixal, do	4, 7, 15	19. Porchat	19
2. Papagaios, dos	7, 16	20. Sapomim	19
3. Comprida	13, 17	21. Queimada Grande, da	1, 7, 14,
4. Coroa Nova, da	7, 16	22. Givura	7,
5. Enseada, da	7, 16	23. Queimada Pequena, da	1, 6, 7, 14, 18
6. Grande	7, 16	24. Ponta da Aldeia, da	9,
7. Vacas, das (ilhas)	7, 16	25. Peruíbe, de	6, 18
8. Nanaú, do	7, 16	26. Guaraú, do	7,
9. Vasa, da	7, 16	27. Boquete, do	9,
10. Galdino, do	7, 16	Legenda	
11. Rodrigues, do	7, 16	Parques Estaduais	
12. Cananéia, de		1. Parque Estadual da Ilha Anchieta	
13. Bandeira, da	7, 16	2. Parque Estadual de Ilhabela	
14. Marca, da	7, 16	3. Parque Estadual da Ilha do Cardoso	
15. Furados, dos (Ilhas)	7, 16	Estações Ecológicas	
16. Bom Abrigo, do	7, 16	4. Estação Ecológica de Juréia-Itatins	
17. Papagaio, do (Ilhas)	7, 16	5. Estação Ecológica Tupinambás	
18. Aceiro Grande, do	7, 16	6. Estação Ecológica Tupiniquins	
19. São Paulo, de (Ilhas)	7, 16	Áreas Tombadas	
20. Guapará, do	7, 16	7. Tombamento da Serra do Mar e Paranapiacaba	
21. Cardoso, do	3, 7	8. Tombamento da Vila de Picinguaba	
22. Pai-Mato, do (ilhas)	7, 16	9. Tombamento das Ilhas, Ilhotas e Lajes	
23. Cambriú, do	6, 7, 16, 18	10. Tombamento do Morro do Botelho	
24. Castilho, do	6, 7, 16, 18	11. Tombamento dos Morros do Monduba, do Pinto ou Toca do Índio e do Icanhema ou Ponta Rasa	
25. Laranjeira	7, 16		
26. Tumba, da	7, 16		

	<p>12. Tombamento da Serra do Guararu</p> <p>13. Tombamento da Ilha Comprida</p> <p>ARIE</p> <p>14. Área de Relevante Interesse Ecológico/ARIE Ilhas Queimada Grande e Queimada Pequena</p> <p>15. Área de Relevante Interesse Ecológico/ARIE Ilha do Ametral</p> <p>APA</p> <p>16. Área de Proteção Ambiental de Cananêia - Iguape - Peruibe</p> <p>17. Área de Proteção Ambiental da Ilha Comprida</p> <p>Outros</p> <p>18. Termo de entrega à Secretaria Especial do Meio Ambiente/SEMA, atual IBAMA</p> <p>19. Inexistente</p>
--	--

ANEXO

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DE ILHABELA

Parte V - Sobre as expectativas e as preferencias ambientais

Valores atribuidos as questões 1 a 11	Não concorda	1
	Indiferente	2
	Concorda muito	3

- 1 Este bairro é bom para morar
- 2 Ele é bom para trabalhar
- 3 Ele é bom para viver
- 4 A comunidade deveria fazer parte do PE Ilhabela
- 5 O PE Ilhabela não é para nós
- 6 O bairro é agradável/bonito
- 7 Tem muita gente no bairro
- 8 Falta comércio no bairro
- 9 Precisa de melhorias
- 10 Gostaria de mudar o bairro
- 11 Participei do PGA

- 12 A - Nossa vida vai mudar muito pois a prefeitura, o governo estadual e os empresários vão fazer o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela e nele nos teremos pouca influência
- 13 B - Nossa vida vai mudar muito, pois a Prefeitura, o governo estadual, os empresários e a comunidade estão empenhados para implantar juntos o Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela e isto vai influir em nosso bairro
- 14 C - Nossa vida vai mudar pouco, pois a Prefeitura e o governo estadual não tem interesse político ou recursos para implantar o Plano de Gestão Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela. Mesmo que seja bom não temos poder para convencer a prefeitura
- 15 D - Não conheço o plano de gestão do Parque Estadual de Ilhabela

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	Saco da Capela	Roberto	M	22	3	3	3	3	1	3	1	1	3	1	2	2	3	3	3
2	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	2	3	1	3
3	Saco da Capela	Lúcia	F	36	3	3	3	3	1	3	2	2	2	1	1	1	1	3	3
4	Praia do Pequeá	Sem nome	M	27	3	3	3	3	1	2	2	1	3	3	1	2	3	1	2
5	Saco da Capela	Zê Carlos	M	38	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	2	1	1	3	1
6	Saco da Capela	Carlos Alberto	M	37	3	3	3	2	2	3	3	3	3	2	2	1	1	1	1
7	Saco da Capela	Antonio	M	62	3	2	3	3	1	3	3	1	1	3	1	1	1	3	3
8	Saco da Capela	Alba Lúcia de Freitas	F	49	3	1	3	3	1	3	1	1	1	1	1	2	3	1	1
9	Praça da Vela	Izabel	F	65	3	3	3	2	2	3	1	1	1	1	2	1	1	1	3
10	Pequeá	Carlos	M	61	3	1	3	3	3	3	1	3	3	3	1	1	1	2	2
11	Praça da Vela	Valdomiro	M	65	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3
12	Saco da Capela	Julia	F	62	3	3	3	3	2	3	3	1	3	3	1	2	2	1	1
13	Av. Cel Faria Lima	Angelo	M	52	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	1	1	1	1	3
14	Praia do Pequeá	Antonio Amaral	M	41	3	1	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	2	3	3
15	Vila	Francelisio	M		3	3	3	1	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1
16	Saco da Capela	Sem nome	M	49	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1
17	Engenho dagua	Leonardo	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	3
18	Saco da Capela	Pedro	M	53	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1
19	Bairro Itaguassu	João Batista Dias	M	46	3	2	3	3	1	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1
20	Bairro Itaguassu	Silas Marques	M	48	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	1	1	1	1
21	Saco da Capela	Geraldo	M	64	3	3	3	3	2	3	2	2	3	2	1	2	3	2	3
22	Saco da Capela	Waldir	M	47	3	3	3	3	2	3	2	2	3	3	1	3	3	3	3
23		Justina	F	45	3	2	3	3	1	3	3	1	3	3	1	1	1	1	3
24		Lazaria	F	50	3	1	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3
25	Barra Velha	Regina	F	54	3	3	3	3	2	3	3	3	3	1	2	2	2	2	2
26	Agua Branca	Palmira	F	39	3	1	3	3	1	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1
27	Perequê	Ceará	M	31	3	3	3	2	1	3	3	1	3	3	1	1	1	3	3
28	Barra Velha	Edson	M	26	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1
29	Sede do PE Ilhabela	Vera	F	30	3	3	3	3	1	3	3	1	3	3	1	1	1	3	1
30	Agua Branca	Luciene	F	23	3	1	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1
31	Saco da Capela	Celso Bastos Macei	M	55	1	3	3	3	1	3	3	3	3	2	3	1	1	3	1
32	Engenho dagua	Nilton	M	30	3	2	3	3	2	3	2	2	3	3	1	1	1	3	1
33	Itaguassu	Siorino	M	63	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	1
34	Agua Branca	Elisabete	F	22	3	2	3	3	2	3	2	2	3	3	1	1	1	3	1
35	xxxxx	xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
36	Agua Branca	Cristiane	F	20	3	3	3	3	1	3	3	3	2	1	3	2	2	1	2
37	Agua Branca	Marcelo	M	26	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	1	1	1	3	3
38	Agua Branca	Marcio	M	22	3	1	3	3	1	1	3	3	3	3	1	3	3	1	1
39	xxxxx	xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
40	Agua Branca	Alexandro	M	26	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1
41	Pereque	Roseli	F	43	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3
42	Agua Branca	Valdineia	F	18	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	3	3
43	xxxxx	xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

No.	Local	Nome	S	Id	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
44	Água Branca	Marcelo	M	28	3	3	3	3	1	3	2	3	3	3	1	3	3	2	1
45	Perequê	Oswaldo	M	72	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
46	Perequê	Waldeci	M	34	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
47	Perequê	Maria Rita	F	25	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
48	Perequê	Cicero	M	42	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
49	Castelhanos	Otávio	M	62	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
50	Castelhanos	Luiz Carlos de Oliveir	M	48	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
51	Castelhanos	Silvia	F		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
52	Castelhanos	Erotildes	F	60	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
53	Castelhanos	Nair	F	40*	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
54	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
55	Perequê	Miguel Carlos Castro	M	54	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
56	Perequê	Elisa	F	32	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
57	Castelhanos	Lauro	M	35	3	3	3	3	1	3	1	3	3	3	1	3	3	1	1
58	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
59	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
60	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
61	Itaquanduva	Clarisse	F	30	3	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1	1	3	3
62	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
63	Sede do PE Ilhabela	Flavio	M	24	3	1	3	3	1	3	1	3	3	3	1	3	1	1	1
64	Pr Vermelha	Andre	M	18	3	3	3	3	2	3	1	1	3	1	1	1	1	3	1
65	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
66	xxxx	xxxxxxxxxxxxxxxx	xxx	xxx	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
67	Pr Mansa	Laercio	M	52	3	3	3	1	3	3	1	3	3	1	1	1	1	3	1
68	Pr Mansa	Marcelino	M	33	3	3	3	1	1	3	1	3	3	1	1	1	1	1	1
69	Pr Mansa	Rosilda	F	33	3	3	3	3	3	3	1	1	1	3	1	1	1	1	3
70	Pr Vermelha	Manoel	M	45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	1	1	3
71	Pr. Vermelha	Alaide Rafael	F	35	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	1	3	1	1	1
72	Pr Vermelha	Cilene de Souza	F	20	3	1	3	1	1	3	3	3	3	3	1	2	1	3	1
73		Auro Rafael	M	26	3	3	3	3	3	3	1	3	3	1	1	1	3	1	1
74	Pr. Mansa	Angelica	F	25	3	1	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	3	3	1
75	Pr. Mansa	Paulo Sergio	M	29	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	3
76	Castelhanos	Pedro (pai do mauro)	M	74	3	3	3	3	3	3	1	1	1	3	1	3	1	3	1
77	Itaguassu	Edir	F	59	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1
78	Castelhanos	Mauro	M	38	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	1	3	1
79	Castelhanos	Roger Bruglê	M	67	1	1	3	3	3	3	3	1	3	1	1	1	3	1	1
80	Castelhanos	Claudio (filho Sr. João)	M	31	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	1	1	3	1	1
81	Reino	Margarete Nasciment	F	34	3	3	3	3	1	1	3	3	3	3	1	3	3	3	1
82	Reino	Francisca	F	21	3	3	3	3	1	1	3	3	3	3	1	2	2	3	1
83	Reino	Merita	F	31	3	1	3	3	2	2	3	1	3	3	1	2	2	2	3
84	Reino	Maria Divina	F	22	3	1	3	3	3	2	2	2	3	3	1	1	1	3	1
85	Reino	Luciano	M	19	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3
86	Bairro da Toca	Clemente	M	61	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	1	3	1
87	Bairro Plumário	Santos	So	24	3	3	3	3	1	3	3	1	2	1	1	1	3	3	3
88	Greenpark	Genivaldo	M	37	3	1	3	1	3	3	3	3	3	3	1	3	2	1	1
89	Greenpark	Maria	F	40	3	3	3	2	2	1	3	3	3	3	2	2	2	2	2
90	Água Branca	Neia	F	38	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	3
91	Reino	Benedito Paulo	M	31	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3
92	Reino	Maria José	F	38	3	1	3	3	1	3	3	1	3	3	1	2	1	2	3
93	Água Branca	Suzana	F	26	3	2	3	3	1	3	3	3	3	1	1	3	1	3	2
94	Reino	Francisco Felix da Silv	M	44	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	1	3
95	Reino	Severino Gomes	M	58	3	1	3	3	1	3	1	3	3	1	1	3	1	2	3
96	Greenpark	Ivani dos S. Santana	F	48	3	1	3	3	1	1	1	3	3	1	1	3	3	3	3
97	Perequê	Milton	M	31	3	3	3	3	3	3	3	1	3	1	1	1	3	3	3
98	Greenpark	Reno A Pinto	M	53	3	1	3	2	1	3	3	2	3	3	1	1	1	1	3
99	Greenpark	Marisa Souza S. Sant	F	23	3	1	3	3	1	3	3	3	3	3	3	1	1	1	3
100	Greenpark	Elizete	F	17	3	3	3	3	1	3	1	1	3	3	3	2	2	2	2
101	Greenpark	Antonio Marcos	M	21	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	2	2	2	2	3
102	Greenpark	James	M	41	3	1	3	3	1	3	3	3	3	3	1	2	2	2	3
103	Reino	Roseli dos S. Paula	F	28	3	3	3	3	1	3	3	1	3	1	1	2	1	3	3
104	Reino	Sebastião P Santos	M	45	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	3	1	1
105	Reino	Ana Claudio	F	22	3	1	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3
106	Greenpark	Antonio Neto Souza	F	26	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3
107	Reino	Maria Rita Lopes	F	64	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	2	2	2	2

* mais de 40 (não sabe)